

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

NAIARA CÁSSIA DOS SANTOS

**COTIDIANO DA ESCOLA E CURRÍCULO:
PENSANDO INFÂNCIAS A PARTIR DE FILMES**

**CÁCERES-MT
2017**

NAIARA CÁSSIA DOS SANTOS

**COTIDIANO DA ESCOLA E CURRÍCULO:
PENSANDO INFÂNCIAS A PARTIR DE FILMES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maritza Maciel Castrillon Maldonado.

**CÁCERES-MT
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

NAIARA CÁSSIA DOS SANTOS

**COTIDIANO DA ESCOLA E CURRÍCULO:
PENSANDO INFÂNCIAS A PARTIR DE FILMES**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maritza Maciel Castrillon Maldonado
(Orientadora — PPGEduc/UNEMAT)

Prof. Dr. José Valter Pereira
(Membro — UFRRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Salles Gentil
(Membro – PPGEduc/UNEMAT)

APROVADA EM: __/__/__

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família:
Por vocês, para vocês e com vocês!
Estamos juntos sempre!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **DEUS!** Minha fé que me trouxe até aqui e que me levará para outros bons lugares.

À minha **IRMÃ**, *Nabila*: a distância é apenas física. Nossa irmandade é antiga e eterna. Juntas sempre, minha amiga-irmã, irmã-amiga!

À minha **MÃE**, *Sônia*: uma mulher maravilhosa, que fez da maternidade uma missão. Que cuida! Que protege! Que ama! De sempre para sempre!

Ao meu **PAI**, *Victor*: um homem que nasceu para ser pai e que, para nosso privilégio, nos escolheu para sermos suas filhas. Estamos sempre juntos!

EU AMO VOCÊS!

E se houver mesmo outras vidas, escolho vocês de novo, de novo e de novo!

À minha **FAMÍLIA**, gratidão eterna, imensa e diária: vocês sempre foram/são/serão meus motivos. *Enquanto houver vocês do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar.*
(O Teatro Mágico)

À **UNEMAT** (*Universidade do Estado de Mato Grosso*), por ter formado meus pais, minha irmã e a mim e por significar oportunidade e possibilidade na vida de tanta gente. A instituição fez/faz/fará sempre parte da minha vida!

Ao **PPGEdu** (*Programa de Pós-Graduação em Educação*), por ser esse lugar, que pertence agora a mim também; que pertence a tanta gente, que abre tantas portas e que só fez reforçar minha admiração por aqueles que estão/lutam, na/pela educação.

À **PROFESSORA Maritza**, minha orientadora! Gratidão a você e à sua família. À sua família, pela acolhida nas reuniões, viagens e congressos. A você, pela orientação, pelos conselhos, pelo apoio, pela compreensão e por respeitar e entender minha forma de escrever, de ser e de agir diante de todos os acontecimentos. Precisei voar no meio do período do Mestrado e, ao invés de questionar minha ida, você incentivou meu voo. Isso não é coisa para esquecer.

Aos **PROFESSORES José Valter** (Filé) e *Kléber Tüxen*, pela leitura atenta e pela excelente contribuição. À **PROFESSORA Heloísa Gentil**, pelo olhar sensível e pela contribuição com o trabalho. Nas pessoas de vocês, agradeço a todos os **PROFESSORES** e **PROFESSORAS** que me deram as mãos nesse árduo e interessante caminho de estudos.

Aos **COLEGAS** do **AIE** (*Ateliê de Imagem e Educação*). Sem a ajuda que me deram, nada seria possível. Deixo aqui registrada a minha torcida por cada um de vocês. Esse grupo é um sucesso!

Aos **COLEGAS/AMIGOS** de *Mestrado*, das turmas anteriores e da minha turma: vocês foram encontros felizes na minha vida!

Às **AMIZADES** de *infância* e de *vida*: sem vocês, a vida seria menos doce!

Ao **IFMT** (*Instituto Federal de Mato Grosso*) e aos colegas/amigos do meu novo emprego, do meu emprego novo: meu agradecimento pelo incentivo ao estudo e pela valorização da educação. Tenho orgulho de trabalhar onde trabalho. Mais que um emprego, foi uma conquista. Algumas pessoas não estão aqui, mas fizeram parte deste texto, da minha história,

desta conquista. Minha vida sempre foi cercada de bons encontros e de muita gratidão, mas, como disseram *Milton Nascimento e Fernando Brant* na música *Encontros e Despedidas*, cantada lindamente por *Maria Rita*:

*Todos os dias é um vai e vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar*

Então, a você que me ajudou neste processo, a você que vai ler meu trabalho, a você que fez parte do meu caminho: **GRATIDÃO!**

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar as concepções de infâncias e diferença de *praticantespensantes* (professores e professoras) do cotidiano educacional, a partir de imagens e sons veiculados em filmes nacionais e estrangeiros, oportunizando aos mesmos pensarem de forma diferente aquilo que vem sendo *pensadopracicado* na educação escolar. Para tanto, o *espaçotempo* que movimentou esta pesquisa foi o cineclube que, na edição 2016/1 problematizou o tema infâncias através da exposição de 10 (dez) sessões de filmes. Foram apresentados filmes que representam infâncias em diferentes contextos socioculturais. Esses filmes são entendidos, nesta pesquisa, como *intercessores* ao pensamento. Após a apresentação dos filmes, os *praticantespensantes* foram convidados a participar de uma conversa sobre o que os filmes os levaram a pensar. Assim, o filme é utilizado no cineclube como disparador de ideias. Oferecido pelo Ateliê de Imagem e Educação (AIE) da UNEMAT, o cineclube aconteceu em noites alternadas de terças-feiras e teve, entre idas e vindas, em média, sessenta participantes. Narrativas, suspiros, emoções, choros, medos, suspense, lembranças, clichês e forças de pensamento movimentaram esse *espaçotempo*. A intenção dessa formação continuada foi forçar o pensamento a pensar outros modos possíveis de concebera infância e, assim, problematizar diferentes maneiras de perceber a educação, as infâncias e o currículo. Essas narrativas foram filmadas e gravadas e são utilizadas nesta dissertação como *personagens conceituais*, ou, como sugerem Deleuze e Guattari (2010), como devir ou sujeito de uma filosofia. Através delas, pensamos e, *pensandosescrevendo*, esta dissertação. As palavras escritas nesta Dissertação encontraram as crianças dos filmes e outras tantas crianças que habitam cotidianos distintos de escolas e que são narradas e constituídas por seus professores enquanto praticam o currículo.

Palavras-Chave: Infância, Criança, Cotidiano Escolar e Filmes.

ABSTRACT

This research aims to problematize conceptions childhoods and difference of *practitioners/ thinking* of everyday educational, from images and sounds conveyed in national and foreign films, allowing them to think differently what has been *thought/ practiced* of in school education. The cineclubs are constituted in *spaces/ time* that move the research. Narratives, sighs, emotions, tears, fears, suspense, memories, clichés and forces of thought move this *space/ time*. *Practitioners/ thinking* (teachers and teachers) of daily school life, who work with children, were invited to participate in continuing education through cineclubs, offered by the Ateliê de Imagem e Educação - AIE - UNEMAT. In the academic semester 2016/1 there were 10 (ten) sessions of cineclubs, on alternate evenings on Tuesdays, which had, on average, sixty participants. We presented films that represent childhood in different sociocultural contexts. These films are understood in this research as intercessors to thought. After the presentation of the films, the *practitioners/ thinking* were invited to participate in a conversation about what the movies led them to think. These narratives were filmed and recorded and are used in this dissertation as *conceptual/ characters*, or, as Deleuze and Guattari (2010) suggest, as becoming or subject of a philosophy. Through them, thought and, we are *thinking/ writing* this dissertation. As said before, our *intercessors* were the films and our way was traced with the help of the speeches produced in the movies, in the moments of *conversation*. Thus what we have in this text is the result of a process that put *thought to think* as Deleuze told us, about childhood and about education.

Keywords: Childhood, Child, School daily and Movies.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIE	Ateliê de Imagem e Educação
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena do filme Guerra dos Botões	48
Figura 2 - Cena do filme Guerra dos Botões	49
Figura 3 - Cena do filme A vida é bela	53
Figura 4 - Mapa de Mato Grosso.....	63
Figura 5 - Cineclube com exibição do filme Filhos do Paraíso	64
Figura 6 - Cena do filme Filhos do Paraíso.....	70
Figura 7 - Cena do filme Das crianças Ikpeng para o mundo	85
Figura 8 - Cineclube com exibição do filme Pixote.....	91
Figura 9 - Cineclube realizado com exibição do filme Pixote	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
PENSANDO AS INFÂNCIAS E A DIFERENÇA.....	26
1.1 Pensando infâncias: uma atenção ao outro	30
1.2 Enxergando o <i>outro</i> : pensando a diferença sem binarismos	35
1.3 O cinema e seus <i>clichês</i> : pensando outras possibilidades	38
1.3.1 O pensamento <i>pós-estruturalista</i> : A desconstrução do pensamento hegemônico.....	40
1.3.2 O encontro com o <i>cinema</i>	41
CAPÍTULO II	
FILMES, CLICHÊS E ENCONTROS COM A EXPERIÊNCIA: PENSANDO SOBRE A DESNATURALIZAÇÃO DAS COISAS.....	43
2.1 O <i>cinema</i> , passado e presente: <i>Imagem-Movimento</i>	46
2.2 O <i>cinema</i> , passado e presente: <i>Imagem-Tempo</i>	50
2.2.1 Cronos e Áion.....	52
2.3 Assistindo a <i>filmes</i> . Percebendo o mundo	54
2.4 O <i>poder</i> dos <i>encontros</i> com o cinema	57
2.4.1 Os processos de <i>subjetivação</i> engendrados no cinema.....	58
2.5 Os <i>clichês</i> , onde eles estão?.....	60
2.6 Sobre as conversas que irão traçar nossos (<i>des</i>)caminhos.....	63
2.7 As narrativas e a <i>falaescrita</i>	66
CAPÍTULO III	
PENSANDO INFÂNCIAS A PARTIR DOS FILMES: NARRATIVAS DOS PRATICANTESPENSANTES DA EDUCAÇÃO.....	68
3.1 Professora, o que tem de merenda hoje?	76
3.2 A força de vontade que, quando você quer, você consegue!.....	82
3.3 Esse conceito de verdade está meio, como é que eu posso dizer... meio desligado!.....	86
3.4 Infelizmente os Pixotes, eles são <i>vítimas</i> !	91
PARA INÍCIO DE CONVERSA... ..	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DO 1º ENCONTRO	102
APÊNDICE II – TRANSCRIÇÃO DO 2º ENCONTRO.....	112
APÊNDICE III – TRANSCRIÇÃO DO 3º ENCONTRO	126
APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DO 4º ENCONTRO	133
APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DO 5º ENCONTRO	145
APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DO 6º ENCONTRO	155

APÊNDICE VII – TRANSCRIÇÃO DO 7º ENCONTRO.....	164
APÊNDICE VIII – TRANSCRIÇÃO DO 8º ENCONTRO	170
APÊNDICE IX – TRANSCRIÇÃO DO 9º ENCONTRO	175
APÊNDICE X – TRANSCRIÇÃO DO 10º ENCONTRO	185

INTRODUÇÃO

*Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?
Isso depende muito de para onde queres ir — respondeu o gato.
Preocupa-me pouco aonde ir — disse Alice.
Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas — replicou o gato.*

Lewis Carroll

Não sei de nada, mas desconfio de muita coisa.
Guimarães Rosa

E... Como é falar sobre um caminho quando ainda não se sabe muito sobre ele? É assim. É isso que estamos fazendo aqui. É essa a sensação de quando se faz uma pesquisa. De quando se propõe fazer algo que é organizado, bem pensado, algo que até pode ser previsto, mas que não elimina o imprevisível. Lidar com o imprevisível inclui não poder antecipar os acidentes de percurso, as bifurcações, os encontros, os acontecimentos. A melhor parte é sentir o gosto daquilo que não é esperado, mas que toca, que afeta e que faz de um modo que não havia se sentido e visto antes. Parece-me que o gato que conversa com Alice no país das maravilhas e que, de quando em quando, é só sorriso nos diz que o caminho se faz ao caminhar. Desse modo, o porto seguro, a certeza de chegar a determinado fim, desfez-se com o caminhar desta pesquisa. As curvas das estradas, suas bifurcações e abismos fizeram-me crer que o caminho certo não existe e que o caminhar é repleto de (des)caminhos que nos conduzem a nós mesmos, desconstruindo-nos e reconstruindo-nos, tal qual Alice, que se torna outra a cada novo encontro, naquele mundo em que entra e que desfaz seu modo habitual de ser.

(Des)caminhar, (des)fazer, são verbos especialmente comuns em meu processo educacional, quando me vi entendendo que muito mais do que apenas o que nós queremos, a vida, a maneira como vivemos, aquilo que nos constitui, leva-nos para os lugares por onde passamos e pelos lugares por onde iremos passar. E aí, muito mais do que me referindo somente às experiências pessoais, refiro-me à experiência de Benjamin (1970, p. 11) quando diz que “a estrutura da experiência se encontra na estrutura do conhecimento, e se desdobra a partir desta última”. A experiência, nesse sentido, é aquilo que provoca, incentiva e gera o conhecimento — os conhecimentos que adquirimos durante nossa vida. Talvez por isso, após

a apresentação do filme *KiarãYoSati*, a professora Fúcsia¹ tenha iniciado a conversa com os demais membros do cineclube realizando uma fala interessante sobre a experiência, sobre as vivências das crianças da aldeia. Ela se referiu à infância da cultura indígena, trazendo o seguinte argumento:

Enquanto que nós não aceitamos determinadas coisas que são impostas, né? Então, eu vejo essa diferença de cultura, de vivência, de formação, de educação, que é completamente diferente. Enquanto eles vivem com naturalidade e aceitam tranquilamente e são felizes, a gente acaba sendo frustrado e infeliz por não aceitarmos determinadas coisas que, às vezes, são boas pra nós.

Busquei nesse trecho de uma conversa realizada em uma das sessões do cineclube, inspiração para pensar e repensar sobre a desconstrução pessoal que foi/é escrever esta dissertação diante de uma perspectiva tão questionadora como esta, na qual me situo: o pós-estruturalismo. Parei para pensar sobre o quanto não aceitar algumas imposições e o quanto questionar o mundo em que vivemos me fizeram chegar a este texto, que me proporcionou tantos outros encontros e afetos.

O discurso de uma vida ideal, natural e feliz externalizado pela professora Fúcsia insere-se em um território que já minou o seu ser, como diria Skliar (2003, p. 27), e compôs uma “ligeireza habitual das palavras, a confiança cega e habitual no sistema, a mesquinhez dos sentidos”. Trata-se de um discurso cercado por ordens discursivas que nos fazem acreditar que uma aceitação de todas as coisas que acontecem no mundo em que vivemos nos tornaria mais felizes. Após os tombos que levei ao entrar em contato com o pensamento pós-estruturalista, tenho plena convicção de que compreender as relações de saber e poder que constituem a mim, Naiara, professora, pesquisadora, mulher, branca, funcionária pública cumpridora de horários, filha, pedagoga..., me fizeram ter menos certeza de quem sou, tornando-me outra nos encontros com mundos distintos dos meus. Esses encontros, na maioria das vezes, desestabilizaram-me, tiraram a certeza de quem eu acreditava ser e levaram-me a acreditar que esse mundo ideal, naturalmente constituído e feliz, de fato, não existe.

A narrativa da professora Fúcsia conversou comigo por muito tempo. Muitos enunciados proferidos por ela chamaram-me a atenção, tais como a ideia de felicidade e o estereótipo colocado sobre os índios. Como chegamos a pensar que eles aceitam tudo? Quais

¶ As professor(a)s terão o nome preservado. Para tanto, os nomes originais serão substituídos por nomes de flores, já que, como diz Currie (2006, p. 13), “quando as palavras fogem, as flores falam”.

ordens discursivas compuseram nossos discursos para acreditar que os acontecimentos não acontecem também para os indígenas? A quais poderes essa concepção se liga? Parei para pensar sobre a diferença. Sobre a necessidade de pensar sobre ela e, ainda, de conceber a todos nós como *outros* que se constituem nos encontros. Nós e aqueles que consideramos *outros* em processos de territorializações e desterritorializações, constituindo-nos e metamorfoseando-nos a cada encontro. Acredito que os encontros nos (des)caminhos desta pesquisa tornaram-me outra. Porém, como prossegue Skliar (2003, p. 102), “para escrever há certo grau de renúncia, de deixar de ser, e dar-se de bruços com a impossibilidade de fazê-lo...”. Quantas vezes me peguei tentando ser eu e constituindo-me outra nos momentos da escrita desta dissertação! Isso me fez pensar acerca do que a professora Fúcsia pensou.

Falar sobre esta pesquisa é falar de sua composição. É falar sobre várias pessoas, histórias e experiências. Não falo de lugar nenhum sozinha. Falo com tantas outras vozes, falo de tantos lugares e falo a partir de tantas coisas que esta pesquisa proporcionou... Ufa! Escrever os (des)caminhos feitos ou (des)feitos para se chegar ao momento da escrita deste texto faz lembrar. Lembrar momentos, experiências, falas, pensamentos, medos, comemorações, conquistas, avaliações, incertezas, discussões, e problematizar ações. Nada do que escrevi é suficiente para descrever por onde este texto andou. Estes capítulos têm tanta gente, têm tanto suor, tanto trabalho!

Considero necessário falar um pouco de mim, de meu desmanchamento a partir dos encontros e desencontros. O primeiro grande encontro de minha vida foi a educação. Sempre digo que não fui eu quem escolheu a educação. Foi ela quem me escolheu! Que isso não soe, de maneira alguma, como uma fala prepotente. Digo isso porque a educação “aconteceu” como algo que causa espera e dá sinal em minha vida. Foi acontecendo e ainda acontece todos os dias. E, quando me dei conta, estava imersa em suas problematizações, em suas dificuldades e, mais ainda, em tudo aquilo que significa essa palavra.

A escola move-me, sempre moveu. Ouvi dos meus pais desde que me dei por gente que a educação é a única herança que ninguém pode nos roubar e, portanto, sempre fui fortemente incentivada a estudar. Sempre tive consciência de que ela é uma das únicas coisas que realmente poderiam mover minha vida para lugares outros além daquele em que eu estava. Por isso, estudar é prioridade em casa, desde a infância. A idade adulta não mudou isso em nada — continuo sendo movida pelo estudo e convivendo com pessoas movidas pela educação.

A escola, parte da minha vida, constituiu-me de maneira muito marcante. O que fui, não deixei de ser. Apenas não sou mais exatamente como era... Porque saí do lugar. Sou ser cambiante, mutante, sempre em movimento.

Quando escolhi cursar Pedagogia, sabia que ali era o começo, e não o fim da caminhada. Tinha muitos sonhos, vontades e perspectivas. Quando, então, pensei em minha monografia, o tema currículo foi um achado. Primeiro, pela curiosidade que me causa, por ser um assunto vasto e sempre em movimento. Depois, pela possibilidade de escrever com uma perspectiva que me ajuda/ajudou tanto neste caminhar: o pós-estruturalismo.

A perspectiva não é exatamente algo que se pode chamar de simples. Alves (2008, p. 10) define bem como me senti, “(...) no *mergulho* sem a *boia* que as categorias e as classificações significam, admitindo que esse estado de absoluta instabilidade e insegurança é o único 'abrigo' que me é concedido”. Encontrar-me em meio às desconstruções foi um encontro feliz. Neste momento, não vejo como seria pensar de outra maneira que não essa, que de tão possibilitadora, é negada por alguns. Depois desse momento da graduação, iniciei minha trajetória nos grupos de estudos sobre currículo, caminhada essa que me conduziu até o Mestrado.

Quando continuei (porque o caminhar não começou aqui nem termina por aqui) meu caminho no Mestrado, compreender a educação, o currículo e a infância a partir de filmes ainda não havia me afetado. Entre tantas questões, o currículo e os cotidianos foram, desde a graduação, tocantes para mim, mas o cinema entrou depois. Entrou nesse caminho no tempo certo. E aconteceu em mim como se estivesse caminhando comigo desde sempre.

O *frescor* das discussões com o cinema trouxe novidade. Trouxe cores, trouxe sons, trouxe áudios, roteiros, silêncios, falas, danças. Trouxe-me para lugares em que não havia estado antes, mas que me afetaram e que aconteceram em mim — e que, espero, aconteçam em vocês.

O texto é simples, não simplista. Não se enganem com os poemas, nem com os versos. Tudo aqui é parte de um longo e complexo processo de leituras e de estudo. De muito estudo. Fui tão afetada por esse processo que, em que pese a seriedade do texto, resolvi colocar aqui também as doçuras encontradas por esse caminho. Isso tudo porque as crianças são sujeitos imprescindíveis na construção deste trabalho e nos trazem ensinamentos fortes, experiências fortes, que mexem com concepções arraigadas e práticas imortalizadas.

Concepções de Infâncias e vivências de crianças, com planos de imanência próprios, movimentam-se no mundo e movimentam-nos nesta pesquisa.

Difícil falar sobre doçura por aqui. Nem toda infância é tão doce quanto nos fazem crer que deva ser. Algumas são bem duras, doloridas e diferentes. Diferentes daquilo que o pensamento hegemônico nos faz acreditar como sendo “a verdade”. Diferente, não certa, nem errada. Apenas diferente.

Ah! A diferença, uma das palavras que fazem parte deste trabalho com muita constância. Sobre ela são nossas problematizações, questões e dúvidas.

Digo nossas porque o trabalho parte de concepções e conversas com várias pessoas. Era preciso ter um momento de problematizar a diferença, as infâncias, o currículo..., para que este texto pudesse fluir. Era preciso então ouvir aqueles que estão no “chão da escola”. Era preciso ouvir quem está nos cotidianos convivendo com as crianças de que estamos falando. Por isso utilizamo-nos das conversas como a maneira de poder ouvir sem maiores pretensões, os dizeres dos *praticantespensantes* (professores e professoras) da educação.

O meio utilizado para que conseguíssemos essas narrativas foi um tanto quanto inovador na instituição de ensino a qual estamos vinculados. *Praticantespensantes* (professores e professoras) do cotidiano escolar, que trabalham com crianças, foram convidados a participar da formação continuada de professores através do cineclube, oferecido pelo Ateliê de Imagem e Educação (AIE) da UNEMAT. O tema geral do cineclube no semestre letivo 2016/1 coincidiu com o nome do projeto que o criou, “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”. Aconteceram 10 sessões, em noites alternadas de terças-feiras. Como disse, esta pesquisa é resultado de um projeto maior vinculado ao AIE/UNEMAT. Para a constituição do grupo de professores que participam da formação continuada por meio do cineclube, a equipe do AIE enviou ofício para as escolas públicas e privadas do município de Cáceres, abrindo três vagas para cada escola. Esses professores participaram de uma reunião com a equipe do projeto, momento em que foram contextualizados acerca da proposta e preencheram uma ficha de inscrição e o Termo de Livre Esclarecido, que fora protocolado no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT. A proposta era que os sujeitos aceitassem o convite feito e se dispusessem a participar das nossas discussões.

A variedade de histórias que cada um dos participantes trouxe foi de suma importância para que as conversas se prolongassem e conversassem comigo nesta dissertação.

Analisando as fichas de inscrições, foi possível perceber que alguns professores participantes do cineclube já tinham uma longa história na carreira, enquanto outros haviam acabado de formar-se. Alguns trabalhavam na cidade, outros, na zona rural. Alguns profissionais falavam da realidade da escola particular, e outros, da realidade da escola pública. Professoras e professores de 22 a 61 anos de idade, tendo a média de 85% de público feminino.

O cineclube constitui-se em *espaçotempo* que movimenta a pesquisa. Narrativas, suspiros, emoções, choros, medos, suspense, lembranças, clichês e forças de pensamento movimentam esse *espaçotempo*. Entre idas e vindas, participaram do cineclube, em média, 60 *praticantespensantes*. Foram apresentados 11 (onze) filmes que representam infâncias em diferentes contextos socioculturais; são eles (por ordem de apresentação):

1ª Sessão: **FILHOS DO PARAÍSO**

Direção: Majid Majidi

País: Irã

(1999)

• *Sinopse:*

O filme conta a história de Ali, um menino simples e humilde de nove anos, que fica responsável por levar o único par de sapatos que sua irmã tem ao sapateiro, no entanto, perde-os no meio do caminho. Como sua família não tinha condições financeiras de comprar um novo sapato (já que seu pai estava desempregado e sua mãe era responsável por cuidar dos três filhos ainda pequenos), a solução encontrada pelos irmãos foi dividir o sapato para ir à escola. Zahra (irmã de Ali) utilizava os sapatos pela manhã, voltava correndo da escola ao meio dia e os entregava para Ali, que frequentava a escola no período vespertino. Esse segredo foi mantido até que Ali pensa em outra solução: ele se inscreveu em uma competição de atletismo que tinha como prêmio um par de sapatos novos.

2ª Sessão: **GUERRA DOS BOTÕES**

Direção: Yann Samuell

País: França

(2012)

• *Sinopse:*

Todos os anos, há uma tradicional batalha entre os meninos de dois vilarejos vizinhos. A luta é para manter a honra da sua turma e do povo do vilarejo que representam. Para que possam ganhar todos os meios são válidos. No ano em que a história do filme acontece, há apenas uma modificação nas regras do jogo: por ideia do jovem Lebrac, o prêmio para os vencedores consiste em poder arrancar todos os botões da roupa dos derrotados.

3ª Sessão: **YAABA**

Direção: Idrissa Ouedraogo

País: África

(1989)

• *Sinopse:*

O filme Yaaba conta a história do menino Bila, que mesmo sendo criança demonstra um olhar e uma sensibilidade muito grande à realidade da vila onde mora. O filme é permeado pela amizade do garoto com uma anciã que é mal vista no local, mas isso não o interessa. A amizade só se fortalece enquanto outros tantos problemas se desenrolam no filme, tudo apresentado sob o ponto de vista do menino.

4ª Sessão: (dois filmes)

KIARÃSÂ YÕ SÂTI: O AMENDOIM DA CUTIA (Documentário)

Projeto: Vídeo nas Aldeias

Direção: Paturi Panará, Komoi Panará e Vincent Carelli

País: Brasil

(2005)

• *Sinopse:*

A produção que faz parte do projeto “Vídeo nas Aldeias”, que é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. A ideia desse projeto era de produzir um acervo sobre a cultura indígena no Brasil. Esse vídeo em específico consiste em um documentário sobre o cotidiano da aldeia Panará na colheita do amendoim, apresentado por um jovem professor, uma mulher pajé e o chefe da aldeia.

DAS CRIANÇAS IKPENG PARA O MUNDO (Documentário)

Projeto: Cineastas Indígenas para Jovens e Crianças

Direção: Vídeo nas Aldeias

País: Brasil

(2001)

• *Sinopse:*

O vídeo, que também é uma produção do projeto “Vídeo nas aldeias” mostra com graça, leveza e delicadeza o cotidiano das crianças Ikpeng. O detalhe mais interessante é que tudo é apresentado pelas próprias crianças. Elas falam à sua maneira, sobre suas famílias, suas brincadeiras e seu modo de vida.

5ª Sessão: **A LÍNGUA DAS MARIPOSAS**

Direção: José Luis Cuerda

País: Espanha

(1999)

• *Sinopse:*

O filme conta a história do menino Moncho em seus primeiros dias de aula. Por ter escutado falar coisas ruins sobre o ambiente escolar, ele chega com medo de seu professor e com muito receio dos castigos que poderia sofrer. Com o tempo o menino Mocho passa a admirar a sabedoria do Professor, Don Gregório. E Don Gregório sempre muito rígido, começa a observar aquele menino e descobre que seu medo e sua timidez eram oriundos de problemas sérios em casa. Com o caminhar do filme, é possível perceber uma amizade aflorando e um processo de aprendizagem acontecendo: o aluno aprendendo com o professor, o professor aprendendo com seus alunos e nós, telespectadores aprendendo sobre educação, sobre as infâncias e sobre a Espanha da década de 30.

6ª Sessão: **PIXOTE**

Direção: Héctor Babenco

País: Brasil

(1981)

• *Sinopse:*

O filme conta a história do menino Pixote, que foi abandonado por seus pais e que por isso desde então mora na rua. Lutando para viver e/ou sobreviver o menino rouba para suprir suas necessidades e por isso é preso e levado para a antiga FEBEM, hoje Fundação Casa. O filme, composto por cenas bem impressionantes, mostra de maneira mais fiel possível, a realidade da vida de um menino que mais do que viver, sobrevive.

7ª Sessão: A VIDA É BELA

Direção: Roberto Benigni

País: Itália

(1999)

• *Sinopse:*

O filme é a história de Guido e seu filho Giosué, que são levados para um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial na Itália. Sozinho, por conta de o terem afastado de sua esposa, Guido usa de sua imaginação para não deixar que seu filho fosse contagiado pelo clima de guerra e por isso, fazia de tudo para que o pequeno menino acreditasse que tudo que acontecia de diferente, era apenas uma grande brincadeira.

8ª Sessão: UM MUNDO PERFEITO

Direção: Clint Eastwood

País: Estados Unidos

(1993)

• *Sinopse:*

Este filme conta a história de Butch, um homem prisioneiro de estado, que escapa da prisão e sequestra o ingênuo Felipe. Juntos, eles embarcam em uma viagem para o sudoeste americano. Uma amizade cresce com essa convivência e nasce um vínculo surpreendente entre o prisioneiro e o menino Felipe.

9ª Sessão: O PEQUENO NICOLAU

Direção: Laurent Tirard

País: França

(2010)

• *Sinopse:*

O filme conta a história do menino Nicolau que tem uma família que o ama e alguns amigos com as quais se diverte muito. Um dia ele escuta seus pais conversando e entende erroneamente que sua mãe está grávida. O menino se desespera porque acha que assim que seu irmão mais novo nascer vai perder a atenção dos pais. Para que isso não ocorra, o *Pequeno Nicolau* conta com seus amigos, como forma de ajuda-lo a pensar em diversas maneiras de não ser abandonado.

10ª Sessão: **O JARRO**

Diretor: Ebrahim Foruzesh

País: Irã

(1992)

• *Sinopse:*

Em uma escola localizada no deserto o jarro significa para os alunos aquilo que mata a sede e por isso é símbolo de algo com muito valor. A história perpassa pela maneira como isso afeta aquela comunidade, que se comove com os tantos sacrifícios feitos para matar a sede daquelas crianças que só querem estudar.

Após o fim das sessões do cineclube, os *praticantespensantes* foram convidados a expor o que os filmes os levaram a pensar. Um iniciava a conversa, que, na sequência, era complementada pela fala de outro e de outro e de outro. Essas narrativas foram filmadas e gravadas e são utilizadas nesta dissertação como personagens conceituais ou, como sugerem Deleuze & Guattari (2010), como devir ou sujeito de uma filosofia. Assim, as narrativas passam a ser nossos personagens conceituais. Por meio delas, pensamos e escrevemos esta dissertação.

Entre tantas narrativas que foram tecidas nos momentos das conversas do cineclube, foi preciso que algumas falas fossem selecionadas para compor este texto. A palavra *seleção* é cruel. Retorna a binarismos, a um *dentrofora* que não me agrada muito, mas somos regulados pelo *Chronos*, de que Deleuze (1988) tanto fala, e não havia tempo hábil para inserir todas as conversas.

E assim a composição foi acontecendo conforme o movimento das palavras e das ideias. As falas despreziosas das conversas, vão se costurando por densas teorias que estão presentes nos cotidianos das escolas.

Para que o caminho a ser percorrido fosse desenhado, a subdivisão dos capítulos foi feita tendo como base o título desta dissertação, *Cotidiano da escola e currículo: pensando infâncias a partir de filmes*. Para que as questões fossem colocadas da melhor forma possível, o texto foi dividido em três capítulos. O primeiro fala sobre as infâncias. Conversa com as poesias de Manoel de Barros, conversa com os professores e professoras participantes do cineclube.

Por isso falas como a que foi feita pela professora Fúcsia no início deste texto, fazem parte sim de um processo de seleção que buscou por deixar as vozes que fariam sentido para este texto, para este momento e para esta conversa... Seja para falar da diferença, seja para falar das infâncias ou para conversar sobre currículo. Quantas riquezas, por exemplo, nas falas da professora Fúcsia, que foi citada no início do texto? E quantas outras falas possibilitadoras tivemos? Ah! Muitas. Por exemplo, após a exibição da mesma sessão (*KiarãYoSati*) que causou o movimento da fala da professora Fúcsia, tivemos outros afetamentos e questionamentos e outras possibilidades de pensamentos, como a fala da professora Margarida que fez a seguinte observação:

Aquela canoa cheia de criança, né? Que perigo! Olhei e falei “Gente! Como é que pode, né?” E você viu que ninguém caiu no rio, não aconteceu nada com as crianças porque eles são acostumados a isso, né?

São acostumados, sim. Faz parte de um cotidiano desconhecido por alguns de nós. É outra infância, com outros costumes, constituída por outros lugares e experiências. Por isso, nesse primeiro capítulo, vamos falar sobre a “cobra-de-vidro”, sobre o “sentimento de mundo” de que Alves (2008, p. 3) fala, sobre a diferença que, segundo Skliar (2003, p. 114), ocupa um não-lugar. O título do Capítulo I pretende expressar o que virá a seguir: *Pensando as infâncias e a diferença*. O verbo *pensar* é muito caro a Deleuze. Palavra de que ele gosta muito e da qual nos faz gostar também. Em contraposição à filosofia clássica, Deleuze nos diz que o que funda o pensamento é o encontro com algo violento que força a pensar. Para ele, “o que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe Filosofia” (DELEUZE, 1988, p. 230). Assim, a partir da intercessão dos filmes, temos o propósito de desconstruir o nosso pensamento e forçá-lo a pensar a infância e a diferença além das imagens de pensamento já instituídas e significadas pela narrativa dominante.

Pensar a infância e a diferença é questão recorrente no meio acadêmico, assim como nos diz Maldonado (2009, p. 53):

O que é a infância? Essa é uma questão recorrente nos meios acadêmicos, nas mais diversas áreas do conhecimento. Pedagogos, sociólogos, advogados, psicólogos, pediatras, lançam seus olhares sobre a criança, falam sobre ela, representam-na e constituem discursos que passam a ser veiculados como verdadeiros. Esses discursos produzem efeitos que penetram no seio das relações sociais, da família, da escola, das legislações, impondo limites às possibilidades de enunciação. Essa trama é denominada por Foucault como ‘regimes de verdades’.

Problematizar as infâncias e ainda os modos hegemônicos de concebê-la torna-se, então, mais do que uma opção, uma necessidade. Necessidade, já que as antigas fórmulas não cabem mais. É realmente um mundo velho para tantas coisas novas que estão acontecendo. Segmentar não cabe mais. Segregar não cabe mais. Não há caixinhas para que todos sejam inseridos, não há classificações para capturar a todos, não há justificativas para tantas realidades existentes. A infância constituída pelos ideais platônicos não cabe mais. Maldonado (2009, p. 54) diz que “o pensamento platônico é utilizado como o berço da estruturação do pensamento ocidental sobre a infância e a criança, pois acreditamos que as raízes de um modo dominante de se pensar esses enunciados encontram-se aí plantadas”.

Plantadas, uma boa palavra para dizer sobre vários discursos, ideias, *fazerespensares*² que nos afetam cotidianamente. Discursos que nos ordenam, regimes de verdade que são colocados a nós, excluindo a diferença.

A diferença é realmente uma questão que afeta até mesmo aqueles que não pensam sobre ela. É preciso, pois, “respeitar o outro, como legítimo outro”, como nos disse Maturana (2011, p. 8).

Depois de um primeiro capítulo que fala sobre as concepções de infância e diferença, segue-se para o segundo capítulo para que as conversas continuem, agora falando sobre os filmes como intercessores para as discussões apresentadas nesta pesquisa. E qual a função do intercessor? Deleuze nos responde isso com propriedade:

Sem eles não há obra. Podem ser pessoas — para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas — mas também coisas, plantas, animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar os seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha com vários, mesmo quando isso não se vê (DELEUZE, 1990, p. 4).

Os filmes aparecem então como disparadores das conversas e são apresentados no durante todo o movimento do texto e principalmente no terceiro capítulo. As conversas com o cinema e com os filmes são feitas a partir de inspirações do filósofo francês Gilles Deleuze, que nos apresenta essa arte como potencializadora. E vamos conversar também sobre os clichês encontrados nos filmes e sobre sua função despontencializadora. Isso porque

² A união das palavras foi a maneira que Alves (2013, p. 10) encontrou, depois de usar outras, para dizer "da unidade indissociável de seus dois componentes, que na verdade precisam ser entendidos como um só, na tentativa de superar a visão dicotomizada que herdamos da modernidade".

conversar sobre o pensamento hegemônico nos leva a problematizar os clichês que estão nos cotidianos, que estão na vida, nas músicas, nas imagens e também nos filmes.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo problematizar as infâncias e a diferença a partir de imagens e sons produzidos no cinema, oportunizando aos *praticantespensantes* do cotidiano educacional pensar de forma diferente aquilo que vem sendo *pensadopracicado* na educação escolar.

Apresento-lhes o texto. O meu texto. O nosso texto. Nas partes em que digo *nosso*, digo-o porque muitas vezes falam aqui nestas linhas. Muitas leituras, experiências, grupos de estudos, cineclube, olhares, pensares. Tudo isso me constituiu para que o processo de *falaescritafala* (ALVES, 2011) acontecesse. E que as linhas a seguir façam, ou forcem, o pensamento a pensar sobre a infância e sobre a diferença.

CAPÍTULO I

PENSANDO AS INFÂNCIAS E A DIFERENÇA

*E se a presença enigmática da infância
é a presença de algo radical e irredutivelmente outro,
ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre escapa:
na medida em que inquieta o que sabemos
(e inquieta a soberba da nossa vontade de saber),
na medida em que suspende o que podemos
(e a arrogância da nossa vontade de poder),
Na medida em que coloca em questão
os lugares que construímos para ela
(e a nossa presunção de abarcá-la).*

Jorge Larrosa (1998, p. 232)

“Eu me vi, né? Eu me vi criança!”

Professora Margarida

A infância, enquanto enigma, como advoga Larrosa, sempre nos escapa. Escapa a nós, adultos! Como nos fez pensar a professora Margarida, após a apresentação do filme *A Guerra dos Botões*, quando continua uma conversa dizendo que *se viu no filme* — ou, dito de outra maneira, que *se viu criança no filme*. Fui extremamente afetada por essa fala. Teria o cineclube acionado lugares da memória por onde aqueles adultos não andavam há muito tempo? Teriam os adultos se dado conta de que a vontade de saber e a vontade de poder levam a nós, adultos, a nos esquecermos das crianças que fomos? A tentativa de abarcar a infância leva-nos a acreditar que tudo o que já sabemos seja o suficiente para constituirmos os sujeitos infantis. No entanto, a presença enigmática da infância continua lá, em nosso dia a dia, nas escolas e em nossos corações. E foi a partir desse e de outros filmes que os *praticantespensantes* da educação se viram provocados a pensar as infâncias, no plural, desconstruindo qualquer ideal que, quiçá, rondasse seu pensamento.

Neste capítulo, tenho a intenção de problematizar assuntos relacionados ao currículo, ao cotidiano da escola e às infâncias que apareceram nas conversas do cineclube e que trazem aspectos que merecem ser pensados nesta dissertação. Trata-se de assuntos que andam de mãos dadas, que trabalham juntos em um processo longo e constante de constituir seres humanos; trata-se, ainda, de perceber como a educação participa dos caminhos que esses pequenos caminhantes têm a caminhar.

Compreendo, nesta dissertação, que não exista um ideal de infância. Essa ideia precisa ser desconstruída por você, leitor, aqui e neste momento (se possível). Ler este texto idealizando qualquer assunto pode fazer com que as experiências que contribuíram para esta escrita tenham talvez um gosto mais amargo do que o que elas já possuem: sabor de realidade. Não somente da nossa realidade, mas das realidades da vida, de nós, como também de *outros*. Não somente da nossa realidade, mas das realidades da vida, de nós, como também de *outros*.

Problematizar as infâncias nos faz buscar na memória as nossas experiências. Dessa maneira, nos faz partir de um ponto de referência muito individual. No entanto, não é isso que se pretende aqui. Não é que não se possam lembrar as memórias (seria como evitar o inevitável), mas que não deixemos que nossa prepotente idade adulta (leia-se sabedoria), de que Leal (2004) fala, tome conta destes parágrafos. Que seja a criança que vive em nós que problematize a infância, mas que não seja o adulto que existe em nós a julgar as infâncias dos *outros*.

É possível perceber que os filmes afetaram os *praticantespensantes* dos filmes quando, por exemplo, o professor Antúrio entra na conversa dizendo que é muito forte o entrelaçamento cultural no filme *KiarãYoSati*, mostrando como eram os costumes indígenas antes e como são agora, o que mudou e o que permaneceu... A partir dessa fala, a professora buscou em sua memória experiências da infância e, compartilhou conosco:

Quando aquela menina do segundo filme estava mostrando o cachinho de flor, né? Não sei se vocês perceberam, mas estavam falando que aquilo ali era doce. Realmente, de manhã bem cedinho, o sereno da noite transforma aquele cacho em um doce. Fica cheinho de água doce como um mel. Você pega, ele chega a ficar grudado. Assim, a gente colocava na boca, chupava quando era criança, sujava o rosto. Assim, porque tem o néctar e um negocinho amarelo que parece pólen. Era pólen e néctar que tinha naquele cachinho de flor, aquele cachinho ali do mato. E eu não sabia. Aquela questão da pescaria com veneno eu também já tinha visto em uma reportagem. Interessante! Aí a educação da criança se dá o tempo todo junto com os pais. Aonde eles vão, as crianças vão. Tudo o que eles fazem, as crianças estão no meio. (...) uma educação bem diferente, que é diferente da nossa e da que nós vimos nos outros filmes também.

Nota-se, na fala da professora, que ela problematiza sua concepção de infância a partir daquilo que o filme a fez pensar, mas a partir de sua memória de infância, não daquilo que se tornou depois de adulta. A professora rememora o grude e a cor do suco doce da flor que nem ela mesma se dava conta de que ainda havia em sua existência? A professora percebe agora, na idade adulta, que aquilo era pólen e néctar. A professora se dá conta de como a

educação formal de crianças não convive com os enigmas da infância. Ela, que é professora de matemática, se deixou tomar por suas experiências. Nessa mesma conversa, entra o professor Gérbera dizendo:

Quando eu era pequeno, eu passei por uma tribo indígena, em Terenos, Mato Grosso do Sul. A gente é natural de lá. O interessante dessa tribo indígena, da população indígena, é perceber que nós crescemos em um mundo do “não”. Menino, não pode fazer isso. Menino, não pode ir prá lagoa. Não pode entrar no mato. Enquanto que na tribo indígena os pais não proibem. Se os pais forem entrando na mata, fazendo uma caçada ou de animal ou de aves, os filhos, os curumins, adentram atrás. Eles não mandam as crianças voltarem, e as crianças sabem até onde podem ir. Quando eles sentem que adentraram muito dentro do mato e ficam com medo, eles voltam pra trás, e os pais não ficam ‘ai, cadê meu filho, onde eles estão, o que aconteceu?’. Não. Eles sabem que, tanto faz em uma caçada ou uma pescaria, que eles sabem se defender.

Essas conversas conversaram comigo. Conversaram comigo e com Larrosa. Esse autor apresentou-me a uma poeta, Maria Zambrano, que diz que no nascimento “não se passa do possível ao real, mas do impossível ao verdadeiro” (Zambrano *apud* Larrosa, 2000, p. 37). Por que a fala do professor Cravo me fez lembrar Maria Zambrano? Porque me parece que as experiências relatadas, tanto por ele quanto pela professora Rosa, fazem passar do impossível ao verdadeiro. O que passa do possível ao real “é aquilo que é determinado pelo cálculo de nosso saber e pela eficácia de nosso poder” (*id*), ou seja, é aquilo que é pensado, projetado, planejado para que a criança cumpra após seu nascimento. A pedagogia e a escola moderna ensinaram-nos muito bem essa lição. Assim, o que está no campo do provável, que foi pensado por especialistas (geralmente), torna-se passível de acontecer. Porém, questiono: e o grude do mel da flor? Está em nosso campo de pensamento, de objetivação, como diria Foucault, sentir o gosto doce da flor? Está na eficácia de nosso poder permitir entrar na mata para caçar? Não! Isso é do campo do impossível. Isso é o que as crianças trazem de novidade para o mundo e o que o mundo racional impossibilita acontecer. Isso “é aquilo frente ao qual desfalece todo nosso saber e todo nosso poder”, como prossegue Larrosa (2000, p. 24).

Desfaça-se de suas amarras, permita-se ler este texto como quem lê o roteiro de um filme, como quem, na verdade, lê o roteiro de vários filmes ao mesmo tempo. Não há filme melhor ou pior; são filmes diferentes, feitos por pessoas diferentes, em momentos diferentes, utilizando-se de ângulos diferentes. Que possamos, neste momento, ouvir o que já dizia

Benjamin (2015, p. 36): “o senso de observação e o conhecimento do ser humano em muitos casos vale mais do que um ponto de vista, por mais correto e defensável que ele possa ser”.

Quem escreve aqui é uma pessoa constituída e interpelada por todas as palavras que causam o movimento do texto e, ainda, uma *praticantepensante* da educação. Essa singularidade expressa em palavras e vida torna esta discussão e esta problematização uma questão maior do que apenas um olhar de fora. São questões que acontecem em mim, como disse Deleuze (2009), que me tocam e que desestabilizam qualquer certeza que um dia houvera tido sobre alguns assuntos.

Coloco aqui, nestas palavras, coisas que estão no meu coração, tais como a infância. Tais como as infâncias. São tantas as possíveis, são tantas as que existem, que algumas (várias) fogem do nosso olhar, saem da nossa zona de conforto.

Saber, sentir, viver, experienciar, entender, perceber, lembrar... Lembrar a infância, aquilo que vivemos, aprendemos, descobrimos... Descobertas que fizeram parte da nossa infância e que constituíram quem somos. E por que, quando crescemos, nos esquecemos da criança que fomos, que somos e que talvez sejamos eternamente? Por que esquecemos como é ser criança? Como nos diz Larossa (1998, p. 22), quando nos tornamos adultos, a criança tornam-se para nós “(...) seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem a nossa língua”.

São estranhos porque são o *outro* de mim? E somos, por acaso, pontos de referência? Exemplos de algum tipo de perfeição para que os outros sejam “os outros e só”, como disse Leoni em sua canção? E nós não somos os outros dos tantos exemplos e pontos de referência que encontramos por aí? Essas são questões que precisamos problematizar, pois somente “forçando o pensamento a pensar” (DELEUZE, 2009, p. 232) sobre a *diferença* e sobre os *outros* (SKLIAR, 2003) é que poderemos ajudar a levantar questões que jamais deveriam ter sido adormecidas. Larrosa diz que o esquecimento precisa ser recuperado para se sair do impossível ao verdadeiro, como queria Zambrano. Para ele, devemos recuperar “aquilo que foi esquecido pelo desgaste do tempo ou reprimido pela violência de um olhar calculista, cego diante de tudo aquilo que não pode se apropriar” (LARROSA, 1988, p. 21).

Que ousemos permanecer desnaturalizando o diverso que nos separa e que possamos entender a diferença que nos torna iguais em nossa possibilidade de sermos diferentes. Iguais enquanto todos os *outros dos outros* e, como disse Skliar (2003) sobre a diversidade, “(...) diante de um aparente novo nome, a perplexidade. Não o costume, não a docilidade”.

1.1 Pensando infâncias: uma atenção ao outro

Vejam a infância como aquilo que temos de integrar no nosso mundo.

Jorge Larrosa

A relação criança x adulto é um cotidiano exemplo de *outro*. A criança é considerada o outro do adulto, é tratada como outro e não é ouvida porque é o outro. Trata-se, nessa relação, daquele que deve ser incluído, normalizado, mas ainda não o foi, sobretudo, porque na infância a captura ainda não foi feita. As “regras” ainda não foram completamente internalizadas, e daí parte a ideia de “selvageria” de que Kant (1996) fala.

Diz a professora Margarida na conversa desencadeada pelo filme *Das crianças Ikpeng para o mundo*:

Boa noite! Sou a professora Margarida, da escola Esperidião Marques. Olha, que saudade da minha infância. Quando eu pude notar, né, que eles, por exemplo, que eles, quando estavam fazendo o aviãozinho, quando a gente usava barro pra fazer panelinha, né? Eu usei muito barro pra fazer panelinha, deixava no sol pra secar e brincava. Então, assim, eu fiquei maravilhada, encantada com o filme, e o que me chamou atenção é que, apesar de o novo chegar na cultura deles, que provoca toda essa mudança naquele espaço, eles não abandonam o que era deles. Então, eu vejo aquelas meninas falando. Que lindo! “A minha avó fazia assim”, e hoje a gente pouco fala. Na nossa cultura de branco, como eles dizem, a gente usa pouco isso, né? E na escola também. A gente pouco usa o conhecimento que nós tivemos quando éramos crianças. Na nossa época, não tinha celular, não tinha computador, e a gente brincava como aquelas crianças, naquela alegria, de forma simples. E então, eu vejo, assim, que nos chama a atenção para a importância de viver o novo sem deixar aquilo que nós vivemos, que é o tradicional. Eu não sei se é essa palavra realmente. Mas, por exemplo, eu penso que a gente vai incorporando o novo e, às vezes, a gente esquece o que era nosso. Eu vejo nas escolas que a gente, assim, poucos são os alunos que conhecem o cururu, o siriri. A gente usa muito as danças que agora estão na moda [...] eu vejo assim, me chamou atenção no filme que temos que ver o novo, usar o novo, mas sem deixar de viver também aquilo que era, que já é nosso, que já era nosso, que a gente conhece também. Então, é tentar colocar os dois na vida da criança, na vida escolar, não só um.

Na fala da professora Margarida, percebemos que nós, adultos, na escola, nos esquecemos do modo de ser das crianças que fomos e questionamos o modo de ser das

crianças que agora são. Agora, nossas crianças, que não sabem medir a temperatura do sol que seca as panelinhas de barro para os quitutes, têm celulares que gravam filmes e apresentam-nos seus olhares sobre o mundo. Essa não é uma maneira de viver a sua infância? Existe uma infância idealizada nas crianças que fomos ou na ideia de naturalização da infância original?

Mas os adultos tornam-se “melhores” porque acreditam saber o que é melhor fazer, pensar ou resolver sobre algo. A infância torna-se, então, quase sempre, a fase da incompletude. Nesse sentido, existe em nossa sociedade a forte ideia de que as crianças são seres que necessitam muito dos adultos para se completarem, para se concluírem. Nessa concepção, as crianças são seres que somente alcançarão a felicidade no momento em que estiverem vivendo completamente no mundo adultocêntrico (LEAL, 2004). Para isso, precisam concretizar aquele projeto idealizado para elas desde o seu nascimento, e elas vão passando de possíveis a reais, até se constituírem adultas e esquecerem suas formas de ver o mundo através de lentes de celulares.

As crianças, assim, são concebidas pelas redes discursivas hegemônicas como seres que têm ausências, que têm falta de algo no agora e que estão se preparando para serem completos no futuro, no chamado vir a ser, na idade adulta. Isso tornaria esse início de vida um período sem falas, ações e experiências que sejam realmente relevantes.

A ideia de que a idade adulta (LEAL, 2004) traz a felicidade parte de um pressuposto muito antigo, que constitui um pensamento hegemônico com raízes bastante firmes no mundo atual: a ideia de que a criança é sempre um ser que carece de algo, que precisa completar-se para somente então alcançar a tão sonhada felicidade. Um ser que adquire, ao longo de sua vida, modos de viver que serão aqueles que possibilitarão sua tranquilidade, sua completude na vida adulta.

Essa ideia de infância trazida por Leal (2004) está presente na narrativa dos professores. Exemplo disso é a conversa iniciada pela professora Girassol, que, após o filme *Pixote*, enfatiza:

Mas faz parte da criança, ela viver essa infância. Não me interessa como as pessoas forneçam esse momento, permita esse momento, mas ela consegue vivenciar a infância, ela consegue se descobrir nesse meio buscando uma forma de viver esse momento.

Vários discursos em uma fala só. Uma fala cheia de outros discursos sociais que a constituíram. A ideia da infância como início da vida remete a lugares que a

despotencializam. O início é sempre algo que nos remete à falta de experiência e à necessidade de algo. E é nesse sentido que essa fase da vida é entendida pelo pensamento hegemônico. No sentido da falta. Ninguém conta que existem várias outras perspectivas para se entender esse período, até porque “sobre a infância temos sempre a pretensão de sabermos muito” (LEAL, 2004, p. 21). Ninguém conta do que a criança é cheia. A infância é vista na maioria das vezes como a metade vazia do copo. Querem que aprendam sobre a enseada ao invés de deixá-las ver a cobra de vidro (BARROS, 2013). Desconsiderando-se as experiências que, no contato com o mundo, constituem as crianças, “considera-se a infância um período de ausência de responsabilidades, de falta de autonomia ou mesmo de não seriedade. Há quem julgue a criança incapaz de compreender (...)” (LEAL, 2004, p. 13).

Esse pensamento hegemônico faz parte de um mundo em que a infância é idealizada e possivelmente generalizada. Um pensamento que facilita a organização social e que, na pretensão de afastar o caos, desconsidera todas as manifestações de *diferença* que existem. Um discurso que desconsidera tudo foge de suas exigências. Discurso que fecha os olhos para todas as possibilidades de viver fora daquilo que está dentro na ordem. Varre para baixo do tapete todas as possibilidades que temos e mostra-nos apenas as belezas da estampa da tapeçaria e as vantagens de tê-la em sua vida. Tudo isso para que a “massa de manobra” seja mais uniforme e, desse modo, que as crianças se tornem adultos mais fáceis de controlar.

Quem não é capturado pelo mundo do trabalho vive em uma relação de *dentrofora* (ALVES, 1998) sem fim. Está sempre à “margem”, vive sempre no limite imaginário que existe entre aqueles que são vistos e aqueles que ninguém quer ver. Larrosa (2000) problematiza:

Todos trabalham para reduzir o que ainda existe de desconhecido nas crianças e para submeter aquilo que nelas ainda existe de selvagem. Então, onde estão a inquietação, o questionamento e o vazio, se a infância já foi explicada pelos nossos saberes, submetida por nossas práticas e capturada por nossas instituições, e se aquilo que ainda não foi explicado ou submetido já está medido e assinalado segundo os critérios metódicos de nossa vontade de saber e de nossa vontade de poder? (LARROSA, 2000, p. 72).

Pensemos: alimentar esse pensamento que fortalece a ideia de uma infância ideal traça o destino dos adultos também. Delineia o perfil de toda uma sociedade, a partir do momento em que as fórmulas de como educar as crianças carregam consigo intencionalidades. Intencionalidade de capturar a criança para um mundo que é do trabalho, da produção, pelo mundo adultocêntrico que afasta o mundo dos sonhos, das artes, da música, e que apresenta desde cedo um (des)caminho pronto e traçado para esses pequenos

caminhantes. Trata-se do caminho que parte da infância da incompletude, da falta, da ausência, da inexperiência, do não saber nada, da criança que precisa de ajuda, que não sabe opinar, que é dependente até chegar à fase da idade adulta, atrelada ao mundo do trabalho.

Quando nascemos, a vida já está traçada. Traçada por um pensamento maior, que domina, que captura as pessoas, que tira da altura dos olhos as outras realidades que existem. Mas esqueceram-se de que ter o controle de absolutamente tudo pode ser bem mais trabalhoso do que o que se pensa. Esqueceram-se das linhas de fuga. Das frestas. Dos quintais. Das potências.

Nesse sentido, Barros (2011, p. 6) não poderia deixar de ser citado. Com seu poema, ele sempre enxerga e nos faz enxergar a metade cheia do copo. Das infâncias nos quintais. Da cobra de vidro. Das formigas. Da meninez.³

*O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.*

Que possamos ver aquilo que nunca esteve escondido, já que, como nos disse Foucault (1995), não há nada na profundidade, tudo está na superfície. Então, que possamos entender que o pensamento que nos ordena, nos captura, nos controla, não é capaz de abarcar as realidades das infâncias possíveis e existentes. O *dentrofora* de que Alves (1998) nos fala.

Pensem que existe aquilo que não está nas estruturas binárias que a organização social nos impõe. A ordem social não consegue *incluir* todos, porque os binarismos não conseguem abarcar todas as possibilidades.

³ O conceito de meninez é citado por Leal (2004, p. 24), que se utiliza das poesias de Manoel de Barros para brincar com a seriedade e a sisudez dos sentidos dados às palavras. Ele brinca com as palavras, rompendo com os limites dos sentidos usuais, e permite que atributos se desloquem livremente e se transmutem no novo inalcançável pelo pensamento ordenado e linear da lógica estabelecida.

Esses binarismos a que somos expostos parecem até, em um olhar mais superficial, ser justos com todos. Parecem. Pensemos a respeito: quem não está incluído está excluído, e a solução é simples - incluir. Aquilo que não é positivo é negativo. O que não é bonito é feio. O que não é certo é errado. O que não é bom é ruim. O que não tem solução é problema. Ou isto, ou aquilo. Como disse Cecília Meireles (1990):

*Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

Ou isto, ou aquilo? Escolhas, binarismos que apertam as nossas amarras e que despotencializam as nossas potências, que ficam esquecidas e, por que não dizer, abafadas? Por que a sociedade e a nossa vida precisam ser organizadas e controladas pelos binarismos? Por que precisamos ser despotencializados desde a infância?

A possibilidade de pensar em infâncias que sejam enigmas, que não precisam ser desvendados além daquilo que o pensamento hegemônico nos permite ver, abre novas possibilidades. Abrindo novas possibilidades, podemos encontrar surpresas e estranhamentos passíveis de criações outras, além daquilo que é colocado ao alcance de nossos olhos.

Em alguns casos, passa-se pela infância; em outros casos, a infância é que passa por nós. Mas todas as pessoas tiveram uma. Aquela que podiam (podem), aquela que a realidade

permitted (permits), but, in one way or another, all have (had) a childhood. Children and childhoods that, sooner or later, are (are) captured by the world of adulthood and that leave behind the world of childhood (LEAL, 2004).

Barros (2006) describes “a childhood free and without comparisons (...)”, as a fact is (or should be) the world, is the childhood of each person: a singular experience.

Each child is a unique being, with unique experiences. Because each event (DELEUZE, 1999) happens in a way in each person. Encounters affect each one in a different way, because we are unique, we are different, and not diverse. It is the difference that constitutes us, that makes us singular subjects.

For this reason, here, the *diferença* is problematized. For this reason, here, diversity is not talked about. For this reason, let's talk about the *outro* that inhabits all of us.

1.2 Enxergando o *outro*: pensando a diferença sem binarismos

E continuar desalinhados, desencaixados, surpresos, para não continuar acreditando que nosso tempo, nosso espaço, nossa cultura, nossa língua, nossa mesmidade significam todo o tempo, todo o espaço, toda a cultura, toda a língua, toda a humanidade.

Carlos Skliar

Most of society is educated to believe. We are almost always educated to believe that we are certain, in this way, subjectively affirming that there is error. In relation to our culture. In relation to our choices. In relation to our language, and in various other aspects, we are always certain. The fact that there is error. And, in this binary game of certain x error, logically the error is always the *outro*. This fits into a cruel defensive thought that exists in society in which we live. I am always certain, because in this way the *outro* will always be the error; consequently, to affirm that the *outro* is the certain would be like signing a sentence of error. To be error, to be outside.

Nobody (or almost nobody) tries to tell us that we don't need to be certain for the *outro* to be error. And to tell us that the *outro* doesn't need to be error for me to be certain. The *outro* doesn't need to be excluded for me to feel included. And vice-versa. Nobody needs to be outside for someone to be inside. This binary thought, Cartesian, that comes from modernity, has consequences. For this reason, we live today in a

sociedade em que o movimento é de *dentrofora* (ALVES, 1998). Um movimento democrático⁴, no sentido de que todos estão *dentrofora* o tempo todo, de uma maneira ou de outra, já que, como somos todos diferentes, ninguém nunca poderá encaixar-se em todas as estruturas:

Os modos como *dentrofora* dessas redes nos relacionamos com nossos iguais e com os ‘outros’ vão impulsionar ideias de políticas. São essas relações que nos permitem criar e articular valores, éticas e estéticas diversificadas, apropriadas à complexidade das diversas redes (ALVES, 1998, p. 3).

Esse movimento de *dentrofora* é o que vem nos constituindo em tempos atuais, já que há dificuldade de reconhecer que as estruturas não têm mais dado conta de abafar a diferença e, por isso, tratam de “(...) produzir o outro como diferença na falta de poder viver a alteridade como destino” (SKLIAR, 2003, p. 27).

Isso tudo para entendermos que, para que eu seja, ninguém precisa não ser. A diferença está aí, justamente neste ponto: na democracia de sermos diferentes, sem que para isso precisemos ser passíveis de classificação.

Dos motivos que poderíamos elencar para conversar sobre as questões que permeiam o *outro*, Skliar (2003) já atentou para vários, com este trecho de sua obra que faz nossa perplexidade aflorar:

O outro já foi suficientemente massacrado. Ignorado. Silenciado. Assimilado. Industrializado. Globalizado. Cibernetizado. Protegido. Envoltos. Excluído. Expulso. Incluído. Integrado. E novamente assassinado. Violentado. Obscurecido. Branqueado. Anormalizado. Excessivamente normalizado. E voltou a estar fora e a estar dentro. A viver em uma porta giratória. O outro já foi observado e nomeado o bastante como para que possamos ser tão impunes ao mencioná-lo e observá-lo novamente. O outro já foi medido demais como para que tornemos a calibrá-lo em um laboratório desapaixonado e sepulcral (SKLIAR, 2003, p. 29).

A diferença, portanto, questiona o que está posto, por que está posto e por que nos submetemos ao que está colocado. Por que minhas singularidades não podem constituir-me e por que não constituir o outro? Aquilo que afeta, o encontro que produz subjetividades e que nos toca. Para Deleuze (2000), pensar a diferença é pensar o impensável, não no reconhecido, no já sabido. As atitudes ou as problematizações de hoje talvez tragam novas possibilidades de educar além daquela que faz sentido (ou não) nos tempos atuais:

⁴ A democracia que aparece neste momento refere-se a quão possibilitador é o movimento de *dentrofora* de que Alves (1998) fala, que quebra com os binarismos e que permite com que todos sejamos/pertencamos a todas as estruturas. Refere-se à possibilidade da quebra das correntes que nos prendem ao incluir/excluir nas estruturas sociais.

(...) a diferença e a repetição tomaram o lugar do idêntico e do negativo, da identidade e da contradição, pois a diferença só implica o negativo, e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico. O primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação. Mas o pensamento moderno nasce da falência da representação, assim como da perda das identidades, e da descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico. O mundo moderno é o dos simulacros. Nele, o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito sobrevive à identidade da substância. Todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um *efeito* óptico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e da repetição. Queremos pensar a diferença, independentemente em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo (DELEUZE, 2000, p. 35 - 36).

Porém, apesar de tantos pontos importantes citados acima, problematizando um pensamento moderno que fala de possibilidade e falando sobre um pensamento pós-moderno que fala de possibilidades, é preciso reconhecer o território em que estamos.

Vivemos em uma complexa sociedade que se acostumou com a mesmidade (SKLIAR, 2003). Não à perplexidade e não ao caos. O mais do mesmo e o fortalecimento de uma organização social que nos captura e nos amarra fazem da mesmidade algo estabelecido, aceito e naturalizado. Não para todos, não é uma generalização. É a afirmação de que existe um pensamento social que deve ser obedecido, para que haja a ordem social, pensamento esse que a maioria das pessoas enxerga com certo conformismo.

E é nesses discursos de conformismo que a nossa perplexidade é abafada, em uma tentativa constante e interminável de fortalecer a ideia de homem cartesiano. Daquele que tinha um caminho certo para seguir. Que era mais fácil de capturar e controlar. Aquele que não tinha tantas possibilidades e tantas vertentes; dessa maneira, a diferença era algo “não visto”.

Quando, na contemporaneidade, homens e mulheres abrem outras possibilidades e rompem com a ideia de homem moderno cartesiano, branco, europeu, colonizador, dominador, machista, etc. (VEIGA NETO, 1995), a diferença vem à tona. Vem à tona não porque a organização social tenha colocado isso em discussão, mas porque essa ordem social não conseguiu mais conter o caos. A estrutura não dá conta de abarcar toda essa diferença:

O caos, a desordem e a confusão produzem o rompimento e a ruína de todos aqueles projetos da modernidade com os quais o homem ocidental quis construir um mundo ordenado à sua imagem e semelhança, à medida de seu saber, de seu poder e de sua vontade, por meio de sua expansão racionalizadora, civilizadora e colonizadora (SKLIAR, 2003, p. 49).

Apesar desse novo pensamento e do certo caos produtivo que isso causou, ainda vivemos em um período de mesmidade. A intensa influência do passado vive em nós. Bhabha (1998, p. 19) fala que “(...) encontramos-nos no momento de trânsito em que o tempo e o espaço se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (...)”.

A diferença não faz parte da nossa vida, ela está em nós. É algo vivo, latente, que nos torna diferentes. Não é só o outro que é diferente de mim; eu também sou diferente do outro. O outro que é sempre o excluído, o diferente.

Devemos olhar para o espelho antes de produzir a diferença como algo fora de nós. Que possamos viver a alteridade (SKLIAR, 2003), ao invés de alimentar o pensamento que produz o outro como diferença.

Nesse sentido, falaremos aqui mais especificamente das infâncias e da ideia de produzir a criança como o outro do adulto. De afastar aquilo que não faz parte de mim. Afastar o que não conheço, como Caetano canta em *Sampa* (1978). Portanto, depois de capturados e docilizados (FOUCAULT, 1998), nós, adultos, esquecemos que fomos crianças. E tratamos de esquecer a criança que existe em nós e as lembranças da nossa infância, como se o encantamento fosse obrigatoriamente algo a ser perdido com o passar do tempo. E, quando somos lembrados de que fomos crianças, quando somos tocados pelas lembranças de nossa infância, somente quando entramos nesse mundo (particular), é que, por minutos, conseguimos perceber que a criança não é o outro de nós. O que há entre a criança e o adulto é a diferença: um é cobra de vidro; o outro, enseada (BARROS, 2006). Mas só para lembrar: mesmo que nos façam enxergar enseada, podemos sempre ver cobra de vidro.

1.3 O cinema e seus *clichês*: pensando outras possibilidades

*O cinema é uma forma
de pensamento.*

Antônio Machado

Desconstruir é mais difícil que construir. Isso porque, se a construção é feita em um terreno que ninguém lavrou, parece que a terra aceita melhor aquilo que vier a ser semeado naquele lugar. Mas, se o terreno já foi lavrado, é preciso prepará-lo para receber a próxima colheita. Problematizar clichês é como preparar a terra para semear uma floresta, repleta de

árvores, arbustos, tubérculos, trepadeiras, ervas daninhas. Problematizar clichês é estar aberto para o imprevisto do que vai nascer nesse solo revirado que traz consigo a potência de produzir o inesperado. Assim, propomo-nos o exercício da desconstrução, do repensar aquilo que de alguma maneira está instituído e nos constitui de determinado tipo. Algo que nos foi repassado, algo que nos interpelou, que aprendemos na família, na escola, na vida, na televisão; algo em que podemos seguir acreditando ou que podemos escolher problematizar.

Falar sobre os clichês significa muito mais que apenas falar sobre o senso comum, sobre aquilo que já se conhece, sobre representações de pessoas que, por muitas vezes, não representam quase ninguém. Falo, dessa maneira, sobre clichês de pessoas. A figura do homem, da mulher, da empregada doméstica, da professora, das crianças... São figuras compostas por estereótipos difíceis de desconstruir e aceitos pela sociedade. E o mais complexo é que há um discurso maior em que estamos imersos (por conta da nossa organização social) que fortalece clichês e que enfraquece a diferença; que torna diferentes aqueles que não se encaixam nos clichês. Somos imersos em cultura tão bem amarrada e organizada, que aceitamos viver como quem aceita a diferença, desde que ela faça parte do outro. Daquilo que está fora de nós.

Deleuze (1983, p. 223) faz uma crítica muito dura: “civilização da imagem? Na verdade uma civilização do clichê (...)”. Lendo e relendo essa frase, não pude deixar de encontrar nela possibilidades que antes não havia pensado. Quando se abre o olhar por caminhos ainda pouco explorados, parece que o mundo se torna outro. Como assim, civilização do clichê? Como desconstruir conceitos que tenho de origem desconhecida, conhecimentos que me fazem viver bem em sociedade e que por ora são sempre cômodos? Pensar e pensar de novo, e de novo, e de novo, e chegar à conclusão de que nosso entendimento do mundo precisa ampliar-se. É preciso olhar e ver aquilo que não está escondido, como nos diz Foucault (1986, p. 187): “nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos”. Precisamos apenas olhar, olhar de novo, ver e ver várias vezes até que sentidos sejam encontrados para determinadas “regras” a que somos submetidos sem bem saber por quê. Para que entendamos os porquês de, para que sejamos aceitos nessa organização social, precisamos agir desta ou daquela forma.

Forma mesmo, de fôrma, de formar, de limitar o espaço, os pensamentos, as ações. De despotencializar. De tornar-se aquilo que vem de fora. De fazer parte ou não de um clichê limitador e aprisionante, que não permite que sejamos aquilo que realmente somos. Que nos cobra desde crianças, quando estamos sentados nas cadeiras escolares, a pensar naquilo que

querem que pensemos, que aprendamos aquilo que querem que aprendamos, enquanto talvez vejamos mais alegria e poesia naquilo que Barros (2006, p. 26) vai chamar de desinventar objetos: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”.

1.3.1 O pensamento *pós-estruturalista*: A desconstrução do pensamento hegemônico

O que não se diz em voz alta, mas que já inicia desconstruindo com força esses clichês instituídos, é o pensamento pós-estruturalista, desnaturalizador, desconstrutor e problematizador, que vem abrir des(caminhos) em *espaçostempos* antes desconhecidos. Foucault (1995) explica mais sobre esse pensamento tão problematizador:

Gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi a meta de meu trabalho durante os últimos vinte anos. Não consistiu em analisar os fenômenos do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, pelo contrário, consistiu em criar uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura. (...) Assim o tema geral da minha investigação não é o poder, mas sim o sujeito (FOUCAULT *in* NETO, 1995, p. 35).

Problematizar o pensamento hegemônico é como dar oportunidade para que nossas verdades individuais sejam contempladas, e não julgadas, excluídas e despotencializadas. Desnaturalizar os clichês é deixar os dualismos de lado e perceber que dualismos não dão conta de uma sociedade tão plural. Tão rica. Tão diferente. Deleuze (2003) vai nos dizer que não há como separar alguém daquilo que o constituiu e que ainda o constitui:

Outrem não pode ser separado da expressividade que o constitui. Nem mesmo quando consideramos o corpo do outro como um objeto, e suas orelhas e seus olhos como apêndices anatômicos, os despojamos de toda expressividade, ainda que simplifiquemos até o extremo o mundo que expressam (DELEUZE *in* SKLIAR, 2003, p. 17).

Dessa maneira, além de pensar os clichês como algo normal que existe em nossa sociedade, é preciso problematizar os aprisionamentos que eles causam, para, além disso, pensar o fato de que clichês despotencializam o nosso pensamento e de que há um mundo muito maior. A liberdade de pensamento que poderíamos ter, mas que não temos quando somos limitados, ordenados, despotencializados nessas amarras sociais que nos obrigam a ser desta ou daquela forma. Implica, além da falta de liberdade, problematizar o fato de que

somos parte de uma construção social que nos torna o que queremos que sejamos, e não aquilo que poderíamos ou queríamos ser.

A importância de colocar em discussão todas essas amarras que nos capturam desde crianças apresenta-nos os problemas de um mundo antigo e a luta por liberdades que um novo pensamento nos traz.

Isso, no entanto, não quer dizer que o fato de termos possibilidade de problematizar o pensamento hegemônico nos faça seres individuais. Vivemos em sociedade, e a sociedade em que vivemos também faz parte de nossa constituição, de modo que quebrar com o pensamento hegemônico é uma maneira de quebrar com as classificações, dualidades e estruturas organizacionais existentes. Significa legitimar realidades que os clichês não abarcam, nunca abarcaram, nem pretendem abarcar. Porque aquilo que é clichê fecha os olhos para aquilo que não se aproxima de suas estruturas:

Gostaria de dizer que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado e do tipo de individualização a ele vinculado. Temos que promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos (FOUCAULT *in* MALDONADO, 2009, p. 15).

Novas formas de subjetividade: e como isso afeta nossas vidas? Em que momentos novas subjetividades interferem em nossas descobertas e possibilidades de ser? A todo o momento. Isso nos interpela cotidianamente. Mas aqui, neste momento, vamos nos ater aos clichês e aos modos de subjetivação apresentados em um lugar muito conhecido e muito importante para a cultura mundial: o cinema.

1.3.2 O encontro com o *cinema*

Sob a compreensão de Deleuze, Guéron, Alves e mais alguns autores(as), pode-se perceber como clichês e modos de subjetivação são constituídos a partir do cinema.

O mundo cinematográfico tem uma história muito forte e interessante e faz de forma atuante participações em todos os momentos históricos, com denúncias, discursos de direita ou de esquerda, uma fala da sociedade, exibição de modos de ser e viver “idealizados” para o pensamento hegemônico, momentos de diversão e de representações. É muito interessante pensar o cinema com Deleuze, porque aí podemos ver a possibilidade de conceber o cinema como algo além de um meio de comunicação, sem entendê-lo de maneira reduzida, sem

pensar que todas as suas possibilidades se reduzem à produção de clichê, já que, antes de tudo, ele é um produtor de imagens:

De fato, o cinema não só se apresentará como um extraordinário dispositivo produtor de clichês, porque é antes um dispositivo produtor de imagens, mas também, e justamente por isso, será um extraordinário mecanismo capaz de detectar, desconstruir e superar os clichês como um estágio de impotência da imagem e, conseqüentemente, de impotência do pensamento (DELEUZE in GUÉRON, 2011, p. 12).

Deleuze vem nos apresentar algo que não era cabível ao cinema clássico: um cinema problematizador. Em suas questões, apresenta estudos relacionados ao assunto não vistos antes com tanta amplitude. A possibilidade de deixar de ver apenas o que é mostrado e passar a entender como “a imagem cinematográfica deve ter um efeito de choque sobre o pensamento e forçar o pensamento a pensar tanto em si mesmo quanto no todo” (DELEUZE, 2007, p. 235) coloca em questão outros sentidos.

Para tanto, ao utilizar-me do cinema nesta pesquisa, os filmes serão os *personagens conceituais*. Personagens que levantarão discussões por vezes silenciadas. Os filmes serão os *intercessores* das discussões, possibilitando que questões sobre as infâncias idealizadas e as infâncias existentes sejam parte de nossas *conversas*, partindo-se dos filmes assistidos, isso porque:

É nessa direção que afirmo que para as *pesquisas nos/dos/com os cotidianos*, as narrativas e as imagens de professoras e de outros *praticantes dos espaçotemposcotidianos* não podem ser somente entendidas, exclusivamente, como ‘fontes’ ou como ‘recursos metodológicos’. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua necessidade, de *personagens conceituais*. Sem narrativas (sons de todo tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, é preciso tê-las, respectivamente, como *personagens conceituais* necessários aos processos que realizamos (ALVES, 2010, p. 203).

Para que possamos perceber, sentir e vivenciar momentos, discursos e falas que expressem sentimentos e indignações, os participantes desta pesquisa serão *praticantespensantes* da educação: professores e professoras. Pessoas que, assim como eu, sentem a educação no cotidiano. Vivem a diferença em *espaçotempos* desconhecidos. Conhecem diferentes realidades. Vivem a experiência de conhecer crianças e... Crianças. Infâncias e... Infâncias. Com toda essa experiência, ao longo de nossas conversas posteriores aos filmes, vão produzir falas, confissões e discursos que contribuirão para que este texto ande por des(caminhos) que possam apresentar outras possibilidades de vida de crianças, que quebrem os clichês idealizados pelo discurso hegemônico sobre a infância.

CAPÍTULO II

FILMES, CLICHÊS E *ENCONTROS* COM A EXPERIÊNCIA: PENSANDO SOBRE A DESNATURALIZAÇÃO DAS COISAS

*Os grandes cineastas são pensadores, embora não
pensem conceitualmente, mas por imagens.*

(MACHADO, 2009, p. 247)

O início da conversa da sessão do cineclube que apresentou o filme *Pixote* (1981) foi movimentado pela fala da professora Maritza⁵ com alguns questionamentos: “*Esse filme foi muito impactante, gente? Muito diferente dos outros? Do que nós tratamos no filme? Qual é o tema? Vamos lá! Quem se habilita?*”. O silêncio se fez nesse momento. Silêncio que respondeu a primeira pergunta que foi feita. Sim, o filme foi muito impactante. Os *praticantespensantes* demoram a entender que o filme havia acabado. Talvez porque ele não tenha de fato acabado. *Pixotes* são alunos, estudantes, crianças, jovens que estão nas nossas salas de aula todos os dias.

Por isso... Que olhar mais atentamente nos permita ver coisas de maneira menos natural. Que desnaturalizar as coisas seja mais natural. Que quebrar com ideias preestabelecidas seja uma prática mais corrente e que isso aconteça nas escolas. E que aconteça dentro de sala e que aconteça dentro de nós. Que as crianças possam se sentir menos *outras*⁶ e que se sintam mais parte desse todo que é/deveria ser tão delas quanto é do mundo adultocêntrico. Que *Pixotes* que vivem em nossas escolas, em nossos cotidianos, possam ser vistos e que tenham projetos, propostas para que eles tenham direito, de fato, a viver outra infância, menos dolorosa, menos cruel. Que possam viver uma infância com potência e intensidade também, mas que o seu fim não seja a morte.

A naturalização dos pensamentos é algo em que nos imergimos desde o momento do nascimento. Pensamos sobre, pensamos com, mas pensamos também a partir de. A partir de coisas, fatores, relações, construções sociais que já estavam ali muito antes de todos estarmos aqui, vivos, para reproduzir uma série de gestos, palavras e ações que nem bem sabemos por que fazemos:

⁵ A professora Maritza não terá seu nome alterado no texto, já que faz parte da equipe do cineclube; os integrantes da equipe aparecerão no texto com seus nomes originais.

⁶ Variação do conceito de Carlos Skliar utilizado para discutir a filosofia da diferença.

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade (FOUCAULT, 1999, p. 20).

O filme *Pixote* paralisa essa prodigiosa maquinaria que produz o discurso da infância enquanto uma fase da vida humana ideal, feliz e universal. O filme *Pixote* rompe com a verdade sobre a infância que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. *Pixote* leva-nos a problematizar esse pensamento universal e a desnaturalizá-lo. Parece-me que a professora Violeta, mesmo tendo ficado impactada ao dar-se conta dos muitos Pixotes que habitam o cotidiano da escola, ao final de sua fala, se reporta a esse ideal de infância universalizado. Parece que ela procura, no filme, algo que apazigue sua alma e que diga que, apesar de tudo, Pixote vive, em alguns momentos, a sua infância. Assim, penso que devemos problematizar essa questão e compreender a concepção de verdade de que Foucault (1999, p. 20) nos fala. Da verdade que não existe. Da construção de uma verdade, da maquinaria que nos cerca e que nos leva a ser, pensar e agir desta ou daquela maneira. Da verdade que é criação. Criou-se um conceito de infância enquanto fase ideal da vida. Mas *Pixote* leva-nos a pensar que Foucault tinha um pouco de razão no que dizia. A infância vivida por Pixote corresponde a esse pensamento idílico ao qual nos reportamos quando nos lembramos do poema de Casimiro de Abreu:

Oh! que saudade que eu tenho,
da aurora da minha vida,
da minha infância querida,
que os anos não trazem mais.
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras,
nas sombras das bananeiras,
debaixo dos laranjais. [...]
Oh! Dias da minha infância,
Oh! Meu céu de primavera,
Que doce a vida não era,
Nessa risonha manhã,
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias,

Da minha mãe as carícias,
E beijos da minha irmã.

Parece que esse pensamento, essa concepção, se traduz na mais verdadeira verdade que circula sobre a infância. No entanto, *Pixote* quebra-nos e força-nos a pensar que não existe um modelo idealizado de infância, mas maneiras distintas de vivê-las, embora seja difícil aceitar. Pixote viveu essa fase da sua vida sem sombras de laranjeiras e de bananais. Ao invés disso, viveu no antigo Reformatório de Delinquentes Juvenis (FEBEM), sem delícias, sem carícias da mãe e beijos da irmã, mas sob a ameaça de abuso e estupro constante. Viveu outros amores, sonhos e flores... Difíceis de enxergar com as lentes que o ideal de infância nos oportuniza.

Deleuze (1962, p. 37) fala-nos da filosofia enquanto criação de pensamento, articulando-lhe a arte e a ciência. A diferença é que a filosofia cria conceitos, a ciência cria pensamentos que são funções, e a arte cria pensamentos que são sensações. Nesse sentido, o cinema, enquanto arte, também é criador de sensações. Funciona como disparador de discussões e de problemáticas algumas vezes adormecidas em nossa sociedade. Em *Nietzsche e a Filosofia*, Deleuze diz:

Em lugar de um conhecimento que se opõe à vida, um pensamento que afirme a vida. A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida. Ambos iriam no mesmo sentido, encadeando-se e quebrando os limites, seguindo-se passo a passo um ao outro, no esforço de uma criação inaudita. Pensar significaria descobrir, inventar novas possibilidades de vida (DELEUZE, 1962, p. 37).

Pensar, pensar e problematizar. É esse o exercício proposto pelo cineclubes. Pensar com e a partir dos filmes, e, para começar a problematizar a naturalização e a desnaturalização das coisas, é preciso primeiro apresentar e contextualizar historicamente uma das palavras-chave deste texto: o cinema. E ainda, pensar a partir e com os nossos *intercessores* principais, que são os filmes:

Neste sentido, o cinema pôde efetivar toda a potência da imagem e da arte como formas de expressão do pensamento quando foi rebelando-se contra aquilo que, no coração dele mesmo, apareceu como uma contra força do pensamento: uma imagem impotente. E o que faz da questão do cinema moderno ser uma questão de forte inspiração nietzschiana é exatamente o fato de este ter surgido como uma impressionante força destruidora de clichês. Dessa maneira, o clichê, como expressão da moral no cinema, funciona exatamente como Nietzsche descreve esta última: um esquema de afetos que age e se instala nos corpos deixando-os parcialmente paralisados e impotentes (GUÉRON, 2011, p. 24).

2.1 O cinema, passado e presente: *Imagem-Movimento*

O cinema é uma arte⁷. É uma parte do mundo. É representação. É apresentação. É invenção, é clichê, é Imagem. Para que possamos entender neste texto de onde viemos e para onde estamos indo, é necessário que pensemos na história. É preciso que contextualizemos o cinema e suas formas de pensar.

Desde o modo de cinema clássico até o cinema contemporâneo, há várias maneiras de pensar. Vários tipos de representações.

O cinema clássico vem, nos dizeres de Deleuze, falar sobre a representação daquilo que ele chama de Imagem-Movimento, e o cinema moderno é aquilo que ele chama de Imagem-Tempo. Essas nomenclaturas são, por assim dizer, uma organização feita para que as passagens do tempo fossem entendidas e percebidas como participantes ativas do processo de construção de representações sociais de todas as épocas.

É por esses e outros motivos que, além de cineastas, Machado (1990, p. 247) chama quem faz cinema de pensadores. Segundo ele, “os grandes cineastas são pensadores, embora não pensem conceitualmente, mas por imagens”. Isso porque, além de produzirem os filmes, pensam os sons, as imagens e os tempos da cinematografia e conseguem fazer com que (alguns) outros também pensem por meio de suas discussões.

As classificações Imagem-Tempo e Imagem-Movimento permeiam este texto. Essas duas classificações que Deleuze apresenta são de suma importância para entendermos como se dá a problematização das discussões.

A Imagem-Movimento, por exemplo, é uma questão colocada por Deleuze a partir de Bérgrson, que é cerceada por uma série de motivos e sentidos além daqueles que já pensei no momento em que assistia a algum filme, mas são questões com certeza pensadas por aqueles que estavam atrás das câmeras produzindo, criando e, não por acaso, fazendo sequências de movimentos que deveriam nos fazer ter esta ou aquela sensação. Sequências de tempos com falas e com silêncios essenciais para o entendimento do que se quer fazer entender. Sequências intencionais, sempre. Nessa arte tão potente, o que não há são momentos vagos.

⁷ Segundo Lopes (2016), no século XX, Ricciotto Canudo, que era um intelectual italiano radicado na França, escreveu o Manifesto das Sete Artes. Nesse documento, Canudo define o cinema como a sétima arte por ser a arte plástica em movimento, aquela que consegue congrega todas as outras em uma só.

Os silêncios e as imagens que parecem desnecessários servem para produzir sensações em nós.

A Imagem-Movimento vem para nos explicar sobre o mover-se. Essa é a leitura de Deleuze sobre o que diz Bérghson. A ideia do movimento aparece aqui com um entendimento muito mais amplo, detalhista e absolutamente menos simplista que aquilo que a maioria das pessoas entende por mover-se.

Então, a partir de Bérghson, Deleuze (1983, p. 7) diz que a imagem e sua mobilidade vêm do instante presente. Por isso, na verdade, aquilo que o cinema nos oferece é “(...) então um movimento falso, ele é o exemplo típico do movimento falso” e é. É porque reproduzir o momento e o movimento presente é algo impossível.

O cinema faz, então, o que ele chama de uma reprodução de imagens mais ou menos abstratas que representam o tempo presente, mas que, sendo o tempo presente um instante difícil de capturar, este é representado por imagens outras e movimentos outros. Semelhantes ao tempo e ao momento representados, mas nunca iguais.

Para que possamos entender o pensamento bergsoniano, precisamos pensar um pouco sobre suas três teses sobre o movimento. A primeira delas diz, segundo Deleuze (1983, p. 6), que “o movimento não se confunde com o espaço percorrido. O espaço percorrido é passado, o movimento é presente, é o ato de percorrer”. Isso se explica quando falamos das imagens cinematográficas. Não há imagens espontâneas, então, não há como pensar em um movimento que seja feito em tempo real. A temporalidade dos acontecimentos nos filmes se dá pelo tempo da reconstituição de momentos e cenas que se reportam a uma realidade que pode ser de um passado recente ou de um passado mais distante.

(...) não se pode reconstituir o movimento através de posições no espaço ou de instantes no tempo, isto é, através de "cortes" imóveis... Essa reconstituição só pode ser feita acrescentando-se às posições ou aos instantes a ideia abstrata de uma sucessão, de um tempo mecânico, homogêneo, universal e decalcado do espaço, o mesmo para todos os movimentos (DELEUZE, 1983, p. 6).

Os tempos e espaços são feitos em uma intenção séria e provocativa de instigar nos espectadores sensações que seriam despertadas caso estivessem vivendo aquele momento na vida real. As sensações e temporalidades fílmicas vêm para fazer sentir, ouvir e tocar épocas e situações que não vivemos, mas que são representadas em imagens tão reais que despertam reações sensoriais muito interessantes, como a sensação de ter vivido algo que não vivemos e que nem bem vimos pessoalmente.

A sensação de se estar em um lugar em que não havia se estado antes. Viver em um tempo em que não se viveu. Isso, por exemplo, é o que aconteceu nas conversas após o filme *Guerra dos Botões* (2012). O filme conta a história de crianças, em sua maior parte, de meninos que viveram a infância francesa da década de 60. Uma infância desconhecida pela maioria dos participantes; mesmo assim, após assistir ao filme, o professor Goivo disse que foi levado a lugares da infância daquelas crianças do filme e, ainda, que foi reportado a lembranças de sua própria infância que haviam ficado adormecidas por muito tempo:

O filme é colocado dentro de uma poética tremenda que faz com que, o tempo todo, eu pense no eu, ainda criança, e que posso colecionar trezentos mil botões que eu quiser e continuo ainda também tendo todas as minhas responsabilidades de adulto, de professor, de artista... A gente tem que viver, viver e viver sempre! Quando for viver sempre, ter a grandeza e a consciência de que a vida não existe com separações, mas com vontades de possíveis conexões.

Figura 1 - Cena do filme Guerra dos Botões



Fonte: <http://cinema10.com.br/filme/a-guerra-dos-botoes>

O poder dos filmes e daquilo que é possível chamar de experiência fílmica vem da maneira como fazem sentir o que nunca se sentiu. Fazem ouvir o que nunca se ouviu. Fazem ver aquilo que nunca se viu. E o mais importante, fazem pensar como não havia se pensado antes.

Figura 2 - Cena do filme Guerra dos Botões



Fonte: <http://cinema10.com.br/filme/a-guerra-dos-botoes>

A Imagem-Movimento nos faz pensar na importância dos momentos fílmicos e inaugura aqui as questões que iremos abordar utilizando Bérghson e Deleuze. Não bastasse a complexidade de entender o movimento na primeira tese, sigamos para a segunda.

Sobre a segunda tese de Bérghson, temos Deleuze (1983, p. 9) afirmando que “o erro consiste sempre em reconstituir o movimento através de instantes ou posições”. Ele explica que há a maneira antiga e moderna de reconstituir esse movimento. Na forma mais antiga, Deleuze (1983, p. 9) diz que “(...) o movimento remete a elementos inteligíveis, formas ou ideias que são elas próprias, eternas e imóveis”; na maneira mais moderna, “(...) a revolução científica moderna consistiu em referir o movimento não mais a instantes privilegiados, mas ao instante qualquer”.

Vimos, no cinema clássico, a valorização das ideias eternas e imóveis; em um segundo momento, se tem a modernidade, que traz a questão mais fugaz. Os tempos ficam mais intensos e selecionados por conta da época em que se vivia. A revolução científica fizera com que instantes quaisquer fossem valorizados, e não mais apenas instantes específicos, ou seja, “mesmo que o movimento fosse recomposto a partir de elementos gerais transcendentais (poses), mas a partir de elementos materiais imanentes (cortes)” (DELEUZE, 1983, p. 9). E assim, a arte passa a imitar a vida com menos transcendência e mais imanência.

Finalmente, em sua terceira tese, temos uma ideia da imagem com uma perspectiva um pouco diferente das citadas anteriormente: é quando somos apresentados à ideia do todo

para o cinema. A terceira fase fala que o corte no tempo altera o todo, que tem uma ordem que o faz ser o que é. Ainda, se o instante é tirado daquela ordem, muda o todo, e mesmo o instante pode ser percebido de outra forma, já que está sem seu todo. Qualquer alteração nessa ordem poderá modificar também os sentidos.

O cinema faz o pensamento pensar, mas ele não parte do acaso. Sempre há uma intencionalidade. O acaso não existe para essa arte. Cada imagem que conta a história em um filme é intencional, e as imagens que não aparecem também o são. Os silêncios, para o cinema, são falas. As músicas são expressões. Cada imagem faz parte de algo que se quer constituir na mente de quem assiste.

Há que se considerarem as intenções dos cineastas, mas não há como prever como a mensagem será recebida. Conforme um ditado popular: *Há que se saber o se fala, mas não há como prever o que o outro escuta*. Contudo, a força do cinema está, justamente, nas sensações, pensamentos e imagens que ele produz em nós.

2.2 O cinema, passado e presente: *Imagem-Tempo*

O fundamento do tempo é a memória.
Gilles Deleuze

O cinema, conhecido por ser a sétima arte, veio para ensinar. Ensinar-nos a sermos mais atentos, desenvolvendo todos os nossos sentidos e fazendo-nos perceber aquilo que é imperceptível a olhos nus, mas que pode ser sentido quando usamos nossos outros sentidos. Que sejamos e façamos. Que leiamos aquilo que está além da tela. Que possamos ouvir aqueles discursos que estão à vista, mas que ninguém vê. Que estão nas telas, mas que ninguém olha. Informações, discursos e dizeres. Pudera também não despertar paixão uma arte tão encantada. Que desperta a vida, que acorda os sentidos, que nos faz perceber. Os cineastas são poetas, são autores, leitores e músicos que contam a história também com aquilo que Deleuze classificará de Imagem-Tempo.

A Imagem-Tempo apresenta-se nas teses bergsonianas da seguinte forma: “o passado coexiste com o presente que ele foi; o passado se conserva em si, como o passado em geral (não cronológico); o tempo se desdobra a cada instante em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva” (DELEUZE, 2007, p. 102).

As relações de tempo apresentadas pelo cinema e pelas teses de Bérghson são de fato muito interessantes. O tempo passa a ser visto como algo que acontece enquanto estamos fazendo com que outras coisas aconteçam. Nesse sentido, o tempo cantado pelo poeta Cazuzza sai dos eixos, e “*O tempo [que] não para*” passa a ser movimentado por blocos de movimentos lentos e intensos, que se tornam um tempo duração. Assim, um filme pode narrar uma experiência de um dia em 90 minutos, como pode traduzir a experiência de uma vida inteira no mesmo tempo de duração do filme.

Mas de que tempo estamos falando? Estamos falando do tempo do cinema. De um tempo que pode ser passado, presente *que passa* ou futuro, no mesmo bloco de duração de um filme.

Os desdobramentos do tempo discutidos por Deleuze sobre Bérghson vão muito além da discussão do tempo como um relógio, como cronologia dos tempos. Além de tudo isso, estamos falando do tempo que acontece. Por isso, o passado é o que *passa* para Deleuze. Porque o que agora é presente, agora já se tornou passado. E o passado já virou experiência, já virou memória que se conserva em alguma parte de nossa mente responsável por guardar o que já foi, o que já se entendeu, o que já se viveu, o que já se olhou, o que já se experienciou.

O presente nunca é só o presente porque ele passa em questão de instantes. Essa marcação do tempo leva-nos a pensar sobre um tempo que é diferente dos tempos que estamos habituados a ver e entender. É um tempo latente.

O relógio já não importa quando estamos falando de temporalidade. O horário é uma coisa, mas o tempo... Ah, o tempo, esse quer dizer muito mais. Tem relação com intensidade, veracidade, experiência, vivência, desejo, olhar, sentir, perceber. O tempo, muito mais que o relógio, comanda o que se sente.

Mas e esse tempo que rege as crianças... Rege os adultos também? O professor Cravo, após o filme *Filhos do Paraíso* (1999), contribuiu com a conversa fazendo a seguinte observação: “*As crianças almejam, por exemplo, ir à escola, ela quer ir brincar, ela quer ter o momento lúdico dado na educação infantil. É necessário repensar nisso, saber que a criança está ali, mais do que por obrigação, é querendo carinho*”.

A discussão surge depois que se percebe que, muito mais do que apenas conteúdos, as crianças desse filme tinham necessidade de atenção. A situação financeira da família tornava o ir à escola um desafio diário. Desse modo, o entendimento desse *praticantepensante* foi de

que, muito mais do que conteúdos, esses alunos precisavam ter suas singularidades e seu tempo compreendidos por todos aqueles que participavam de sua vida escolar/cotidiana.

Mas que tempo é esse em que vivem as crianças?

2.2.1 Cronos e Áion

Falar dos tempos Cronos e Áion é falar de passado, presente e futuro em dimensões distintas. Os tempos nesses dois casos são definidos por Deleuze de maneiras diferentes, porém não distantes. Para Chronos, por exemplo, o tempo que perpetua é o tempo presente. Passado e futuro têm interferência, mas suas marcações são determinadas pelo seu presente. Nesse tempo:

O presente em Cronos é de alguma maneira corporal. O presente é o tempo das misturas e das incorporações, é o processo da própria incorporação. Temperar, temporalizar-se é misturar. O tempo mede a ação dos corpos e das causas. O futuro e o passado são antes, o que resta de paixão em um corpo (DELEUZE, 1974, p. 167).

Por isso, Deleuze explicará sobre Aíon e Cronos, tempos de experiência diferentes. Enquanto um fala sobre a vida das crianças, o outro fala sobre o tempo do adulto. Do adulto que não tem tempo para nada, mas que tem horários para tudo. Essas temporalidades aqui servirão para nos ajudar a entender não apenas o tempo das pessoas, mas algo crucial neste texto, que é o tempo do cinema. Por isso, falamos de temporalidade, e não só de minutos. A temporalidade das coisas diz muito mais do que o tempo.

O filme *A vida é bela* (1999) mostra-nos um exemplo claro dos tempos do adulto e da criança e de momentos em que esses tempos se mesclam, se encontram e se afetam em um longo e constante exercício de respeitar o *outro* e o tempo do *outro*.

Figura 3 - Cena do filme A vida é bela

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=AaNS_-z-ELU

É importante que aqui falemos sobre esses dois tempos, já que eles farão parte dos nossos pensares nas discussões a partir dos filmes. Como, por exemplo, são entendidos os tempos da criança no universo do adulto? Será que entender o tempo da criança não é interessante para o mundo do adulto? Por que nosso tempo (adultocêntrico) é o tempo que precisa ser dominante? Por que, quando adultecemos, adormecemos as crianças que fomos? Por que o tempo da disciplina é o tempo que nos controla?

Segundo Guéron (2012, p. 184), no tempo de Cronos, “não há passado e futuro, só presente”, isso porque o que contamos é o agora. O que era futuro há pouco já é passado no agora. Cronos é, assim, essa passagem de tempo que quase não é pensada por nós, mas que controla nossas atitudes.

Tantas questões, tantos pensares. Isso para que se possa entender que, em algum momento da vida, vamo-nos achando em um tempo cronometrado e vamo-nos perdendo do tempo das borboletas (BARROS, 2012)

E aí perdemos. Perdemos-nos. E então a criança começa a ser cobrada a encaixar-se em um tempo que não legitima muitas das ações que sua liberdade e que sua imaginação permitem. Encaixar mesmo, como os brinquedos infantis de pecinhas. Ou a criança apara suas arestas e ajeita-se no lugar certo, ou deixa de pertencer àquele grupo.

E qual é o tempo das borboletas? É o mesmo tempo das crianças. E qual é o tempo das crianças? É o mesmo tempo que o das borboletas? E ficaríamos, assim, em uma questão sem fim.

Mas Deleuze nos diz em sua obra sobre o *Áion*, que é o tempo da criança. Um tempo ainda não capturado, ainda não permeado por conceitos e preconceitos. Um tempo que não pertence a ninguém, senão a ela mesma: a criança.

O tempo de *Áion*, diferentemente do tempo de Cronos, vem para deixar as arestas sem aparamento porque o charme das coisas vem justamente daquilo que não se aparou. Das pontinhas que sobram, que nos tornam diferentes.

Segundo Deleuze sobre *Áion*:

Somente o passado e o presente subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente e que subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo (DELEUZE, 1974, p. 169).

Em uma das definições mais interessantes, o tempo de *Áion* é tido como uma fissura, uma quase interrupção em um tempo mais fixo. Guéron (2011, p. 186) vai dizer que “*Áion* interrompe parcialmente, e fende, a dinâmica dos dois devires de Cronos (...)”.

Na cinematografia, esses dois tempos que se fundem e ao mesmo tempo se separam são importantes para que se possa entender o tempo daquilo que acontece nos filmes. O tempo dos pensamentos e das sensações. Para que se possam entender as intencionalidades de quem produziu o filme, é necessário entender de onde partem todos os itens que compõem essa grande indústria de pensares que é o cinema.

2.3 Assistindo a *filmes*. Percebendo o mundo

Em seus discursos sobre a sociedade, Foucault sempre disse que nada está subentendido. Sempre, em suas mensagens fortes, deixa bem explícito que estamos imersos em relações de saber e poder que nos tornam os sujeitos que somos e que nada disso está escondido. A única coisa que ele parece objetivar com seus escritos é: percebam! Percebam o mundo à sua volta. Quanta coisa está acontecendo. O que fizemos com o que a história fez de nós? O que faremos com a história de que estamos fazendo parte neste momento? Somos frutos de quê? Pensamos assim por quê? Discordamos de algo por quê? De onde vem meus

achares, pensares e querereres? É como um alerta: percebam! Perceba onde você está, o que você é, o que o faz ser desta ou daquela maneira.

Não é por acaso que Deleuze (1974, p. 122) diz que:

O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico. Ele é força, e relação de forças, não de formas. E a concepção das relações de força em Foucault, prolongando Nietzsche, é um dos pontos mais importantes de seu pensamento. É uma outra dimensão que não a do saber, ainda que o poder e o saber constituam mistos concretamente inseparáveis. Mas toda a questão é: porque Foucault terá necessidade de outra dimensão, por que será que ele vi descobrir a subjetivação como distinta tanto do saber quanto do poder? Então se diz: Foucault retorna ao sujeito, redescobre a noção de sujeito, que ele sempre havia negado Não é nada disso. Seu pensamento de fato atravessou uma crise, sim, em todos os sentidos, mas foi uma crise criativa e não um arrependimento. A partir da vontade de saber Foucault tem cada vez mais o sentimento de estar se fechando nas relações de poder.

Poder. *Poder*, se não é das palavras mais ditas por Foucault, é ao menos uma delas. Pensar o poder e na sua importância na construção social é algo impressionante. O poder, para Foucault, é sempre uma estratégia. As estratégias de fazer e de saber que dirigem essa maquinaria à qual pertencemos chamada sociedade. Nesse sentido, o poder é entendido com como uma estratégia de organização social, que não teve um começo, nem tem previsão de fim. É algo em que estamos mergulhados, imersos todo o tempo.

Nessa perspectiva, entender o poder como algo nem sempre negativo é importante. Foucault quebra com a ideia de poder sempre repressor e fala de um poder que é exercido e que exercemos também nos outros em nossas relações sociais:

Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Ora, mas para que falar de poder se este texto é sobre o cinema? Porque, como dito na citação acima, o poder não é apenas uma força que diz não, mas é também uma força produtora de coisas, inclusive de discursos. Esses discursos e essas descobertas sobre o tamanho da influência que o poder exercido tem sobre nossas vidas fazem-nos desestruturar, quebrar com pensamentos e, como disse Leibniz (Leibniz *apud* Deleuze, 1986, p. 118), “de novo lançar-se ao alto mar” quando já se pensava estar no porto.

O poder, aqui, torna-se importante para o cinema dentro do pensamento da arqueologia. A arqueologia, para Foucault, não necessariamente tem a ver com o passado. Como disse Deleuze sobre o termo foucaultiano: há uma arqueologia do presente.

Mas o que é a arqueologia? Como esse pensamento pode influenciar até o cinema? Partindo da frase de Deleuze (1986, p. 119) que diz que é preciso “(...) pegar as coisas para extrair delas a visibilidade”, vamos perceber que entender a história, fazendo esse estudo arqueológico, é de suma importância. Não há como, nessa perspectiva, entender o agora sem olhar passado e futuro, sem observar as palavras e as coisas, de modo que a visibilidade que a arqueologia traz é a visibilidade não simplista, mas é “(...) visibilidade de uma época, é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato com a luz das coisas” (DELEUZE, 1986, p. 23).

Além de apenas ver, visibilidade é entender as palavras e as coisas, já que a história, segundo Foucault (1999, p. 13), “nos cerca e não nos delimita”. Entender a história, portanto, não é prender-se a ela. Pelo contrário. Entender a história faz-se necessário até para ser *livre*.

No entanto, o fato de entender o cenário em que vivemos não necessariamente nos obriga a ficar nele. Ao contrário, para Foucault, o que importa é a atualidade, é o hoje, o agora. Mas que não nos esqueçamos de que, para haver o agora, houve outros momentos, espaços e tempos que fizeram com que o agora fosse desta e não daquela maneira.

Nesse sentido, “(...) é a atualidade que interessava Foucault, o mesmo que Nietzsche chamava de o manual ou o intempestivo, isto é *in actu*, a filosofia como ato do pensamento (...)” (DELEUZE, 1986, p. 119). Levando isso para o cinema, temos vários atos de pensamento representados, várias arqueologias e várias possibilidades.

É preciso ver os filmes, o cinema, como modos de fazer e pensar. Pensar sobre, pensar com e pensar acerca, mesmo entendendo que pensar é, segundo Foucault (1986), um *ato perigoso*. E é. Perigosíssimo. Talvez o mais revolucionário de todos os verbos e atos seja pensar. É possível que falar isso cause um estranhamento natural, mas entendo que nada há de tão revolucionário quanto pensar... Algo que percebemos como tão cotidiano, tão automático, tão natural, mas que, se pararmos para pensar nas relações de saber e poder que o permeiam, chegaremos à conclusão de que não era tão cotidiano, automático e natural assim. Tudo isso é o que as luminosidades nos fizeram crer. Decompor essas luminosidades e enxergar claros e escuros que nos constituem leva-nos a perceber as relações de saber e poder que nos capturam. Capturam-nos em tudo, inclusive nos filmes.

Desse modo, entender o poder, a visibilidade, a arqueologia, é necessário para que o cinema, os filmes sejam entendidos como um instrumento de comunicação, de revolução, instrumentos para falar sobre as palavras e as coisas e, a partir disso, tentar entender o mundo. Por isso, Foucault (1986, p. 119) diz que: “pensar é, primeiramente ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as visibilidades, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve a enunciados”.

2.4 O poder dos encontros com o cinema

A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais.

Gilles Deleuze

E que poder haveria de ter um meio de comunicação tão comumente utilizado? Ah, o cinema! Como tem poder e como pode dizer coisas que não ousamos dizer a não ser pela linguagem cinematográfica. Como carrega gritos, até mesmo em seus mais longos silêncios. E como pensar que assistir a um filme não seja um ato perigoso? É, sim, o cinema pode nos fazer *pensar*, verbo que, como foi dito anteriormente, segundo Foucault (1986), carrega um dos nossos mais perigosos atos. Ah, os filmes! Como dizem, como falam, como nos chamam para lugares antes talvez escondidos.

Fazendo uma breve e talvez ousada comparação, coloco-me aqui disposta a equiparar o cinema com minhas leituras sobre Foucault. Ambos falam, em seus silêncios e em seus risos. Não pretendem a transformação, mas buscam uma não-omissão das informações. Ambos chamam atenção para aquilo que a maioria pretende silenciar. Como bem disse Deleuze (1986, p. 137): "mesmo o riso de Foucault era um enunciado"; assim como nos filmes, os risos e os silêncios são sempre enunciados.

Encontrar-se com o poder do cinema há que ser um ato de rebeldia. Encontrar-se com seus discursos há que ser um ato de revolução, mas afetar-se pelos discursos e pelo poder do cinema é mesmo um ato de coragem.

Deixar-se. Eis aqui um termo interessante. Permitir-se. Eis aqui um segundo termo interessante. Afetar-se. Eis aqui a palavra de Deleuze que irá nos permitir entender que, muito mais do que ouvintes, estamos imersos em uma história e não podemos deixar que ela passe por nós sem que ao menos tenhamos coragem de passar por ela.

A narrativa da professora Jasmin, dando continuidade à conversa, possibilita-nos movimentar essa ideia de afetar-se, de permitir-se, de que Deleuze nos fala.

Vou falar um pouquinho. Então, quando o Cravo falou o seguinte, que ficou assustado com os palavrões. Eu vou relatar um pouco do que eu vivi.... Os afetos e perceptos ditos por Deleuze vêm nos falar de linhas que cruzam nossas vidas no incessante movimento de mutabilidade em que vivemos. A professora Jasmin foi afetada pela linha do filme *Pixote*, e sua narrativa no momento da conversa no cineclube afetou outros *praticantespensantes* da educação e quiçá possa afetar os leitores desta dissertação. Os afetos são intensidades que, em sua forma mais poética, são utilizados para designar aquilo que pode nos invadir, nos persuadir, nos mover. De um lado para o outro, de um pensamento para o outro. De um lugar para o outro. De um modo de ver a vida para outro. Em entrevista no ano de 1983, Deleuze fala sobre essas duas palavras de uma maneira muito pertinente:

Os perceptos fazem parte do mundo da arte. O que são os perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções. O que é que busca um homem de Letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente (...) Há um grande complexo de sensações, pois há sensações visuais, auditivas e quase gustativas (DELEUZE, 1986, p. 117).

Nesse sentido, entender os perceptos vai além de entender as percepções. É necessário que se perceba que eles vêm de algo que fala à alma, que vibra, que, muito mais do que apenas perceber, sente. A professora Jasmin ultrapassou percepções e sentimentos com sua narrativa e compôs perceptos, repletos de sensações e percepções que transbordaram no momento em que assistiu ao filme.

(...) Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afetos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). (...) O afeto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa. (...): o ritornelo implica as três potências (DELEUZE, p. 171, 2004).

2.4.1 Os processos de *subjetivação* engendrados no cinema

Pensar é poder.

Michel Foucault

Os processos de subjetivação de que fala Foucault (1976) são necessários para entendermos algumas questões pertinentes a este estudo. Primeiro, que possamos entender o que é e de onde partem os processos de subjetivação.

Segundo Foucault, os processos de subjetivação são parte de um engendrado de pensamentos, formas de pensar, saber e fazer que nos fazem pensar desta ou daquela maneira. Os processos de subjetivação tornam-se, portanto, responsáveis por uma série de atitudes de reprodução automática. Porém, muito mais do que a simples possibilidade de subjetivar sujeitos, esse processo carrega outros “poréns” e outras possibilidades que a filosofia foucaultiana procura problematizar. Além de apenas produção de sujeitos *assujeitados* a essa grande malha em que todos estamos imersos, há nessa filosofia a possibilidade de tornar-se um ser independente, de pensar-se por si mesmo.

Em todo esse processo, há questões muito pertinentes, tais como o fato de que os processos de subjetivação podem ser considerados éticos ou estéticos. Segundo o pensamento deleuziano, o modo de subjetivação estético foi inventado pelos gregos quando começaram a afirmar que, apesar de todos os processos externos feitos para interpelar os sujeitos, o próprio sujeito tem a opção de resolver como aquilo será entendido dentro de si e o que ele próprio fará com aquela situação. Esse modo estético então permite outros modos de vivência que não apenas o instituído, pois, para Deleuze (2004, p. 141), “teremos então os meios de viver o que de outra maneira seria invivível”.

São partes de uma mesma questão. Um processo que pode ser entendido e sentido de maneiras diferentes. Então, para que possamos entender essas questões, falaremos da dobra, dessa linha que há dentro de nós. De acordo com Deleuze (2004, p. 140), essa “dobradura da linha é justamente o que Foucault chama de *processos de subjetivação*, quando se põe a estudá-la por si mesmo”. Isso acontece porque é essa linha que explica sobre a dobra que temos dentro de nós, da qual Leibniz falava. Não por acaso, a dobra ou a linha é algo interno que reage ou que se assujeita aos processos externos, tornando-se parte da malha ou, em outros momentos, permitindo que se pense por si mesmo, apesar das influências externas.

É sabido que a ideia foucaultiana carrega consigo a ideia da linha. Essa linha, se permanentemente reta, voltar-se-ia para si mesma, tornando a vida *invivível*, segundo Deleuze (como dito anteriormente); porém, se acaso fizer alguma curva, ela pode impedir que o sujeito chegue à morte ou à loucura. Essa curva é a representação mais pura da arte.

As linhas de fuga permitem-nos sair dos trilhos para respirar um pouco fora da disciplina à qual somos expostos durante toda a nossa vida.

Barros (2004, p. 8) diria que "a reta é uma curva que não sonha", e isso faz muito sentido. Querer, saber e sonhar somente são permitidos quando se permite a curva, a dobra da linha que há dentro de nós. As subjetividades são possíveis não somente mediante a constituição dos sujeitos baseando-se naquilo que é imposto. Mesmo que haja modos de pensar e agir instituídos, precisamos (para suportar essa realidade) nos constituir como obras de arte, como nos sugere Foucault. Precisamos nos afetar pelo outro que está aí e que, muitas vezes, se torna invisibilizado. Precisamos ser outros para constituirmo-nos como obras de arte e afetarmos-nos por Pixotes que convivem conosco cotidianamente.

A dobra da linha que há dentro de nós sugere, portanto, que saibamos produzir meios de viver e/ou sobreviver nesta sociedade da disciplina e da ordem.

2.5 Os clichês, onde eles estão?

Não haveria de ser difícil entender essa palavra, que parece ser dita tão cotidianamente e com tanta facilidade, mas talvez seja. E se for necessário problematizá-la, colocar mesmo em questão o que são e onde estão os clichês? Essas são questões que permeiam este trabalho como forma de fazer pensar.

Apesar de ser uma palavra tão cotidianamente utilizada, compreender os clichês a partir do pensamento pós-estruturalista abre possibilidades de conversa que nos levam a entender que temos nossa subjetividade constituída por clichês que nos confortam. Embora já tenhamos abordado o tema anteriormente, vamos agora especificar alguns conceitos para que, enfim, possamos fazer as conversas com os *praticantespensantes* desta pesquisa.

Nesse sentido, quem vai nos ajudar, além de Deleuze e Foucault, é Guéron, que problematiza questões colocadas anteriormente por esses dois filósofos. Conversar sobre os clichês é necessário aqui neste contexto, já que eles tornarão possível nosso lugar de partida. No livro *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento* (2011), temos conversas e pensares que caminharão junto deste trabalho.

Somos levados a pensar sobre o que é o clichê. E o que é, afinal? Ficar preso a um conceito reduziria muito as possibilidades, mas em dado momento há uma frase de Deleuze

(2011, p. 14) que pode explicar esse conceito de maneira sucinta para que possamos começar a entendê-lo. Ele diz que "o clichê é uma imagem sensório-motora da coisa". Uma imagem construída sobre algo ou sobre alguém. Uma imagem tão instituída que, quando somos questionados sobre isto ou aquilo, logo nos remetemos a essa imagem do pensamento que nos faz construir um ponto de referência sobre tudo e todos. Então, quando nossa mente é acionada sobre este ou aquele assunto, de alguma forma, nosso cérebro busca uma imagem sobre o que foi citado e assim fecha possibilidades para que outros *encontros* aconteçam.

Eis por que o clichê deve ser questionado. Porque ele fecha, ele conceitua, ele limita, ele não permite. E, ao deixar de permitir, faz com que sejamos amarrados a um conceito. Por isso, Guéron (2011, p. 12) vai falar do clichê como "uma espécie de agente esvaziador da potência do pensamento".

O fato de limitar remete-nos à ideia de despotencializar aquilo que poderia ter outras possibilidades. Aquilo que poderia ir para outros lugares. Para outros (des)caminhos. Para outros lugares (des)conhecidos.

E qual relação se pode fazer disso com o cinema? Por que o cinema se torna um grande produtor e reproduzidor de clichês?

De fato, o cinema não só se apresentará como um extraordinário dispositivo produtor de clichês, porque é antes um dispositivo produtor de imagens, mas também, e justamente por isso, será um extraordinário mecanismo capaz de detectar, desconstruir e superar os clichês como um estágio de impotência da imagem e, conseqüentemente, de impotência da imagem e, conseqüentemente, de impotência do pensamento (GUÉRON, 2011, p. 12).

O cinema torna-se um grande produtor e reproduzidor de clichês porque ele é um meio de comunicação que trabalha com as mais variadas formas de produção de sentidos. Além de ser apenas um meio de comunicação, o cinema é uma das artes mais completas. Ele desenvolve a imagem, o som, a leitura, os silêncios e as falas. Toma, assim, uma proporção maior e ganha mais e mais força quando o assunto é a persuasão das pessoas.

Essa sétima arte é, além de responsável por acionar nossas reações e sensações de várias formas, uma grande produtora e reproduzidora de discursos. Quando se fala em discursos, pensa-se logo apenas naquilo que é dito e que é escrito. Os discursos de que falamos aqui, além desses que são ditos e daquilo que é escrito, são também os discursos não ditos. As representações, imagens, palavras e, finalmente, os clichês utilizados fortalecem alguns discursos e enfraquecem outros.

Nesse ir e vir, nesse assistir sem perceber, nesse ouvir sem prestar bem atenção, informações nos são passadas sem que ao menos possamos nos ater à série de questões que construímos/são construídas dentro de nós.

O acaso no cinema talvez não exista. Como dito anteriormente, até mesmo os silêncios colocados pretendem provocar algumas coisa em nós.

Pensar que nossas emoções são previstas pelos cineastas torna-se algo, no mínimo, atormentador. Que assustador pensar que eles sabem o que querem produzir em nós e, pior, que conseguem! Se quiserem emocionar, têm seus artifícios. Se quiserem causar medo, músicas podem ajudar. Se quiserem causar nojo, imagens podem acionar em nosso cérebro a parte responsável por identificar o nojo, e tornamo-nos seres humanos previsíveis.

A palavra é *problematizar*, fazer pensar e colocar a pensar. O mundo está cheio dos clichês fortalecidos pelo cinema moderno, que veio nos mostrar que o mundo é inteiramente permeado por imagens e sons.

A questão é que o clichê *facilita*. Descansa o pensamento. Porque pensar cansa. A ideia é que possamos, justamente, não pensar. Apenas que absorvamos aquilo que querem que absorvamos. E que sintamos aquilo que querem que sintamos.

Muito mais do que apenas um conceito, muito mais, o clichê vem nos mostrar uma construção social. O cinema, além de criar conceitos, também reproduz aqueles que estão imersos nas redes discursivas e não-discursivas em nossa sociedade. A sociedade é cheia de clichês. Todo o tempo e o tempo todo.

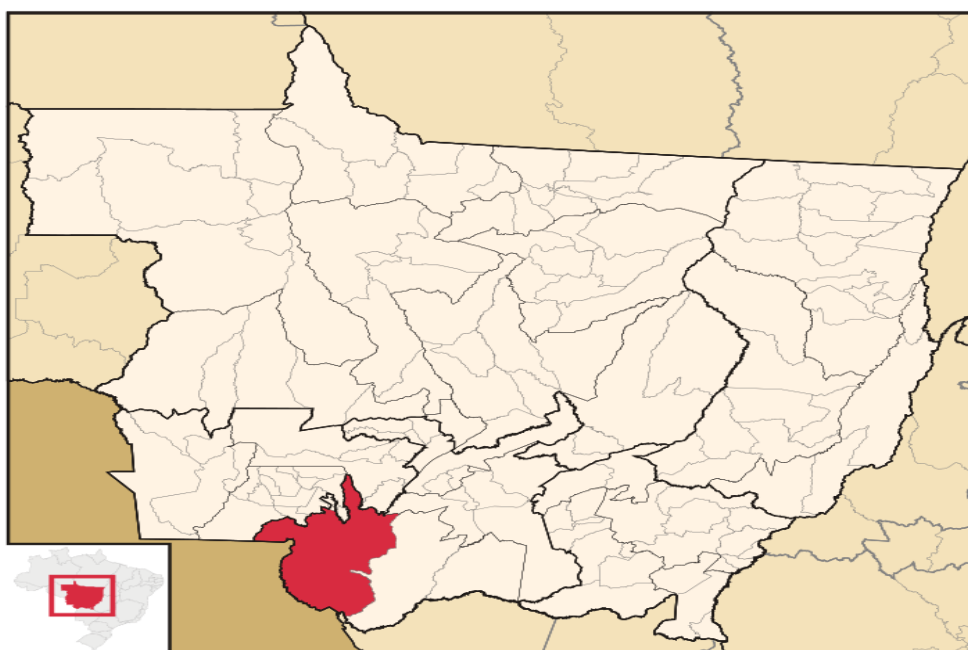
Temos em nós reproduções de discursos, imagens, sons, conceitos e preconceitos que nem bem sabemos de onde reproduzimos, mas reproduzimos. Por que quebrar com eles, forçar o pensamento? Quebrar com os clichês é também um trabalho constante de mudar a forma de pensar sobre algo. É uma questão de colocar-se de novo, e de novo, e de novo em lugares antes não visitados.

Há que se perceber em nosso meio social a quantidade de clichês que são instituídos, principalmente na educação e na maneira hegemônica de conceber a infância. Os modelos de professor/professora perfeitos que irão obter sucesso em sua vida profissional são claramente vistos no cinema e na sociedade. Os modelos instituídos de alunos/alunos idealizados são também bem representados em qualquer escola aonde se vá.

2.6 Sobre as conversas que irão traçar nossos (*des*)caminhos

Para pensar sobre as representações, os clichês, os processos de subjetivação, as relações de poder e tantos outros conceitos que movimentam esta pesquisa, juntamente com quem fica no chão da escola, optou-se por traçar o caminho teórico metodológico a partir de conversas. Essa opção se deu por acreditar que essa metodologia mais permite do que impede. Dá asas, mais que as corta. Trata-se de um caminho que, o nome já diz, permite dizer. Que digam todos e todas aquilo que pensam, pois estamos em meio a uma conversa. As conversas, segundo Alves (2012), para muitos são entendidas como “perda de tempo”; para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, são o *locus* de pesquisa. De acordo com a autora, nelas surgem as imagens e narrativas que vão se transformar em nossos personagens conceituais. O valor de uma conversa, para Larrosa, não está no fato de que, ao final, se chegue ou não a um acordo. A conversa é permeada por diferenças. A arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças, mantendo-as, e não as dissolvendo - e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... (LARROSA, 2003). Que outras tantas relações são possíveis por meio do simples fato de se conversar? Conversar envolve pessoas, requer agenciamentos, aguça a escuta, envolve argumentos, desperta emoções. Conversar provoca memórias, suscita experiências e constitui outros! As conversas! Tenho muito orgulho de dizer que este é um trabalho que se interessa pelas pessoas, pelo que elas têm a dizer ou mesmo por seus silêncios.

Figura 4 - Mapa de Mato Grosso



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

No calor da cidade de Cáceres, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), nasceu o Ateliê de Imagem e Educação (AIE), que acolheu o projeto de pesquisa “Imagens e Sons como intercessores para pensar infâncias e diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”, o qual inspirou esta dissertação de Mestrado. A partir desse projeto, a formação continuada de professores mediante o cineclube iniciou. A primeira etapa da pesquisa trabalhou, como já dissemos, com filmes que abordaram o tema infância em diferentes contextos socioculturais. Os encontros aconteceram entre os meses de fevereiro e junho de 2016.

Os *espaçotempos* para que o cineclube acontecesse fizeram parte de um novo processo. A escolha incluía uma série de exigências. Deveria ter um lugar adequado para acontecer. Seria necessário que todos pudessem sentar-se confortavelmente; deveria ter microfone para que as gravações ficassem boas; deveria ser um lugar fresco; e deveria, entre outras coisas, ser um local adequado para a exibição dos intercessores, que são os filmes. Ufa!

Depois de muitos encontros, reuniões de planejamento e organização no AIE, aconteceu o primeiro cineclube no dia 15/03/2016, no Centro Cultural de Cáceres, a Princesinha do Paraguai. Local centralizado, perto da praça principal da cidade, com direito a pipoca para fazer acordar a meninez que é tanto em nós adormecida.

Figura 5 - Cineclube com exibição do filme Filhos do Paraíso



Fonte: Ateliê de Imagem e Educação

Importante para mim foi perceber que aquilo iria mesmo acontecer e, ainda, que ali estavam sujeitos de lugares, saberes e vivências diferentes, mas que estavam dispostos a contribuir. Quão grata fui naquele momento. Senti a responsabilidade nas mãos. Pensar que eram várias pessoas e que, como diz Clarice Lispector, “cada pessoa é um mundo” me fez considerar a quantidade de experiências, a quantidade de possibilidades que aquelas conversas me proporcionariam.

Os filmes, intercessores de nosso pensamento, foram escolhidos por conta das histórias que contavam e levando em consideração que mostrassem realidades distintas e infâncias diferentes, já que a diferença é o que move este texto e o que deve nos mover, nos modificar.

No total, foram 10 encontros. E foram encontros, no geral, felizes. Digo no geral, pois alguns filmes representam uma realidade que dói. Que dói aos olhos e aos ouvidos, mas de forma geral foram encontros felizes. E foram muitos os encontros. Os participantes do AEI encontraram-se com os filmes em discussões que aconteceram antes que os filmes fossem exibidos aos *praticantespensantes* da pesquisa. Os participantes do AEI encontraram-se com professores e professoras que são os *praticantespensantes* da pesquisa. Os professores e professoras encontraram-se com os filmes que são os intercessores deste texto. Então, encontramos-nos todos em um grande processo de permitir-se ouvir e emitir discursos carregados de experiências distintas.

Discursos emitidos por profissionais que vivem o chão da escola. E por que eles foram escolhidos como nossos *praticantespensantes*? Pode parecer uma pergunta de resposta óbvia, mas há também uma explicação foucaultiana para isso. Isso faz parte daquilo que Foucault (1996, p. 37) vai chamar de processos de “rarefação desta vez dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for de certa maneira qualificado para fazê-lo”.

Desse modo, os discursos foram emitidos por professores e professoras; sendo assim, por pessoas que têm legitimidade e experiência para falar sobre/com a educação e sobre as infâncias que estão sendo constituídas segundo suas vivências. Porque, para dar uma aula, ou para falar sobre algo com propriedade, segundo Deleuze, *é preciso estar impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos*. O filósofo francês nos diz isso na entrevista “O Abecedário de Deleuze”:

É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos. Isso não acontece sozinho. É preciso ensaiar, preparar. É preciso ensaiar na própria cabeça, encontrar o ponto em que... É muito divertido, é preciso encontrar... É como uma porta que não conseguimos atravessar em qualquer posição.

Para contribuir com esta pesquisa, foram necessários sujeitos impregnados de educação para que pudéssemos presenciar discursos que fossem também impregnados de outras possíveis subjetividades.

2.7 As narrativas e a *falaescrita*

História é sempre uma palavra forte. Não importa se é a história de uma cidade, de uma família ou de uma pessoa. A palavra *história* é uma das palavras mais carregadas que existem, porque ela nunca é sozinha. História vem da continuidade, vem de um antes, de um durante e de um depois. Vem da história de várias pessoas que se entrelaçam na história na cidade e que se representam muitas vezes em imagens e sons representados no cinema. Como diria Foucault (2007, p. 52), "a história contínua é o correlato indispensável da função fundadora do sujeito (...)".

É certo que temos várias questões acerca das histórias. Sejam elas quais forem, trazem consigo a visão de quem contou, os detalhes que a pessoa quis informar e aquilo que ela entende do fato a partir do que a constitui. Há também a questão daquilo que quer que o outro entenda e saiba sobre determinado assunto. Isso controla o que se sabe das histórias e possivelmente controla aquilo que o outro vai entender sobre o que se disse. Foucault (2007, p. 7) vai dizer que, na realidade:

A história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta e distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.

Assim, tendo consciência de que as pessoas são constituídas por histórias que foram selecionadas, organizadas, controladas para serem contadas a elas e por elas reproduzidas, acredito que, contando outras histórias, selecionando outros documentos, recortando outras

realidades, processos outros de subjetivação podem acontecer. A experiência do cineclubes oportunizou outras vivências, outras oportunidades, novas experiências. A partir desses encontros, que outras histórias foram possíveis? Ouvimos, nesta pesquisa, essas outras histórias, que partem sempre da experiência, do olhar, dos recortes de nossos *praticantes-pensantes*. Os filmes, assim, são compreendidos nesta pesquisa como disparadores e como imagens e sons que podem constituir imagem-percepção outra, constituindo, quiçá, outras histórias.

Os filmes aqui escolhidos fazem parte de encontros. De afetos e perceptos que aconteceram no decorrer de todo o processo de confecção do Ateliê de Imagem e Educação. Confecção mesmo, o processo foi sentido. E, nesse sentimento, os filmes foram selecionados atendendo à diferença necessária para que as discussões tivessem os disparadores que realmente fizessem sentido para o objetivo da pesquisa.

Aqui a história que nos interessa é a dos cotidianos. Aquilo que acontece, que parece que não afetou, mas afetou. Que parece que não interpelou, mas interpelou. Foucault (2007, p.22) declara, aliás, que "uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas".

CAPÍTULO III

PENSANDO INFÂNCIAS A PARTIR DOS FILMES: NARRATIVAS DOS *PRATICANTESPENSANTES DA EDUCAÇÃO*

A criança é um constructo cultural, uma imagem gratificante que os adultos necessitam para sustentar suas próprias identidades. A infância constitui a diferença a partir da qual os adultos definem-se a si mesmos. É vista como um tempo da inocência, um tempo que se refere a um mundo de fantasia, no qual as realidades dolorosas e as coerções sociais da cultura adulta não mais existem. A infância tem menos a ver com as experiências vividas pelas crianças (porque também elas estão sujeitas às ameaças de nosso mundo social) do que com as crenças dos adultos.

Spigel

O movimento que nos acompanhou durante todo o texto segue agora. O movimento que esteve nos encontros e conversas a partir dos filmes continua presente neste capítulo. Vamos seguir aqui conversando com os filmes que apresentaram vidas de crianças em *espaçostempos* distintos daqueles a que o conforto de nosso pensamento está habituado. A partir dos filmes, os *praticantespensantes* da educação problematizaram suas concepções de infância, percebendo que suas crenças, muitas vezes, não condizem com as experiências vividas pelas crianças, como nos alerta Spigel (*apud* BUJES, 2001, p. 14) na epígrafe deste capítulo.

As nossas conversas foram movimentadas por falas, silêncios, vivências, experiências, discursos e filmes. Os filmes foram nossos intercessores e mostraram-se essenciais para a pesquisa, no sentido de possibilitar outros olhares. A partir dos estímulos fílmicos, outras realidades foram colocadas em questão, bem como outras formas de pensar educação.

Onze filmes foram escolhidos a partir de um longo e complexo processo de seleção, sendo exibidos em 10 sessões do cineclube (dois filmes de curta metragem sobre a infância indígena foram exibidos no mesmo dia).

Os integrantes do Ateliê de Imagem e Educação da UNEMAT, em reuniões semanais, faziam a escolha dos enredos que seriam exibidos. Do grupo de estudo, fazem parte alguns docentes e discentes da UNEMAT que têm em comum o interesse pelos estudos deleuzianos e por suas discussões sobre filmes.

Os filmes foram escolhidos tendo-se como critério o fato de serem provenientes de diferentes países; por apresentarem diferentes realidades, oportunizaram aos *praticantepensantes* o contato com realidades diversas.

Após todo o processo de escolha dos nossos intercessores, havia o momento da apresentação dos filmes; após esse momento, aconteciam as conversas. Era preciso ouvir a voz dos *praticantepensantes* para que, dessa forma, os discursos dos cotidianos aparecessem e para que esta pesquisa alcançasse seu real objetivo de conversar com “esses *praticantepensantes* e outros *praticantepensantes* com os quais tecem conhecimentos e significações nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam” (ALVES, 2008, p. 48).

Entre conversas e observações, uma fala chama a atenção. A professora Margarida, no momento da discussão, faz o seguinte questionamento: “*Será que nós, professores, a partir de hoje, saindo daqui e assistindo a esse filme, vamos refletir e pensar num amanhã melhor*”? Vi-me, então, pensando em que amanhã seria esse. A ideia platônica de um amanhã melhor enquanto o mundo acontece no hoje.

O discurso do amanhã é muito comumente utilizado na educação. Kohan (2004, p. 53), realizando uma analítica da história da constituição da criança, alerta-nos para o fato de que “a educação terá a marca de uma normativa estética, ética e política instaurada pelos legisladores, para o bem dos que atualmente habitam a infância, para assegurar seu futuro, para fazê-los partícipes de um mundo mais belo, melhor”. Assim, pensa-se, projeta-se, planeja-se, para e pelas crianças, um futuro que se diz promissor. As crianças que habitam cotidianos escolares vivem um mundo de promessas e projetos para que, no futuro, tenham uma vida digna e melhor. Já dizia Martinho da Vila: “Mas e a vida? E a vida o que é meu irmão”?

A narrativa da professora aconteceu no momento em que abrimos a conversa, após a primeira sessão de cineclube. O filme escolhido para esse dia foi *Filhos do Paraíso* (1998), dirigido por Majid Majidi. Tendo duas crianças como personagens principais, Ali e Zahra, o

filme conta a vida de uma família de classe baixa no Irã e a maneira como enfrenta sua rotina, seus problemas, dificuldades, angústias e sonhos. Ali leva o sapato da irmã para o concerto e, por uma adversidade, esse sapato some. As dificuldades enfrentadas pela família são compartilhadas intensamente por todos, e essa situação leva Ali e Zahra a estabelecerem um pacto de silêncio e a vivenciarem uma rotina de revezamento do mesmo tênis velho e surrado de Ali para irem, em horários distintos, para a escola. Aliando-se a fala da professora, que inquire sobre a necessidade de se pensar em um amanhã melhor, a intensidade da história de Ali e Zahra narrada no filme e o que fez pensar os *praticantespensantes* da educação que entraram na conversa, lembrando-se de situações semelhantes vivenciadas por seus alunos, podemos pensar que somos ordenados, regulados e controlados para pensar no futuro, no amanhã, no ao alto, no a frente, sem, muitas vezes, nos darmos conta do que acontece à nossa volta. Parece que vivemos e pensamos naquilo que pode ser descrito como um plano de transcendência. O que transcende, o que se sonha e que não se pode alcançar porque foge dessa realidade em que estamos imersos. Esse comportamento de nosso corpo e de nossa alma é resultado de resquícios do pensamento platônico em nós. No plano de transcendência, fica aquilo que seria perfeito, mas que é inatingível.

Figura 6 - Cena do filme Filhos do Paraíso



Fonte: obviousmag.org

Para problematizar o plano de transcendência, que se encontra nesse outro mundo, dito ideal, de Platão, Deleuze apresenta a possibilidade de pensar e constituir nosso próprio plano

de imanência. Um plano dito mais real, que considera os encontros, os acontecimentos, linhas de fuga. Nessa perspectiva, não cabe entender as crianças como sendo esperanças de um amanhã que, um dia, se seguirem os trilhos traçados e concebidos pelos adultos, elas alcançarão. Para Kohan, se "elas são, sobretudo, possibilidade e potencialidade: elas são o que devem ser" (KOHAN, 2004, p. 34). Nesse sentido, questiono: as crianças são?

A ideia de que a criança é o ser do amanhã, da incompletude, da falta, coloca-a em um plano de transcendência e aprisiona sua vida em projetos e promessas. Pensando no plano de imanência concebido por Deleuze, é possível ver as crianças no que elas são, com suas dores, seus impasses, suas aberturas, suas clausuras. Enxergar corridas intensas, cansaço ao chegar à escola, atrasos constantes, suores, aflições, fome, dores (muito bem retratados no filme *Filhos do Paraíso*), pressupõe entrar em um devir-criança. Mas o que é o devir-criança? Para compreendermos o devir-criança, devemos, antes, compreender como Deleuze (1992, p. 209) conceitua o devir. Para ele, "o devir não é história; a história designa somente o conjunto de condições, por mais recentes que sejam, das quais desvia-se a fim de *devir*, isto é, para criar algo novo". Assim, parece-nos que a história não se dá conta do devir, isso que nos constitui outros a cada novo encontro com o mundo, que cria algo de novo em nós, sem projetos e promessas, num vir a ser sem garantias. Mas, em se tratando das conversas entre os *praticantespensantes* do cineclubes, de que crianças estamos falando? Da criança do amanhã, de um amanhã que não seja dolorido? Da educação que soluciona os problemas do mundo? Que solução não há de ser mais fácil do que a de prometer. Ah! Prometer. Podemos prometer o mundo. Sonhar. Podemos sonhar com tudo. Mas em que medida podemos deixar a realidade? É preciso que se pense no agora, no palpável, na realidade que temos, e que se possa permitir que os nossos sentidos vivam e sintam os acontecimentos do agora.

E, por que nós, sujeitos adultos, esperamos que uma criança não queira encontrar-se com o hoje? A criança imagina, pensa, quer e não quer, mas ela não é o amanhã, o futuro. Ela é hoje. Ela é um ser que, desde a mais tenra idade, se coloca no mundo e diante dele para oferecer o que tem de melhor: a si mesma e tudo o que tem para ensinar-nos com suas perguntas. Ela se abre ao mundo e oferece hospitalidade. Seus querer, pensares e ahares têm o poder de renovar o homem usando borboletas, como nos inspira Manoel de Barros, porque a criança já é desde que nasceu. É um ser em devir constante, que se constitui nos encontros com o mundo e que faz deles verdadeiros acontecimentos.

Enquanto o amanhã perfeito é desenhado, as infâncias do hoje estão acontecendo. Aqui em representação fílmica, mas ali, na sua janela, em realidade. E que não se fechem as janelas, e que não se subam os muros, e que não se fechem os vidros dos carros, e que se olhe ao lado, que se olhe em frente e que se olhe o outro.

Os filmes escolhidos não têm a intenção de apresentar uma verdade do que seja a infância. Para isso, optou-se por apresentar a vida de crianças que habitam mundos culturais distintos dos nossos no sentido de oportunizar que se pensem outros modos de conceber a infância, além daquele idealizado pelo pensamento hegemônico. Apresenta-se, por meio dos filmes, outras tantas infâncias e pessoas que vivem diferentemente, que pensam diferentemente e que podem ser concebidas como *outros* de nós. Outros que, nos encontros, podem nos transformar. As infâncias apresentadas nos filmes veiculados no cineclubecausaram fortes encontros e discursos que nos deixaram com nó na garganta. Percebemos que as proposições ali enunciadas estão enraizadas em discursos singulares e de massa. Para Deleuze (1974), as proposições apresentam relações com a designação, com a manifestação e com a significação:

A primeira é chamada designação ou indicação é a relação da proposição a um estado de coisas exteriores (...) a segunda é chamada de manifestação. Trata-se da relação da proposição ao sujeito que fala e que se exprime (...) O nome de significação a uma terceira dimensão da proposição: trata-se esta vez da relação da palavra com conceitos universais ou gerais, e das ligações sintáticas com implicações de conceito (DELEUZE, 1974, p. 154).

As conversas nos cineclubes foram movimentadas por estados de coisas exteriores, por relações intrínsecas entre os sujeitos e suas experiências e por conceitos universais. Assim, as narrativas ali produzidas são carregadas de experiência, de política, de um eu professor/professora, de realidades sociais, históricas, culturais e econômicas diferentes. São narrativas provenientes de *praticantespensantes* de escolas particulares e públicas, de bairros centrais e periféricos, de escolas do campo e da cidade. De pessoas que acabaram de começar sua carreira docente e de profissionais com muitos anos de vivência no chão da escola.

As provocações, os disparadores, os personagens conceituais que oportunizaram que discursos os mais variados possíveis fossem emitidos, possibilitaram-me problematizar como a diferença (e não a diversidade) é pensada nas escolas. Ouvir as conversas entre os professores que os filmes oportunizaram levou-me a perceber representações, significações, territorializações e desterritorializações que acontecem em cotidianos escolares distintos.

Enquanto pesquisadora, não fui à escola para descrever, nesta pesquisa, uma realidade que meus olhos enxergaram. As escolas, por seus professores, vieram para o mesmo *espaçotempo* e trouxeram um pouco do que são. A partir de suas narrativas, motivadas pelos filmes assistidos, percebeu-se como cada um(a) a seu modo saiu outro(a) dali. A troca de experiências, de olhares, de sentidos, de paradoxos, foi acontecimento que levantou ao ar aqueles *praticantespensantes* que ali se encontraram. No que isso vai dar? Não. Impossível responder. Mas ver que cada criança tem um contexto que deve ser respeitado em suas singularidades e em suas possibilidades, que sua vida entra na escola quando ela entra, seus sorrisos e dores no movimento de seu corpo, foi, talvez, o que os filmes tenham levado a pensar!

Há crianças em instituições de controle, nas escolas, em hospitais, em sistemas socioeducativos, em comunidades ribeirinhas, em campos. Há crianças trabalhando, pescando, pintando, subindo, descendo, brincando, vivendo. Aí perguntamos: existe uma concepção de infância que dê conta dessa pluralidade e desse enigma que é a criança? Nossa imaginação, os filmes que vemos e as experiências que temos não dão conta de imaginar e de capturar a singularidade da vida infantil. Singularidade que se constitui em diferença, em devir. Singularidade que escapa aos projetos e promessas. Singularidade que escapa ao vir a ser, ao porvir. Singularidades que *são* e que, somente entrando em um devir-criança, nós, adultos, conseguiremos enxergar.

Acontece que a ideia da criança que vive uma infância divertida, pura e alegre nos constitui desde nossos antepassados. Fizeram-nos acreditar que há um modelo (palavra limitadora) ideal do ser criança. Kohan (2003, p. 34) diz que:

A ideia platônica de infância se enquadra então em uma análise educativa com intencionalidades políticas. Platão não faz da infância um objeto de estudo em si mesmo relevante. De certo, a infância não é, enquanto infância, um problema filosófico relevante para Platão (...) A infância é um problema filosoficamente relevante na medida em que se tenha de educá-la de maneira específica para possibilitar que a *polis* atual se aproxime o máximo possível da idealizada.

Kohan (2003) leva-nos a pensar que, apesar de o pensamento hegemônico de infância ser problematizado em vários momentos da história sob a ótica do pensamento platônico, é interessante que saibamos que não há nos escritos de Platão registros da palavra *infância*. O que há são palavras que se acredita que englobem diversas fases da vida. Kohan (2003, p. 35) lembra que o fato de não haver um termo específico e de a infância não ter sido registrada por

Platão em seus escritos como algo relevante não significa “que ele não tenha pensado a infância”.

A infância pensada por Platão traz a imagem da incompletude que todos os seres humanos carregam e acredita que “a natureza dos seres humanos não está dada de uma vez por todas, mas vai se constituindo em função de certa educação que a transforma de geração em geração” (KOHAN, 2003, p. 36). A educação, nesse sentido, seria uma agente transformadora que possibilitaria que qualquer criança fosse moldada para o bem da *polis*, considerando-se que, para Platão, as crianças são completamente sem forma e maleáveis (KOHAN, 2003).

Assim, haveria a possibilidade de direcioná-las ao caminho que fosse melhor para a sociedade. Por isso, Platão diz que as crianças “devem sempre ser conduzidas por um preceptor” (VII 808e), não devem ser deixadas livres até que seja cultivado nelas “o que têm de melhor” (IX 590e-591a). Se criada dessa maneira e com as indicações feitas, teríamos naquela criança uma formação adequada e ideal para que se tornasse adulto útil à sociedade.

Portanto, teríamos um ideal de infância possível de se alcançar, considerando-se que a educação e a criação “corretas” cumpririam seus papéis seguindo o que foi planejado. Após o filme *Guerra dos botões*, o professor Cravo disse que “nós distanciamos muito tudo da vida real”. Sua fala leva-nos a compreender que o que acontece nos cotidianos escolares procura seguir o pensamento e o ideal platônico de infância. Tirar da criança a possibilidade de interagir com o mundo ou com “a vida real”, como diz o professor Cravo, não a deixar “livre”, como requeria Platão, são discursos e práticas que vêm se repetindo ao longo da história do pensamento ocidental sobre a infância.

A ideia central é a mesma, a ideia da captura. Que tantos outros meios haveria de existir se desde a mais tenra idade não fôssemos capturados pela ordem social? Por isso, a ideia de capturar desde a infância permanece nos tempos de hoje e é problematizada por Foucault (2004, p. 150), que afirma que “é pelo estudo dos mecanismos que penetraram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas”.

O que acontece é que o processo de captura e formação de sujeitos que devem fazer parte da sociedade e servi-la deixa de fora outras tantas realidades e outras tantas possibilidades de ser/estar no mundo. Vejamos, não se advoga aqui pela afirmação de que a

sociedade não deva ser controlada. Compreende-se necessário que se entenda que, mesmo com o controle feito e mesmo que saibamos da existência do poder que nos rege e nos regula, não podemos deixar de perceber que as mudanças da sociedade com o passar dos anos influenciam fortemente a maneira como o controle acontece.

Deleuze (1992, p. 224) diz que, de um modo geral, o controle tem sido feito de maneira diferente, “mas o endividamento do trabalhador, na contemporaneidade, caracteriza-se como a mais nova forma de internamento dos sujeitos, agora controlados pelo poder de forma mais sutil”. Para Deleuze, o controle existe, mas existem outras tantas potências e possibilidades que fogem ao controle. As crianças, para Deleuze, são puro devir:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (DELEUZE, 1998, p. 8).

Devir, assim, para Deleuze, é transformação mútua, que acontece a cada encontro. As crianças vivem se movimentando, deslizando e se encontrando com o mundo, muito embora as proibições e interdições aconteçam concomitantemente. Nesses encontros, sejam onde forem e nas condições que forem, elas sempre mudam. Nesse contexto, é possível afirmar que existe um modelo iluminado e verdadeiro que diga o que é mesmo a criança? É possível capturá-la em um ideal de infância? Os filmes apresentados no cineclube oportunizaram aos *praticantespensantes* da educação problematizar a concepção hegemônica de infância e perceber a multiplicidade que constitui o universo infantil.

Vimos, nos filmes projetados no cineclube, crianças desordeiras, crianças leitoras, crianças atrasadas, crianças andando de carrossel, crianças petiscando ou crianças escondidas, como diz Benjamin (1987). Compartilhamos a experiência de assistirmos a 11 filmes juntos e de percebermos que, no encontro com eles, a diferença pode acontecer em nós. Em mim. Em nossos interlocutores. Nos filmes.

Conhecemos, nas sessões do cineclube, as crianças iranianas, que não têm calçados para ir à escola e mesmo assim são *Filhos do Paraíso* (Direção: Majid Majidi). A forte história de um menino brasileiro que se chamava *Pixote* (Direção: Hector Babenco) e que

viveu sua infância entre as dores e delícias de ser o que foi. A potente experiência das *Crianças Ikpeng para o mundo* (Direção: Karané Ikpeng, Natunu Yumipo Txicão e Kumaré Ikpeng), que perguntam às outras crianças do mundo como produzem seus brinquedos. A pureza de uma *Guerra de Botões* (Direção: Yann Samuell), vivenciada em uma aldeia no sul da França. A disciplina das crianças de um filme que falava da *Língua das Mariposas* (Direção: José Luiz Cuerda). E a riqueza de encantos produzidos pelas crianças africanas, vivenciados pela experiência de uma anciã chamada *Yaaba* (Direção: Idrissa Quedraogo).

Foram 11 (onze) filmes potencializadores de dez encontros. Dez *espaçostempos* de afetos, perceptos e momentos de desterritorializar-se. Para todos igualmente? Não. Essa não é nossa intenção no cineclubes. O processo de mudança a partir dos encontros acontece de maneira diferente, em espaços e tempos distintos para cada um. Pipoca de sal para não ser insosso e pipoca doce para adoçar a vida. Vamos às conversas!

3.1 Professora, o que tem de merenda hoje?

Desfazer o normal há de ser uma norma. Pois eu quisera modificar nosso idioma com as minhas particularidades. Eu queria só descobrir e não descrever. O imprevisto fosse mais atraente do que o déjà visto.

Manoel de Barros

É preciso experimentar. É preciso tocar. Sentir. Cheirar. É preciso bagunçar. Brincar na lama, sujar-se na grama, cochilar no sofá. É preciso experimentar a manga do pé. Bem escondidinho, tomar um pouco de café, só para saber como é. É preciso comer pintado, peixe bem temperado, para gostar ou desgostar. É preciso ir às festas de aniversário para aprender a tradicional música, para cantar, para comer bolo e se sujar, para pegar um brigadeiro e se melar. É preciso aprender a jogar, perder, ganhar ou empatar, porque a vida é assim. A diferença vive em mim. Tem criança que vive em casa grande. Criança que vive em casa pequena. E criança que mora na rua. Tem criança com família enorme. De outras, a família é bem pequenininha. Outras vivem até sozinhas. Tem criança que tem fartura, e outras vivem com pouquinho. Tem criança que trabalha. Tem criança que estuda, e algumas fazem os dois. Deixam até a brincadeira para depois, sabia? As vidas são diferentes, e cada um forma uma mente, tem uma maneira de ver diferente a vida. Mas tem uma coisa que toda criança sabe,

venha ela de onde vier: não há nada nesse mundo que eu não possa adoçar com uma colher de *imaginação!*

Isso é a experiência. Vivenciar para que outras subjetividades sejam constituídas. Para que todos tenham outras possibilidades de ser e aprender. Para problematizar a ordem instituída e descobrir que o caos e a bagunça são muito produtivos também.

Assim, a experiência nos torna outros nos encontros que acontecem em casa, na rua, na casa de acolhimento ao menor, na aldeia indígena, na cidade, no campo, na periferia, no rio, enfim, nos cotidianos mais diversos que os seres humanos habitam, Em determinado momento de nossas vidas, geralmente na fase denominada infância, essas almas se encontram no espaçotempo escolar. O cotidiano escolar é, assim, habitado por almas provenientes de diferentes contextos sócio-culturais que o movimentam e constituem novas experiências, concebidas nesta dissertação como experiências curriculares. Trata-se de experiências que trazem um sentido fixo (molar) e que, ao serem colocadas em prática, transformam-se, constituindo-se nos encontros (molares).

No entanto, o currículo nem sempre é considerado dessa maneira. Concebendo a escola como instituição disciplinar (FOUCAULT, 1995), o currículo passa a ser uma engrenagem da maquinaria da disciplinarização, exercendo o poder de docilizar corpos e capturar almas. . Assim, funciona, como requer Kant (1996), para conter o estado de “selvageria” em que as crianças se encontram ao chegarem na escola. Para o filósofo, as crianças vão à escola não para que necessariamente aprendam o conteúdo, mas para serem disciplinadas, porque “(...) quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (id. p. 45).

Entendemos, assim, que problematizar o processo curricular que acontece nos/dos/com⁸ os cotidianos escolares torna-se necessário e emergente pois somente assim quebraremos a rigidez com que o currículo é concebido e perceberemos os movimentos curriculares que acontecem a partir de experiências cotidianas e que constituem os sujeitos.

Em que consiste o processo curricular? O que é esse currículo de que tanto falamos? Para nos ajudar nesta conversa chamaremos Oliveira (2012, p. 377) que diz que para entender o currículo: “É mais interessante e produtivo pensar em *políticaspráticas* educacionais cotidianas, tecidas em realidades complexas por sujeitos *praticantespensantes*”.

⌘ Esse termo é muito caro a Alves (1998), que afirma que é preciso entender o cotidiano a partir de vários olhares possíveis. Por isso, utilizamos o termo nos/dos/com os cotidianos.

Trata-se de um problema político-epistemológico que requer pensar a homogeneização no contexto das formas sociais de padronização com base no ideário hegemônico, e a necessidade de inscrever este debate na discussão sobre o direito à igualdade e à diferença de sujeitos, conhecimentos e culturas, que, longe de poder ser colocada em termos de oposição igualdade x diferença, precisa ser pensada como complementariedade (OLIVEIRA, 2012, p. 377).

Oliveira (2012, p. 377) muito nos ajuda a entender o porquê do currículo compor este texto. O currículo é aqui pensado como sendo algo que pode afirmar ou que pode desconstruir e quebrar com a diferença, que é em muitos momentos afirmada pelos processos curriculares vigentes. Quando cito aqui os processos curriculares vigentes, falo dos processos burocráticos que são entendidos como currículo, que de fato o são, mas que não o representam como um todo.

Uma das maiores e principais problemáticas que Oliveira (2012, p. 377) cita é justamente a questão da “homogeneização nos nossos sistemas educacionais” e ainda afirma que provavelmente a causa das “dificuldades de aprendizagem reconhecidas em alunos com essa ou aquela característica comportamental, cognitiva, social ou cultural” é justamente esse processo que desconsidera as diferenças. Alunos singulares, dentro do mesmo sistema educacional homogeneizante, teriam maneiras diferentes de reagir e ainda, poderiam passar por um processo de não identificar-se e/ou não reconhecer-se como parte do sistema, causando assim a sensação de que alguns conteúdos, discursos, práticas escolares não tem sentido para eles. Não os afeta. Não os toca.

A busca pela homogeneização dos procedimentos curriculares é algo que desconsidera a diferença. Por isso, nesse momento, além de falar sobre a diferença, nossa conversa será permeada pelo currículo e pelo cotidiano. Porque muito mais do que apenas procedimentos burocráticos, o currículo é aquilo que acontece nos/dos/com os cotidianos. Aquilo que não está nos livros, nem nas apostilas, mas que afeta, que toca, que causa movimento e que constitui as infâncias também e tanto quanto o conteúdo que é estudado.

Para entender o cotidiano como também componente dos currículos escolares, Alves cita cinco movimentos sobre os estudos nos/dos/com os cotidianos:

O primeiro fala a respeito de algo que vai aparecer em outros momentos deste texto: o “sentimento de mundo”. Alves (2002, p. 260) diz que, sobre o cotidiano, é preciso “reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e sobretudo, como espaço-tempo de grande diversidade e de conhecimentos até então desconhecidos”

Para isso a relação feita nesse primeiro movimento é sobre o “sentimento de mundo”. Esse termo diz respeito a perceber, sentir, ver e ouvir aquilo que acontece no cotidiano da escola, que também faz parte da vida das crianças, mas que não está registrado como sendo um método formal de educação.

O segundo movimento diz sobre a necessidade de não nos prendermos a um conceito de verdade e a nos permitirmos conhecer todas as teorias, em uma espécie de composição plural dos *saberesfazeres* do cotidiano. Se permitir conhecer a todas as teorias sobre o cotidiano e, a partir dos conhecimentos da parte teórica, construir aquilo que a perspectiva pós-estruturalista permite e incentiva que é a construção de rizomas (possibilidades) e não mais de linhas retas (visão única sobre os assuntos):

Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes ou pipocam como rizomas os conhecimentos, significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, rompendo as fronteiras e transversalizando as teorias que no momento se mostram mais pertinentes, bem como entendê-las não como apoio e verdade, mas sobretudo como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não havia sido atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano. (ALVES; GARCIA, 2002, p. 265).

Posteriormente, Alves nos fala sobre o terceiro aspecto que tem relação com o pensamento dominante. A afirmação é de que esse pensamento, que nos reduz a uma só possibilidade, faz com que tenhamos dificuldades em aceitar a existência de múltiplos sentidos para todas as coisas, já que essa aceitação faz parte de um processo de desconstrução de um pensamento maior já inserido em nossa educação desde a mais tenra idade. Alves diz, então, que é preciso “beber em todas as fontes” se queremos trabalhar o cotidiano nesta perspectiva, possibilitando assim múltiplos entendimentos, possibilidades e novos *saberesfazeres* a serem implantados na educação. Precisamos tecer novas outras redes educacionais.

No quarto movimento, temos algo muito importante para o estudo nos/dos/com os cotidianos que é uma aproximação maior entre a arte e a ciência no sentido de possibilitar que a arte, sua doçura e delicadeza, sejam consideradas como algo que toca e que ajuda a tecer novas outras redes de conhecimento.

A linearidade de exposição, mas que teça uma rede de múltiplos e diferentes fios; aquela que pergunte mais, que dê respostas; aquela que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*” (ALVES; GARCIA, 2002, p. 273).

E, por último e não menos importante, temos uma colocação que toca e afeta Alves (2002, p. 273) quando ela diz que há uma preocupação pessoal no que se refere ao fato de que os acontecimentos cotidianos precisam ser considerados, porque eles representam as singularidades dos praticantes: “Tais acontecimentos (cotidianos) estão diretamente ligados aos modos de ver, sentir e, principalmente, mergulhar na realidade, buscando referências de sons, sentindo a variedade de gostos, tocando coisas e pessoas, cheirando os cheiros desse cotidiano”.

Certeau (1994, p. 74) já dizia que “a oficialidade dos procedimentos nos cotidianos escolares é, portanto, uma ilusão criada pelas *estratégias* do poder instituído, que se desfaz, cotidianamente, nas *táticas* individuais e coletivas de praticar educação”. Vejamos, então, que falar de cotidiano é mais complicado do que se imagina porque ele é aquilo que escapa, que foge, que está nas *linhas de fuga* (DELEUZE, 1998) dos sujeitos. O cotidiano é aquilo que não está nas leis, nem nas diretrizes, nem nos planos de aula. É aquilo que pertence a quem pertence a ele, e só.

Na escola, não é diferente. No entanto, é possível pensar diferentemente do que se pensa? É possível conceber a escola, o currículo, os modos de subjetivação, diferentemente do que se concebe? Apostamos em uma educação para a diferença. Acreditamos que a educação para a diferença permitiria, por exemplo, que singularidades fossem consideradas, o que é muito interessante do ponto de vista humano, mas que tornaria a realidade sociocultural múltipla, heterogênea e, portanto, mais difícil de controlar. A diferença, nesse sentido, estaria sendo legitimada enquanto tal. O *outro*, diferente do *eu*, passaria a ser legítimo *outro* e não caberia mais na disputa binária da igualdade x diferença. Compreendemos, neste texto, que

A diferença é este estado em que se pode falar da determinação. A diferença *entre* duas coisas é apenas empírica e as determinações correspondentes extrínsecas. Mas, em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue – e, todavia, aquilo de que ele se distingue não se distingue dele. O relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se distinguisse daquilo que não se distingue. Dir-se-ia que o fundo sobe à superfície sem deixar de ser fundo. De uma parte e de outra, há algo de cruel e mesmo de monstruoso nesta luta contra um adversário inapreensível, luta em que aquilo que se distingue se opõe a algo que não pode distinguir-se dele e que continua a desposar o que dele se divorcia. A diferença é esse estado de determinação com distinção unilateral. Da diferença, portanto, é preciso dizer que ela é feita ou que ela se faz, como na expressão fazer a diferença. (DELEUZE, 2000, p. 81-82).

É preciso, portanto, problematizar o pensamento hegemônico. Além de problematizar o pensamento, é preciso questionar a diferença, que é desconsiderada no pensamento atual. É preciso considerar os quintais, as ruas, o riacho, o rio, o mar, a escola, os amigos e família, as brincadeiras que ainda não foram camufladas pela escola (BENJAMIN,

2015). É preciso ter sentimento de mundo (ALVES, 2008). Não para que o *outro* seja transformado, incluído ou controlado, mas para que, ao menos, o *outro* seja visto. É nesse sentido que compreendemos o currículo produzido nos encontros, nas experiências cotidianas.

. Nomeamos este subtítulo com a fala da professora Rosa, quando se reporta a colocação de uma de suas alunas: *Professora, o que tem merenda hoje?* Estaria essa criança com fome? Quais são as refeições que ela faz em casa? Será que ela tem alimento em casa ou é gosto, ou gula, comer na escola? Em que realidade vive uma criança que chega à escola com fome. Professora Rosa, após assistir ao filme *Filhos do Paraíso*, foi tocada pelo enredo e comparou-o à sua vivência no cotidiano da escola:

Trazendo esse filme para a nossa realidade, é como nossa coordenadora acabou de dizer, às vezes cobramos tanto dos alunos, às vezes, os atrasos. Mas, às vezes, a gente não se preocupa em saber o porquê dos porquês. Exemplo: na nossa sala de aula, tem uma aluna que todos os dias chega chorando. Todos os dias, a gente quer saber a procedência daquele choro. Às vezes, a gente achava, assim, que era por motivos fúteis, banais, e quando a gente soube a gravidade da situação, a gente passou a entender. Assim... Poxa! É como se diz, a gente não sabe o que eles passam em casa. Às vezes, eles não queriam estar ali, mas estão. Às vezes, eles usam a escola como refúgio, pra sair um pouco de tanta dificuldade que passam. Então, o que a gente vê hoje em sala de aula é a realidade de muitos alunos que chegam em certos horários, na merenda, e já perguntam: professora, o que que tem de merenda hoje? Então, às vezes, as crianças, elas vão à escola em busca de uma refeição, ou, às vezes, em busca de carinho, em busca de atenção, e não é fácil essa jornada do professor, que às vezes trabalha o dia inteiro ali e vê crianças gritando toda hora. Você tendo que chamar atenção toda hora. Mas, vendo o filme, vejo que temos, hoje, que tratar os alunos como filhos, porque nossos filhos também estão dentro de escolas e nós, professores, não temos tempo para dar aos nossos filhos a atenção, esse carinho que necessitam (...) Precisamos fazer dentro da sala de aula, querendo ou não, essa dupla função, porque somos pais e professores. Precisamos saber o motivo do choro.

A fome, que na escola deveria ser de conhecimento, de aprendizado, é, em realidade, fome de comida mesmo. Então, aquela criança é cobrada muitas vezes. Cobrada para ter o mesmo rendimento que um colega que tem uma sutil diferença: alimentou-se. Sua barriga não dói, e ela pode “render” mais. A narrativa da professora apresenta-nos muitas outras questões que acontecem nos cotidianos de uma escola pantaneira e que conversam com o filme, que se passa no Irã. A fala da professora e o filme mostram-nos aquilo que está nos vãos, nas

brechas, nas fissuras, e que, somente ampliando o foco, saindo do enquadramento do visível, é possível enxergar.

A professora Rosa relacionou sua fala com a cena do filme *Filhos do Paraíso* (1998), em que o personagem principal, um menino de nove anos, chega atrasado à aula porque ele e sua irmã dividem o mesmo tênis para ir à escola em períodos diferentes, e o inspetor chama a atenção do aluno, sem saber que havia motivos outros para aquele ligeiro atraso. Percebi que muitos, senão quase todos, paramos ali para pensar nos momentos em que, talvez, tenhamos agido como o inspetor, desconsiderando todo o contexto para levar em conta que ser professor/professora é apenas e tão somente seguir aquilo que está nos currículos prescritos. Oliveira (2007) diz que:

Os saberes produzidos coletivamente, nas aulas ou fora delas, que representam e resultam da concepção de metodologia de ensino que assumo, e que envolvem a articulação entre nossas opções diante do mundo, da vida, do trabalho, da escola pública e do conhecimento (e têm como horizonte nossos sonhos e utopias) com a prática das aulas/cursos/currículo: o conteúdo selecionado e seu enfoque epistemológico, a bibliografia escolhida, o relacionamento com os alunos, o são também regados de paixão (OLIVEIRA, 2007, p. 47).

Oliveira e Alves (2007) conversam sobre currículo de maneira semelhante e, juntas com Certeau, discutem o currículo nos/dos/com os cotidianos, e não apenas o currículo instituído. Por isso, recorro a elas, nesta pesquisa, para me ajudarem a pensar sobre o currículo e o cotidiano, considerando as vidas que os movimenta e percebendo, com Certeau, que “o que interessa (...) é o invisível” (CERTEAU, 1995, p. 232). Além de considerar aquilo que está visível aos olhos, as autoras inspiram-nos a ter sensibilidade e a perceber também o que se sente nos cotidianos. Além de levarmos em consideração apenas o que está instituído pelos currículos, que possamos colocar nossa alteridade em prática.

3.2 A força de vontade que, quando você quer, você consegue!

O discurso pedagógico remete muitas vezes a ideias meritocráticas e desconsidera, de alguma forma, a diferença. A meritocracia, ou o discurso de que quando se quer se consegue, às vezes surge em meio a contextos sociais que desconhecem a fome, a miséria e a violência.

O discurso pedagógico está cheio de pessoas e ideias bem-intencionadas, que buscam formar as crianças para que elas adquiram as habilidades, capacidades e valores que as constituam em pessoas melhores e façam do mundo um lugar melhor para viver (KOHAN, 2004, p. 54).

Quando a professora Acássia advoga pelo discurso da “força de vontade”, está atravessada por uma verdade ou, como diria Foucault, por uma vontade de verdade. A ideia de que *se você quer mesmo algo*, aliada ao discurso da superação, é muito comum na educação. Remete sempre a questões do esforço pessoal e da força de vontade. Acontece, porém, que essa fala, quando aplicada à educação principalmente, carrega um peso diferente, pois a malha em que estamos imersos, que nos controla e que nos rege, faz com que, de alguma forma, acreditemos que tudo depende de nós, quando não é bem assim. Foucault vai chamar esse processo de regimes de verdade. Segundo Gore (1994), para Foucault, o termo *regime de verdade* evoca distintas versões de “verdade”, que vêm à cena em um jogo de saber e poder para controlar e regular. A verdade, nesse contexto, para o filósofo francês, “está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (GORE, 1994, p. 10). Vemos a circularidade do discurso da força de vontade produzindo efeitos na voz da professora. E, como disse Kohan acima, não somente do discurso dela, mas do discurso pedagógico como um todo. São pretensas verdades que influenciam todos os âmbitos da vida de todos nós - escola, família, igreja, trabalho - e que, de algum modo, controlam os modos de agir e de pensar sem que ao menos possamos perceber. Maldonado (2009, p. 53) diz que podemos “compreender como os discursos infância e criança foram produzidos historicamente evidenciando alguns mitos que os compõem”, ou seja, a ideia de infância e de criança também faz parte desse regime de verdades citado anteriormente.

E qual é a verdade que o pensamento hegemônico traz sobre a criança? A verdade nos possibilita pensar sobre a diferença?

Em um dos encontros do cineclube, um relato me chamou a atenção. Posteriormente ao filme *Das crianças de Ikpeng para o mundo*, que mostra a cultura indígena, modos de viver e, ainda, a maneira como a infância acontece nos *espaçotempos* em que aquelas crianças vivem, a professora Girassol relatou:

Então, eu sempre tive curiosidade de conhecer uma aldeia indígena e, no ano passado, em companhia da assessora pedagógica de Pontes e Lacerda, nós fomos conhecer duas aldeias indígenas, ali no município de Nova Lacerda. Estava tendo problema lá, que os alunos, os indígenas, as crianças, não queriam estudar, e nós fomos até ali. A secretária do município, da educação do município, mais a assessora pedagógica e eu, fomos até lá dar uma olhada, e o interessante, com relação ao filme também, é interessante que o professor é

branco e os alunos não queriam assistir à aula. A escola era mais aberta do que a escola do filme, e ele estava lá ensinando a língua portuguesa pra eles, e não a língua indígena, como no filme. O professor reclamava da questão de que, quando iniciava a aula e alguém saía da aldeia pra ir pra cidade, que eles vão muito na cidade, têm carro, aí, então, eles vão pra cidade, as crianças simplesmente pulavam a cerquinha e corriam e entravam no carro e iam pra cidade. Então, ele não estava conseguindo passar os conteúdos, não estava conseguindo dar a aula dele, e, inclusive, nas duas aldeias, é professor branco. Uma é professor Márcio, e na outra, a esposa dele. Ficam a alguns quilômetros de distância. Eu pude perceber no filme que, sendo professor indígena também, irmãos, eles passam mais tempo na sala de aula, ali eles participam, desenham, conversam, aprendem... É interessante isso! Então, eu acho que o problema daquelas aldeias, que as crianças não querem estudar, talvez seria isso, que tem um professor branco ali, e eu pude também conhecer que lá também tem pessoas que já fizeram o magistério, que não fizeram a faculdade ainda, mas pessoas que já terminaram o 3º ano e poderiam, talvez, estar dando aula lá nessa aldeia.(...). As casas realmente, as ocas, são aquilo ali do filme. Ao entrar, do lado de fora, está muito claro e do lado de dentro é escuro, aí, aos poucos, os olhos da gente vão se acostumando com o escurinho de lá e aí você percebe que tem uma fogueira no meio da oca, que tem as redes penduradas. São redes de branco, não é mais rede feita por mão de indígena. Eles são muito simpáticos, convidam a gente, assim, oferecem: “senta aí, senta aí”, pra sentar na rede. Então, assim, as coisas... Eu fiquei bem animada com que eu vi, inclusive, ganhei um cesto de presente de uma senhora bem velhinha, idosa mesmo, lá da aldeia. Então, eu queria falar isso aí... Eu gostei! A questão do filme lembra a educação, que lá na aldeia que eu visitei, Pirapuru, e a outra eu não sei, que é um nome indígena. Então, tudo a ver, as crianças não estão querendo estudar, e imagino que seja por causa do professor, não que ele seja ruim. A questão é que ele é branco e está ensinando português? Não! Eu acho que não têm interesse, não é preconceito. Eu acho, assim, que eles não estão querendo aprender português, eles queriam aprender a língua deles.

Figura 7 - Cena do filme Das crianças Ikpeng para o mundo



Fonte: videonasaldeias.org.br

Essa fala me fez pensar no currículo, na infância, na educação e na diferença. A reclamação era que as crianças não queriam ir à escola - e que sentido poderia fazer para as crianças indígenas irem à escola para aprender uma língua que não é a utilizada por elas em seu cotidiano? Era mesmo bem provável acontecer de elas saírem da aula para ir para a cidade passear, porque aquilo faz muito mais sentido para elas do que ficar horas assistindo a uma aula que obedece aos currículos estabelecidos, mas que desconhece os *saberesfazeres* ali, daquele espaço que é o lugar deles.

“Cada um sabe então a dor e a delícia de ser o que é”, como diria Caetano Veloso. Sabe de seu espaço e sabe daquilo que vivencia. Cada um sabe das experiências singulares que viveu e é constituído por essas experiências. Experiências essas que Larrosa considera tão importantes, que é aquilo que nos passa, nos atravessa, nos toca. Afinal, somos todos frutos de experiências e vivências que nos afetaram e que nos tornaram desta ou daquela maneira.

É importante pensar que as infâncias estão mais para a diferença do que para a verdade absoluta. Por isso, é necessário que se pense a diferença como sendo algo que está em nós, no outro e na nossa vida. O tempo todo. Ter a alteridade como um elemento fundamental para lidar com todas as questões, considerando que ninguém deixa de ser *outros*; todo e todos na vida são *outros*, nós somos *outros*, como disse Skliar (2003).

É interessante pensar nas infâncias como sendo fruto do daquilo que Deleuze (1974, p. 151) chama de acontecimento. Para o filósofo, “os acontecimentos se efetuam em nós e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem sinal”. As crianças e todos nós somos frutos daquilo que acontece dentro de nós e que nos faz ser aquilo que não éramos ainda, que nos afeta e nos faz desterritorializar. Por isso, pensar a infância como a série de acontecimentos que a seguem torna mais fácil a compreensão de suas potencialidades.

O acontecimento, no entanto, não é “aquilo que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”, como afirma o pensamento deleuziano (1974, p. 152). Para compreender a diferença, é necessário tentar observar os acontecimentos que constituem o outro, para que, dessa maneira, possamos perceber a importância da visão da professora Jasmin ao conversar com os dois filmes passados no mesmo dia sobre crianças indígenas. O primeiro filme foi *O amendoim...*, e o segundo, *Das crianças...* Sobre eles, a professora Astromélia diz:

No primeiro filme, eles estão falando do amendoim, então, é voltado pra um conceito que eles vivem, por um conceito histórico deles, onde eles estão, a forma que eles vivem e como é rico. Eu sempre trabalho, a gente deve trabalhar o conceito que a criança traz de casa, a vivência, né? Então, enriquece muito o ensino e aprendizagem, e lá nos dois filmes deu pra perceber que eles trabalham totalmente... A escola trabalha totalmente voltada para a cultura, para o tempo, né? O passado como era, o agora, e isso enriquece muito as aulas.

Utilizar, por exemplo, a diferença que há dentro de sala de aula para movimentar os conteúdos, além de importante, torna-se necessário quando observamos que muito mais sentido faz para as crianças aquilo que as representa, que as faz se sentirem como alguém que também tem experiências para contar. Quais experiências, por exemplo, não trazem as crianças de que Benjamin fala em *A hora das crianças* (2015), crianças que viviam em contexto de guerra na Alemanha? Que outras tantas experiências as crianças indígenas têm? Que outras tantas experiências fazem com que cada dia mais as experiências tenham que ser notadas, e não homogeneizadas? Porém, como diz Benjamin (2015, p. 118), “só se pode ver, quando se tem experiência, ou seja, quando já se viu o bastante e com um olhar inteligente”.

3.3 Esse conceito de verdade está meio, como é que eu posso dizer... meio desligado!

Na reunião do cineclube em que assistimos ao filme africano *Yabaa*, que foi no terceiro encontro, a professora Girassol disse a frase acima, citando uma cena do filme. Ela descreveu a seguinte cena:

Então, deixa eu fazer uma observação... (...) Essa Yaaba, a avó (...) eu sou nova, mas eu sou vovó e com muito orgulho! Uma imagem marcante que me fez pensar, me fez refletir, é o conceito de verdade que a avó tenta passar pro neto. No momento em que ele roubou o frango pra alimentá-la, ela disse: “você ganhou ou você roubou?”, aí ele falou: “não, foi o tio que deu”. Então, ela tentou passar esse conceito de verdade pro neto, e é isso que eu trago no meu centro familiar, de sempre dizer a verdade, como a minha mãe diz: “aconteça o que acontecer, sim é sim, não é não”. Então, eu penso que esse conceito de verdade está meio, como é que eu posso dizer... meio desligado, não sei se essa é a palavra certa agora no momento, mas o que nós temos que passar para os nossos filhos e pra quem a gente convive é sempre a verdade. Doa o que doer, eu penso que a gente tem que falar sempre a verdade. E outra passagem com relação às imagens das casas e certo momento me lembrou a matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade. Alguém se reportou a essa imagem ou não? Das casas? A matriz, pra quem já foi em Vila Bela, pra quem conhece Vila Bela, é o mesmo formato, a estrutura feita daquela forma de adobe, como era antes, daquela pedra Canga, me reportou a essa imagem. Outra imagem que me reportou também foi de uma senhora muito querida que eu considerava, que eu considero a minha segunda mãe, que ela era mal vista na sociedade. Hoje o candomblé não é mal visto como era anteriormente, né? Mas ela era conhecida como dona Mariinha Benzedeira, na Cohab Velha. (...) esse filme me faz refletir a nossa sociedade, como que é o processo educativo.

A questão da verdade, abordada pela *praticantepensante* do cineclube, é fortemente discutida por Foucault em um âmbito um pouco maior, mas sempre é colocada por ele como uma questão muito interessante.

No caso do filme, chamam a atenção da professora Girassol os modos de fazer dos africanos pertencentes àquela comunidade representada no filme *Yaaba*, no sentido de ensinar as crianças sobre falar a verdade. A narrativa da professora remeteu-me a Foucault quando, em vários de seus escritos, fala sobre a verdade e sobre os regimes de verdade existentes em nossa sociedade.

Os regimes de verdade partem, para Foucault (2009), da premissa de que são todos controlados por relações de saber e poder instituídas em qualquer sociedade que seja. Dessa

maneira, até a verdade é uma questão de construção. Assim, a ideia de dizer “a verdade” sobre ter ou não roubado o frango passa a ser um discurso universalizado, legitimado por normas jurídicas e divulgado por todos os cantos. A essa divulgação, Foucault dá o nome de comentário. E as crianças de todos os continentes devem dizer a verdade. No caso do filme, o menino mentiu. Ele roubou o frango para saciar a fome da avó, Yaaba. No entanto, para que ela aceitasse o alimento, ele teve que dizer que houve um consentimento. Não teria o menino sido alcançado por essa ordem discursiva de dizer a verdade? Ou a fome de Yaaba torna-se uma justificativa para que o menino tenha cometido o delito? Qual verdade ele deveria seguir? Aquela que diz para não roubar ou aquela que mata a fome? Essa foi uma questão que deu o que pensar no cineclube.

Mas interessa-nos discutir aqui outra “verdade”, constituída também por meio de relações de saber e de poder, que nega, deslegitima tudo que se diferencia dela. Falo de verdades que desconsideram as diferenças. Verdades que consideram como outro a infância, a mulher, o homossexual, o negro, sem se dar conta de que essas práticas são construções históricas de um discurso que foi legitimado e que é reproduzido sem que nos demos conta.

O pensamento foucaultiano vem falar sobre como os discursos, inclusive sobre a infância, são construções feitas historicamente e como a repetição desses discursos possibilita uma construção de uma verdade idealizada que faz com que pensemos em idealizações e em modelos perfeitos sobre todas as coisas - nesse caso, o modelo de infância. Porém, as crianças pulsam, fogem ao modelo, às normas, às verdades, e roubam frangos para alimentar a avó, sem dores ou traumas.

O modelo de infância instituído no limiar da Modernidade parte da premissa de que todas as crianças devam ter uma infância livre de qualquer responsabilidade e cheia de alegria. A infância, nesse contexto, “é concebida como reino da inocência, da sensibilidade, da desproteção, da felicidade, como também de uma quase miraculosa proteção cognitiva” (BUJES, 2001, p. 20). Acontece que esses modelos e os modos de pensar hegemônicos trazem uma verdade idealizada que não condiz com a realidade da vida. Dessa forma, excluímos a diferença e possibilitamos a repetição de um discurso estabelecido de que, se fosse desta ou daquela maneira, tudo estaria correto.

A partir do pensamento foucaultiano e das brechas abertas nos encontros do cineclube, vislumbramos a possibilidade de pensar de outras formas e de constituir outro plano de imanência que nos levasse a desconstruir aquilo que está posto. Passamos a compreender a

criança como “sujeito de seu tempo, pressionada pelas condições do meio, marcada por diferenças de gênero, classe, etnia, raça, idade, corpo, etc.” (id) Problematizamos, assim, a dualidade do pensamento de inclusão e exclusão e passamos a perceber que todos fazemos parte da mesma sociedade, cada um na sua realidade e com seus modos de viver e de fazer.

A vontade de verdade de que Foucault (1970) fala nada mais é do que um dos grandes sistemas de exclusão da sociedade. Precisamos problematizá-la, desconstruí-la e constituir novas, outras possibilidades de pensar. Como diz Foucault (1970, p. 20),

E a razão disso é, talvez esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer que não pode deixar de mascarar-la.

Nessa ideia de que exista uma verdade, há um pensamento que coordena, regula e controla não aquilo que somos, mas o que devemos ser. Aquilo que não é, mas que deveria ser. Dessa forma, somos levados a pensar que temos sempre que estar em busca de algo, porque somente quando obtivermos sucesso nessa busca é que seremos realmente felizes, para que se possa “sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 1987, p. 87). Assim, a infância também se torna um instrumento de discursos idealizados e fortalecidos ao longo do tempo pela vontade de verdade que há muito se impõe a nós. Por isso, pensar além daquilo que está instituído, como fizeram os pensamentos deleuzianos e foucaultianos e o cineclubes, possibilita entender que, além de um mundo ideal, existe um mundo real que se movimenta e nos movimenta, constituindo-nos na diferença.

Prosseguindo a conversa iniciada pela professora Girassol no filme *Yaaba*, a professora Margarida diz:

Esse filme, eu andei fazendo algumas anotações, mesmo no escuro. O que eu consegui perceber e que me fez lembrar na realidade da escola foi a questão social, o meio em que nós vivemos e convivemos, e que isso é levado para a escola. Quando estamos lá com essas crianças, com esses indivíduos, o que acontece? Muitas vezes, nós não conseguimos lidar com essas realidades, e isso é péssimo. Principalmente quando nós, enquanto profissionais, fazemos uma reflexão de como foi aquele dia de trabalho. Nós temos planejamento anual, de

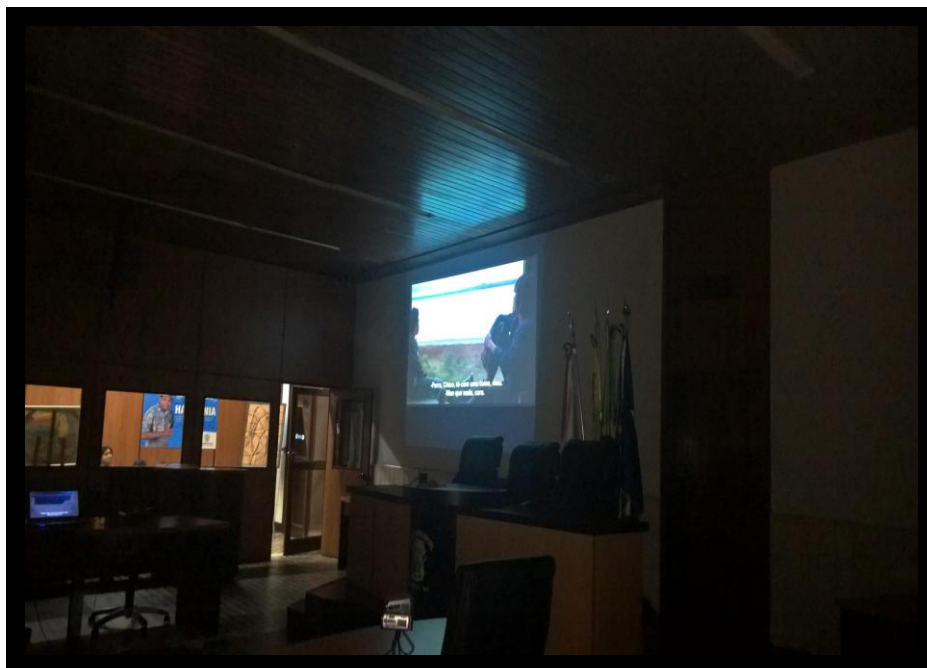
aula... Mas o que me revolta é quando você analisa e vê que você deixou de contribuir muito com aquele aluno. Quando vai lembrando a sua individualidade. No caso do Bilá [o menino do filme], isso me faz pensar muito. Então, o que eu vi nesse filme foi o caso da convivência, de como viver, o meio dessa criança. Ali pudemos observar grupos de crianças com concepções diferentes de educação, de ensinamentos. E nós, enquanto professores, devemos prestar bem atenção a essa questão. Até mesmo para contribuir mais com nossas crianças.

Percebe-se, com a fala da professora Margarida, que a quebra do discurso verdadeiro sobre a infância nos dá a possibilidade de olhar a realidade para sentir que se torna necessário perceber o outro e, por vezes, compreender que, assim como ele é o outro de mim, eu também sou o outro para ele. Nessa relação, transformações acontecem em mim e nele, sem tentativas de sobreposição, de usurpação, como alerta Skliar (2014, p. 145):

Qualquer tentativa de colocar-se na pele de outro comete uma heresia, pois se trata de uma sobreposição, uma usurpação, um sequestro, um ultraje, e não de uma contemplação, uma apreciação, uma disposição: como seria possível estar por dentro, adentrar-se e respirar numa idade que ainda não tenho ou já tive, um corpo que não percebo, um país que não habito, uma língua que não falo? Não existe modo de estar mais além do que somos: é ser e não estar? Quero dizer: se fecho os olhos, me encontro comigo, somente comigo, de novo e de novo. Quando fecho a boca, só encontro minhas poucas palavras.

Quando a professora Girassol diz que o mais importante é dizer sempre a verdade e que, no filme, essa é uma das questões que devemos tirar para constituir nossas crianças, podemos pensar, a partir do que compreendemos com o pensamento de Foucault sobre verdade e de Skliar sobre a potência da intercessão do outro em mim, que as verdades são produções, construções históricas. As relações de poder e saber que ordenam, regulam e controlam a produção de verdades precisam ser contextualizadas para que se compreendam seu sentido, suas ambivalências, seus paradoxos. O que a professora não mencionou em seu relato é que o menino Bilá, do filme, mentiu para Yaaba. Ele roubou a galinha com que a presenteou. Quais condições o levaram a mentir? Uma questão é fato: segundo a professora Margarida, temos que prestar mais atenção. Precisamos perceber mais da vida que pulsa em cada criança que entra na escola. Contemplá-la, apreciá-la, e não usurpá-la, sequestrá-la.

Figura 8 - Cineclube com exibição do filme Pixote



Fonte: Ateliê de Imagem e Educação

3.4 Infelizmente os Pixotes, eles são vítimas!

E que *outros* são esses que vivem em uma realidade que não é aquela que cabe em nós, que cabe em nossa mente, que cabe em nossa gente, que cabe em nosso mundo? Que Pixotes são esses que são culpados daquilo que fizeram, mas que nem bem sabem de onde vieram? Que pessoas são essas que julgam, que olham, que reparam, sem ao menos se dar conta de que, muito mais do que íntimas daquelas realidade, essas crianças são também vítimas de uma longa trajetória?

A fala da professora Azaléia chama atenção. Em meio a tantas culpabilizações, temos uma fala que diz: olhem de quem estamos falando, vejam o que viveram para que a vida fosse desta ou daquela maneira. A professora Líatris foi tocante ao dizer que essas crianças são também vítimas, e aqui poderíamos discutir uma série de motivos pelos quais elas são parte curta de uma história muito mais longa.

Boa noite! Eu só quero dizer aqui que Pixotes há muitos nas escolas e, infelizmente, os Pixotes são produtos do meio, né? E eles são vítimas. Eu trabalho na educação infantil, e desde lá a gente já começa a ver. Essa semana mesmo, uma mãe me procurou, falou assim: “eu quero conversar com você”. Era uma menina, mas ela falou assim: “é o seguinte, eu não sei mais o que fazer com essa menina, de quatro anos de idade, a professora reclama o tempo todo dela, ela não para, ela mexe com todo mundo”. E aí, daí a pouco, ela começou a falar a vida dela. “Mas você acha que ela é assim por quê?”. “Porque o meu marido bebe, e eu

brigo com o meu marido, o meu marido briga com meu filho, e ele xinga”. E aí ela começou a contar toda a história... Aí, o resultado, né?

A história é mesmo longa e talvez não caiba na visão de quem não concebe pensar a diferença. Porque pensar em Pixotes é pensar além do que se quer que se pense. É tirar da margem. É desmanchar a margem para construir relações, pontes, olhares e possibilidades.

O filme *Pixote* mostra uma realidade que afeta. Que nos toca e que nos possibilita sentir além daquilo que os outros filmes fizeram, porque nos causa choque. Leva-nos ao enfrentamento de um mundo que não está em nós. Assusta-nos. Mostra-nos uma realidade que mora ao lado. Que mora em outro bairro. Que mora em outra cidade... Visibiliza-nos os Pixotes nossos de cada dia que estão às minhas vistas, mas que passam despercebidos.

A professora Azaléia olhou considerando que a diferença não é uma subtração de possibilidades. Dizer que o Pixote do filme é vítima, quer dizer que tantos *outros* Pixotes que existem por aí são vítimas. E vítimas de quê? De quem? Esse talvez seja o questionamento mais comum. Vítimas de uma sociedade que não oportunizou. Vítimas de um discurso meritocrático que tira a culpa do Estado e que coloca a culpa nos sujeitos. Vítimas de um processo político que pensa em alguns, em alguns que nunca são esses *outros*; para que possamos entender melhor, devemos conversar sobre as condições de possibilidades.

E que outras tantas possibilidades, condições e experiências fazem parte da constituição dessa infância que, além de distante da infância idealizada pelo pensamento hegemônico e platônico, é também constituída por tudo aquilo que não quer ser visto pela sociedade? A professora Girassol traz uma fala muito inquietante, que dispara toda essa discussão. Vale transcrevê-la literalmente.

Boa noite! Acho que hoje nenhuma escola é diferente da outra, dos Pixotes que nós encontramos no nosso dia a dia. Mas, além dessa questão da agressividade, dos palavrões, tem a questão do uso de drogas hoje dentro das escolas, né? Nós estamos convivendo com isso diariamente. O filme, ele tem 30 anos... Eu estou na educação há 18 anos, na mesma escola há 10, acho que de uns cinco anos pra cá é que nós começamos a conviver com essas situações de droga dentro da escola, de alunos que a gente sabe que usam droga. Embora a gente tenha buscado algumas soluções, mas o que a gente tem visto é o despreparo de todo e qualquer profissional da educação pra lidar com essas situações. Então, eu acho que isso é o que está mais pesando no nosso dia a dia. Por exemplo, lá na nossa escola, o Projeto Educar,

lá do socioeducativo, não funciona a partir da nossa escola. Os alunos são matriculados na nossa escola, os alunos lá do socioeducativo. Então, hoje é assim, um dia os alunos estão na escola convivendo conosco, lá com a coordenação, com a direção, com os professores dentro da sala de aula, e no outro dia ou no mesmo dia à noite, eles estão assaltando os nossos próprios professores, né? Há alguns dias, aconteceu isso lá com a professora na nossa escola, e quem assaltou a professora de mão armada com revólver e tudo era um aluno nosso da escola. Então, assim... Aí o aluno foi para o socioeducativo, continuou sendo nosso aluno porque os alunos do socioeducativo são matriculados na nossa escola, e ele já era nosso aluno da escola. Foi para o socioeducativo, continuou sendo... Daí uns dias, foi solto, aí a mãe pegou a transferência, né? Porque é um aluno bastante conhecido. A maioria dos alunos estuda na escola desde pequeno, e a gente fica imaginando assim “de onde saiu isso na vida desse aluno?”. A gente sabe que ele tem uma família que acompanha, ele tem um pai, ele tem uma mãe, e aí? A gente conhece um pouco da vida desse aluno? O que que a gente não conseguiu fazer? Então, a gente percebe que cada vez mais, eu acho que a gente não tem mais, não tem preparo, não tem instrumentos pra lidar com situações novas que surgem diariamente no nosso dia a dia. Ao mesmo tempo em que você tem um aluno, você tem também um assaltante que mais tarde vai te roubar na rua, vai te colocar um revólver na sua cabeça, vai te levar um bem e no outro dia está de volta na escola pra conviver com você. Então, são situações bem diferenciadas que nós estamos vivendo, e acredito que cada vez mais graves, né? E nós continuamos desarmados, somente dando aula, somente lendo teoria, vendo filme, buscando... Sei lá, novos métodos, novos recursos, não sei... Pra aprender a lidar com as situações pra que a gente também não fique totalmente traumatizados, doentes, preocupados com as situações que nós vivemos diariamente.

De onde saiu isso na vida desse aluno? Que questionamento necessário. Não para ser feito e ficar ali no cineclube. Não somente ali. Que se imagine, dentro das singularidades de cada sujeito que há em sala de aula, quais são as condições de possibilidades que permitiram que ele estivesse ali naquele exato lugar e com aquelas condições. Uns prestando atenção na aula. Outros apenas de corpo presente. Alguns que brincam. Outros que nem brinquedo têm. Crianças que cuidam dos irmãos. Crianças que não cuidam nem de si nem dos outros. Crianças que não têm cuidados outros nem de *outros*. Por que são assim e/ou por que não são assim? Assim como se pensa. Assim como se idealiza. Assim como se faz crer que se deve ser. Por que existem Pixotes? Por quê? O “ideal” daquele pensamento moderno de infância e criança não apresenta essa realidade como possível. Logo, para esse pensamento, essa

realidade passa despercebida, invisibilizada. No entanto, ela pulsa nos cotidianos... Ela assombra professores... Ela movimenta a vida escolar. Se eles não deveriam existir, mas existem, então, talvez a solução seja não enxergá-los. Não ouvi-los. Talvez assim se calem de vez, já que essa realidade diferente não faz sentido para o que se espera da infância.

O questionamento da professora Begônia quebra com uma série de outras falas do cineclube, quando ela realmente resolve problematizar o cotidiano, suas relações... Quanta perplexidade essa fala não carrega... Perplexidade, quão importante é que permitamos nos sentir ainda perplexos com aquilo que está nos cotidianos. Quão possibilitadora é a sensação de não-conformidade - vejam, não disse que é uma posição confortável. Não. Disse que a perplexidade permite que o pensamento se potencialize e que caminhe por lugares outros. Para Skliar (2003, p. 14), trata-se de

Perplexidade como acontecimento. Perplexidade que permite desnudar os projetos arrogantes tecidos por esse tempo denominado modernidade: o tempo da ordem, da coerência, do significado preciso, do aprisionamento de tudo o que é vago, a certeza de toda palavra, o futuro certo e seguro de si mesmo, o passado nostálgico do que acreditamos ser e não fomos, ou não pudemos ser.

A história é mesmo longa e talvez não caiba na visão de quem não concebe pensar a diferença. Porque pensar em Pixotes requer pensar em uma realidade que dói.

Figura 9 - Cineclube realizado com exibição do filme Pixote



Fonte: Ateliê Imagem e Educação

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Fechar o assunto, finalizar as discussões, não é pretensão deste texto. Este é apenas o início de uma conversa. A ideia é, além de apenas questionar o pensamento hegemônico sobre educação, problematizar. Quando tomamos algo como um problema, temos então algo que movimenta, que faz *pensar* criar novas possibilidades de ver o já visto, mas que não foi olhado além da moldura. Manoel de Barros (2007, p. 35) inspira-nos quando o assunto é criar novas formas de subjetividade que recusem a individualidade, a racionalidade, a indiferença, a diferença, a desatenção à criança e às várias infâncias que ela habita.

(...) As palavras me escondem sem cuidado. Aonde não estou as palavras me acham. Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas. Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja. A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos. Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos. Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim. Ateu é uma pessoa capaz de provar cientificamente que não é nada. Só se compara aos santos. Os santos querem ser os vermes de Deus. Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade. O artista é erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito. Por pudor sou impuro. O branco me corrompe. Não gosto de palavra acostuada. A minha diferença é sempre menos. Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria. Não preciso do fim para chegar. Do lugar onde estou já fui embora!

Trouxe para esta dissertação conversas. Conversas que se passaram em sessões de cineclube e que tiveram como intercessores os filmes movimentados por crianças de vários cantos do mundo. As palavras escritas nesta dissertação encontraram essas crianças dos filmes e outras tantas crianças que habitam cotidianos distintos de escolas e que são narradas, constituídas por seus professores. A intenção, ao trazer um pouco dessas conversas aqui, foi oportunizar ao pensamento pensar. Pensar diferentemente do que já foi pensado e tentar escrever outras histórias, outras narrativas para a mesma realidade. Histórias essas a serem reescritas naqueles mesmos cotidianos pelos professores que passaram pelos encontros do cineclube. Histórias que sejam recontadas por palavras que sirvam na boca de passarinhos. Assim, do lugar onde estamos, de verdades acostuadas, imaculadas, devemos sair, constituirmo-nos outros... Quiçá, criarmos outra ética e outra estética da existência que se

torne atenta aos Pixotes, aos Bilás e às diferentes singularidades, plurais em sua grandeza, que habitam cotidianos e escolas.

Quantas potências foram descobertas em meio às conversas que aconteceram, quantas histórias, narrativas e experiências. O cineclube, os intercessores, os *praticantespensantes*, o Ateliê de Imagem e Educação e tudo o perpassou este trabalho é realmente o início de uma conversa boa e produtiva sobre currículo, sobre cotidiano e sobre cinema.

Que as delicadezas do texto possam ter afetado a você leitor, que as histórias possam ter encantado a você como nos encantaram.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. O ‘espaçotempo’ escolar como artefato cultural nas histórias dos fatos e das idéias. **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. V. 18, n. 1-2, pg. 15-34, jan./dez. 2005.
- _____. **Praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- _____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. **Pesquisa nos/ dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DPetAlii, 2008. p. 13-27.
- _____. **Trajetórias e redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____. Oliveira, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: espaçotempos de diferenças no cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 86, p. 17-36, abril 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a03.pdf>> Acesso em 19 de Junho de 2015.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**, Trad.: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2011.
- _____. **Memórias inventadas para crianças - a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- _____. **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico]; 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- _____. **Livro sobre nada**; 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- _____. **Livro de Pré-Coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987a.
- _____. **Obras Escolhidas II: Rua de Mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.
- _____. **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminuras, 1993.
- _____. **A hora das crianças**. Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin (Rio, Nau Editora, 2015, 289 pgs). Tradução de Aldo Medeiros. A FAPERJ.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.
- BUJES, Maria Isabel Edelweis. **Infância e maquinarias**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2001.
- _____. Descaminhos. In: **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação** – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:1. Artes de fazer**. Petrópolis – RJ: Editora vozes, 1998.
- _____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CORAZZA, Sandra M. **Currículo na Contemporaneidade**. Formação Continuada. Blumenau, 2008. Disponível em: <http://www.unifebe.edu.br/04_proeng/formacao_continuada/2008_2/material_palestras/curriculo_na_contemporaneidade.pdf> Acesso em 25 de Junho de 2015.

DELEUZE, Gilles. **Clínica e crítica**. Tradução de Peter PalPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
 _____. **Conversações**. São Paulo: Ed.34. 1992.
 _____. **Cinéma 1 – L’Image Mouvement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
 _____. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007 – (Cinema 2)
 _____. (1972). Em que se pode reconhecer o Estruturalismo? In CHÂTELET, François (org). **História da filosofia – idéias, doutrinas**. Vol 8. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
 _____. **Cinéma 1 – L’Image Mouvement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
 _____. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, v.1, 1995.
 _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, Vol.3, 1996.
 _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, Vol.4, 1997a.
 _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo:Ed. 34, Vol. 5, 1988.
 _____. **O que é filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2010a.
 _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010b.
 _____. **O que é a filosofia?**. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1962.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad.: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>> Acesso em 24 de Junho de 2015.
 _____. **Rumo a ilhas desconhecidas: a potência política da constituição do comum pelas conversações e narratividades**. Junqueira & Marin Editores. Campinas – SP, 2012.
 _____. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. ALVES, Nilda (Organizadoras). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.
 _____. (org.) **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista e-curriculum**. São Paulo, v.8 n.2 AGOSTO 2012. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>> Acesso em 20 de Junho de 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**; tradução Salma TannusMuchail. — 8 ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.
 _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
 _____. Verdade e poder. In: **Microfísica do poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
 _____. Disciplinas. In: **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. 27 ed. Petrópolis: Vo

zes, 2000.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A Arqueologia do Saber**, 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GALLO, Silvio. Do currículo como máquina de subjetivação. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. **Currículos, Pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Vitória, ES: NUPEC/UFES, 2012.

GORE, Jennifer. Foucault e a educação: fascinantes desafios In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-20.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê do clichê à Imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Trad.: Francisco Cock Fontanella. 2 ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Nov. 2003. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>> Acesso em 29 de Junho de 2015.

_____. **Lugares da infância**. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEAL, Bernardina. Leituras na Infância na poesia de Manoel de Barros. In: Kohan, Walter (org). **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

LEITE, Fernandes B. Costa Alexandre. **Auto-referência do conceito e solilóquio da filosofia**. Consciência. Disponível em: <www.consciencia.org/deleuzeowl.shtml>. Acesso em 27 de Maio de 2011.

MACHADO, E. M. A Pedagogia Social: Reflexões e diálogos necessários. In: SILVA, R.; SOUZA NETO, J. C. de; MOURA, R. A. (Orgs.) **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora/FAPESP/UNESCO. 2009.

_____. **Contexto sócio-educacional no Estado do Paraná (Brasil): Formação pedagógica e análise do trabalho do pedagogo na área social**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências da Educação. Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. 1990.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço Pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.

_____. **A ordem do discurso da educação ambiental**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2001.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2 ed. 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ ler/ouvir/sentir o mundo. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100004> Acesso em 12 de Outubro de 2015.

SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensamento nômade. São Paulo: Edusp, 2004.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Pedagogia do (improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VEIGA NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 1996.

_____. **Foucault e a Educação**. São Paulo: Ed. Autêntica, 2004.

_____. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: **Sísifo Revista de Ciências da Educação**. Lisboa, n.7, set/dez 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DO 1º ENCONTRO

Transcrição - 1º Encontro (15/03/2016)

Filme: *Filhos do Paraíso*

Maritza: Respiraram já? Estão cansados de correr? Pois é, agora começa a nossa formação. Digo “nossa” porque nós é que vamos nos formar nesse momento com essa história. Deleuze tem uma fala que a gente usa no nosso grupo, que as imagens precisam nos fazer pensar, para além dos clichês, as imagens precisam nos fazer pensar. As imagens precisam quebrar os clichês... E que são os clichês dos filmes? O clichê é aquilo que move nosso corpo, nossas expressões sensório-motoras e nossas emoções. Isso são os clichês, mas para além do clichê, o que esse filme nos fez pensar sobre a educação, sobre escola, sobre criança, sobre cotidiano, sobre vida? Mas não vamos falar nada agora, a gente quer ouvir vocês... Quem se habilita?

Professora Angélica: Professora Nadir, da Escola Ana Maria. Estou aqui como coordenadora. Assim, o filme é extremamente importante, mas o que eu percebi que eu acho que é um ponto crucial nas nossas reuniões da escola é a participação da família enquanto... A família que ajuda o filho nas tarefas de casa, que se interessa pelo filho, pergunta, questiona quando ele vai pra escola... Então, no filme eu não consegui perceber essa preocupação da família com o procedimento escolar da criança. Em nenhum momento essa família esteve na escola, em nenhum momento eu vi essa família questionando se a tarefa estava feita, ajudou a fazer a tarefa. Então, esse é um ponto que a gente discute muito na escola, a participação da família enquanto aquele que vai e ajuda o filho a ser protagonista nesse processo educacional. É um ponto que eu percebi. Eu sei que tem outros aí...

Professor Cravo: Boa noite! Professor Maurício, da educação municipal, educação para crianças (8 a 5 anos). Eu percebo muito a falta de proximidade da família. Eu vejo nesse filme que hoje temos famílias assim, né? Que poucos pais se aproximam do filho sabe? A gente vê até o machismo presente em cada pai que se nega, muitas vezes, a querer abraçar, a querer dar um beijo, a querer colaborar na educação, sabe? A educação com o coração mesmo, a educação de chegar junto pra querer que o filho seja mais amado, sabe? Mais querido e isso torna os nossos filhos... e se cria os adolescentes assim, que não tem essa proximidade com o pai, com a mãe. Ele fez... a falta dele brincar, o brincar é muito grande. Eu vejo a conjuntura que existe entre a educação infantil da creche, enquanto essa escola normal, que eu digo, onde crianças... Deve ter esse leque de brincar, essa passagem, no caso, mas quem é que vai levar essa brincadeira pra escola normal também? E muitos professores não estão acostumados a isso, né? É matéria, matéria, matéria, matéria... Sem se importar que a criança queira aquilo. A criança almeja ir pra escola, ela quer brincar ainda, ela quer ter o momento lúdico dado na educação infantil. É necessário... Repensar nisso e saber que a criança tá ali, mais do que obrigação, é querendo o carinho, querer o carinho do professor, querer o carinho pela professora. Porque na mãe e no pai, às vezes, o tempo não deixa que o pai, não deixa que a mãe... Que a mãe fale, tenham esse tempo com essa criança. Estava pensando nisso...

Professora Celósia: Eu penso que...

Maritza: Seu nome?

Professora Celósia: (...) Eu penso que esse filme vem de encontro com a nossa realidade das nossas escolas, principalmente, nessa questão de dar grandes responsabilidades aos nossos alunos e de alguma forma esses nossos alunos, eles deixam de ter esse compromisso com a escola. Igual o caso ali do filme, porque ele além de ter o compromisso de ajudar em casa, ele também se saía bem. Mas é igual lá na minha escola, por exemplo, nós temos alunos que, às vezes, deixam de ir porque tem essa grande responsabilidade de estar trabalhando mesmo. Ai vem à questão do tempo que tem que ser abordado aqui. Eu penso que a infância está sendo trabalhada, às vezes, muitas vezes a família ela desconhece a questão do brincar e ai acaba vendo a criança como um adulto em miniatura, que eu vejo por um lado. Então, assim, essa parceria, essa relação entre professor/aluno, que nós vimos no filme, muitas vezes, acontecem em sala de aula e acho que precisa mais, refletirmos sobre essa questão porque é realmente o que nós temos como realidade escolar. Então, muitas coisas vem de encontro, né? Com algumas coisas que nós... Assim, eu assistindo o filme, a gente vai lembrando, né? De alguns casos que tem nas escolas, que nós conhecemos e que nós buscamos um meio pra melhorar. Porque, assim, a criança, que ela deixa de ter essa infância pra fazer um ou outro serviço que não está agregado à escola, ela acaba deixando de participar, deixando de aprender, deixando de se desenvolver em aspectos, assim, específicos pra sua idade com a sua turma. Então, assim, eu achei muito interessante. Eu espero que novos filmes, assim, venham como esse. No meu caso veio contribuir com a minha realidade. E eu penso que... Eu acho que em outras escolas também isso acontece. Essa questão dessa infância ser um pouco perdida, dessa questão de relação entre professor/aluno, dos professores ou desconhecem mesmo as dificuldades e necessidades dos alunos.

Professora Flox: Eu consegui tirar uma mensagem um pouco diferente da mensagem dos meus colegas. Eu tirei uma mensagem, assim, bem positiva do acreditar, da cumplicidade que eu vi entre os irmãos ali e eles eram guerreiros na verdade. E, muitas vezes, a gente reclama das famílias, e a gente reclamando da ausência das famílias, muitas vezes, a gente deixa de desempenhar um papel melhor dentro da nossa sala de aula e reclamando o tempo todo que não tem acompanhamento de pai e, muitas vezes, deixando de fazer o melhor por esses alunos. Então, é... Eu fiquei emocionada em ver a cumplicidade desses irmãos e a força de vontade. Mesmo, eles não tendo esse acompanhamento familiar, eles eram vitoriosos, porque eles eram bons alunos. Então, eu acho que essa mensagem é muito importante para nós, porque a gente não pode desacreditar da criança porque ela não tem o acompanhamento diário, não tem a vestimenta necessária. Então, eu consegui, assim, visualizar uma mensagem bem positiva e um alerta pra nós professores.

Professora Frésia: Bom... Boa noite, meu nome é Eunice. Seguindo a ideia da Andréia, eu também vi, assim, um ponto pra gente refletir, né? A gente como professor, como coordenador, como diretor de escola, às vezes, a gente não sabe o que tá passando, aquela criança está passando, às vezes, ela traz um problema pra escola, chega atrasado, falta muito e a gente não sabe né? Então, assim, o diretor não procurou saber, não procurou saber o porquê ela estava chegando atrasada. Então, assim, pra gente pensar também nas nossas ações no dia-a-dia com as crianças. Esses dias mesmo na escola eu fiquei com uma criança até 8 horas da noite e a gente não sabe o porquê, né? Ai depois se a gente conversa com os pais, a gente vai entender um pouco da situação. Às vezes, a gente fala assim “ah, mas o pai não tem responsabilidade, isso, isso e aquilo”, mas a gente não vê o outro lado. Eu achei interessante também, assim, porque ele, o menino e a menina, eles estavam resilientes mesmo apesar da situação, dos pais não terem condições. Eles estavam ali batalhando, procurando vencer junto com os pais. Então, eu gostei desse ponto ai...

Professora Gardênia: Boa noite a todos...

Maritza: Só pra eu complementar uma fala dela. Se você puder me falar pra eu anotar aqui pra gente discutir depois, já passo pra você. Na realidade que você narrou da criança da sua sala, que os pais não foram buscar você pode nos falar qual foi o motivo?

Professora Frésia: A criança mora com a mãe e a mãe ela cuida de um bebê do irmão. Eles são separados, então, um presta favor pro outro. O pai leva a criança na escola enquanto a mãe da criança cuida do bebê dele. Ele trabalha e chega tarde e aí outra pessoa que vai buscar a criança e essa pessoa ela não teve responsabilidade de ir buscar a criança. Aí quando o tio da criança chegou, a criança não se encontrava em casa e aí que foi buscar. Então, a gente vê como que é... E hoje mesmo aconteceu outro caso de uma criança que ela vai na escola, ela chora e como foi no começo, tava com a gente faz 2 semanas, que começou no CAIC... Quando a professora tava fazendo atividade, com a estagiária, de repente a criança saiu e a professora foi atrás e a criança correu. A professora não alcançava a criança. Eu sei que foi uma situação assim... A professora, coitada! Ela fez de tudo e eu sei que ela correu. Aí alguém conseguiu pegar a criança e aí saiu alguém da casa, na rua onde ela estava, onde eles estavam e a criança chorando... E ela, a pessoa, falou assim “mãe, o que você tá fazendo com ele”, e ela “não sou mãe, sou professora” e aí a criança não quis voltar, teve que ficar lá com aquela mulher que acolheu a criança... Ligou pra mãe, a mãe não... Amanhã até vou conversar, procurar conversar com a mãe e conhecer o que está acontecendo mesmo, mas a mulher que acolheu a criança foi até a casa, que a professora não pode ir e nesse momento eu estava preparando... tinha formação antes de vir pra cá. Aí a mulher foi lá falou que eles estavam lá sentados debaixo de uma árvore. Então, quer dizer assim, são famílias que tá ali né? E a criança está sofrendo e a gente não sabe o porquê. Então, a gente tem que ver esse lado também e procurar ajudar, não sei, ver o que a escola pode fazer... Tem muitas famílias que se encontram nessa situação e aí os alunos... Acredito que a gente cobra, cobra, mas eles não tem... Eu acredito que eles não têm culpa, às vezes, eles são até resilientes, eles conseguem vencer, conseguem superar.

Professora Gérbera: Boa noite a todos! Eu vou pedir aos professores, que eu sou ADI, comecei agora a pouco na Escola Raquel Ramão...

Maritza: Como é seu nome?

Professora Gérbera: Elice! E assim... Pra mim no meu ponto de vista o filme vem trazer duas realidades. A realidade dos filhos: eles buscavam entre eles ali, na união dos dois, um ajudando o outro pra estarem na escola, porque eles de fato queriam aprender. Como também dentro de casa eles ajudavam os pais porque sabiam das necessidades dos pais, as dificuldades dos pais também e eles não olhavam para as dificuldades que eles viviam, eles queriam estar lá. Tanto que no fim a gente vê ali o esforço do irmão pra presentear a irmã e no final, assim, ele foi vencedor, mas ele não estava satisfeito porque ele não obteve o êxito que ele queria, que era o terceiro lugar, porém, ele tinha ganhado o primeiro. Trazendo isso pra nossa realidade hoje, é como a coordenadora acabou de dizer, às vezes, cobramos tanto do aluno, às vezes, os atrasos, mas, às vezes, a gente não preocupa em saber o porquê dos porquês. Exemplo, na nossa sala tem uma aluna que todos os dias chega chorando, todos os dias e até a gente saber a procedência daquele choro. Às vezes, a gente achava, assim, que era por motivos fúteis, banais e quando a gente soube da gravidade da situação, a gente passa a entender, assim... poxa! É como se diz, a gente não sabe aquilo que eles passam em casa. Às vezes, eles até não queriam tá ali, mas tá ali. Às vezes eles usam a escola como refúgio pra

sair um pouco de tanta dificuldade que passam. Então, o que a gente vê hoje em sala de aula, muitos alunos que chegam em certos horários, na merenda eles já perguntam “professora, o que que tem de merenda hoje?”. Então, às vezes, as crianças elas vão à escola em busca de uma refeição ou, às vezes, em busca de um carinho, em busca de uma atenção e não é fácil essa jornada dos professores que, às vezes, é o dia inteiro ali, a criança gritando toda hora... Você tendo que chamar atenção, só que a gente tem que tratar os alunos hoje como filhos, porque os nossos filhos também tão dentro de uma escola e, às vezes, nós como pais, não damos essa total atenção, esse total carinho que eles necessitam. Então, assim, a experiência pra gente refletir nos alunos, os nossos filhos. Será que estamos fazendo o papel de pais também ou além de professores? Precisamos fazer dentro da sala de aula, querendo ou não essa dupla função, porque somos pais e professores. Na verdade, somos nós que educamos pra que eles lá fora sejam verdadeiros cidadãos.

Professora Íris: Boa noite, meu nome é Silvania. Complementando o que todos já falaram, outra observação que eu fiz, mais alguns colegas aqui, é que há superação. Por mais problemas, de todas as formas que eles enfrentaram, você vê que eles superam tudo isso. A força de vontade que quando você quer, você consegue. Então, a gente tem alunos de todos os tipos, como já foi falado aqui. E o papel do professor também é incentivar e, às vezes, você não incentiva. Como as professoras falaram, às vezes, você não sabe o problema, tudo bem, mas a gente tem o poder de tá incentivando essas crianças, ela vê no professor o espelho. Aquilo que você faz é muito importante pra eles, eles olham você de uma forma, assim, pra eles é tão grandiosa o papel do professor, principalmente, com as crianças. E naquele momento que o... (eu não sei o nome, como que fala), o zelador, o cuidador lá da escola, chama a atenção dele, ele chora, ele tem medo e esse medo muitas crianças nossas tem. Quando o professor da bronca, fica assim quietinho, parece que desaparece dentro da sala de aula, a gente tem alunos assim. Então, a gente precisa saber lidar com todas essas diferenças, por que... Seja problemas sociais, pobreza, o que for, quando você tem vontade, força de vontade você vence e esse filme mostra isso. Apesar de tudo os dois são vencedores, no final eles são vencedores.

Professora Íxia: Boa noite! Professora Quênia, da rede municipal. Eu lhe faço uma pergunta: Será que nós professores, a partir de hoje saindo daqui e assistindo esse filme vamos refletir e pensar num amanhã melhor? Será que vai haver uma indagação para nós, enquanto professores, pensar e refletir em nossa prática, em nosso meio, em nosso dia-a-dia? Porque esse filme nos leva a refletir, e levou que sempre existe um amanhã melhor, aonde há uma luz. Que eu posso dizer isso da família aonde eu venho, que os valores impostos pelos meus pais nos leva a ter força para buscar no estudo uma prática inovadora enquanto cidadã, enquanto profissional, enquanto pessoa. Precisamos assistir mais filmes desse porte, professores, para que a nossa prática possa se inovar a cada dia a mais. Coisa linda de ver aqueles dois irmãos ali, superando a dificuldade com amor, com dedicação e o olhar do professor também. Então, a escola ela é um todo, não trabalhando separado, é o coletivo. A união que se inova e se transforma no meio em que nós queremos. Qual é a escola que nós queremos? Qual é o aluno que nós queremos? Qual é o professor que nós queremos ser nesse século que nós estamos vivendo atualmente? É isso...

Professora Tulipa: Boa noite a todos. Só complementando o que já foi dito e o que a colega...

Kássia: Nome?

Professora Tulipa: (...) Eu anotei aqui no meu bloquinho 4 pontos. Criança, escola, professor e pais. Por quê? Criança: levando pro filme, por exemplo, o que mais destacou pra mim foi as duas crianças, por quê? A persistência e a força de vontade. Então... Escola: Quando chegamos na escola o que já esperam né? O professor pouco tava preocupado com o que ela estava vestindo, o que ela estava fazendo. Quem recebia não tava preocupado em saber, que nem já foi falado, o porque chegar atrasado, o porque que tava com aquele tênis sujo. Ele em nenhum momento buscou isso, simplesmente impôs “porque chegou atrasado? mas, o que eu quero saber qual foi o motivo”. Professor: lá no filme teve a persistência daquele professor em pedir que ele pudesse entrar, ou seja, colaborou, por que se ele não entrasse, tenho certeza, que aconteceria coisa pior se ele voltasse pra casa. E os pais: a total ausência dos pais em relação àquelas duas crianças por que em nenhum momento, que nem foi falado, o professor falou, eles se preocupavam em saber como o seu filho tá na escola, mas tem o outro lado, apesar das dificuldades que eles viviam dentro de casa os pais eram presentes na vida deles. Então, de uma forma ou de outra o ensinamento vinha pra eles. Então, isso fez com que motivassem eles a persistirem em, vamos dizer assim, buscar cada dia a mais na escola. Então, apesar de todos, assim, chega um ponto seguinte: apesar de todas as dificuldades, em todos os âmbitos, eles persistiram. Até, que nem a Quênia disse aqui, serem vitoriosos, né?

Professora Astromélia: Boa noite! Sou a professora Karla do CIC. É uma observação, assim, muito rica que eu pude ter, é a questão do brincar, que mesmo diante de toda aquela responsabilidade a criança nunca deixou de brincar, nunca deixou de aprender. Então, assim, aqueles pais, a gente coloca, com toda aquela dificuldade, também não eram pais ausentes totalmente, mas tinham tantas dificuldades que deixavam de ver os filhos o quanto progrediam, mas assim o que mais me tocou foi à questão do brincar da criança, que mesmo em qualquer situação a criança ela quer brincar. E a questão do elogio, a importância do elogio, do reconhecer a criança, do olhar pra criança, o quanto o olhar do professor é importante. É isso!

Professora Centáurea: Boa noite, Ana Lucia. Eu gostaria de retratar a questão do trabalho. As três crianças protagonistas do filme, elas tinham uma responsabilidade com o trabalho. Os dois personagens tem um trabalho maior, mas tanto a criança que tinha um poder aquisitivo maior, ela tinha a responsabilidade de fazer a companhia para o avô. E aí eu discordo da colega que falou do direito de brincar. Em nenhum momento as três crianças brincaram. Quando os colegas foram chamar para brincar, ele sempre relatava que tinha que cuidar da mãe e o menino lá da outra casa com o avô, também ele não brincava. Tanto é que o menino foi lá no dia e brincou que até dormiu. Então, quantas vezes nós negamos, nós, pais, professores, de uma forma geral, a família, sobrecarrega as crianças com um trabalho, principalmente, da classe mais desfavorecida e tiramos esse direito de brincar. Então, acho que esses dois pontos ficou muito forte no filme.

Professor Antúrio: Boa noite! Olha, eu fui contemplado já nas duas falas, que eu fui pegar o microfone, eu fui contemplado rsrs. Uma questão é isso mesmo. Eu tô na coordenação agora e eu tô passando uma experiência nova. Eu acho que vou usar aquele pau que o homem tá usando pra...(Risos) Brincadeira! Mas a questão eu acho que é bem social, né? Eu tava olhando o filme, eu pensei que a realidade era só ali onde aquela família morava, mas não. A partir do momento que ele parte em busca de emprego, já mostra outra realidade. Então, a questão é social, é políticas públicas. Isso nós temos que estar olhando num todo, né? Porque nós somos professores, somos formadores. Então foi um filme muito bom! Eu vou assistir novamente, depois eu falo mais pra vocês! (Risos)

Dimas: Ajudem a perceber a infância, como é que o professor compreende a infância, como é que o pai do menino compreende a infância...

Professor Delfim: Boa noite a todos! Eu sou o professor Crispim da Escola Tancredo Neves. Baseado nesse filme a gente vê essa realidade. Eu, há poucos dias, que começamos as nossas aulas, eu vi essa questão em uma aluna minha que tava lá... E a gente, procurando, procurando e não conseguia encontrar e a gente vê a realidade familiar. A gente tem, o professor, às vezes, não procura a família pra ver o que está acontecendo e aí essa menina faltando, faltando... Eu fui ver... Nas férias, ela foi passear pra casa de uma avó e simplesmente estava esperando a avó receber a aposentadoria pra ela poder retornar e faltou, praticamente, o mês todo de aula e ela foi aluna minha no ano passado e está com uma dificuldade danada e não tem condições de vir fazer reforço, que ela mora lá no aeroporto novo e eu vou ter que tirar o meu recreio pra poder tá trabalhando com ela, com o reforço. Então, assim, às vezes, o professor, a gente faz crítica, crítica e não faz um estudo da família pra ver o porquê que está tendo essa dificuldade.

Maritza: Só um pouquinho... Antes de... passando pra ela Dimas, mas assim, eu queria pensar um pouco também sobre a relação do modelo de escola existente lá com a nossa escola daqui. Tem alguma semelhança? Como é que a ideia de professora, a ideia de aluno, como é que a gente pode ver essa relação?

Professora Gloriosa: Boa noite! Meu nome é Rosilene. É exatamente isso que a Professora Maritza falou agora, que eu ia dizer, que como a gente entende o processo de desenvolvimento de concepção de infância que foi passado no filme, né? E a gente trazer isso pra hoje. Como a gente vê essa concepção de infância? A gente está vendo desta maneira. Pelo que muitos aqui falou, a gente tá vivendo desta mesma maneira, sabe? Não tá tendo mudança nenhuma porque, às vezes, a criança, elas vão pra escola e acaba sendo, assim, maçante pra criança. O professor só quer passar conteúdo, conteúdo, conteúdo e esquece de ter aquele momento... Porque não tirar 20 minutinhos da sua aula pra fazer uma atividade lúdica, uma brincadeira com seu aluno? Não importa se é 6º ano, 7º ano, 8º ano, ensino médio, porque tá se perdendo essa questão do brincar e mais ainda, as crianças que estão vivas, as infâncias tá se acabando. Eles estão chegando e, assim, na escola você vê que, a gente dá pra perceber, que em casa ele só trabalha, o momento de brincar é na escola e chega na escola a gente não tá fazendo isso. A gente só quer passar o conteúdo, “não, tem que passar conteúdo!”, porque há cobrança, tem provinha não sei do que, provinha Brasil, provinha não sei o que... Vão inventando e a gente acaba esquecendo que, às vezes, o único momento de brincar daquela criança é na escola e acaba não fazendo isso, porque em casa tem que cuidar da irmã, fazer comida... Eu tenho aluno que faz isso! Tá no 6º ano, tem 10 anos... “(...) não professora, eu não posso vir porque eu vou fazer comida, eu tenho que limpar casa, só tá eu em casa”, cê entendeu? Então, a gente tem que pensar sobre essa infância que nossas crianças estão vivendo hoje, se está tendo mudança ou não. Acredito que esse tema é muito importante sim, de que essa concepção de infância tá se perdendo.

Dimas: Que reflexão linda, não é? Cada reflexão mais bonita...

Professora Girassol: Boa noite a todos! Meu nome é (...), professora de Matemática, da Escola Gabriel Pinto de Arruda. Realmente foi maravilhoso o filme! A respeito das opiniões também muito boas. Eu só queria contribuir, espero que seja pra contribuir, um pouquinho a respeito do que eu observei. No filme, a escola da época, as crianças eram separados, a educação de meninas era em um período e a educação dos meninos em outro período. Isso

parece contribuir para o aprendizado. A educação física dos meninos no pátio, o momento cívico que as meninas tinham, o conselho que era pra todos ao mesmo tempo. Isso daí me fez recordar de quando eu era adolescente, aluna, que a gente cantava o hino nacional no pátio da escola e era passada algumas informações pra gente também, assim, no todo. Eu sou nascida no Mato Grosso do Sul e lá acontecia isso na escola em que eu estudei, escola municipal. Hoje em dia eu sinto muita falta, porque nós não temos mais esse momento cívico aonde vai todo mundo com respeito no pátio cantar o hino. Que em um momento ali do filme, eu assisti as meninas todas em posição ali no pátio. A questão também de se preocupar dos professores... Antes, preocupavam também a aconselhar a gente sobre higiene pessoal, essas coisas do primeiro ao quinto ano. Eu acredito que hoje não fazem mais isso por que... Eu não fico nas salas de aula do primeiro ao quinto ano, mas eu fui gestora durante dois anos e os meus professores não faziam mais esse tipo de diálogo com os alunos nas aulas de ciências e é uma coisa que contribui muito e lá no filme, na hora que as meninas estavam lá fora, eu vi. A gente pode perceber no filme que havia também conselho sobre a maneira de calçar, maneira de portar. É muito importante isso daí hoje... E a questão do lado dos meninos, a gente percebe que eles poderiam sentar de 3 a 3 e eles permaneciam em silêncio e tentar estudar, dividia ali as carteira. Hoje se juntar de 3 em 3 vira uma bagunça e é impossível o professor dar aula. Então, é isso que eu tava observando. Hoje eu tô em sala de aula e nossa realidade, Gabriel, também não é diferente de outras escolas, pelos alunos que falta a aula pra cuidar de irmão especiais e muita carência também, financeira, mas também existe também aquele lado dos adolescentes, que eles não tão tendo mais a empolgação, nem pra estudar, nem pra o que vai ser amanhã. A gente conversa com o aluno, pergunta o que ele quer ser, então, eles ainda não sabem, estão totalmente desmotivados nessa questão. Eu acredito, assim, que nós devemos tentar plantar essa sementinha de motivação no coração dessas crianças, desses adolescentes, principalmente, quem tá trabalhando com o oitavo, novo e ensino médio. Motivá-los pro amanhã, né? A gente precisa disso, não dá pra ficar só esperando o acaso. É só! Muito obrigada.

Dimas: Mais algum professor?

João de Deus: Deixa eu só fazer uma intervenção? Posso? Antes de começar?

Maritza: Depois que ela falar a gente fala...

Professora Celósia: Eu queria só dizer que eu concordo plenamente com a colega, em relação a essa questão do brincar e quanto a essa relação também do olhar né? Do trabalho da criança. Então, assim, eu venho de uma escola bem carente, então, assim, praticamente tudo que eu vi, assim, dentro desse filme, vem de encontro com a minha realidade, a realidade da nossa escola. Eu até convido a equipe, em estar nos visitando... Mas, em questão do brincar, muitas vezes, entendida mais pelos professores da educação infantil, que trabalham com isso, que vai, que tem essa noção de que... Na educação infantil, eles vão começar a aprender através do brincar, mas só que alguns não entendem dessa forma. Acredito que quando ele chegou lá no primeiro ano: “não! Agora é conteúdo, conteúdo, conteúdo”. Então, nós precisamos agregar essa questão do brincar, estando relacionado com as atividades e estar levando essa questão da interação entre o professor/aluno porque, muitas vezes, acontece dessa forma mesmo, do aluno chegar na escola e não ter essa facilidade de se abrir com o professor. Então, assim, eu tenho um caso na minha escola, que é uma família, que o aluno, às vezes, deixa de ir pra escola pra ele ir vender peixe porque eles realmente têm dificuldade de ir com um chinelo, lá com o araminho, com a roupa toda rasgada, suja. Então, assim, nós vemos que ele quer estar lá e os professores incentivam ele a estar lá, mostrando todos os

aspectos de ele estar na escola, pra ele mudar essa realidade dele. Só que, assim, eu vejo que esse brincar é no sentido que a colega falou mesmo, que acaba deixando de lado e ai em casa, ele não brinca porque no horário é o... Ele vai ter que fazer um trabalho pra ajudar e ai no caso quando ele vai pra escola, ele quer brincar e ai entra essa questão da indisciplina na escola porque ele não para no lugar, ele conversa, ele quer correr porque ele quer brincar e no caso é meio que... confunde essa questão da escola e a gente acaba achando que a criança não tá entendendo o que é escola, não é! É que ele não tem essa noção, mas é... Cada vez os professores estão contribuindo. Tô gostando.

João de Deus: Só vou fazer uma provocação. Eu gostaria de... Pra vocês pensarem um pouco a partir da questão da diferença, né? A diferença como aquilo que nos constitui. A diferença é aquilo que faz com que nós percebamos o mundo. Percebamos a nós no mundo, percebamos o outro em relação a nós, em relação aos outros. E aí tem uma diferença que pode ser pensado. Diferença cultural, por exemplo, o modo como o povo iraniano se organiza, como ele trabalha, como ele expressa pra vida dele. Será que não haveria diferença em relação ao modo como nós cultivamos, nós expressamos nossa vida aqui? A diferença social, o modo como se organiza nas relações sociais nesse local do filme. O modo como a família se constitui, se organiza, se relaciona... Diferença econômica, que apareceu também no filme, diferença de gênero, que já foi até tocado um pouco aqui... Diferença de idade, quer dizer, de gerações da criança para o adulto. Como é que se dá essas relações lá, como é que isso se dá aqui? Quer dizer, como é que todo esse processo de diferenciação que é importante para que nós nos percebamos no mundo, vivamos nele, nos relacionemos com os outros, também pode e deve inferir, tem o seu impacto na escola, neste currículo, na escolarização da criança, o tempo que ela passa ali por dentro da escola. Todas essas diferenças estão postas no mundo e estão de qualquer forma intervindo no próprio trabalho do professor, no próprio trabalho do modo como a escola lida com a família, enfim, então é uma provocação pra vocês pensarem também, um pouco mais nisso, talvez, ouvir vocês sobre... a partir dessa ótica da diferença. Aí é para vocês... Pode falar...

Professora Astromélia: Só uma colocação com relação ao brincar. Eu coloquei a questão do brincar espontâneo, quando as crianças brincam com a bolha. Elas tinham sim a vontade, mesmo é... com toda a dedicação aos pais, à escola, elas tinham a vontade de brincar. Isso é da cultura da criança, o brincar, e aí quando a gente coloca “ah, elas não brincavam”, elas brincavam. Teve um... Pra mostrar que elas brincavam, elas queriam brincar porque, muitas vezes, as brincadeiras não são só aquelas com regras, aquelas que são estabelecidas e o brincar da criança, quando eu coloquei, era esse brincar espontâneo que a criança tem e que deve ser aproveitado, principalmente, na escola. Porque, muitas vezes, elas falam “ah, vamos brincar”, mas e aí? O professor decide, o professor faz, e o aluno? O que ele quer? E o querer dele? Então assim, né? Nesse ponto, reconheço, eles não tinham momentos para ser criança, assim, o que vinha na minha imagem é quando a gente começa a estudar na escola de educação infantil que a criança, ela é vista como adulto. Então, essas crianças eram vistas como adultos, tinham trabalhos de adultos, precisavam viver como adultos, mas eram crianças, continuavam sendo crianças. Então, assim, essa questão da espontaneidade da criança. E a questão do gênero, percebe também essa proteção do irmão. Porque o que dava para entender é que o pai sustentava a casa e a mãe cuidava da casa. Então, como o filho se espelha muito, então, era esse espelho que ele tinha. Então, ele protegia a irmã e, assim, bem rico a questão de gênero, a questão de gênero na escola. Então, dá pra ver que eles prezam muito por essa divisão, essa divisão de papéis. Então, lá a mulher, ainda, não tem os seus direitos como nós temos aqui. Então estão sendo construídos, porque já vão à escola, né?

Professora Íris: Aquele momento, quando a mãe mandou que servisse o chá, mas não tinha o açúcar, então, eu achei isso importante. É o conceito do certo e do errado e o momento quando os dois foram lá pra pedir, talvez, o sapato de volta e eles, assim, presenciaram uma situação talvez pior do que a deles, ai eles se calam, tanto é que ela foi atrás e nada fez. Eu falo o conceito de certo e errado.

João de Deus: Mais alguém?

Professora Celósia: Só nessa questão do professor, pra gente refletir, nessa questão social e econômica. Então, essa questão da criança deixar de brincar, deixar de ser criança mesmo. Então, essa questão social nós vimos no filme, que independentemente do lugar que estava, houve criança que deixou de fazer isso, deixou de ser criança. Mas, na nossa realidade mesmo, eu acho que isso é de acordo com as escolas, que elas estão localizadas, o grupo que são atendidos. Então, assim, lá no meu caso, novamente, porque eu acho que cada professor está relacionando os temas com o que vive, que eu acho que a proposta é essa mesmo. Então, assim, essa questão econômica, ela leva muito pra isso de agregar, de incentivar a criança ter mais responsabilidade, principalmente, naquelas famílias que ela tem muito mais componentes ai tornasse mais um, então a família já exclui a criança, não! Porque você vai ter que cuidar, porque a partir do momento que ele nasce você vai cuidar, você vai ter que... E a criança já vai deixando já a sua infância de lado. Então, ela vai levando lá pro conceito de escola, que é uma coisa que... Com a fala da professora... Eu não tinha pensado no que ela falou... Obrigado.

Dimas: Eu queria que a gente pensasse um pouquinho em duas atitudes muito interessantes no filme. Vamos só pensar... A primeira é o pai! Quando o pai chega e diz pra ele assim “você tem que ajudar a casa”, dando uma dura nele, “você tem que ajudar em casa, eu com 9 anos já ajudava minha família”. Será que isso acontece conosco? Será que isso acontece com a sociedade? Essa é uma questão. A segunda questão é a questão da contradição entre o diretor e o professor. Olha o professor... Puxa! O menino estava entre os 3 melhores da sala, com todos os problemas, o sapato, da dificuldade, de chegar atrasado, ele estava em 3º colocado, a melhor nota da sala. Ai chega o diretor e fala assim pra ele “Pow, você é vagabundo, atrasado, não quer nada, tá chegando atrasado, mentiroso!”, Na hora que ele pega a meia e fala “Pow, você tá mentindo pra mim”... Como é que nós ficamos na escola com esse tipo de relação contraditória entre nós... Como é que nós discutimos isso? Como é que nós conversamos sobre isso? Como é que nós pensamos isso?

Maritza: Então, eu anotei um monte de questionamentos aqui. Pra mim a imagem da criança brincando com sabão, que a colega colocou aqui e acaba brincando, foi das imagens mais significativas desse filme, mas tiveram muitas outras imagens que faz com que a gente rompa com a ideia que nós temos de infância idealizada. E ai os questionamentos que o João traz e que o Dimas traz e todos os questionamentos que vocês trazem aqui... Nós vamos continuar discutindo e conversando sobre eles em todos os filmes, porquê? Por que agora nesse filme nós vimos, semelhanças e diferenças em relação as nossas crianças, em relação a nossa realidade, né? Muitas semelhanças vocês relataram, as semelhanças dos cotidianos, eu anotei falas de alguns colegas aqui, que davam filmes semelhantes a esse, de realidades que estão aqui aos nossos olhos, né? E que, muitas vezes, não chegam onde? Na academia que produz ciência, que produz conhecimento. Por que que é importante vocês trazerem esses relatos e fazerem essas reflexões junto conosco? Porque assim nós vamos levar essas reflexões pra dentro da academia. Eu costumo dizer que política pública nada mais é do que aquilo que movimenta o cotidiano. A política só passa a ser pensada quando nós no cotidiano nos

movimentamos para que ela seja pensada, não é assim? Então, se esse tipo de questionamento que foi trazido pra cá, que dá filme, da criança que não foi pra escola por um mês, porque estava esperando a vó receber o dinheiro, por exemplo, são realidades que fazem com que nós pensemos que políticas públicas precisam ser pensadas de novo e que devem partir de nós, né? Nós já vimos grandes mudanças, grandes transformações no cenário educacional, em relação ao direito da criança e da infância, mas nós sabemos que as realidades são distintas. Agora no dia das mulheres a gente tava em uma reunião lá no mestrado e eu comecei a reunião passando aquele filme “Severinas”, não sei se vocês já viram, e esse filminho é um curtuzinho de 20 minutos, dá pra gente perceber como a vida das pessoas mudou, como que a vida transformou, principalmente, no Nordeste Brasileiro, e as nossas vidas, as vidas das crianças que nós trabalhamos com ela, mas que precisam de mais políticas e essas políticas serão feitas quando nós pensarmos nesses problemas que afligem a nossa realidade. Eu não sei se mais alguém queria falar alguma coisa... Eu quero dizer pra vocês que é isso o nosso cineclube, mais do que trazer respostas e isso nós não vamos trazer, não é a nossa intenção. Nós estamos aqui pra problematizar junto com vocês e pensar junto com vocês o que que são essas infâncias e o que que são essas semelhanças e diferenças que constituem esses sujeitos infantis, né? Então, nós vamos pensando sobre isso... Já tem o próximo filme, eu não vou falar qual que é, porque se não vocês vão pegar na internet, mas também aborda uma realidade muito distinta que deve fazer nós pensarmos (...) Mas, da diferença em nós que somos produzidos como sendo o ser, como sendo o ideal e o outro é o outro e só, e nós adultos que acreditamos saber o que há de melhor pra criança, acreditamos mais ainda que nós somos e as crianças não são. Então, que a gente fique com esses questionamentos. Eu quero, assim, imensamente, agradecer a vocês a disponibilidade, pensar que teve gente que saiu de uma formação pra vir pra outra... Nós sabemos o quão difícil isso é e que só as pessoas que estão realmente interessadas em discutir a educação fazem isso. Muito obrigada em nome dos meus colegas de grupo. Nós esperamos que vocês tenham gostado e vocês participem do próximo e que vocês divulguem para os seus colegas. A gente vai estar aqui, fazendo esse tipo de discussão (...) Gente obrigada!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 26/05/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE II – TRANSCRIÇÃO DO 2º ENCONTRO

Transcrição - 2º Encontro (29/03/2016)

Filme: *Guerra dos Botões*

Maritza: Que bom que estamos aqui de novo, sejam muito bem vindos. Nós dissemos que iríamos começar pontualmente as 19:00 horas, mas já estamos atrasados em principio, então, eu gostaria de agradecer a todos, dizer que em seguida nós já vamos começar o filme porque o que nos interessa é a discussão que vem depois. Então, nós vamos passar hoje um filme... semana passada o filme foi iraniano “Filhos do Paraíso”, hoje nós vamos passar um filme que é francês, eu não sei se alguém já assistiu, se chama “Guerra dos Botões”. Alguém já viu? Bom, depois a gente comenta, então, sobre o filme. Como é a nossa metodologia eu não vou falar nada sobre o filme antes da nossa discussão, antes dos nossos comentários. Eu queria só duas questões que eu preciso combinar com vocês antes da gente começar. Primeira questão: daqui a pouquinho está chegando o termo de livre esclarecido, que é aquele termo que eu falei pra vocês que nós vamos ter que assinar porque todos estão fazendo parte de uma pesquisa né? E como a pesquisa passa pelo conselho de ética, pelo comitê de ética da Universidade, nós temos que ter um termo de livre esclarecido e de consentimento de vocês pra que nós utilizemos as gravações, as falas, nas nossas pesquisas. Então, daqui a pouquinho essa lista vai estar rodando. Eu peço que vocês leiam, coloquem nome, RG, CPF e assinem e quem não fez inscrição na semana passada, acho que duas pessoas já vieram me procurar aqui, essa ficha vai servir também como inscrição, ai chega lá e coloca na ficha de inscrição, tudo bem? Combinado? Tá. Segunda questão: Qual que é a segunda questão Dimas? Rsrs... Ah lembrei! Então, nossa proposta é que esse projeto seja um projeto de formação continuada de professores. Nós vamos ainda discutir com vocês como que nós entendemos a formação continuada como esse processo de problematização e de problematização não só a partir do que nós pensamos, mas, principalmente aquilo que nós discutimos no encontro passado, principalmente, a partir das questões que nos afligem no cotidiano da escola. Então, nós temos um grupo de pesquisa que tá na UNEMAT, que tem temáticas de estudo muito distintas e dai nós gostaríamos de convidá-los pra fazer parte desse nosso grupo de estudos. Nosso propósito de estudos e pesquisas, nosso propósito ao final desse cineclube, que termina no final do semestre, é que a gente saia daqui com material para publicar um livro e os filmes e as discussões é que nos darão base para que esse material seja produzido. Então, nós gostaríamos de convidar vocês. Primeiro de dizer quais são as temáticas que nós estamos abordando e se alguém tiver alguma ideia a partir dos filmes que queira contribuir, que queira investigar junto conosco e que queira escrever e que queira publicar, nós estamos procurando parceiros. A ideia do projeto só faz sentido, essa formação que é uma formação continuada, se nós conseguirmos fazer esse elo com as escolas a partir desse encontro com vocês. Então, eu tenho estudado as questões da infância, ai eu vou falar pra vocês rapidamente o que que nós temos estudado no grupo de pesquisa e se vocês se sentirem contemplados com alguma das temáticas, com algumas das questões discutidas, que vocês nos procurem pra que a gente

comece a pensar possibilidades de produção a partir dos filmes, das discussões e do material de apoio que em seguida a gente vai dizer qual que é a concepção teórica, quais são os autores que subsidiam nossas análises, o que que nós entendemos por cinema, como que o cinema pode quebrar com os clichês e fazer com que essas imagens efetivamente apareçam, como que a gente rompe com o processo de representação e significação a partir do filme. Então, a ideia é forçar o pensamento a pensar a partir desses filmes. E aí, assim, eu tenho estudado infância, a Kássia tá estudando a questão dos gêneros e sexualidade, o Wallace tá estudando as questões Étnico-Raciais e aí a gente vai estudar a partir de filmes, Rodrigo tem estudado as TICs, as tecnologias na educação, Rosilene tá estudando... é algo que a gente tá pensando ainda, mas ela tá pensando em produzir alguma coisa sobre os vídeos produzidos por pais e mães com crianças que são veiculados nas redes sociais, a Luana... Levanta Luana! Luana tá estudando alguma coisa da Alice no País das Maravilhas, a Lógica do Sentido e as Alices que existem nos cotidianos das escolas, é um projeto bem desafiador, mas que tá bem interessante... Dimas também estuda as questões da História na Educação e vem abordando esses conceitos de escola, de alunos, de professor, de criança, professora Suely... Levanta Suely! Estuda a questão do corpo, da corporeidade, também estudando a partir dos filmes, nós vamos começar essa discussão, mas priorizando a questão da corporeidade, do aprisionamento dos corpos, alguma coisa assim e João, que foi buscar um documento pra mim, não tá aqui, mas tem estudado a questão do Currículo e como que nós constituímos sujeitos a partir do que nós escolhemos, das escolhas que nós fazemos no nosso cotidiano na sala de aula. Então, é mais ou menos isso, se vocês pensarem em alguma coisa e tiverem alguma ideia ou quiserem participar conosco dessas produções escritas, nós assim estamos precisando dessa ajuda e estamos completamente abertos e disponíveis pra tocar, pra pensar juntos e tudo mais. Nós também fazemos as nossas reuniões todas as sextas feiras de manhã lá no Mestrado, na Cidade Universitária. Por que que nós fazemos? Porque é lá que vamos pensar um pouco como que os autores que nós estudamos podem nos ajudar a pensar sobre isso que a gente vê aqui sobre o cotidiano da escola. Então, toda sexta-feira e toda terça-feira à tarde nós estamos também lá na UNEMAT, preparando cineclube e estudando o referencial do nosso trabalho. Tudo bem? Terceira coisa eram duas, agora são três. Qual que era a terceira coisa? É a mais chata de todas. Nós vamos ter que sair daqui! Hoje à tarde nós tivemos uma reunião e assim foi difícil conseguir esse espaço pras duas primeiras reuniões, nós mandamos ofício, tivemos que fazer reunião aqui com o secretário, mas ele disse que o gasto é muito grande, ele não tá dando conta da manutenção porque tem ar-condicionado, luz, essas coisas que ficam caras mesmo e nós temos tudo à disposição lá na UNEMAT. Tem o auditório, tem um espaço bom, já tem todo esse apetrecho, essa tecnologia toda aqui que toda terça-feira a gente tem que vir pra cá pra preparar, trazer caixa de som e tudo mais e lá nós já temos tudo isso. Como não vai ser possível mais fazer aqui a gente queria ver com vocês a possibilidade de acontecer lá no auditório Edival dos Reis, na Cidade Universitária. O que que cês acham?

(RECLAMAÇÕES)

Maritza: Eu imaginava isso! Mas, não tem condições gente lá?

...

Maritza: Sabe qual que é a questão? A gente podia até fazer, tentar arrumar essa sala aqui do curso de turismo lá do Campus de Cáceres, aqui né? Só que as cadeiras são completamente desconfortáveis ao passo que lá na Cidade Universitária nós já temos um ambiente melhor pra fazer o cineclube porque a gente sabe que é cansativo sentar num lugar desconfortável pra ver um filme né? O que que cês acham? Não seria possível nosso esforço... Na realidade, o grupo achava melhor que fosse aqui mesmo tendo esse trabalho todo de trazer as coisas pra cá e tudo mais porque aqui é mais centralizado, por isso que nós pensamos aqui, mas hoje nós nos reunimos de novo com o secretário e ele disse que não vai ter condições, que tem outras programações, inclusive, de Fip, de jogos estudantis e um monte de outras coisas. Que tal?

...

Maritza: Vamos fazer o seguinte, então, vamos pensando. Nós criamos um grupo hoje no Whatsapp! Todo mundo que tá aqui, tá no grupo? Tá? Quem não tá no grupo? Nós vamos passar essas fichas pra vocês fazerem. Na ficha coloquem o número do telefone que eu acho que o Whatsapp é o meio mais fácil de fazermos o contato. Nós vamos tentar criar um grupo no Facebook também com todos nós, mas um grupo mais fechado. Pra quê? Pra que a gente compartilhe textos, compartilhe ideias, compartilhe pensamentos, compartilhe problematizações a partir desse grupo que é fechado. Não é um grupo aberto, só nós temos acesso, o público geral não tem e a partir dessas tecnologias a gente vai conversando até o próximo cineclube, ok? Combinado? Alguma coisa a mais meninos e meninas?

(DIMAS COMEÇA A FALAR)

Maritza: Ah... vem aqui né Dimas!

Dimas: Oi. Nós conversamos e entendemos que nós temos dois momentos após o filme. O primeiro momento é o tempo dedicado à análise dos filmes que propiciam que todos nós possamos ter uma... expressar nossa compreensão sobre infância, as relações que acontecem no filme e o segundo momento nós vamos atender algumas reivindicações de vários professores sobre o aspecto da formação de todos nós para a utilização de filmes como um instrumento didático no cotidiano da escola. Como é que esse filme pode nos ajudar? Como é que esse filme pode ajudar eu pensar aulas? Como é que os filmes podem nos propiciar momentos extremamente importantes educativos na discussão, na conversa, no diálogo em sala de aula. Ok? Então, nós teremos dois momentos a partir de hoje nas nossas atividades.

Maritza: Vamos lá, então, ao filme “Guerra dos Botões”! Alguém tem alguma dúvida, alguma pergunta?

...

Maritza: Vamos ao filme então! Rodrigo...

Após o filme “Guerra dos Botões”

Maritza: Oi... Agora sim. Dimas! Está sendo convocado para vir à frente... Eles acham que só eu tenho que ficar aqui no microfone gente. Eu odeio microfone, minha voz é péssima! Óh

seguinte: Rosi vai passar o termo de livre esclarecido, daqui tem um nome diferente, como é que é? Termo de consentimento livre esclarecido. Aqui tá dizendo o que é o projeto, quem são os membros da equipe e que vocês concordam de participar do mesmo aí quem concordar, por favor, coloque o nome e assina. Então... Nós queríamos agradecer, registrar a presença aqui e agradecer também ao grupo de artistas de Cuiabá que vem fazer uma apresentação aqui em Cáceres. Acho que é... Na quinta-feira?

(Fala do diretor da Companhia Comadança)

Maritza: Pera aí só um pouquinho... Gente eles vão falar rapidinho aqui pra nós antes da gente começar.

Professor Goivo: Olá, boa noite! Então, nós somos o grupo Comadança de Cuiabá. Nós estamos fazendo alguns circuitos chamado “Circulação Comadança” e apresentaremos dois espetáculos e uma oficina aqui em Cáceres, sendo que o primeiro espetáculo acontecerá amanhã às 19:00 horas em frente a UNEMAT sede. (Começa a relatar mais informações do grupo).

Maritza: Suely vem pra cá... Meninos agora, então, nós vamos discutir um pouco o filme. Alguém se habilita a começar? Eu anotei um montão de coisas pra gente conversar né? Mas... O tema na semana passada rondou em torno do direito da criança em brincar. Na semana passada nós discutimos bastante no encontro passado esse tema. Será que tem alguém que queria problematizar um pouco essa questão a partir deste filme agora?

...

Maritza: A gente tava discutindo hoje à tarde aqui no centro cultural ainda sobre a ideia de representação e a possibilidade de novos processos de significação a partir do que o filme nos leva a pensar e aí a gente tava pensando em como propor essa discussão aqui e veio a nossa mente um poema de Manoel de Barros que ele... eu não vou me lembrar do poema todo, mas ele diz mais ou menos assim: “Atrás da minha casa passava um rio, passava uma cobra de vidro aí passou um homem e disse que a cobra de vidro se chamava enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem”. Lógico que Manoel de Barros tem muito mais riqueza de detalhes nessa poesia, mas é isso. O que em nosso processo de significação e de representação da criança, da infância, da escola, do professor, do aluno, da brincadeira, do brincar, o que dessas representações nós podemos tirar em nosso cotidiano e o que nós podemos fugir das representações, fugir da ideia de mesmidade, ou seja, o que é mesmo criança, o que é mesmo infância, o que é mesmo professor, o que é mesmo brincadeira. O que que passa a ser cobra de vidro ou cobra mole e o que que é a enseada? Percebam a relação que pode ter aí. No processo de significação nós deixamos de ser um monte de coisas pra sermos o que somos. A gente tava discutindo isso no encontro passado, acho que o João trouxe algumas questões sobre isso. Como que pra eu ser criança eu tenho que deixar de ser um monte de coisa, inclusive, adulto né? Como que pra eu ser criança eu tenho que pensar no futuro e eu passo a não ser no presente né? Como que pra eu ser criança eu vivo uma infância como essa do Lebrac que é criança e adulto ao mesmo tempo. Então, essas questões, acho que dá pra gente começar a pensar nesse modo hegemônico, ideal de pensar a infância. Nós vimos no

cineclube passado um outro modo de viver a infância, mas será que nós fugimos da representação que nós temos de infância? Nós vimos um outro modo de conceber a brincadeira, mas nós fugimos do modo que nós concebemos a brincadeira e o brincar numa infância e a mesma coisa se passou em relação ao professor e a escola. Como que essas questões se dão em nosso cotidiano? Só pra gente começar a conversar...

Professor Goivo: Tem uma coisa que o filme me traz essa segunda vez que eu assisti o filme e uma coisa, que eu acabei de fazer uma pergunta aqui pros colegas, se o direito da criança é efêmero. Quando eu falo no direito eu já tô colocando dentro do âmbito adulto de ser e quando eu coloco o efêmero eu também não distancio desse adulto de ser e uma coisa com a pergunta que você fez me leva a crer é que nós distanciamos muito tudo da vida real. Quando eu falo vida real é vida que se sente, quando se sente, se sente com o corpo todo. A gente não separa o que se sente do corpo que tem perna, do corpo que tem braço, do corpo que tem cabeça e parece que também entramos dentro de um processo sistemático de separar a criança desse ser que já foi criança, que hoje é adulto. Então, me leva também a pensar que nós esquecemos que um dia passamos por essa fase e quando falo isso é um esquecimento que, no meu ponto de vista, é extremamente estranho porque nós não voltaremos a ser criança como também não deixaremos de ser adultos. Então, porque que nós insistimos, às vezes, nos desmistificar desse tempo que está aqui dentro, quando falo aqui dentro é porque eu não consigo separar as lembranças, os sentimentos, as vontades e também as (des)vontades desse adulto que já foi criança e o filme me leva muito a esse pensamento porque coloca as crianças sendo o que elas são, automaticamente coloca uma escola como ela é, mas em todo momento eles fazem o entrelaçamento desses dois sistemas que estão pra vida. Eu como professor e como artista, as vezes, eu me preocupo muito dessas separações, dessas codificações que nós somos obrigados a colocar a vida. O filme apresenta uma coisa que eu acho fantástico, além de ser um belíssimo filme, colocar a vida sendo sistematicamente como vida. Então, assim, se a gente for falar e escrever delicadezas do filme, a gente pega no processo de que... a violência hoje, por exemplo, mas, a violência no filme é colocado dentro de uma poética tremenda que faz o tempo todo pensar que Clodoaldo, eu, ainda é criança e posso colecionar trezentos mil botões que eu quiser e continuo ainda também tendo todas as minhas responsabilidades de adulto, de professor, de artista, de... pagando impostos e assim por diante. E a pesquisa de vocês em educação continuada... assim, eu como artista, eu deixo sempre uma mensagem tremenda de que é que eu sinto. A gente tem que viver e viver, viver sempre! Quando for viver sempre é ter a grandeza e a consciência de que a vida não existe separações, existe vontades de conexões. A separação ela está posta dentro de um sistema que pode ser pensado dentro de um, primeiramente, de um âmbito de liberdade que é particular. Eu quando falo particular eu coloco num corpo e aí efetivar de braços abertos pra todas as crianças seja ela de 5,2,3 anos ou 70 anos. Então, parabéns pelo filme, parabéns pela ideia, eu acho que é fantástica, sabe? Vocês discutindo isso num âmbito geral da cidade e vou já cutucar vocês um pouco diante da... já fazendo conexões, vocês falaram no começo sobre a não estada de vocês nesse local. Eu acho que vocês deveriam lutar pela permanência desse projeto nesse local. Por que que eu falo isso? Não só pela vontade de estar no local, mas assim, já existe uma força, esse espaço é da cidade, então, conseqüentemente esse espaço é de vocês independente de valor que vai gastar ou vá contribuir. Eu acho que a reunião de vocês

aqui já é um valor de contribuição, não só pra pesquisa de vocês, mas pra cidade. Então, eu cutucaria vocês pra vocês continuar aqui por quê? O cinema, a arte de ver em comunhão, quando eu falo comunhão é estar junto e essa pipoquinha agradável passando e um pegando pro outro... Nossa! Isso já é pesquisa, isso já é a cidade de Cáceres. Então, assim, não abandone esse espaço, não abandonem a ideia desse espaço porque acho que existe uma força nesse espaço que é de comunhão, quando eu falo de comunhão é comunhão do corpo pra com tudo. Eu não consigo separar o corpo da organização social, da organização artística, da organização acadêmica, da organização tudo. Então, assim, conectem tudo, com tudo e viva o tudo, por favor. Obrigado!

Professor Antúrio: Boa noite! Professor pedagogo... O filme é muito interessante mesmo. A gente pode perceber a liberdade, a gente pode perceber a união entre todos, a gente pode perceber a traição que existiu e mais do que isso eu vi, assim, um acreditar daquele professor sobre aquele aluno que, muitas vezes, ele era parece que era a base daquela sala como muitos alunos também são e a gente, às vezes, nem percebe isso, mas o professor conseguiu ver naquele aluno o quanto ele tinha pra dar ainda e ele..... entendeu? E fez com que fosse realmente não só líder, mas alguém que transmitia a todos aqueles colegas dele, ao redor dele, aquela força pra vencer, aquela força pra lutar, aquela força pra querer mais, enfim e que o professor mais do que nunca acreditou nele e olha eu penso, assim, que nós professores, nós devemos acreditar, acreditar nas melhores nas melhores coisas, nos melhores detalhes de cada aluno. A gente acreditar e incentivar até buscar naquele aluno coisas que muitas vezes até mesmo ele não acredita, mas que nós como professores, como educadores, por pais devemos acreditar mais em nossos alunos, tá? Obrigado.

Professora Celósia: Assim, o que me lembrou muito vendo o filme, assistindo, foi a infância também até porque este menino ele tinha... era uma família humilde, que tinha uma grande responsabilidade com os irmãos, com a mãe por ter perdido o pai. Então, eu me vi né? Eu me vi criança que, assim, não que eu tenha perdido o pai, mas foi semelhante. Eu era uma criança que vinha para a escola, mas que não tinha muita coisa quando eu vinha pra escola pra fazer porque minha mãe trabalhava fora e nessas quando eu chegava em casa com bastante dever pra fazer eu me empolgava no dever e não fazia o que ela tinha me recomendado, eu levava puxões de orelhas e também vejo isso hoje como professora com alunos meus, que eles falam assim “professora, eu vou em casa, vou pra casa. Ai eu chego, almoço, eu preciso lavar a louça, lavar o banheiro”, eles falam muito “lavar o banheiro”, quer dizer, é uma coisa pesada pra eles, assim, né... Então, eu vivencio também isso na escola onde eu trabalho. Belíssimo o filme gente! Era isso que eu queria falar. Ele já falou muita coisa que o professor fez que na hora eu pensei também nessa valorização dessa criança e que a gente, eu acredito como professora e colegas professores, acredito que nós prestamos a atenção na criança com essas... como foi mostrado, a gente presta bem atenção e a gente busca essa criança mais próximo da gente. É tentar mesmo fazer com que ele seja forte e que ele pode e todos podem, nós podemos e é isso.

Professora Liatris: Eu me chamo Tayla... Fui convidada pela professora Maritza a comparecer aqui hoje. O que eu queria pegar o gancho, do que os colegas disse, é a questão, assim, por mais que o professor, eles tentem da forma deles de demonstrar o castigo como

uma forma de manter ele e fazer com que ele estudasse, ele nunca se importou com isso, o que realmente, do meu ponto de vista, que fez com que ele mudasse a postura dele foi quando ele se sentiu querido, foi quando ele se sentiu importante, foi quando ele sentiu que ele tinha um valor porque até então ele era um líder dos colegas, ele sentia respeito, mas em casa ele não tinha esse amor pelos pais. O professor por mais que tentasse de alguma forma convencer a ele a estudar, a direcionar perguntas, a mostrar que ele era capaz, mas enquanto ele não sentiu que o professor realmente se importava com ele e que interesse era pro crescimento e pro desenvolvimento dele a apostar realmente nesse potencial ele não mudou. A mudança aconteceu a partir do momento que ele se sentiu útil, ele sentiu que ele era capaz de mudar. Eu acredito que no processo de ensino e aprendizagem, o que importa muito é realmente esse vínculo. Por mais que seja difícil no meio que nós temos hoje, a educação pública, mas quando o professor consegue criar esse vínculo com o aluno, mostrar que ele é capaz, que ele é importante, independente dos meios de como é a família, de renda, do amor que é demonstrado por ele, mas quando ele sente acolhido por alguém, realmente consegue demonstrar todo o seu potencial e isso acontece com a gente, inclusive hoje, pelo menos eu me sinto assim, quando eu me sinto acolhida de alguma forma, eu sinto que sou querida de alguma forma, a gente consegue realmente demonstrar mais o nosso potencial do que quando somos pressionados, repudiados, ignorados. Quando a gente sente que a gente tem um valor, a gente acredita, a gente acredita em si, a gente acredita no nosso potencial. Então, pra mim, uma mensagem que fala muito é sobre essa questão de demonstrar esse afeto para o próximo.

Professora Girassol: Boa noite a todos! Meu nome é Dinael, professora da Escola Gabriel Pinto de Arruda. O que mais me chamou a atenção no filme, é um filme belíssimo, foi a questão dessa brincadeira deles que, na verdade, é uma rivalidade que é uma coisa parece que até tradicional naquele local porque os professores, aqueles professores também passaram pela aquela brincadeira, aquela guerra de proteger ali. Mas, o que me chamou a atenção foi a questão mesmo, eles foram agressivos um com os outros, mas eles não levavam ao extremo. O que mais chocava eles era a questão de arrancar os botões da camisa porque depois eles iam ter que sofrer as consequências em casa. Então, me chamou bastante atenção essa questão da violência. Não houve realmente uma violência, ali eles lutavam, eles se sujaram, eles jogavam fruta nos outros e hoje pra dentro da nossa realidade a violência é muito grande. A criança começa... os adolescente, na sala de aula a conversar, botar apelido e de repente começa a socar uns aos outros ao ponto de machucar. Então, o que me chamou a atenção foi isso, que aquele filme ele não tinha, assim, uma violência agressiva que os alunos brincavam e brigavam, mas eles respeitavam uns aos outros nessa questão de não chegar à violência extrema. Era isso, vamos deixar o resto pro pessoal tá...

Professora Flox: Eu cheguei depois, já tinha iniciado o filme... mas, assim, o que me chamou a atenção, como a professora ali disse, foi as brincadeiras das crianças. O grupo, eles tinham... Eram dois grupos de crianças e eles tinham espaço, eles tinham onde brincar e trazendo pra nós hoje, assim, às vezes, eu fico pensando... as crianças não tem esse espaço, às vezes, de brincar. O que acontece, às vezes, tem os grupos, mas como ela disse é o grupo violento já dos adolescentes, então, e era uma brincadeira, que ali nessa brincadeira eles estavam vivenciando, que eles estavam aprendendo ali, eles estavam construindo a identidade deles

como um ser cidadão. Então, eles estavam se construindo mesmo naquela... tipo assim, eles estavam retratando o que naquela época pra eles, eles estavam, eles viam, vivenciavam naquela comunidade. Então, eu achei interessante que eles tinham esse espaço aí eu me retratei também na minha infância. Eu não tinha um grupo, assim, mas eu tinha um grupo pequeno, a gente construía casinhas, a gente fazia muita coisa, a gente tinha esse espaço e hoje em dia as crianças eu acredito que não tem. Elas ficam na frente de uma televisão, jogando no celular, no tablet. Então, não tem mais essa criatividade que as crianças ali tinham.

Maritza: (...) Só pra falar sobre lembranças de infância... Eu não sei se alguém aqui foi contemporâneo a mim na época que eu estudava aqui em Cáceres, aqui no colégio das irmãs, aqui na frente e nós tínhamos uma rivalidade ontológica com os meninos do colégio dos Freis e a briga da gente era marcada na ponte branca. A demolição daquela ponte pra mim foi à demolição de uma história de infância inteira por que... e essa questão que alguém colocou aqui da briga, da rivalidade e aí, assim, sem saudosismos eu queria que a gente problematizasse isso tudo no nosso tempo, na escola, no nosso cotidiano. Cada vez que eu assisto esse filme eu me lembro de uma passagem que a gente poderia analisar e essa eu ainda não tinha pego. Achei que a gente ia discutir, por exemplo, aqui a questão de gênero e sexualidade, por quê? Porque é uma questão também que tá muito forte, muito presente nas escolas, que o filme que retrata a década de 60 na França, traz com muita ênfase porque a década de 60 na França foi o espaço e o tempo onde às mulheres começaram a aparecer, onde as mulheres começaram a garantir seus direitos, onde as mulheres começaram a se legitimar enquanto tal, a ser reconhecida como legítimo outro, através do quê? Através do movimento e pra mim esse filme tem muito da ideia de movimento. Como que as crianças, as nossas crianças hoje estão se movimentado em relação a todas essas questões que nós abordamos aqui. Mais alguém?

Professor Cravo: Eu peguei também mais as brincadeiras e hoje eu tô na coordenação. Olha... Aí eu me volto lá no CEOM quando fechava, colocava o balde na porta do banheiro e alguém entrasse e abrir a porta... a urina né? Rsr... Não era nem água, mas talvez colocava água e hoje como eu sou coordenador, eu estou coordenador hoje, e aí a gente briga com a gurizada e eu tava aqui pensando assistindo o filme. Se eu pudesse filmar todas as bagunças, brincadeiras... por que a gente quer que eles agem como eu penso agora “não... se tem que sentar aí, fazer isso e tem que agir dessa forma”, mas quando eu era criança eu também agia desse jeito e porque que agora eu quero que eles agem diferente? Então, se eu pudesse o tempo inteiro eu ficava filmando as brincadeiras. Lá no fundo da escola agora tem a acerola e as laranjeiras, meu Deus do céu! E aí eles rancam aquilo ali, jogam no olho e aí vou lá, brigo e é um Deus nos acuda e eu tô lá no meio e aí como é a minha atitude frente as brincadeiras deles... pra eles é normal aquilo né? Aí eu fico pensando, mas depois quando eles crescer e o que que eles vão aprontar? Por que eu tenho minha história pra contar quando eu era criança do CEOM. Eu fiquei na mesa lá tocando, batendo pombo e seu Pedro falou “Ah cê quer tocar fanfarra? Então, toca aqui no corredor”, lá vai eu no corredor tocando rsrs... Outra situação igual a da menininha, ela brigou com a... o menino brigou com a menina porque a menina chamou ela de buguinha aí eu fui, mas foi um Deus nos acuda também, falei “mas, você concorda que a menina chama você de buguinha?”, ela falou “lá em casa todo mundo me

chama de buguinha” e eu falei “e porque que aqui você zanga?” ela falou “não, porque aqui é a escola, então, ele não pode chamar eu de buguinha, mas lá em casa pode, lá no meu pai pode chamar eu de buguinha”. Então, a gente fica naquilo, tá certo ou tá errado? Então, eu queria poder filmar tudo isso e fazer depois uma discussão até com eles né? Como é isso. Tá? Obrigado!

Maritza: (...) Nós preparando a apresentação desse filme... hoje a gente discutiu aqui na possibilidade de um outro projeto ser pensado. Esses mesmos filmes que nós estamos passando aqui, como seriam discutidos pelas crianças. Seria um contraponto por que nós estamos no alto da nossa experiência, já dizia Benjamin, uma experiência que é individual e que não é mais coletiva, uma experiência que sequer a verdadeira, a melhor, a mais sábia, a que sabe o que é mesmo melhor pra criança e aí nós vamos discutindo essas questões e nós sequer sabemos o que as próprias crianças poderiam tirar dessa experiência.

João de Deus: É... Nessa direção a gente tava conversando... a mesma questão de um outro ponto de vista, do outro lugar, mas a mesma coisa... É da diferença que tem aí uma diferença, adulto ou criança, mas uma diferença marcante... A diferença implica que nós adultos e aí nós adultos... pais, dos adultos, nós professores também, vemos os filmes a partir do nosso olhar que é constituído, organizado, sistematizado, moralizado e quanto que as crianças veem no lugar delas, no lugar delas não tem tantas separações, tantas regras, tantas obrigações, tanta disciplina ainda incorporado. Então, como é que isso se dá na sala, quer dizer, como que nós adultos, professores, será que nós percebemos isso quando trabalhamos na sala de aula com filmes pras crianças pequenas? Sei lá, filme da Mônica, filme... tudo que tá na moda, geralmente, o que leva pra sala de aula tá na moda, o que tá na moda é o que tá entrando pra sala de aula e entrando junto valores, entrando junto um modo de pensar, um modo de ver... Será que nós temos, nós enquanto professores, aí a provocação pra nós professores, percebemos isso quando escolhemos um filme? Que préritos que nós utilizamos? O nosso ou os deles ou só o critério “eu quero ensinar tal coisa ou ensinar tal comportamento ou ensinar tal valor”? Enfim... Como é que nós nos portamos quando temos (...)

(Interferência no microfone)

João de Deus: (...) E aí tem um conceito que eu queria contribuir para ajudar a pensar isso, que é um conceito de conteúdo “ah vamos ensinar tal conteúdo”, nós usamos isso cotidianamente pra sala de aula, aliás, nós escolhemos os conteúdos, nós professores planejamos. O nosso plano de ensino tem lá conteúdos, objetivos, recursos e pá pá pá, isso que é um plano de ensino e tem o conteúdo, mas eu imagino que normalmente pra nós o conteúdo é só o saber, o conceito disso, o conceito daquilo, mas tem um autor chamado Zé Carlos Libâneo que disse... tem um outro conceito de conteúdo, conteúdo é muito mais do que só o saber e atualmente saber científico porque outros não podem também, na escola só pode saber científico, mas um saber é um dos componentes do conteúdo. Aí me lembro do professor quando eles brigavam... uma cena que eles brigam, inclusive, um esculhamba o outro, discutem e aquilo também ensina. O conteúdo não é só o conhecimento científico, o saber científico. O conteúdo é também junto habilidades, é também junto atitudes, é também junto valores, além, do conhecimento, é tudo isso junto que é conteúdo e aí, às vezes, talvez

quando a gente for escolher um filme para trabalhar com os alunos, com nossos aluninhos de 5 anos, 6, 3, não importa, ter que levar em conta essa ideia ampliada de conteúdos e não apenas o conteúdo enquanto o saber científico. Isso também é outra provocação que a gente tava pensando em colocar pra vocês. A gente contribui aqui perguntando e cutucando vocês. Essa formação nossa é mais de cutucada, é mais de pergunta do que de afirmação, de verdades, enfim... provocações pra vocês pensarem, pra vocês falarem também. Uma outra questão só pra concluir, o filme é uma linguagem aberta, ele nos atinge a cada um de um jeito, cada um se interessa por uma cena ou por outra cena. Esse filme repleto de cenas emocionantes que eu sei que elas mexem com a gente. Nós assistimos, quando nós assistimos, nós vemos o momento em que uma cena ou outra nos toca, emociona, lembra da nossa infância, lembra da nossa vida, enfim, toca momentos em nós e com certeza cada um de vocês foi tocado por alguma dessas cenas ou levando a emoção, ou levando a pensar em alguma coisa. Então, é provocação também pra vocês, tá? Contribuição em forma de provocação.

Professor Goivo: Eu acho bacana a sua fala. Eu concordo muito como a da professora e do professor que me fez lembrar uma coisa... Quando eu me tornei professor eu voltei a ser aluno. Quando eu falo isso porque eu comecei a lembrar da minha época de aluno que eu sempre questionava, que era um questionamento aparentemente infantil, mas eu carrego até hoje, assim, que eu chegava na escola eu perguntava assim “aonde eu vou usar isso na minha vida?, aonde que tá isso na minha vida?”, sabe? Até hoje eu não sei onde que eu coloco álgebra, eu não sei e ai eu pergunto isso porque a escola, às vezes, nos coloca imprensado na parede sem nos esclarecer o que realmente a escola é na nossa vida enquanto gente. Então, a sua fala é extremamente prudente porque nós somos postos a definir coisas, mas nós somos várias definições e uma das coisas que eu destaco que a professora lembrou muito bem, essa questão do cotidiano professor, uma coisa que hoje me bate muito é o meu entorno, quando eu falo isso, primeiro eu vejo o meu entorno, eu me reconheço na minha terra, sabe? Na minha Cuiabá, no meu Mato Grosso, no meu Brasil, ai eu parto para longe porque, inclusive, tem um pesquisador aqui que tá pesquisando as novas tecnologias em sala de aula que é um confronto, eu falo confronto por quê? Porque hoje nós temos acesso à comunicação muito rápido. Então, assim, tem criança hoje que tem um tablet melhor que o meu, tem um celular melhor que o meu, mas essa criança, às vezes, não conhece o nome da rua onde ela mora. Isso no meu ponto de vista é extremamente importante porque eu tomo uma Coca-Cola feita que é feita não sei na onde, mas eu não conheço o meu vizinho, eu não conheço verdadeiramente o meu professor que é gente como eu, eu não conheço a história da minha escola, eu não toco na minha história e fico só passando o dedo no meu celular, sabe? É uma outra provocação que eu gostaria com a sua fala e o filme realmente começa com uma palavra que é tremendamente provocante “metáfora”. O que que é metáfora? Sabe? Então assim... e é um filme francês e os franceses dentro da sua cultura, eles são extremamente definidos. Só pra vocês terem um exemplo, por exemplo, todos os filmes franceses primeiramente são lançados na França. A França primeiro consome o produto criado por eles, depois eles pensam em deixar outros filmes entrarem dentro da própria cultura. Então, assim, é algo que nós precisamos realmente tomar como e quando eu falo tomar como é realmente acredita naquilo que nós somos enquanto brasileiros, enquanto cacerenses, enquanto cuiabanos, enquanto mato-grossenses e ai nós podemos definir o mundo através disso. Obrigado!

Suely: Bom agora... falar de criança é olhar no retrovisor, né? O fato da gente viver de elegância significa... Mas, de qualquer forma o ósseo, o negócio veio pra negar o ósseo, então, não podemos deixar de ter ociosidade se não a gente não se diverte, mas onde Fernando Pessoa fala em relação a criança “como chocolate menina, coma chocolate pequena... olha que não há mais metafísica no mundo do que comer chocolate, quem dera eu comer chocolate com a mesma certeza com que tu comes chocolate”, porque a criança ela come chocolate ela não quer saber se vai dar espinha, se vai engordar, come porque tá gostoso, não tem que dar satisfação pra ninguém, então, ela come assim... que essa vontade literal de ser criança e não existe... Pra parar de brincar, mas no caso do Brasil, específico, é meio complicado. Não tem uma música brasileira infantil que termina com final feliz... “Suely fala uma música no Brasil que termina com final feliz de criança”, não tem nenhuma. A gente já dá de mama pra criança fazendo terrorismo com ela “nana nenê que a cuca vem pegar”, “é boi boi boi”... é só tragédia né? “samba lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada”, e a gente canta com a maior felicidade “morto! Vivo”, “balança caixão... cai no poço!”. A gente começar pelo menos colocar um final feliz nas nossas brincadeiras “hoje é domingo, pé de cachimbo, cachimbo é de ouro, bate no touro, o touro é valente”, só tragédia! “bate na gente, a gente é fraco, cai no buraco, o buraco é fundo...” rrsr só tragédia! A única que os ecologistas mudaram é a questão do “atirei o pau no gato”, mas o ser humano tem essa mania de separar ele com o mamífero de luxo, cuida dos bichos e descarta o animal né? “Não atire o pau no gato”, “se eu tivesse uma faquinha, uma faquinha de finfem eu darava uma facada no peitinho de meu bem”. Então, assim, as brincadeiras... o cravo briga com a rosa, um fica ferido, outro fica despedaçado, mas não tem uma música no Brasil... canta sim as tragédias porque é legal, vamos botar um final feliz nas coisas né? E a história do Gonzaguinha com relação... que foi falado com o pai dele que ele falou “não, queria um filho que tivesse ensino superior, superior, superior, superior” e pra gente de fato incorporar a fábula de La Fontaine, acabar com essa história de que cigarra trabalha ou canta ou fica invertendo os papéis. Na verdade, não existe cantar sem trabalhar, não existe trabalhar sem cantar “nós precisamos, precisamos sim, eu de vocês e vocês de mim”, assim, a formiga com a cigarra. Vocês comem uma pipoca aqui como as crianças na aula... Incluindo, mas aqui eu tô encarnando a criança aqui né? Essa troca de conversa aqui “uma pipoca puxa assunto na panela, outra pipoca vem correndo responder, aí começa um tremendo falatório que ninguém consegue entender e é um tal de ploc ploc ploc ploc”. As crianças quando conversam, falam crianças não, mas elas... universidade não fica diferente não. O homem só se torna plenamente humano quando brinca eu corroboro com a fala do Huizinga e qual que foi a resposta que só ate então é concluída passar pro professor Dimas. Gente nós tamos num momento forte no país, de repente estamos nos deixando silenciados e a diferença de ser silencioso pra ser silenciado: silencioso é por opção, silenciado é por imposição, é colocar uma amordaça na sua boca e nós estamos vivendo esse momento muito forte no Brasil e vamos tomar cuidado com essa defesa que nós tamos fazendo e ver o que que isso acontecer com a nossa liberdade e falar como o Gonzaguinha. Gonzaguinha entrevista todas as pessoas porque... Não é tensa, mas o mundo vai acabar, ele falava “eu não tô nem aí” e aí a gente então só pra responder, cês me ajuda aí, qual que foi a resposta que o Gonzaguinha deu, que ele foi... da criança, ele entrevistou todo mundo. O que ele falou: Eu fico com a pureza da resposta das crianças... O que que é a vida?

Platéia: É bonita, é bonita e é bonita...

Suely: No gogóooo... “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz, aaah meu Deus! E sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita... O que que é a vida? Bem alto! É bonita, é bonita e é bonita”...

(SALVA DE PALMAS)

Dimas: (...) Me parece... João foi provocante pra nós e eu vou provocar um pouquinho mais. Vamos tentar entender! O professor ensina dois conteúdos extremamente interessantes “liberdade, independência”. O que é liberdade pra vocês? Pergunta ao aluno. O que é independência? Dois conceitos extremamente importantes para a sociedade francesa... essa criança. O que é pensar a sociedade francesa? E que ele quer pensar a sua condição, na condição humana dele. Como é que resolve o problema da liberdade? Como é que ele problematiza o problema da liberdade? Como é que ele vive? Como é que ele faz viver do cotidiano da vida dele a questão da independência? Olha a beleza do filme. Como é possível ensinar a história, como é possível ensinar geografia, como é possível ensinar matemática, como é possível ensinar língua portuguesa a partir de um filme como esse? Como é possível que nós consigamos fazer com que as crianças pensem o cotidiano da própria vida? Esse exemplo que o professor deu de que adianta tê ter um tablet, se você não conhece a história do seu pai, a história da sua mãe? Como é que ele faz se não contar a história dos seus próprios amigos, das suas próprias crianças? Como é que ele pratica a noção de independência? Como é que ele pratica a noção de liberdade? E ai me parece dois conceitos que são fundamentais pra nós professores. Nós ensinamos os conteúdos, o professor João tá discutindo a noção de conteúdo muito importante. Eu me sinto um conteúdo para as crianças, mas será que eu pergunto como é que a criança entendeu ou eu quero que a criança entenda do jeito que eu quero entender, do jeito que eu quero que ele entenda? Será que é possível que nós possamos perguntar as crianças como ele entendeu? Ai a noção de apropriação é muito importante. Eu ensino algo às pessoas, a criança, o aluno, o estudante, a infância, ele apropria de uma determinada forma, ele acumula aquele conhecimento, ele traz aquela conhecimento pro seu cotidiano da forma que ele quer e não da forma que nós queremos. Isso que é importante nós professores pensarmos, discutirmos com nossos alunos. Um filme desse problematiza a própria vida da criança, problematiza o nosso próprio fazer pedagógico. Será que nós temos a paciência do professor? Será que nos temos a humildade do professor? Será que nós conseguimos um tempinho pra acreditar nos alunos? Será que nós conseguimos compreender o que é ser um líder? Será que nós conseguimos incentivar os líderes ou simplesmente castrá-los os líderes como obedientes, como seres obedientes aos nossos prazeres, aos nossos pensares, aos nossos modos de pensar?

Maritza: Então, tamo chegando eu acho que ao final. Como sempre nós não temos respostas. A nossa ideia é essa, é continuar discutindo. Próxima semana não tem, na outra sim. Sempre uma terça sim e outra não. Sobre o termo de livre esclarecido, eu esqueci de falar no começo, nós fizemos uma cópia só, embora, ai esteja escrito duas cópias, uma pra vocês e outra pra nós, mas por quê? Pra economizar papel e pra economizar fotocópia que fica saindo do nosso

bolso gente. Então, nós vamos mandar por e-mail, nós vamos escanear esse documento e mandar pra vocês por e-mail. O original tem que ficar conosco, com a assinatura porque vai pro comitê de ética, mas aí nós vamos escanear, tudo bem? Ok? Mas, alguma questão? Rodrigo! Só um pouquinho gente...

Rodrigo: Gente, boa noite! Sou o professor Rodrigo. E, assim, rapidamente, eu quero fazer umas provocações aqui. Trabalhar com a tecnologia de informação e isso tem nos ajudado a pensar a partir dos filmes, os filmes são os nossos intercessores, mas que jogo é esse que a criança está estabelecendo no cotidiano escolar? Será que a gente tá jogando esse mesmo jogo? A gente está seguindo essas mesmas regras? Eu gosto de trabalhar com conceito de jogo no sentido de enquanto vida, gerando, dando elementos pra que a vida se desenvolva, a cultura se desenvolva e aí será que a gente tá conseguindo acompanhar esse mesmo jogo, essa mesma brincadeira? Que momento que o professor conseguiu se aproximar do aluno? Que momento o aluno também conseguiu se aproximar do professor? Será que é possível a partir desse jogo? Será que as mesmas regras que estão valendo pros alunos, estão valendo pra nós? Será que tá claro isso pra eles e pra nós? De que maneira que isso tem sido estabelecido? E isso vai variar e vai ser muito específico, vai ser dentro do cotidiano, vai ser muito preciso com cada pessoa, com cada aluno que a gente vai lidar, com cada escola que a gente vai trabalhar. Então, vai variar e isso dá pra gente conservar somente alguns elementos, a gente sabe que tem regras e as pessoas necessitam de regras pra viver, nós precisamos delas e de que maneira essa cultura tem se desenvolvido. Nós temos colocado o nosso padrão de cultura ou nós temos tentado jogar o jogo deles pra ver que tipo de cultura que eles estão vivendo? O que será que a gente tá fazendo? Será que nós temos chamado eles pra jogar conosco? Nós estamos conseguindo fazer com que esse jogo tenha encantamento, tenha uma fantasia, tenha uma pureza, tenha uma estética, que ele confabule aquele círculo mágico ali e ele se encante e continue a querer buscar mais conhecimento, a estar mais envolvido, a se desenvolver mais a partir desse jogo social? O que será que nós estamos colocando? Será que está sendo útil, está sendo relevante pra vida dessas pessoas? Que conexões nós estamos estabelecendo nesses jogos? São provocações, eu não tenho respostas, são coisas pra gente pensar. No sentido de finalizar como é de costume elaborei uma pequena fotomontagem, eu gostaria que vocês assistissem. De maneira muito rápida, são 2 minutos e meio, tá? Eu quero expor aqui pra vocês e a gente tenta valorizar a presença de vocês aqui é também através disso, não só nesse momento, mas também através disso. Teria outras provocações, quem quiser conversar com a gente depois, eu tenho várias anotações desse filme, é fantástico também. Então, a gente poderia conversar num segundo momento, ok?

(Passando a fotomontagem)

Rodrigo: (...) Esses aqui são os preparativos, são coisa de Making Off que de repente vocês não veem o nosso trabalho antes. Os encontros que a gente tem agora com vocês é a cervejinha do bolo, mas a gente pensa muito, com muito carinho, trabalha bastante justamente pra conseguir chegar em níveis interessantes, que sejam confortáveis, ver se agente consegue jogar o mesmo jogo. A proposta é que todo mundo consiga se comunicar, não pra chegar a uma verdade com um conceito de certo ou errado, mas que a gente possa pensar em possibilidades e começar a colocar as coisas pra funcionar. A gente não tem a preocupação

com a... trazer uma resposta porque o contexto é muito complexo. A realidade que cada um vive aqui é muito singular, a gente mataria essas possibilidades se a gente definisse realmente algo que aqui pra vocês uma solução dada e pronta, seria algo desastroso. São diversos momentos ai de toda a... desde a hora que gente chega aqui até... finalizar.

(Conversa sobre a edição das imagens).

Maritza: Curtam a nossa página no Facebook!

Rodrigo: Nós temos uma página no Facebook. Podem acessar lá e curtir e compartilhar porque quanto mais acessos mais... possibilidades. Obrigado!

(Salva de palmas)

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 23/04/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE III – TRANSCRIÇÃO DO 3º ENCONTRO

Transcrição - 3º Encontro (12/04/2016)

Filme: *Yaaba*

Maritza: (...) O filme tem um tempinho um pouco menor. Eu anotei um monte de coisas nesse filme da primeira vez que eu vi, da segunda vez que nós vimos juntos no grupo, da terceira vez que foi hoje. Acredito que vocês tenham pensado alguma coisa sobre o que o filme nos tocou, sobre o que o filme nos levou a pensar ou como diria Deleuze, o que o filme nos forçou a pensar. Então, antes da gente falar alguma coisa, acho que uma provocação importante que o filme traz é que criança é essa que é apresentada nesse filme? É a mesma criança que nós vimos no filme “Guerra dos Botões”? Ressalvando-se que esse é um filme africano feito por um cineasta africano que teve numa escola francesa, mas que é africano e foi nas suas origens buscar a realidade do filme. Então, é a mesma criança do filme francês que foi a “Guerra dos Botões” ou do filme iraniano que nós vimos que foi “Filhos do Paraíso”? Eu queria que a gente começasse um pouco a discutir a concepção de infância que tá colocado nesse filme em relação, inclusive, aos outros filmes. Quem se habilita a começar?

Dimas: Só um pouquinho Mari... Tem alguma Yaaba por aqui? Tem uma, duas... duas Yaabas!

Maritza: Algumas Yaabas... As Yaabas se habilitam?

...

Maritza: Que que cês acharam do filme gente? Então, vamos falar, assim, do filme no sentido geral e depois a gente discute a infância né? É um filme que foge muito ao padrão cinematográfico que nós vimos, que nós costumeiramente assistimos. Que filme que é esse? Demonstra a realidade interpelativa que os filmes norte-americanos aborda e a fotografia do filme pra mim é... o que mais me chama a atenção nesse filme é a fotografia. São as imagens pras pessoas para além do plano de expansão que o filme apresenta, é o movimento lento em que se passa o filme, o movimento que traz já no seu ritmo um outro espaço e um outro tempo diferente do nosso espaço e do nosso tempo, mas esse espaço-tempo abordado no filme é possível ser vivenciado e presenciado em nosso espaço-tempo?

...

Maritza: O filme emudeceu vocês? A pipoca... então, corta a pipoca gente, suspende a pipoca. Eu anotei umas coisas, mas eu não queria falar antes de vocês falarem.

Professora Rosa: Então, deixa eu fazer uma observação... Posso sentada? Bom... Essa Yaaba, a avó... No início do filme eu falei “eu sou avó” pra Geize, talvez as pessoas pensem “nossa Mônica”. Pra quem não me conhece prazer, eu sou formada em História, terminei o curso de História em 2005 e terminei o curso de Pedagogia agora em Março. Nós tivemos uma

belíssima festa que não vem ao caso né? Mas, eu sou nova, mas eu sou vovó e com muito orgulho! Uma imagem marcante que me fez pensar, me fez refletir é o conceito de verdade que a vó tenta passar pro neto. No momento em que ele roubou o frango pra alimentá-la, ela disse “você ganhou ou você roubou?”, ai ele falou “não, foi o tio que deu”. Então, ela tentou passar esse conceito de verdade pro neto e é isso que eu trago no meu centro familiar, de sempre dizer a verdade como a minha mãe diz “aconteça o que acontecer sim é sim, não é não”. Então, eu penso que esse conceito de verdade está meio, como é que eu posso dizer... meio desligado, não sei se essa é a palavra certa agora no momento, mas o que nós temos que passar para os nossos filhos e pra quem a gente convive é sempre a verdade. Doa o que doer eu penso que a gente tem que falar sempre a verdade. E uma outra passagem com relação as imagens das casas e um certo momento me lembrou a matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade. Alguém se reportou a essa imagem ou não? Das casas? A matriz pra quem já foi em Vila Bela, pra quem conhece Vila Bela, é o mesmo formato, a estrutura feita daquela forma de adobe, como era antes, daquela pedra Canga, me reportou a essa imagem. Outra imagem que me reportou também foi de uma senhora muito querida que eu considerava, que eu considero a minha segunda mãe, que ela era mal vista na sociedade. Hoje até então o Candomblé não é mal visto como era anteriormente né? Mas, ela era conhecida como dona Mariinha Benzedeira, na Cohab Velha. Então, alguns momentos eu me reportei muito a minha infância e eu não posso contribuir com os dois primeiros filmes porque eu não estive presente, não foi possível, mas eu vou procurar não estar mais ausente nos próximos e esse filme me faz refletir a nossa sociedade, como que é o processo educativo. Como você disse Maritza, a gente não precisa estar em sala de aula, no cotidiano pra fazer esse processo educativo com a criança. Em qualquer ambiente a gente se educa, a gente faz a educação. Obrigada!

Maritza: Então, pegando o gancho nisso que Mônica coloca pra nós e ela diz: hoje não tem mais esse preconceito e essa discriminação com religiões outras, principalmente, em religiões afro-descendentes. Essa é a realidade daqui da escola de vocês? Quem pode falar isso pra nós?

Professora Lilac: Boa noite! Meu nome é Gislaine, sou formada na área de humanas, geografia, e esse filme ele desperta a questão da falta de educação racial que existe no Brasil infelizmente, mas que felizmente evoluiu as questões legislativas que vem a ser a discriminação e o preconceito. O filme é maravilhoso! Que menino de atitude né? E quando a gente presencia o filme, principalmente, africano, muitas das vezes, a gente também se presencia muito o preconceito. Então, é um filme que abordou aspecto bem positivo do continente africano, sentindo o cerrado, senti aqui né? A vegetação e a paisagem e a cultura muito viva né? Muitas coisas que eu, por exemplo, fiz na infância que eu vi ali e que hoje não é possível mais. De repente a evolução que houve tecnológica que a gente vê as crianças, assim, muito por causa de tecnologia, celular, vídeo game e as brincadeiras de correr, a sociabilidade que tinha ali no filme a gente quase não presencia. A gente tá assim em grupo, que o ser humano ele é um elemento social, mas todo mundo distante... Mas, assim é bom, a gente sentir isso, a gente ver isso no filme. Gostei muito, muita geografia ali rrsr.

Maritza: Alguém mais sobre o tema religião? Foi levantada aqui... No cotidiano das escolas...

Professor Lisianto: Boa noite! Professor João Augusto, formado em Geografia. Eu estive avaliando os três filmes. Os três filmes tem processo social diferente, cultura diferente, religião diferente, mas todos os três filmes, tanto o outro, como o segundo que foi e esse de hoje, tem muito da... educação só pode ser feita se a gente acreditar, pensar e respeitar que a criança ela tem um processo de brincar, ela brinca de verdade, é a maneira de fazer educação. Toda mesma a cultura africana, naquela outra que trabalha outra religião... todo o conceito da criança vai daquela naturalidade da educação, na maneira dela se conviver em sociedade, então, o que que ocorre... A gente acha tão difícil lidar, que dentro de uma escola tem culturas diferentes, socioeconômico diferente, realidade diferente, toda uma problemática na escola. A gente quer levar um conceito pronto e a gente tem que... pra fazer a educação evoluir, a gente tem que construir a educação dentro da sala de aula e não levar nada pronto. Toda teoria ela tem muita prática e, às vezes, a prática é diferente daquela teoria... que tá no dia-a-dia da escola. É isso que eu penso um pouco.

Kássia: Boa noite a todos e todas. Meu nome é Kássia, eu sou formada em Educação Física, sou professora de Educação Física e atualmente estou como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, sou orientanda da professora Maritza. Apenas pra me apresentar... Na verdade, a minha fala é muito bem curta e baseada nas falas que já... nas contribuições que já tiveram aqui. Então, muito se falou vendo o filme... A gente pode destacar isso sobre a educação não escolarizada, a educação que vem de casa. Ai eu gostaria de levantar um questionamento mais pra gente poder desenvolver mais falas. Como é que essa educação não escolarizada reflete na escola? Qual o nosso posicionamento enquanto professores pra receber essa educação não escolarizada? Qual é a postura que nós, enquanto professores, precisamos ter pra isso? Como proceder? Então, são questionamentos, assim, pra gente tentar fazer essa relação então.

Maritza: Obrigada Kássia! Alguém aceita o desafio da Kássia?

Professora Gardênia: Boa noite. Com relação ao filme, sempre todos perfeitos, cada qual num espaço que nos deporta a uma realidade. Esse filme, eu andei fazendo algumas anotações mesmo no escuro... O que eu consegui perceber e que me fez lembrar na realidade da escola foi à questão social, o meio em que nós vivemos e convivemos e que isso é levado pra escola e quando nós estamos lá com essas crianças, com esses indivíduos, o que que acontece? Muitas vezes, nós não conseguimos lidar com essas realidades e isso é horrível, é péssimo principalmente quando nós, enquanto profissionais, fazemos uma reflexão como foi o nosso trabalho naquele dia. Por isso nós temos os planejamentos, o anual e o planejamento diário, semanal, ou como o professor prefere fazer, mas o que nos revolta, eu falo por mim, me revolta é quando você analisa e vê que você deixou de contribuir muito com aquele aluno, quando você vai lembrando das individualidades de cada um. Então, o que eu vi nesse filme foi à questão da convivência, de como viver, o meio dessa criança. Ali nós pudemos observar um grupo de crianças em cada... ou mesmo dentro daquele grupo tinha concepções diferentes de educação, de ensinamentos e nós, enquanto professores, devemos prestar bem a atenção nessa questão, até mesmo para contribuir mais com esses alunos.

Professora Tulipa: Boa noite a todos e a todas. Assim, o que eu quero falar do filme é que quando eu cheguei, sempre tô chegando atrasada, mas tem os motivos né? Eu cheguei já tinha iniciado. Então, eu tava olhando... o que o filme quer dizer? Quem é o personagem principal? Ai eu percebi que era o menino e ai aquele menino danado né? E o pai e a mãe ai tipo assim eu pensei... que que esse menino, o que vai acontecer com ele? Ai eu refletindo aqui, às vezes, a gente olha a criança, assim, a criança danada, a gente fala “ah... esse menino não tem jeito” e os pais e a gente como professores também e ai ele teve uma relação com alguém que ele fez amizade e essa pessoa passou a confiar nele e ele nela e ai dessa amizade, eu acho assim, que ele cresceu e, às vezes, a gente dúvida, dúvida de algumas crianças, mas criança ela é criança em qualquer lugar e outra coisa que eu percebi também foi o grupo que ali, ele foram atacados por aqueles grupos de crianças no outro filme também tinha isso daí, no outro filme também o menino... a mãe, achava que esse menino ia virar nada né? E da mesma forma esse menino. Então, a gente nunca pode olhar com esses olhos as crianças que tem na nossa escola.

Maritza: Esse filme me lembrou de uma passagem que aconteceu comigo no estágio. A maioria de vocês me conhecem da escola acompanhando estágio na educação infantil. Teve uma turma de alunos meus e que foram fazer estágio numa determinada escola e era semana do dia das mães e como era costume trabalhar com temas, datas comemorativas, ela pegou o tema dia das mães pra trabalhar na semana e as crianças... Ela fez um projeto muito legal, de história de vida, de história do nome, gravou as crianças falando qual a história do seu nome e tudo mais, mas o que marcou esse estágio dela foi o primeiro dia de aula que ela contou pra crianças de 4 anos sobre o projeto dizendo que no domingo seria o dia das mães e que eles iriam contar quantos dias faltavam pra chegar no domingo, isso era na segunda-feira e tal. E ai uma criança levantou a mão e ela falou “então, domingo é o dia das mães, é o dia que nós vamos comemorar o dia das mães” ai uma criança levantou a mão e falou “não tia! Domingo é o dia que eu vou visitar meu pai na cadeia, então, domingo é o dia dos pais”. Acho que das práticas de estágio que eu acompanhei e que nos desmontou, desmontou a estagiária e desmontou a mim, essa foi uma das mais significantes e das mais fortes, por quê? Porque não da pra gente separar dentro e fora da escola né? É isso que as colegas colocaram. O que tá dentro do cotidiano da escola, tá fora também. Então, a criança não separa, não deixa pra fora aquilo que é a constitui. Pra ela a mãe ela tinha todo dia, pra criança domingo era dia do pai, ponto. Embora, as datas comemorativas convencie que no domingo é o dia das mães. Então, só pra gente pensar um pouco mais nessa realidade. Essas crianças mostraram ter um processo de escolarização. Por três vezes durante o filme elas contaram até dez né? Pra quê? Pra fazer a brincadeira, pra brincar de esconde-esconde. Então, a escolarização tá presente ali na vida delas e como que é esse cotidiano, acho que foi Kássia que perguntou, como é que é esse cotidiano e essa realidade que vai pra escola? Na minha tese de doutorado, quem me conhece sabe que eu trabalhei com crianças ribeirinhas aqui da comunidade da Campina aqui em Cáceres e o processo de constituição daqueles sujeitos é completamente distinto do modo de produção de sujeitos que nós praticamos dentro de sala de aula, por quê? Porque, assim, eu não queria começar a discutir o filme, por quê? Porque a gente separa o corpo e alma e fazendo a separação de corpo e alma, nós separamos os sentidos dando prioridade pra um dos sentidos. Qual que é o sentido que a gente dá prioridade?

...

Maritza: Será que nós damos prioridades para o sentimento ou pra razão? O corpo deixa de ter o valor necessário e aqui a gente vê na prática do Bilá, nós vemos na prática dele o corpo dele dizendo pras pessoas a possibilidade de pensamento, o corpo dele manifestando toda a prática de liberdade que tá presente na narrativa do filme todo. Na Campina eu via muito isso, a prática da liberdade pelo corpo da criança. Na escola eu vejo completamente isso só que nós priorizamos o conhecimento racionalizado, o conhecimento que vai ter um sentido e um significado pra vida dessa criança. Acho que era legal a gente discutir um pouco mais isso pra depois a gente entrar numa discussão que nós tivemos lá no grupo, quando a gente tava assistindo o filme... Eu, Dimas, João, Wallace, Rodrigo e Rose sobre prática de liberdade. Acho que o filme nos levou a pensar lá na preparação e a escolha desse filme se deu mais por isso, foi pra gente pensar “existe liberdade ou as liberdades são reguladas, ordenadas e controladas?” como vários autores vem nos dizendo, inclusive Foucault. Existe possibilidades de liberdade dentro da escola?

Professora Cravina: Então, Maritza, você falando ai será que temos, que a criança tem essa liberdade? Eu particularmente vejo que não. Eu observo que não porque aquelas crianças correm, aquelas crianças vão ser mais espertas, ela muitas vezes é tachada como criança problema, certo? E isso dai não só em sala de aula como no momento da recreação, do recreio, que é aquele momento de 10, 15 minutos, que a criança precisa pra sair da sala, pra ir conversar, brincar, a criança que brinca mais, que pula mais... já vem lá “olha, já tá na hora, fulano tá muito dando trabalho, vamos bater o sino” e vamos todos pra sala, não só as crianças como os professores também, praticamente, em ordem e eu acho triste, isso me entristece e também em sala de aula, muitas vezes, eu também me pego querendo a criança do meu jeito, eu também faço a minha reflexão. Quando eu vejo... Nossa! Hoje eu também tô triste, eu quis que aquela criança o tempo todo eu chamei a atenção pra que ela ficasse ali quieta, como eu gostaria, como se ela tivesse ali presa a minha fala, a minha aula porque ela estava perturbando. Talvez é uma falta, assim, de... sei lá se é de conhecimento ou é uma falta de lidar ou a própria estrutura também nos leva a isso, não sei! Mas é necessário a liberdade não só da criança como do adulto, ela com limites, ela é fundamental.

Maritza: Sobre prática de liberdade... Então, Nadna né? Nadna falou uma coisa que me lembrou uma... Eu não sei se eu já falei aqui. Eu repito tantas histórias que professor é contador de história né? Então, a gente vai repetindo histórias. Tem um conto do Guimarães Rosa que se chama “Nas margens da alegria”. Vocês conhecem esse conto? Acho que eu trabalhei com algumas turmas de Pedagogia, que não estão aqui, meus alunos... E lá, nesse conto, Guimarães Rosa narra à viagem de um menino que vai junto com os tios conhecer aquela terceira maior cidade do mundo. Pelo tempo da narrativa, Guimarães Rosa fala que tá se tratando da cidade de Brasília que tá sendo construída, mas pelo período em que foi construída esse deve ser o momento. Então, o menino ele vai pra lá e se encanta com todas as belezas e vai narrando com aquelas riquezas de detalhes que só Guimarães Rosa tem, todos o encantamentos do menino, mas o maior encantamento dele foi com o peru, uma simples ave doméstica que cisca a terra e comove o menino, assim que eu trago esse conto. O peru que... isso é o Guimarães Rosa e encanta o menino ai o menino sai pra conhecer a cidade e vê tudo

lindo, vê o tanto dos pássaros, vê seriemas, índio caminhando e ele vai fazendo essa narrativa. Quando ele volta pra casa só umas penas, restos no chão. O que sobrou? Ai o menino... Guimarães Rosa coloca a boca do menino, claro essas palavras “soubesse que ia acontecer assim ao menos teria olhado mais o peru”. Então, a fala da Nadna me lembra muito essa narrativa, esse conto de Guimarães Rosa, por quê? Porque primeiro o adulto nunca mais olha no olhar da criança. Nós nos esquecemos que nós tivemos esse olhar desse processo de constituição que só a criança tem e ai nós crescemos, nos tornamos experientes e o Benjamin vai falar que no alto da nossa pedância, ele diz que os pedagogos meditam o pedantismo e nós fazemos isso, por quê? Por que nós acreditamos saber o que há de melhor pra vida da criança. Então, assim e, às vezes, eu me revolto porque eu faço isso? Não. Eu faço com a competência e com a atribuição que eu devo fazer, por quê? Porque eu estudo pra aprender que eu sei o que deve ser melhor pra vida daquela criança. Não é assim que a gente faz? Pra quem que está fazendo Pedagogia, mestrado, doutorado né? Pra ter uma especialidade, só que eu deixo de enxergar a sutileza de detalhes que a criança enxerga, eu deixo de perceber os perus nossos de cada dia né? Por que que eu faço isso? Porque agora eu já sou outro, eu sou diferente dessa criança que tá aqui abrindo e fechando a porta toda hora, circulando por aqui e fazendo o quê? Incomodando a nós adultos. Não é assim? Por quê? Porque nós esquecemos que nós fomos crianças, porque essa fase passou da nossa vida e hoje sequer a gente tolera. Então, eu gosto muito de citar uma frase do Kant, meu alunos já sabem de cor essa frase, e Kant falou lá no “Sobre a Pedagogia”, João talvez saiba melhor do que eu... “Toda a criança deve ir para a escola, não pra que ali aprenda alguma coisa, mas para aprender a sentar tranquilamente e obedecer docilmente aquilo que lhe é ensinado”, através de qual mecanismo? Da disciplina. Em qual instituição? A escola. Certo? E nós vimos e utilizamos esse preceito até hoje. Essa é a nossa função e quando a gente vê as crianças como esse... Eu anotei algumas falas que os adultos colocam: “ele é esperto demais, ele é terrível, ele só se envolve com coisa complicada, com coisa ruim”, mas no final o que que acontece com a vida dele? O que que acontece com a vida da comunidade se não é o exercício da prática da liberdade que ele traz como princípio em sua vida. Adiantou o castigo gente? Ele foi castigado a primeira vez que ele foi com a Yaaba e ai contaram, ele foi castigado, adiantou o castigo? Então, assim, pra gente refletir: Adianta os nossos castigos? Nós fazemos castigos? Existe isso ainda?

(Várias falas dos professores concomitantemente)

Maritza: Então, os castigos existem, mas são diferentes... Adianta o castigo? No caso do menino não adiantou de nada e ele continuou indo visitar a Yaaba. Qual que foi o maior ensinamento que a de todos de Yaaba para o menino?

(Várias falas dos professores concomitantemente)

Maritza: “Não julgue, eles devem ter os seus motivos”. E ele repete esse ensinamento depois pra amiga. “Não julgue, eles devem ter seus motivos”... Outra coisa que eu queria falar é sobre a amizade. A amizade também é algo que, muitas vezes, nós separamos dentro de sala de aula “puxa... tá conversando demais!” “essa conversa tá atrapalhando meu rendimento aqui, assim eu não vou dar conta de passar conteúdo, então, cê vem pra cá, cê vai pra lá”... Acontece isso ainda hoje gente?

(Várias falas dos professores concomitantemente)

Maritza: Inclusive na faculdade né? Rrsrs

Dimas: Não... Na universidade não!

(Risos e várias falas dos professores concomitantemente)

Maritza: Então... Ah, disque tem um nome pra isso! Se chama mapa... Nem eu sabia disso. Então, no mapa da nossa sala nós permitimos que a amizade aconteça? A nossa relação é de amizade com os nossos alunos? A nossa relação... Tem um autor que eu gosto muito que trabalha com o tema amizade que se chama Agamben. Depois vocês peguem os livros dele, já tão no domínio público, podem baixar é... Giorgio Agamben. É um italiano e ele fala do conceito de amizade enquanto consentimento (...)

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 24/04/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DO 4º ENCONTRO

Transcrição - 4º Encontro (26/04/2016)

Filmes: Das crianças *Ikpeng* para o mundo

Kiarãsâ Yõ Sâti

João de Deus: Boa noite gente, tudo bem? Todo mundo encolhidinho, 20 graus em Cáceres todo mundo de agasalho já, né? Se fosse lá no Sul o povo tava suando ainda, aqui tá todo mundo já encorongado. Bom dando continuidade ao nosso cineclube, o filme é gostoso pra ver, tem coisas interessantes, tem enredo, tem coisas que a gente nunca havia visto e é pra isso mesmo. Pra mexer conosco, pra mexer com aquilo que a gente tem de conhecimento, pra mexer com aquilo que a gente tem enquanto modos e redes de pensar as culturas, as infâncias, as diferenças, enfim, tudo isso. Eu tava aqui, na hora que cheguei, sentei, a Laiza sentou do meu lado e ela viu o índio e falou: - Ué pai, parece com o Senhor! E eu falei: - Minha cara! (Risos) A gente também é meio índio Laiza. A gente tem até uma flechinha em casa, treinando lá como faz pra flechar (...) A gente já sabe, né Laiza?

Laiza: Não!

João de Deus: Não? Ah... Vou ter que treinar mais então?

Laiza: Não!

João de Deus: Flechar?

Laiza: Não!

João de Deus: Ah! Tá bom! É ruim de pontaria! (Risos) É para pensar e para nos fazer pensar, especialmente, pensar diferente daquilo que a gente tá pensando. Esse é o processo formativo. Então, nós estamos... nós fazemos provocações aqui todas as mesmas, são provocações para o nosso pensamento. E aí eu gostaria de começar fazendo uma... Primeiro foi essa, Laiza falou: “Pai é sua cara aquele índio, parece com você!”. Parece com todos nós, talvez, aqui, né? Se a gente olhar para cada um de nós, no vizinho do lado, a gente vai achar algum traço, talvez, parecido e vai achar também diferenças. E aí tem uma frase bem no meio do primeiro filme, uma frase daquela velhinha, que ela falou assim: “É, fiquei triste lembrando do passado!” Né? Isso nos coloca pra pensar a diferença de um jeito. Como que era e como é que é? E também me parece que isso nos leva a pensar também... um eixo de pensamento a partir da diferença, uma diferença de tempo, como é que era e como é que é agora. Um outro momento... tem várias cenas do filme, do primeiro e do segundo que diz assim: “Como é que é lá, né?” e “Como é que é aqui?”. E aí me parece que tem, no primeiro filme, uma parcela dos pensamentos dos idosos, né? Que sabem muito bem como é que era e tentam de alguma forma manter, né? E... vindo de fora para dentro, tem aspectos que vão fazendo transformações naquele mundo, naquele espaço, naquele modo de convivência, é...

deles, alí. Me parece sob duas provocações: uma que me fez pensar, agora não sei o que que vocês pensaram. É claro que... todas as formas de pensar ou que se é provocado a pensar, a partir do filme. E ai, então, eu tô abrindo pra vocês, pra nós, conforme a gente vai lembrando, o que que mexeu com a gente... O que que faz a gente pensar... O que que faz a gente repensar também, o que faz a gente pensar diferente a infância ou as infâncias, os cotidianos escolares, a cultura ou as culturas. Vendo no primeiro filme é muito forte esse entrelaçamento, me parece que cultural, né? Alguns chamariam de invasão cultural, outros chamariam de enculturação, chamem como quiser! mas me parece que há uma mistura acontecendo ai, naquele universo da aldeia... E o segundo são as crianças apresentando, as crianças dizendo como é que era. De novo esse viés, como é que era e como que é agora, né? O que que mudou e o que permaneceu? Então, ai são provocações pra gente começar, pra vocês, quem quiser falar tá aberto e eu de vez em quando vou falar também, o Dimas, a Maritza, todos nós aqui estamos provocados a pensar o filme e pensar a partir do filme e colocar pra nós aqui, pra todos nós, pra gente poder socializar e, assim, claro que aprendendo um com o outro, um compondo com o outro, enfim... Então tá aberto, pra quem se dispuser, se sentiu provocado e quiser colocar, falar... O microfone está aqui à disposição.

Professora Girassol: Boa noite a todos! Sou Dinael da Escola Gabriel Pinto de Arruda. Então, eu sempre tive curiosidade de conhecer uma aldeia indígena e o ano passado, em companhia com a assessora pedagógica de Pontes e Lacerda, nós fomos conhecer duas aldeias indígenas, ali no município de Nova Lacerda, e tava tendo problema lá, que os alunos, os indígenas, as crianças não queriam estudar e nós fomos até ali. A secretária do município, da educação do município, mais a assessora pedagógica e eu, fomos até lá dar uma olhada e o interessante, com relação ao filme também, é interessante que o professor é branco e os alunos não queriam assistir a aula. A escola era mais aberta do que a escola do filme e ele estava lá ensinando a língua portuguesa pra eles e não a língua indígena como no filme. O professor reclamava a questão que quando iniciava a aula e alguém saia da aldeia pra ir pra cidade, que eles vão muito na cidade, tem carro, ai então eles vão pra cidade, as crianças simplesmente pulavam a cerquinha e corria e entrava no carro e iam pra cidade. Então, ele não estava conseguindo passar os conteúdos, não estava conseguindo dar a aula dele e, inclusive, nas duas aldeias é professor branco. Uma é professor Márcio e na outra a esposa dele. Fica alguns quilômetros de distância. Eu pude perceber no filme que sendo professor indígena também, irmãos, eles passam mais tempo na sala de aula, ali eles participam, desenham, conversam, aprendem... É interessante isso! Então, eu acho que o problema daquelas aldeias, que as crianças não querem estudar, talvez seria isso, que tem um professor branco ali e eu pude também conhecer, que lá também tem pessoas que já fez o magistério, que não fez a faculdade ainda, mas pessoas que já terminou o 3º ano e poderia, talvez, tá dando aula lá nessa aldeia. Eu conheço bastante gente de lá porque eu também morei no município e depois eu fui conhecer a aldeia, que era meu sonho conhecer a aldeia. As casas realmente, as ocas, são aquilo ali do filme. Ao entrar, do lado de fora tá muito claro e do lado de dentro é escuro, ai aos poucos os olhos da gente vai acostumando com o escurinho de lá e ai você percebe que tem uma fogueira no meio da aldeia, que tem as redes penduradas, são redes de branco, não é mais rede feita por mão de indígena. Eles são muito simpáticos, convidam a gente, assim, oferece “senta aí, senta aí” pra sentar na rede. Então, assim, as coisas... eu fiquei bem animada

com que eu vi, inclusive, ganhei um cesto de presente de uma senhora bem velhinha, idosa mesmo, lá da aldeia. Então, eu queria falar isso ai... Eu gostei! A questão do filme lembra da educação, que lá na aldeia que eu visitei, Pirapuru e a outra eu não sei, que é um nome indígena. Então, tudo a ver, as crianças não estão querendo estudar e imagino que seja por causa do professor, não que ele... é a questão que ele é branco e tá aprendendo português? Não! eu acho que não tem interesse, não é preconceito. Eu acho, assim, que eles não estão querendo aprender português, eles queriam aprender a língua deles. Eu também, por ser criada na roça, eu vi algumas coisas ali que a gente fazia também na roça. *QuaQuando aquela menina do segundo filme estava mostrando ocachinho de flor, né? Não sei se vocês perceberam, mas estavam falando que aquilo ali era doce. Realmente, de manhã bem cedinho, osereno da noite transforma aquele cacho em um doce. Fica cheinho de água doce como um mel. Você pega, ele chega a ficar grudado. Assim, a gente colocava na boca, chupava quando era criança, sujava o rosto. Assim, porque tem o néctar e um negocinho amarelo que parece pólen. Era pólen e néctar que tinha naquele cachinho de flor, aquele cachinho ali do mato. E eu não sabia. Aquela questão da pescaria com veneno eu também já tinha visto em uma reportagem. Interessante! Aí a educação da criança se dá o tempo todo junto com os pais. Aonde eles vão, as crianças vão. Tudo o que eles fazem, as crianças estão no meio. (...) uma educação bem diferente, que é diferente da nossa e da que nós vimos nos outros filmes também.* Eles estão participando e aprendendo, por isso que os meninos do segundo filme já pegaram o timbó, cortaram e foram ensinar como é que fazia. Isso eles já aprende desde quando eles estão mamando, porque os pais fazem as coisas com eles ali do lado, né? Uma infração muito interessante, que é diferente da nossa e é bem diferente dos outros filmes que a gente viu também. Já a questão da brincadeira, eles até fizeram aviãozinho e mostrou, depois no final ele pergunta, eu não sei se ele estava perguntando pra outra aldeia ou se é pros brancos, sobre a brincadeira. Realmente, os brancos já não fazem seus brinquedos mais e eles se divertem muito nas brincadeiras deles. O banho no rio super divertido, a questão de confeccionar o brinquedo. Aquela hora também das meninas estavam correndo, brincando, que tinha onça, que lá não tinha onça, elas estavam brincando, né? Então, eu amei o filme! Eu vivi de novo na aldeia rrsrs. Obrigada!

Professor Genistra: Olá! Boa noite! Eu sou o professor Eraldo da Escola Ana Maria (Cohab Nova) e do Dom Máximo também, escola da prefeitura. Quando eu era pequeno, eu passei por uma tribo indígena, em Terenos, Mato Grosso do Sul. A gente é natural de lá. O interessante dessa tribo indígena, da população indígena, é perceber que nós crescemos em um mundo do “não”. Menino, não pode fazer isso. Menino, não pode ir prá lagoa. Não pode entrar no mato. Enquanto que na tribo indígena os pais não proibem. Se os pais forem entrando na mata, fazendo uma caçada ou de animal ou de aves, os filhos, os curumins, adentram atrás. Eles não mandam as crianças voltarem, e as crianças sabem até onde podem ir. Quando eles sentem que adentraram muito dentro do mato e ficam com medo, eles voltam pra trás, e os pais não ficam ‘ai, cadê meu filho, onde eles estão, o que aconteceu?’. Não. Eles sabem que, tanto faz em uma caçada ou uma pescaria, que eles sabem se defender. Já nós observando a nossa cultura, não! A questão da gente querer aprender na escola também... Eles podem, muitas vezes, eles não aceitam o nosso idioma, do branco, porque eles não querem entender a cultura deles. A outra observação que eu pude fazer no primeiro filme é que os

índios, hoje analisando, eles já estão utilizando material ou matéria humana branca... espingardas, apesar que não acerto um tiro, graças a Deus, mas uso! (Risos) Infelizmente! Porque os índios de verdade é arco e flecha, acabou. Então, a diferença é cultural, dos índios, mesmo hoje é muito grande. Um dia desses, a gente pode deparar com um Kurumino numa sala de aula. Por exemplo, no Dom Máximo, há 2 anos atrás teve duas pequenininha boliviana, vieram estudar, não falava nada em português, tudo era indígena e ai? Ainda bem que eu arranho o espanhol, contava uma metade de aula em português e a outra em espanhol. Se caso fosse necessário alguma coisinha eu sei ainda em língua indígena porque eu aprendi lá com os índios, mas a experiência notável foi isso... É a minha participação que eu gostaria de ter.

Professora Astromélia: Boa noite! Eu sou a Karla, professora do CIC. Eu fiquei encantada com o processo de ensino e aprendizagem, né? É todo voltado pra cultura. Quando eles estão lá aprendendo a ler... No primeiro filme eles estão falando do amendoim, então, é voltada pra um conceito que eles vivem, por um conceito histórico deles, aonde eles estão, a forma que eles vivem e como é rico. Eu sempre... a gente trabalhar o conceito que a criança traz de casa, a vivência né? Então, enriquece muito o ensino e aprendizagem e lá nas duas deu pra perceber que eles trabalham totalmente... a escola trabalha totalmente voltada para a cultura, para o tempo, né? O passado como era, o agora e isso enriquece muito as aulas.

Professora Gérbera: Boa noite! Sou a professora do Esperidião Marques. Olha que saudade da minha infância, quando eu pude notar, né? Que eles, por exemplo, que eu me lembrei, quando eles estavam fazendo aviãozinho, quando a gente usava barro pra fazer panelinha, né? Eu usei muito barro pra fazer panelinha, deixava secar no sol e brincava. Então, assim, eu fiquei maravilhada, encantada com o filme e o que me chamou a atenção é que apesar do novo que chega na cultura deles, que provoca toda essa mudança naquele espaço(que o João colocou pra gente) eles não abandonam o que era deles. Então, eu vejo aquelas meninas falando, que lindo! “A minha avó fazia assim” e hoje a gente pouco fala. Na nossa cultura de branco, como eles dizem, a gente pouco usa isso, né? E na escola, também, a gente pouco usa o conhecimento que nós tivemos quando éramos crianças. Na nossa época não tinha celular, não tinha computador e a gente brincava como aquelas crianças naquela alegria, de forma simples e então eu vejo, assim, que nos chama atenção para a importância de viver o novo sem deixar aquilo que nós vivemos, que é o tradicional. Eu não sei se é essa palavra realmente, por exemplo, eu penso que a gente vai incorporando o novo e, às vezes, a gente esquece o que era nosso. Eu vejo nas escolas que a gente, assim, pouco os alunos conhecem o nosso siriri, o nosso cururu. A gente usa muito as danças agora que tá na moda, que eles vêm e tudo mais. Mas eu vejo, assim, me chamou a atenção para ver o novo, usar o novo sem deixar de viver também aquilo que era, que já é nosso, que já era nosso, que a gente conhece também. Então, é tentar colocar os dois na vida das crianças, na vida escolar. Eu vi por aí, por essa parte, achei muito rica essa questão do que entrou na cultura deles, mas que eles preservavam muito o que as avós falavam, o que os mais velhos colocavam pra eles, né? Achei muito interessante isso!

Suely: Então gente... Começar falar “um dia o índio foi índio, foi índio, foi índio, tudo índio se desvaindo, nada tivemos sorrindo, o mesmo que índio”. Então, é a concepção da gente de

cócoras. Antes do ser humano riscar, ele arriscou, depois ele riscou pra tentar riscar nessa troca de papéis, entre... comendo bichos, provocados pelos mesmos rabiscos, chega com... A origem do nome do Rio Cuiabá, quem que conhece aqui?

(Várias falas ao mesmo tempo)

Suely: Pois é... Ficou esse mito, né? As pessoas contam como se fosse... (...) Mas, cuiabatche! Mas, isso ai foi sacanatche rsrs. A história do Cuiabá, já estava perto daqueles paus de pesca que... bastante íntimo com os peixes...

**Disque num tempo tão antigo,
certeza ninguém dá,
tinha um rio lindo chamado “Kyvaverá”,
disque tinha estirão e tinha curva,
tinha praia, barranco,
repojo, sarampo, bugio, curva, aromita...
Olha, era muito bonito esse rio!**

**Disque tinha jacaré sonolento,
tinha jaú modorrento,
peixe de tudo tipo que há,
que tesouro!
Tinha peixe de escama e de couro
Tinha dourado e barbado,
pacu, pacupeva e sauá.
Pintado-chacara
Pintado-surubim
Pintado-cambuçu
Além do sonso lobó
E nosso velho pintado
Chamado pintado só**

**A piava e a piraputanga
Disque são primas-irmãs entre si
Parentes distantes
Da jiripoca, palmito e mandi
Quem sabe também do acari
E os meninos do rio:
Lambari, piquira, saicanga
Trairá, chun-chun e cará...**

**Disque... naquele tempo
As lontras mergulhavam na corrente
E surgiam lá no rio
Os raios de sol refletiam
E tornavam as lontras brilhantes
Os índios gritavam arfantes:
Kyvaverá...**

Que quer dizer em Guarani? O rio da lontra brilha aqui, mas os índios foram chegando... em busca de ouro e fortuna matando gente de cá, vinha em monções, bandeiras e predações. Em São Paulo e Savará só se falavam nas minas que se haviam por cá. Da cidade que surgia a beira de rio brilhante os índios falavam “Kiabra”, “Kuiabrá”, um nome em Guarani que não sabiam pronunciar. O ouro tornava os olhos dos brancos brilhantes. Enquanto isso as lontras picava a mula, fugia pra prainha distante. Enquanto as lontras fugiam, tribos inteiras desapareciam... “Kiabra”, “Kuiabrá”, um nome indígena que eles não sabiam pronunciar. Disque tanto tempo já passou que índios e lontras andam lá, certeza ninguém dá. A cidade existe, o rio persiste, cidade e rio com o mesmo nome, de um significado obscuro, instigante, intrigante, mas ficou fácil e até gostoso de pronunciar... - “Cuiabá... ouviu o som de índio cantando na beira do rio... Essa é a origem do nome Cuiabá!

João de Deus: Tem também Rio Paraguai, tem pacu, piraputanga por aqui, tem um monte de coisa né? (...) Continua... Tá aberto! Quem quiser...

Dimas: Como é a infância indígena? Como é que vocês... Depois de ver os 3 filmes não índios, nós vimos hoje 2 filmes indígenas. Qual a diferença da formação indígena? Como é que vocês perceberam?

Maritza: É só uma provocação... Semana passada nós comemoramos o dia do índio, né? Assim, se vocês puderem se lembrar de alguma... eu acompanhei pelo Facebook algumas comemorações do dia do índio nas escolas, mas de repente vocês podiam trazer alguma comemoração que foi feita na escola e relacionar com essas realidades que nós vimos de filmes que foram produzidos em aldeias por indígenas, por eles mesmos, nos dizendo quem eles são e como eles vivem. Alguém queria falar sobre isso? Provocação negada, calada! Cruzes! Tem outra coisa então, que João colocou logo no começo. Na fala do João eu me lembrei muito do professor Maldonado, que faleceu esses tempos agora, ele estava conosco lá mestrado estudando uma palavrinha que é muito difícil pra nós compreendermos, né? Que se chama “reconhecimento”. O que que significa reconhecimento? Onde nós nos reconhecemos? Isso que o João colocou, que a Laiza falou pra ele “Pai, parece muito com você”. A questão que Maldonado tinha na tese dele era “*Nós nos reconhecemos no europeu, no branco, no homem, no Anglo-Saxon, no católico. Nós nos reconhecemos no macho ou na fêmea*”. Nós nos reconhecemos em várias questões e aí vamos firmando nossa identidade, mas nós nos reconhecemos como indígenas, nós brasileiros? Alguém aceita a provocação?

Professor Genistra: Poucas provocações. Primeiro o índio tem já notado por todos nós uma ideia de que o índio é preguiçoso. Quando o europeu chega aqui e faz o nosso Brasil, já tem uma ideia de que o índio é bobo, é besta, é idiota. É a primeira noção que o povo branco tem. Por essa noção, nós, hoje muitas vezes, temos medo, vergonha, um certo receio de dizer que somos descendentes de índios. Até porque quando eles deram as nossas riquezas daqui pra fora e o índio na época não tem noção nenhuma de defendê-las, aí ele recebe esse nome. E por temos a noção de que o índio é preguiçoso, de que o índio é folgado e de que essa lei que a FUNAI apoia o índio, ele parece com... dele. Então, nós estamos nos esquecendo de uma cultura de um povo. Até porque o Clementino, quando a gente discutiu em sala (em história) ele dizia “*o índio ele é índio, é gente ou é povo? É um ser humano, só que com sua cultura diferente, com seu jeito de vida diferente*” até porque o alimento deles estava na floresta, ele não precisava, talvez, nem... preocupar. Hoje nós temos que fazer de tudo e o povo não aceita dizer que tem sangue indígena, a cultura indígena. Se olharmos os brancos, homens, mulheres, brincos, colares, pulseiras, pinturas, maquiagem, vem de que? Cultura indígena! Nós usamos e temos vergonha de dizer que temos ou que não temos sangue indígena.

Professora Lilac: Boa noite a todos, meu nome é Gislaine. E esse choque entre culturas, que o professor acabou de mencionar é muito perigoso e que, infelizmente, os próprios livros didáticos, quando nós vamos trabalhar com nossos alunos, já vem com imagens estereotipadas do índio, do negro, né? E eu vou ser, assim, bem particular... Na minha casa eu cresci vendo, assim, vários estereótipos até dentro de casa, né? Quando que isso vai acabar? Quando que vai acabar um pouco aquele medo de dizer que você tem a cultura indígena, do negro? Quando você começa a ter conhecimento das coisas, né? Quando você começa a perceber o outro lado da história e eu percebi que eu tenho uma história e que não é só do europeu e que essa história ela me orgulhou a partir do momento que eu conheci o passado, que a gente tem presente, como a professora lá disse, mas a minha avó, meu avô, minha bisavó... Quando mostrou lá, as mulheres nuas, aquilo pode nos causar, nossa cultura diferenciada, um choque ao ver aquilo, mas pra eles é normal e que tem que se haver um respeito quando a gente vai trabalhar isso, agora de que forma? Só com o conhecimento mesmo. Até mesmo em sala de aula, pode acontecer vários momentos que você vai trabalhar e você vai ouvir piadinhas, você vai ouvir preconceitos diante das imagens e como você ser (mencionado também) do livro didático, como que você vai passar se ali já está exposto pra criança e toda aquela questão. E o trabalho, ele, o próprio trabalho do homem aqui no planeta, ele vai criar uma identidade pro local, a cultura indígena, essa dita capitalista, né? E que é muito importante a gente saber criar mesmo o respeito. Por exemplo, o indígena, isolado, o que já é interatende, o que já está integrado, tem que também, ter a noção de que houve uma evolução, uma mudança, até porque o mundo mudou e que não tem mesmo tanta caça, assim, que a gente sabe que pelo impacto no meio ambiente, tem animais em extinção e que, portanto, ele não vai mais poder caçar apenas, né? E a gente sabe que tem aldeias que tem casas mobiliadas, internet, todo o equipamento agrícola, né? E as pessoas criticam “nossa ele é índio, mas ele tem dinheiro”, tem dinheiro! Tem que ter mesmo! E tem que ter autonomia na terra. Eu até admiro a questão da cidadania, que tem de autonomia de lutar pelos direitos deles, coisa que, às vezes, a gente não tem. A gente não tem essa coragem que eles tem. Então, é muito interessante mesmo essas questões!

João de Deus: Vou continuar na mesma linha um pouquinho. No currículo escolar tá lá, a gente tem um dia por ano pra ser o dia do índio, um dia do ano pra ser dia da consciência negra, um dia do ano pra ser o dia da criança. Então, o único dia pra criança brincar é o dia das crianças, porque... do ano não é o dia da criança, a criança parece que... Deve ser desse processo de criação de estereótipos que façam com que o processo de escolarização gire em torno de estereótipos e aqui está correto, está perfeito quando diz “olha, o estereótipo reduz todos os índios”... Há aquele indiozinho que tá lá, que faz uns rabiscos no rosto e põe uma peninha na cabeça, pronto! Um dia por ano é o dia da celebração, né? E ai de fato acaba impedindo todas as outras formas de ver, de ser índio, fazer com que essas outras formas de ser índio, chegue até a escola pra que nossas crianças conheçam, porque sem isso elas não vão conhecer mesmo. Se a gente continuar todo ano fazendo o dia do índio do modo como ele é feito, como uma celebração, uma comemoração em torno de um estereótipo... Isso impede, impede... ai eu não sei por ousadia de um professor ou de outro, que resolve enfrentar a questão de frente e perceber que há muito mais coisa pra ser dita, ensinada e trabalhada sobre o índio do que só aquela figura estereotipada e ai a gente perpetua-se uma geração toda imaginando que o índio, ele vive isolado caçando e pescando, que anda pelado e com peninha na cabeça e só de arco e flecha, né? Então, é uma forma de reduzir no currículo todo um acesso que seria possível para os alunos terem em relação ao índio, que são outras nações, tem outra nação. Nossas leis não se aplicam todas supostamente aos índios porque eles estão em outra nação, dentro da nação brasileira, em torno do território do Brasil. Então, na verdade é

que priva por esse processo de efetivação do currículo da prática escolar, a gente priva uma riqueza imensa que fica aí... Um filme ou outro que consegue fazer isso aí pra mostrar, mas na escola parece que não chega, a escola parece que fica sempre impermeável a outras formas de pensar, de ver o índio e até de ver o índio levando traço da cara da gente. A gente não reconhece! Se a gente olhar pra cara de um de nós, todos... provavelmente todos aqui tem um traço da maçã do rosto ou pelo nariz, pela forma do nariz, a gente consegue saber. Tá cheio de povo índio aqui! Tem alguns com nariz árabe ou paulista, ou sei lá, né? Mas, é um ou outro! A maioria é nariz chato. A gente não percebe, a gente olha e ao invés de perceber, aceitar e adorar aquilo que a gente é, a gente quer fazer plástica pra ter o nariz empinado porque acha que é lindo, que o padrão de beleza aquele nariz afiladinho, empinadinho. Mas, todos nós temos nariz chato, ora! Vamos amar nossos narizes chatos, né? Porque assim as nossas crianças também terão chances de amá-los isso que nós somos, que é um traço nosso.

Dimas: Eu só quero retomar aquilo que o Eraldo disse. Eu achei muito interessante! As contribuições são significativas! Eu gostei demais a ideia do Eraldo de que nós crescemos numa sociedade do não e índio cresce numa sociedade do sim. Como é que vocês viram isso? Como é que vocês viram?

Professora Flox: Ah... Eles aceitam e nós não aceitamos, né? Eles aceitam, eles são felizes. Eu percebo pelas crianças, que são crianças, brincam... Eu vi ali no vídeo das crianças como que eles brincam. Aquela naturalidade de ser criança e eles aceitam com naturalidade, a cultura, a vivência, as brincadeiras, os ensinamentos. Enquanto que nós não aceitamos determinadas coisas que nos é imposto, né? Então, eu vejo essa diferença de cultura, de vivência, de formação, de educação, que é completamente diferente. Enquanto eles vivem com naturalidade e aceitam tranquilamente e são felizes, a gente acaba sendo frustrados e infelizes por não aceitarmos determinados que, às vezes, é bom pra nós.

João de Deus: Alguém gostaria de dizer como é que eles fazem pra não dizer não? O que é que fazem no lugar de dizer não, né?

Professora Margarida: Meu nome é Renata. E, assim, eu até comentei aqui com a minha colega... Aquela canoa cheia de criança, né? Que perigo! Rsr's Olhei e falei "Gente! Como é que pode, né? E você viu que ninguém caiu no rio, não aconteceu nada com as crianças porque eles são acostumados a isso, né? Ao contrário da gente. A gente acaba prendendo os filhos em casa. Eu brinquei na rua, brinquei de elástico, de esconde-esconde, de... de várias coisas e eu não tenho coragem de deixar minhas filhas sozinhas ir no portão, né? Nós vivemos aprisionados em casa hoje em dia, por causa da violência que a gente sofre, por eu morar num bairro muito afastado que eu tenho esse medo até durante o dia. Minhas filhas não brincam na rua e eu tenho tempo de brincar com elas? Não tenho. Ali eu vi também, quando eles foram fazer a colheita do amendoim, né? Levaram todas as crianças e enquanto aquele menininho estava brincando lá com a bananeira comentando, ouvia-se no fundo criança chorando, só que aquele choro daquelas crianças não atrapalhou ninguém, continuaram a trabalhar, mas se a gente for unir os nossos filhos os nossos filhos no nosso trabalho, atrapalha, não dá certo, não tem como fazer... O que que falta nisso? Autoridade da gente? O porque que a gente não aceita? "ah, mas o meu trabalho lá não tem como levar as crianças". E por que a gente não procura um trabalho onde pode envolver todos como é ali? "Ah o trabalho deles é diferente, é ao ar livre, por isso que leva as crianças"... e o nosso? Nós mesmos que fazemos preconceito... "Ah, meu chefe não deixa eu levar", mas o seu chefe também teve um filho, tem filhos. Então, eu acho que a sociedade exclui isso e a gente acaba prendendo as crianças ao mundo tecnológico. "Ai, o meu filho tava quietinho, é um amor de criança! Ele entra no

quarto e não dá um pingão de trabalho”, lá ele tá na internet, ele está nos jogos violentos onde tem muita matança e aí? Ele vai se tornar um adulto igual a esses índios? Feliz? Com certeza não! Vai ter um tipo de frustração, né? Então, é isso que eu vejo de diferença entre a cultura deles, a diversão deles e a nossa. Infelizmente é bem diferente!

João de Deus: Como é que eles fazem pra não dizer não? Tô provocando pra vocês ir pensando ai...

Professora Amarílis: Boa noite! Eu sou a Dionila da Escola Ana Maria. Só teve uma cena que me chamou bastante atenção, foi aquela senhorinha que aparentemente é uma das mais idosas. Quando ela comentou que na filmagem, na gravação que ela tava fazendo, que ela não teve nenhum problema em ficar nua, que ela ficou o tempo todo nua e tal e que ela tava... Eu senti que quando ela vestia a roupa era uma imposição, parece que alguém estava cobrando dela. A maioria deles estavam vestidos de roupa, mas ela comentou isso, que ela não teve problema de ficar nua. Quer dizer, pra ela é natural, é normal, faz parte da cultura dela, que ela ficou sem vergonha, sem nenhum problema, enquanto aqui pra nós, né? Isso já seria... A gente vê essa nudez das pessoas como uma coisa absurda, a gente não quer ver... fotográfico e alguma coisa assim. E mesmo vestida ela estava comentando isso, né? Que pra ela é normal, ela ficou o tempo todo nua, não teve nenhum problema com isso e tava feliz com isso, não atrapalhou ela em nenhum momento.

João de Deus: Como é que faz pra não dizer não para as crianças? Como é que eles fazem no filme?

Professora Girassol: Bom, eles envolviam as crianças em tudo, então, não tinha porque dizer não, estava sempre dizendo sim. Botou o filho na cintura e o filho está participando o tempo todo, mas não era bem isso não e minha resposta também não é essa rsrs... Vamos chegar lá! Eu morei... depois que eu sai daqui de Cáceres eu fui pra Nova Lacerda, Conquista D'Oeste e em Conquista e em Nova Lacerda eu era gerente de loja. Eu quero falar a respeito de roupa. Eles iam... Lá são duas tribos e uma tribo eles fazem pedagem. Eles ganham dinheiro, além da bolsa família, além daquela bolsa também, da questão da criança, todo mundo que tem criança lá, eles ganham uma ajuda do governo. Quanto mais bebê nasce, mais ajuda do governo eles ganham. Então, e tinha uma tribo mais... que não fazia pedagem, ganhava menos. Essa tribo que faz pedagem, eles também arrendam terras, enfim, eles tem tanta... Eles vão pra cidade fazer compra, toda vez e todo mês eles vão na loja, que eu era gerente, eles compravam roupa e eles chegavam, escolhiam e queria aquela, ele não quer saber o preço e as mocinhas já estavam descolorindo o cabelo. Lá na escola em Conquista D'Oeste, nós temos lá duas salas, dá duas salas de aluno de ensino médio e fizeram até o nono ano, na tribo, e vieram fazer ensino médio na escola. Eu estive lá o ano passado, no final do ano passado lá na coordenadora, assessora pedagógica e fui visitar as salas de aulas na escola, na Conquista D'Oeste, onde os alunos vem de ônibus pra estudar, os indiozinhos vem. Então, eles já estão, assim, bem... na tribo também não tinha ninguém nu, não! Tinha duas crianças pequenas, crianças de 3 anos, 2 anos, assim, o resto tava todo mundo vestido, as mulheres estão vestido, os homens estão vestido. Isso já é a influência do branco... E a aldeia é tão próximo da cidade, eles vão lá e fazem compra, eles querem roupa chique da moda, eles querem roupa legal e querem também pintar o cabelo, descolorir cabelo e usar já igual o branco, já usar também as bijuterias do branco. Então tá, assim, muito... A influência do branco tá muito forte sobre essas aldeias que estão em alguns municípios próximos as cidades. Eu já tenho essa realidade. Eu morei lá, eu visitei, é isso... Eu não sei por que eles não dizem não... Ahh ! no caso, uma criança pequena queria uma sandália, queria, queria e a mãe não quis comprar. A criança

pegou e ela devolveu a sandália, que sempre as pessoas têm a cultura também que o índio rouba, o índio não rouba. Eles iam na loja, enchiam a loja de índio, que eu ficava assim “ai meu Deus, será que vão roubar?”, pois a mãe pegou a sandália lá de fora e trouxe, entregou a sandalhinha que a criança queria. Então, o índio, pelo menos o índio de lá não roubavam.

Maritza: E também falam não, né? Rsr

Professora Girassol: E também fala não! E a criança ficou lá, e a criança chorou e deitou no chão que queria a sandália e ela não levou a sandália. Então, eles falam não.

João de Deus: Vou dar só um exemplo, vou criar uma cena aqui pra instigar. O índio vai lá e pesca três, quatro piraputanga, pacu e ai ele vem trazendo. No caminho um vizinho aborda ele “Óh, você pode dar um peixe pra mim?” Sabe o que... ele podia responder não, né? Não! Mas, o índio não faz isso. O que que ele faz “olha fulano, a minha casa tem bastante gente, a minha sogra, não sei quem, meus filhos, e eles estão precisando muito desse peixe”... Se a pessoa insistir ele fala “Olha... pois é, mas vai sobrar um pouco mais, mas amanhã vai chegar uma outra família que vai me visitar e eu vou precisar desse peixe”. E ai ele vai argumentando sempre o porquê que ele precisa daquele peixe, ao invés de dizer simplesmente não de uma vez por todas. Ele vai argumentando até que ele convence o outro pelo argumento de que ele precisa daquele peixe. E ai a palavra não não existe, não precisa existir. Quem sabe isso não podia ser um esforço nosso enquanto professor da sala de aula, não é? Toda vez que for dizer não, lembra do índio que alguém pediu um peixe pra ele. Como é que ele aprendeu a se livrar pra não dar o peixe e pra não dizer não também e não ser deselegante e muitas vezes, nós somos deselegantes com as crianças, é um NÃO! Né Laiza? De vez em quando nós fala “Não Laiza! Não pode!” Não falo assim?

Laiza: Não!

(risos)

João de Deus: A gente faz isso porque nós... é muito mais prático no mundo ocidental, a gente dizer sim e não e pronto. É mais fácil cortar de uma vez, do que a gente argumentar, ter paciência e argumentar. E ai, provavelmente, a gente vai também gerando na criança o mesmo modo de agir, com muito mais tolerância, mais paciência. Claro que vamos parar de dizer não, mas é um esforço possível de ser feito e que entra nessa parte enquanto educadores... E ai eu acho que é algo no filme que pode nos ajudar a pensar enquanto educadores, como fazer diante das crianças na sua existência enfim...

Professora Celósia: Hey João. Eu vejo esse seu argumentar ai como orientação, orientar, alertar ao invés de proibir a criança, né? Por que as crianças indígenas lá, elas eram muito bem orientadas, né? Pelos pais, pelos avós e as nossas crianças, muitas vezes, tem muito mais cômodos pra nós falar um não pra elas do que sentar, explicar e orientar “não pode por causa disso e por causa daquilo”. Então, esse argumentar eu vejo por ai, como orientação, ensinamento, paciência pra poder explicar o que que pode, o que que não pode, qual que é a consequência disso.

Maritza: Eu gosto muito de um conceito e ai tentando teorizar um pouco, né? O conceito de acontecimento do Gilles Deleuze, que é um conceito de experiência do Walter Benjamin, né? O que que acontece na vida das crianças? É o conceito de acontecimento. Como que ela é constituída dentro daquele meio em que ela vive e como que nós somos constituídos dentro

do meio em que nós vivemos e como que nós constituímos as nossas crianças, porque nós fazemos isso, né? Nós constituímos sujeitos, nós produzimos o quê? Produzimos as crianças que estão conosco durante oito, quatro horas por dia. Então, como que essas crianças ali na aldeia também estão sendo produzidas, também estão sendo constituídas, né? E aí a palavrinha acontecimento que tem a ver com experiência, ela pesa muito, porque experiência é o que nos passa. Hoje a gente estava discutindo isso lá no grupo. Experiência não é o que se passa e não é o que passa na escola. Nós, muitas vezes, vemos muitos conteúdos se passando e passando, muitas experiências se passando e passando, mas não nos passando, nos atravessando e nos modificando. Então, a ideia de acontecimento, ela vem nos dizer que algo tem que acontecer dentro de mim. Pra mim a realidade dessa aldeia, dessas aldeias, dessas crianças, são permeadas por acontecimentos que se fazem na experiência cotidiana, mesmo muito cedo. Por isso que eu sempre digo pros meus alunos lá da disciplina de educação infantil *“diferente da rotina que a escola de educação infantil tenta colocar pra imprimir atos, costumes nas crianças, nós temos que criar ritmos dentro de sala de aula, né?”* E como constituir ritmos? E aí o professor tem esse poder na mão e *“ah professora, mas assim, na escola a gente não da conta, nós temos que gritar se não as crianças não ouvem”*. Então, qual que é o ritmo que foi impresso ali? É o ritmo do grito, né? *“Não professora, se você não coloca a cadeira do pensamento a criança não para!”*. Então, qual que foi o ritmo impresso naquela sala se não a cadeira do pensamento? *“Não professora, se eu não falo não a criança não entende”*. Qual que é o ritmo que foi impresso ali, né? Outra questão... Bom, tem várias outras questões, mas a questão do ritmo dentro de sala de aula, ela vai muito do jeito que nós concedemos a ideia de fazer o acontecimento acontecer dentro de sala de aula e aí pegando essa experiência que tá colocada aqui, acho que a gente tem mais é que problematizar a nossa noção de infância. Alguém falou, eu não me lembro quem aqui, que esses índios não são mais naturalmente índios, né? Por quê? Por que eles sofreram processo de aculturação e tudo mais, mas o que significa ser naturalmente índio e o que significa ser naturalmente pessoas que dizem que as crianças podem fazer isso e não podem fazer aquilo? Então, o que que é o natural na nossa sociedade, o que que é o natural na sociedade que nós vimos nos filmes? Porque o natural, ele foi produzido historicamente. A roupa que nós usamos é algo que foi constituído dentro de nós, é algo que colocaram em nós, né? Então, o que que passa ser natural dentro de nós? Absolutamente nada, né? Porque se nós vivemos em função de um natural que foi produzido, nós vamos nos dar conta de que o natural não existe. E aí a gente vai se dar conta de que nós não somos tão naturais assim, né? Só pra gente pensar...

Dimas: Enfim... Parabéns pra todos nós pela coragem, pela disposição de vir aqui. Muito menos pela certificação, mas muito mais pela coragem e pela vontade de estar no cineclubes pra discutir temas tão relevantes, tão caros pra todos nós. Eu vejo, assim, tem umas questões no filme que são surpreendentes. A primeira é pensar, assim, como é que o índio não se percebe, não se vê do ponto de vista estético. Nós olhamos muito pra nossa estética, nós vivemos muito para nossa estética. A mulher não tem nenhum pudor, nenhuma vergonha dos seios, as adolescentes nenhuma tem vergonha dos seios. Os nossos adolescentes... Nossa! Como morrem de vergonha dos seios, das modificações, das transformações do corpo. Eles não têm problema com isso, mas do ponto de vista estético, não tomam... (que a professora Maritza tava falando) não obriga, não constitui partes da sua vida, da sua experiência, da realização de suas experiências de vida. Olha, que extremamente interessantíssimo pra todos nós percebermos isso e dialogarmos com as nossas crianças. A segunda é que nós valorizamos o estético, nós valorizamos. Qual a pessoa tem coragem de dizer o que aquela índia disse que não tem vergonha de ficar nua? Qual de nós teríamos essa coragem? Nós morremos de vergonha! Se tem um seio caído, então, aí que tem vergonha mesmo... Esconde por que... E ao invés de dizer e de gostar o quão belo ter produzido filhos, ter colocado os filhos no mundo,

ter amamentado, morremos de vergonha, porque isso esteticamente é ruim as mulheres. Olha a diferença, olha a beleza, olha a cultura produzida e constituída, ao contrário de nós, a estética pra eles serve muito pouco.

Maritza: É outra né? Uma estética outra...

Dimas: (...) Outra e a busca é a constante felicidade, a busca constante, o constante exercício da identidade. Aqui a identidade também é um conceito que nós precisamos discutir. A nossa identidade não é una, nós não nascemos... Eu nasci bugre, índio, morava em uma chopana de sapê, andando descalço, que não tinha chinelo que cabia no meu pé... Olha a transformação do bugre, né? Então, veja como nós temos identidades, nós temos identidades, uma coisa são as nossas crianças, outra coisa jovens, depois adolescentes, depois adultos. Nós nos transformamos, daí vale a pena discutir conceito de experiência. Experiência não é um conjunto de conhecimentos que eu inculpo aqui, corre na minha cabeça, vou metendo na minha cabeça como se fosse uma montanha pro meu crescimento, experiência não é nada disso! Experiência é aquilo que transforma o meu ser, isso que a professora Mari disse, que transforma... Que me constitui, que me produz e aí é importante discutir o que João falou sobre a questão do currículo, da composição curricular. O currículo tem que transformar a criança, tem que produzir efeitos, se não produz, não tem sentido pra ela, não tem sentido e se não tem sentido, não tem aprendizagem. Então, é preciso que nós professores tomemos outros referenciais. É preciso que a nossa formação de professores comece a perceber essas questões que a professora Maritza cita, do acontecimento na vida da criança, da experiência na vida da criança. Ver como que o currículo constitui partes dos saberes que vai produzindo, constituindo, ordenando e reordenando a vida das nossas crianças, só assim nós podemos intensificar o nosso modo de conhecer e perceber a criança, se não nós vamos tocando a criança como se fossem gados, como se fossem gatos, como se fossem cachorros e vamos domesticando, que é um pouco que o capitalismo quer, que é um pouco que o liberalismo deseja, que nós domesticemos nossas crianças, não é que ensinemos nossas crianças, que eduquemos nossas crianças, que promovamos a emancipação da criança. Olha, como os índios produzem a emancipação da criança, eles vão ensinando e a criança vai emancipando. Isto que nós precisamos aprender! Esse é um aprendizado que nós tínhamos aqui e estamos perdendo. Vamos tomar a história dos brinquedos só pra terminar, só pra eu concluir isso. Tomemos a história! Peguem o livro de Michael Manson, chamado “História de jogos e brinquedos”. Porque que na nossa casa estão todas? Me diga aqui quem é mãe e quem é pai, se na sua casa não tem um caixote de brinquedos quebrados? Por favor levante a mão a mãe que não tem. Vejam! Todos nós temos. Porque as nossas crianças não inventam mais brinquedos, não constroem mais os seus brinquedos, não produzem mais as suas brincadeiras (...)

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 29/05/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DO 5º ENCONTRO

Transcrição - 5º Encontro (10/05/2016)

Filme: *A língua das mariposas*

Maritza: Quem começa? (...) Walter Benjamin, eu sempre cito ele, né? Ele fala assim que “*a guerra silencia as pessoas, a guerra foi um momento histórico e que a narrativa deu lugar a experiência individual*”, ou seja, a experiência coletiva passada de geração em geração deixa de existir. Por quê? Porque as pessoas emudecem. Ninguém se habilita? Eu vou fazer uma pergunta! Existe um dentro e um fora da escola? Existe uma criança que vive sua infância fora da escola e que vai pra escola sem essa infância? Ou o contrário... Existe uma criança que vai pra escola e sai dela sem levar algo pra dentro de casa? Como que a experiência do filme reverbera em nós?

Professora Flox: Boa noite a todos! Nossa que exagero de voz... No momento só um comentário que eu sempre digo para as minhas amigas, para as minhas companheiras pedagogas. Eu me retendo novamente aquela cena do professor, que a sala estava uma algazarra e ele tentou falar com toda a entonação, tentou falar, ele não conseguiu. Ele não gritou e até comentei com as meninas “*viu! para se educar não precisa gritar*”, só que o que a gente vê no nosso cotidiano é totalmente diferente, nas salas de aulas. Eu aprendi com Maritza, no estágio, e com os demais professores, em como lidar com a prática no nosso dia-a-dia, que a gente não precisa gritar. A gente não precisa transpor a nossa raiva, a nossa fraqueza, as nossas angústias, principalmente, na educação infantil e na realidade não é isso que a gente vê. O que a gente vê são professores estressados, são professores mal pagos, como citou no momento que o pai do menino disse que nós somos desvalorizados e olha se eu não me engano esse filme foi passado década de 60 pra 70, né? E em que período nós estamos? Hoje mesmo houve uma paralisação na rede estadual e ainda vai dar pano pra manga, né? E aí uma cena do primeiro dia... não! Do menino que fez xixi na roupa e que isso acontece, infelizmente... Que a gente ainda vê no centro de educação infantil, a criança fazer xixi. Eu falo porque eu vi ainda esse ano! É falta de ética, não vou citar notas de instituições infantil, mas é horrível pra mim como professora, como educadora, como mãe, como ser humano, ver uma criança de 3 anos fazer xixi na calça e a auxiliar fazer ele limpar o chão. Então, isso também demonstra que o pardal, passarinho do filme (como era chamado pela família), ele tinha ojeriza pela escola. Por quê? Na mente dele, ele ia chegar e ia apanhar do professor. Hoje não se apanha mais como antigamente, a palmatória, esses castigos todos... Mas ainda há crianças que tem medo de ir pra escola, por ser maltratados e o que esse filme nos demonstra? Que nós temos que ter paciência, que nós temos que ter amor, carinho e afeto, que muitas das vezes não somos reconhecidos pelos pais, pelos nossos pais. Então são essas observações que eu faço com relação a essas cenas do filme, que nós temos que ter afeto seja com qualquer criança que seja. Ela precisa ser amada e respeitada. Torno a repetir que infelizmente isso não está sendo visto. Me desculpem pela minha fala!

Maritza: Alguém mais? Comentar a fala da Mônica, dizer outro pensamento... O que que o filme nos provocou?

Kássia: Boa noite! Na verdade, eu vendo aquele final me tocou muito e me remeteu a um acontecimento aqui na nossa cidade que pra mim, se não foi igual, foi extremamente semelhante. Mudamos os contextos e mudamos os assuntos. Nós percebemos durante o filme

que aquela criança tinha muito respeito e muito amor pelo professor, por tudo que ele havia aprendido por esse professor, a família, a sociedade... Ele organizou um evento, inclusive, agradecendo o trabalho do professor e diante daquela atuação, no final, a criança infelizmente foi induzida a agir contra o professor, contra aquilo que ele acreditava, aquilo que ele gostava. Me desculpem, não quero ofender ninguém, não é minha proposta, mas é levantar uma reflexão acerca dessa realidade que nós vivemos. Aqui em nossa cidade e o Brasil também viveu isso, em relação aos tópicos discutidos nos planos de educação: gênero e sexualidade. Gênero e sexualidade é discutido dentro da escola, sempre foi discutido, onde muitas crianças, muitos adolescentes conseguem, muitas vezes, serem contemplados em algumas questões que acontecem em relação a preconceitos dentro da escola e essa discussão vem a contribuir com certas diferenças que as crianças se tem dentro da escola. E no dia que foi fazer a votação aqui, eu estava aqui presente, as outras colegas também, talvez estivessem aqui, algumas crianças estavam aqui também com cartazes contra a ideologia de gênero, né? Então a gente percebe... Eu me remeti a essa cena aqui porque muitas dessas crianças em algum momento foi (por falta de termo melhor vou colocar aqui) beneficiada com a discussão dentro da escola, justamente pra se pensar nos direitos que as meninas têm, os meninos têm, nessa relação que se deve ter dentro da escola... E aqui as crianças estavam indo contra essa discussão, muitas vezes, até sem realmente ter uma real compreensão de qualquer proposta. Então, eu vi (eu Kássia) vi aquele final de cena, quando aquele menino estava contra o professor, pra mim, me remeteu aquela cena que nós estávamos vivenciando aqui, infelizmente, no dia que abriu pra discussão sobre esses temas, que estavam sendo discutidos no plano. Se alguém quiser contribuir de alguma forma em relação a isso, tá? Simplesmente me remeteu, não quero entrar em discussão sobre isso aqui. Ok? Obrigada!

Professora Gérbera: Boa noite a todos! Eu não vou complementar, eu só fiz uma outra leitura desse final. Quando a Maritza falou assim, que a guerra silencia, né? É verdade. Mas, assim, observando o filme, o trabalho que o professor teve ali foi fundamental pra aquela criança e penso que a guerra silencia sim, mas quando o professor ele trabalha de uma forma eficaz, dando atenção e carinho, dando significância para aquela criança... naquele momento ele foi induzido, mas no final ele falou palavras lindas que ele aprendeu com o professor. Então, o menino saiu dali, um pedacinho, ele percebeu que não corria mais perigo, ele quis demonstrar que aquilo que ele expressou não foi verdadeiro. Então, quando o professor planta uma semente fertilizada, você pode ter certeza, que ela vai germinar lá na frente.

Professora Ixia: Boa noite! Com relação ao questionamento que foi levantado pela professora, sobre a criança que está dentro da escola e a criança que está em casa. Se é possível a gente se despir disso, entrar na escola e sair de uma outra forma da escola ou se nós... Como se fossemos duas pessoas diferentes, na escola nós somos uma pessoa (uma criança) e em casa nós somos outra criança. Eu acredito que o professor ele trabalha diretamente com a essência do ser humano, com a essência da criança, com a questão da subjetividade de cada um. Então, aquilo que o professor consegue despertar na criança dentro da sala de aula. Ele não vai se despir disso quando ele for pra casa, porque ele está sendo formado, ele está sendo constituído desta forma, como essa criança do filme foi constituída, estava se desenvolvendo de acordo com esse professor, de acordo com tudo que ele aprendia na sala de aula através das aulas desse professor. Então, mesmo no final do filme ele trás aquilo tudo com ele, ele não... Aquilo faz sentido pra ele, ele vai levar aquilo pro resto da vida porque teve um significado de fato. Então, ele não vai... por mais que ele tenha uma outra postura, mas aquilo já está dentro dele, porque tem um significado de fato.

João de Deus: Tem um conceito de educação que eu gosto bastante e que ele serviu pra mim orientar o meu trabalho, o pensamento e reflexão sobre educação, sobre o que é educar, enfim... que é a ideia de que educação é um processo do ser que nasce, constituído biologicamente humano. Quem foi meu aluno aqui já deve ter ouvido isso muitas, várias vezes, e esse ser que nasce humano, ele precisa entrar, fazer parte, mergulhar no mundo humano e esse processo fundamental a diferença ou as diferenças, porque é pelas diferenças que nós vamos conhecendo o mundo, percebendo o mundo, diferenciando o que é árvore, do que é gente, do que é gafanhoto, né? É usando a diferença que nós vamos percebendo o mundo, construindo nossas leituras sobre o mundo e essa diferença no filme parece que tá extremamente falhado em diversas dimensões da natureza, a diferença de um para o outro, diferença a partir das diversas possibilidades social, cultural, enfim... que é também é a partir daí que a gente constrói os conhecimentos que estão na escola e o professor daquele jeito humano, né? Eu vi ali o professor humano e ele vai conduzindo aquele menino desde a primeira... do primeiro momento que a criança chega da escola e aquilo que é uma certa rejeição. Um estranhamento em relação ao espaço escolar acontece com todas as crianças, todas! Porque o espaço escolar é um espaço pra criança estranha, ela não tem familiaridade, ela não conhece, não sabe, precisa ainda entrar naquele mundo e o professor do modo humano foi, pegou, conduziu aquela criança pra ir entrando no mundo humano, nas suas mais diversas possibilidades, pela força da natureza, conhecendo o espaço escolar, conhecendo os outros e aí tem uma diferença que me parece que é muito forte no filme, que é a diferença do modo como nós entendemos a sociedade, como elas vão se constituir, que é as diferenças e concepções de sociedade, concepções políticas mesmo, que aí apareceu forte no filme, por causa do momento histórico em que está ali começando, depois a guerra civil espanhola em que a gente. A gente pode se mostrar de muitas formas, mas a violência da guerra nos empurra a um sentimento, a uma forma de agir em relação aos outros que são diferentes obviamente com uma intolerância e eu penso que a intolerância ela tem diversos graus dado o número de... Mas, a intolerância ela está presente no nosso modo de lidar com a criança pequena, com o outro, com os amigos, com as religiões dos outros, enfim, eu pensei a diferença está em tudo quanto é canto desse filme. Me parece que a aula do professor, na sua atitude humano, no modo de ser humano dele, parece que nos dá uma possibilidade de como vocês podem lidar com a diferença humanamente constituindo, talvez, contribuindo para um mundo... compor o melhor pro que a gente vai, porque o professor do filme foi, ele foi, mas as coisas que ele fez, o modo de como ele lidou com a diferença deixou para aquele menino e pra todos os alunos e pra nós até hoje, uma possibilidade da gente olhar pro outro com muito mais tolerância, com muito mais humanidade. Me parece... Essa é um pouco a minha leitura geral do filme a partir da diferença de alguns dos nossos conceitos chave nesse processo, que nós estamos tendo aqui no cineclubes. É isso! Pra pensar também...

Maritza: Antes de eu passar a palavra para o colega, só para pensar também nisso que o João colocou. Nós temos muitos professores pardais aqui, eu tenho certeza disso. Então, essas experiências positivas fazem com que a gente se potencialize enquanto professor, a gente se potencializa enquanto alguém que faz diferença e faz a diferença na vida das crianças e aí, assim, era legal que vocês se colocassem enquanto esses professores pardais.

Professor Antúrio: Oi! Aproveitando a fala do professor João eu gostaria de dizer o seguinte: o filme encerra ou demonstra uma guerra e nós querendo ou não já imaginamos uma guerra a partir do momento governamental da educação e nós profissionais, não é atoa que hoje houve também uma reunião entre professor do estado (eu também sou do estado e da prefeitura) e a gente nota essa guerra e querendo ou não essa guerra influi até mesmo no aprendizado das crianças, porque eles chegam na escola pensando em uma forma onde, na maioria das vezes,

mesmo como profissional já há tempo, até parece que muitos profissionais acha que já sabem tudo, que já viu de tudo e que a nossa maneira é pura, correta e pronto. Eles têm que estar ali pra simplesmente ouvir. Eu choquei quando perguntaram o nome do garotinho e ele disse, a sala toda deu risada, até o professor não se conteve, ficou... a ponto da criança sair correndo. Depois ele volta atrás, vai atrás da criança, chama de volta, recupera e depois faz o aprendizado ligar. Eu, por exemplo, eu não sou um pardal, mas eu tenho uma experiência do ano passado da seguinte forma: De 1 a 4 na prefeitura, no estado eu trabalho 2º grau e eu me deparei com a sala de 5º ano, onde eles se chocaram quando encontraram comigo porque até ali eles estudavam com professoras. Quando eles me encontraram eles tiveram, assim, um tipo de receio e nesse momento eu fiquei desesperado e eu tive que... como eu trabalhava só matemática, eu tive que fazer alguma coisa. Até tem... fizeram um vídeo na escola e como nós temos um grupo na escola Ana Maria e eu inventei de brigar com os colegas e passar pra eles, porque as crianças não sabiam ainda trabalhar matemática, unidades, dezenas e centenas e nem como eles resolveriam a conta, se era da esquerda pra direita ou da direita pra esquerda. E ai eu tive que... bolei uma musiquinhas tipo lambadão e fui dançando com eles da direita pra esquerda, unidades, dezenas e centenas e fui dançando o rebolado do lambadão e depois eles sentaram comigo aprenderam e daí pra frente não teve mais dificuldade nisso. Aprenderam aquilo que eu gostaria de ensinar, aprenderam aquela outra música que o pessoal canta 180, 180, 360 pra ensinar ângulos na matemática, né? Na verdade, foi uma coisa que de 1 a 4 deu certo, né? Ai vários colegas da pedagogia quiseram e eu fui e fiz, só que eu disse a eles “no momento que eu fiz isso deu certo, se vocês forem fazer pode não dar porque é espontâneo e a criançada de choque que tiveram comigo, aceitaram”. Ai o que eu ganhei no final do ano não vou dizer, né? Porque se não vai dar vontade em vocês... bolo de chocolate, de cenoura... né? Isso foi só pra mim, ok? Então, vendo esse momento de guerra no filme, eu quis transmitir pra vocês assim: a gente tá na situação e como profissional quem tem que fazer por onde mudar somos nós, porque se nós chegarmos numa sala de aula mesmo tanto tempo achar que sabemos de tudo, vai dar um choque, vai sair...

Professor Goivo: Boa noite! Se você for olhar, você percebe que vários pontos chamam a atenção, como o papel da mãe. Muito forte o papel da mãe e naquele momento ali de tirar o cartaz, pedir a documentação do marido e falar com o menino. Então, é muito forte esse... para o momento que vivia o país (a Espanha). E outra coisa também, acho que foi a Nadir que falou do silêncio, né? E ai nós perguntamos: Nós... Será que estamos silenciando nesse momento que nós vivemos no Brasil, aqui em Cáceres ou mesmo na sala de aula? Todo tipo de guerra era existente na nossa sociedade. Então, eu deixo isso aqui pra provocar um pouco, tá?

Maritza: Iminência do processo de impeachment acontecendo amanhã, golpe a democracia e nós aqui parados dando milho aos pombos. Só pra pensar...

Professor Lisianto: E ai hoje nós tivemos a assembleia nossa, né? Teve algumas escolas que não pararam e quando polêmico vieram até falar pra mim porque a palavra golpe do cartaz que nós chamávamos pra a assembleia e ai eu me pergunto: o governador no primeiro momento meu... já tô até fugindo um pouco, mas eu tô falando desse silenciar, tá? Frente ao que nós estamos passando, que é o nosso trabalho. Será que nós não estamos tomando um golpe agora? Quando foi anunciado o reajuste, imediatamente foi cancelado. Até parece uma cena da câmara dos deputados, anuncia o reajuste e depois não tem mais reajuste e ai como é que nós vamos pra sala de aula? É gostoso ver aquele professor saindo, indo pro campo, pegar as borboletas, aquele negócio do... Eu queria levar meus alunos na aula a campo, mas agora nós teremos que pagar também o seguro dos alunos... E ai quem paga?

Professora Frésia: (...) Pensei que ele ia falar sobre isso... Na assembleia... Quando a gente fala “professor faz a diferença”, hoje eu fiquei muito feliz, porque tem escola, tem duas escolas que não parou, mas a escola não parou porque os alunos pararam a escola, né? E uma professora a frente desse trabalho lá na escola e eu achei interessante, quer dizer, o professor fez a diferença, né? Porque ele conseguiu politizar esses alunos a criarem coragem, ir lá e manifestar apoio nesse momento tão preciso pra categoria. Eu fiquei muito feliz hoje! Sai muito feliz da assembleia... É essa semente que tem que ser plantada aos alunos pra que ela possa germinar com força, principalmente, nesse momento. Nesse momento na nossa categoria que é humilhada, massacrada a cada tempo que passa.

Maritza: Hoje Kássia tá faladeira gente...

Kássia: É que esse filme ele traz tanta coisa, tanta coisa... Eu chorei até não querer mais aqui no final... Na verdade, eu lembrei uma cena! Quando ele leva as crianças para o espaço fora da escola pra mostrar sobre as... começa a falar sobre as borboletas, que são as mariposas e tal e as crianças começam a demonstrar interesse, quando de repente, uma criança vê o formigueiro e aí o restante vai tudo atrás. Quantos de nós já não passamos por isso, quando a gente tá passando um conteúdo, um tema interessante, até que tem aquele que do nada surge roubando toda a atenção da nossa sala e a gente acaba ficando desestimulado, né? E a reflexão que eu levanto aqui em relação a como esse professor procedeu diante disso, né? Que talvez seja, não um exemplo, mas algo a ser pensado e não desistir, né? Não deixar se levar quando naquela aula, naquele momento, o interesse foi roubado ali por um ou outro, depois no decorrer do filme ele insistia em falar sobre o assunto novamente, sobre as borboletas novamente. Então, isso também me chamou a atenção, um dos pontos mais.

Rodrigo: Boa noite! Aproveitando essa fala da professora Kássia... É interessante como o professor, quando ele leva os alunos pra fora, depois de já ter tido algumas frustrações, ele vai para o espaço aberto, ou seja, fora de todo o controle que a escola tenta impor constantemente sobre a vida dos alunos. Quando ele chega lá e aí ele nessa situação, é possível perceber que qualquer coisa pode acontecer e fugir ou frustrar qualquer plano, mas o professor naquele caso, ele se propõe de uma maneira diferente, ele se prepara pra toda e qualquer situação. Claro que nem tudo ele vai conseguir responder, mas pelo menos, ele tá o tempo todo sensível ao movimento cotidiano que a natureza (e aí nós podemos incluir a natureza dos alunos, no sentido social, que a gente pode considerar) que tudo aquilo pode oferecer porque ele sai do seu conforto, do seu controle, ele desprende de tudo aquilo que lhe dá segurança. Ele vai para um campo aberto, vasto, cheio de possibilidades, cheio de nuances, cheio de moneios e aí ele não fica preso exatamente a um planejamento... É pra gente pensar de repente se o planejamento que a gente tá fazendo tem sido suficiente para acompanhar o movimento que os alunos trazem consigo, que esse campo aberto apresenta, que ele propõe. De que maneira que a gente tem pensado isso, de que maneira a gente tem executado? Será que nós estamos sendo audaciosos o bastante para levar os nossos alunos a experiência de fascínio? Porque o que os alunos demonstram o tempo todo quando eles estão no campo, ou seja, tendo encontros, são experiências de fascínio e é um jogo que eles colocam ali em que todo mundo tá realmente no mesmo círculo mágico, tá todo mundo envolvido. É uma catarse e sempre tem alguma coisa diferente que pode acontecer e um jogo só acaba, ele te leva a um propósito de incerteza e aí o professor se joga, exatamente, junto com seus alunos nesse ambiente que é extremamente encantador, é um campo vasto, mas onde ele vai chegar? Não sei. E aí cabe analisar cada realidade, cada contexto, cada situação e aí não dá pra ter uma regra. Cada jogo

é um jogo que só acaba realmente no desenrolar, né? A gente precisa ver aonde ele vai chegar, tá? É pra pensar um pouquinho.

Professora Gérbera: Só continuar falando disso, dessa disponibilidade entre professor e a questão de quando ele foi nessa aula lá a campo com os alunos e ele deu todas as informações sobre as mariposas, todos os insetos ali e ele não tinha um microscópio. Ele falou da língua das mariposas, que era em espiral e tal, do pilho, das asas das borboletas que elas têm escamas, que era um conjunto ali e tal, por isso e tal, mas ele não deixou que a falta desse material didático, que é um dos problemas que a gente enfrenta hoje diariamente na escola, ele não parou ali, né? Ele deu essa informação, todas as informações e ele pediu pra que a escola comprasse. Aguardou... Chegou depois esse material e ele fez uso dele, mas o que eu achei interessante foi que ele não parou ali. Ele não tinha um material didático que poderia enriquecer a aula dele, mas nem por isso ele deixou de dar as informações, de encantar os alunos com a beleza da natureza, dos animais e tal. Achei importante isso!

Dimas: (...) Eu só vou falar depois que todo mundo falar, tá bom? Ai vou falar sobre o filme. Por enquanto eu queria que vocês nos ajudassem a pensar. Não fique com medo da gente! Nós temos várias concepções de infância, vários conceitos sobre criança, de adolescente, de jovem. Eu queria explorar um pouco mais isso. Primeiro: Como é que vocês veem o nome do filme “língua das mariposas”? O que tem a ver com a história? O que será que tem a ver? Essa é a primeira coisa. A segunda coisa: que tipo de criança aquele pai que chega para o professor e fala assim “meu filho não sabe fazer contas vara ele”. Que tipo de coisa aquele pai quer? Segunda: que tipo de infância o professor quer? Que coisa esse professor vai trabalhar? Que concepção de criança, de cidadão, de mundo, o professor quer? Vamos pensar um pouquinho sobre essas três coisas? Vamos ajudar a refletir...

Professora Astromélia: Esse era um outro ponto que havia me chamado a atenção, porque o pai ele tinha um interesse quando ele mandava o filho pra escola, né? Me chamou a atenção quando o pai foi lá cobrar o professor que ensinar seu filho, a dizer que não tava dando conta de ajudá-lo em casa. O único filho que apareceu naquele momento ao colocar o seu filho na escola e será que é isso mesmo que continua sendo, assim hoje? Não sei né... Muitos casos a gente percebe isso diariamente, mas não sei se é essa maioria ainda, né? Se o pai nunca pensa nesse jeito hoje em dia, mas foi uma coisa que me chamou a atenção. Realmente naquela hora eu esqueci de comentar, que você falou, que tinha uma finalidade quando ele manda o filho pra escola, era só aquilo, mais nada. Tanto que depois quando chegou a época da guerra, da evolução e tal, tudo aquilo que ele aprendeu lá, fez com que ele se calasse “você aprendeu isso isso, isso, mas agora você vai dizer isso, né”? Então, calou realmente o filho. Qual é a finalidade, então, de ele ir pra escola? Pra ele ter conhecimento... sei lá... destacaram escola.

Professora Amarílis: E só pra fazer um ganchinho... Naquela fala do professor, quando ele é homenageado, eu não lembro, eu não decorei exatamente, mas ele diz algo sobre se pelo menos uma geração, né? Conquistar essa liberdade, a Espanha, que era salva, alguma coisa do tipo, né? E aí você via como ele acreditava, por exemplo, naquele garoto que talvez, aquele garoto poderia ser essa criança livre, que poderia lutar por sua liberdade e aí no final quando a criança diz aquelas palavras ruins a ele, a face dele, entanto, decepcionada de que perdemos um garoto, perdemos uma criança nessa luta. Bom, eu interpretei dessa forma... Mesmo que depois ele falou outras palavras e tal, mas o filme deixou uma coisa meio triste ali no final do “*perdemos mais um*”.

Professora Cravina: Eu vou falar uma coisa bem rapidinha! Nessa questão da liberdade, eu fiquei pensando naquela questão de quando o padre vai mostrar o pardal para o professor. Ele vai justamente falar dessa questão da liberdade e ele chama o pardal e começa a falar em latim pro pardal responder, ele fala algumas coisas em latim e é para o pardal responder e o pardal vai responder e ele responde, o padre fala, o pardal responde e aí chega numa parte o pardal fala não me me lembro mais. E aí o professor diz para o padre “ele não vai ser mais seu coroinha?” Ele fala “não!”... Porque ele já está na escola, né? E ele fala “mas, eu não fiz nada”. Então, dá justamente pra entender que por ele ter entrado na escola ele começou a ter um desenvolvimento, deu uma possibilidade maior de liberdade do pensamento pra desenvolver as potencialidades de pensamento, né? Então, ele já não tinha mais aquela visão fechada de só responder “é isso! amém, amém, amém”.

Maritza: Enquanto vocês pensam, eu vou tentar pensar junto. Tem um livro, eu acho que já falei dele aqui, meu grupo não conhece, foi um livro que eu li recentemente e se chama “Em defesa da escola”. E penso que nós não estamos aqui pra pensar, problematizar uma infância que seja idealizada, nem professor que seja idealizado e nem escola que seja idealizada, mas nós todos estamos aqui porque nós acreditamos na infância, na escola e no professor, né? Por quê? Porque sem esses três fundamentos básicos nós não estaremos aqui numa noite fazendo essa formação que não vai nos levar, não vai nos render nada além de sabedoria, conhecimento e tudo mais. Depois do dia exaustivo de trabalho, eu tô trabalhando desde 8 horas da manhã até agora e ontem à noite trabalhei também. Então, é assim, é isso que nos move, é porque nós acreditamos na potência da escola, da nossa criança e nós acreditamos na nossa potência como professor, né? Como professores. Então, esse livro do Masschelein, ele vai trabalhar em defesa da escola pra nos dizer o que que a etimologia da palavra escola quer dizer? Espaço de tempo livre. Livre do que? Livre da família e livre das instituições. Tem uma parte do livro que ele fala “inclusive livre da igreja”. Por quê? Como espaço de tempo livre a criança vai ser o que ela quiser ser, mas pra que nós façamos da escola práticas de liberdade, nós temos que ser também esse sujeito que acredita na escola como possibilidade de exercício da prática de liberdade. Olha que coisa difícil! Como que eu vou querer que meu aluno seja livre, que as crianças sejam livres e pensem, se eu não oportunizo o ato de criação, se eu não oportunizo o ato de pensamento? Os teóricos que nós trabalhamos acreditam que nós não pensamos, nós reproduzimos. Isso não é novidade pra ninguém, mas nós começamos a pensar, quando nós forçamos o nosso pensamento a pensar e forçar o pensamento faz o pensamento doer e forçar o pensamento pensar faz com que um pensamento novo seja possível, então, a criação torna-se possibilidade. Nesse sentido, a educação como ato de liberdade ou como prática de liberdade, ela muda completamente a nossa ideia do que seja educação enquanto representação, porque ela passa a ser criação, a gente inverte a lógica porque nós passamos a não pensar mais a partir de uma lógica de pensamento dominante de gente hegemônica. Marx vai dizer “é um pensamento contra- hegemônico”, pode até ser. Nós falamos da possibilidade de criação de novas imagens de pensamento e aí nós vamos produzir uma outra escola que salma o outro professor, que salma outra criança, essa criança que exerça a prática da liberdade e nós temos professores assim, né? O professor que ensina matemática com lambada é um professor que precisa ser referência, não é gente? E aí eu tenho certeza que aí tem um monte de outras práticas nesse sentido e a gente precisa começar a falar sobre elas, porque se não parece que o que tá lá no filme não é nossa realidade dentro da escola e nós fazemos diferente, se nós não fizessemos a gente não estaria aqui. Algum outro relato?

Professora Rosa: No final do filme quando a mãe pega e fala para o filho, assim, severamente pra ele não falar a verdade, eu falo, assim, que o medo e a prevenção, o medo de

perder a família, o marido, isso iria acontecer. Então, ela tava assim, mais atenta do que o próprio marido, os filhos, né? Então, o medo dela de preservar tudo aquilo ali fez com que ela colocasse tudo aquilo na cabeça do filho e o menino vendo o medo da mãe, certamente, também aquilo tomou posse dele. Mas, o coraçãozinho dele no final, viu que “Poxa, o que que eu vou fazer”? Mas era uma necessidade momentânea, prevenção da família, da unidade familiar.

Maritza: Vou tentar falar um pouquinho também sobre essa questão de dentro e fora da escola e ai acho que Dimas pode fechar pra nós, né? Primeiro, uma questão básica dentro da escola que nós temos que nós temos que saber, que o mundo cultural e social da criança não fica do lado de fora da escola quando ela entra ali dentro, assim, como os nossos mundos. No nosso projeto tá escrito... Quando a gente pensou em fazer esse projeto pra desenvolver aqui, que o mundo cultural dos professores é constituído a partir das redes de relações que ele tece e essas redes se dão tanto lá na nossa comunidade, na nossa cidade, no nosso bairro, como se tece aqui dentro do cineclube. A nossa ideia do cineclube é estabelecer mais um elo nessa rede de formação, nessa nossa rede cultural e com essa rede nós vamos amanhã pra escola, um pouco mais abarcados, quem sabe, pensando um pouco mais sobre tudo isso que a gente discutiu aqui e alguém colocou exatamente isso, o que que a família quer que nós façamos enquanto professores? Eu participei de uma formação semana passada, formação de professores da educação infantil no município vizinho e lá a professora me falou “mas, professora os pais querem que a gente alfabetize as crianças com 3 anos”... “O que que cês tão ensinando, então?”... “Ah a gente ensina quadrado, círculo, retângulo, a gente ensina as cores primárias, as cores secundárias, nós fazemos isso, isso e isso”. E era uma localidade que tem um ambiente natural a ser explorado que cês nem imaginam, né? Então, o que que nós estamos fazendo com a vida dessas crianças? Eu falei “então, não são vocês que precisam de formação, são os pais”. Nós combinamos uma outra conversa pra daqui um tempo, pra gente conversar com os pais sobre o papel da escola, sobre o papel da educação infantil, mas pra isso nós temos que ter nossos propósitos claros. A gente tem que saber a intencionalidade da nossa ação, nós temos que ter propósitos, nós temos que acreditar nesses propósitos, né? E ai a prática da liberdade, ela se torna o ato de criação que tanto nós queremos abarcar nesse processo.

Dimas: Me parece um tema bastante relevante, se provarmos algumas questões do filme. Olha... Significativo! Vamos falar do primeiro filme que nós assistimos. O primeiro filme que nós assistimos tratou da questão da relação da criança com os seus bens materiais, com o tênis que se viu envolvido num jogo de relações e que apareceu o professor, apareceu o diretor lá na escola, apareceu à criança, apareceu o outro professor, também apareceu concepções de escola. Então, vejam que lá naquele filme o governo da criança foi determinado e foi discutido, foi problematizado por todos nós a partir do conjunto de pessoas que compõe o cenário educativo, que compõe a escola. Me parece que o filme é extremamente interessante para que nós possamos pensar a escola, a instituição educativa, como ela funciona. Neste filme me parece que há uma problematização extremamente diferente que nós professores precisamos discutir um pouco mais, precisamos avançar. Quem é que governa uma criança, quem é que governa efetivamente uma escola, quem é que governa a sociedade? Me parece que o filme quer discutir isso, quer discutir um modelo de infância, um modo de informação da infância. Como é que nós provamos a infância, como é que nós vamos constituindo a infância, como é que nós vamos constituindo o ser humano que existe na infância e que no futuro vai se transformar em cidadão de um estado, de um país, de uma governação, de um espaço geograficamente? Como é que é isso? E ai me parece que o filme é bem preciso. Existe os interesses... O pai quer que

ele forma de um jeito, o professor quer formar a sua cabeça, a sua concepção de ideias, de cidadania, o professor tem ideias, ele é republicano, aí o pai da criança tem outro interesse, é o cara mais rico daquela localidade, logo, a criança que quer aprender as quatro operações matemática. É muito... Cidadania, do que participação social, do que efetivamente o compromisso de uma criança com a sociedade, de um futuro cidadão. Isso que está em jogo. Então, pra nós é pensarmos o que é que nós podemos discutir isso, como é que nós podemos discutir isso? Como é que nós partilhamos o conteúdo, como é que nós dividimos o conteúdo? Como é que nós trabalhamos o conteúdo? Com qual modelo? Com o interesse do pai, da mãe, da sociedade ou com o interesse do estado, interesse da nação, interesse do país, interesse daquele momento, interesse do próprio professor? São umas coisas que nós precisamos pensar, que modelo de infância nós queremos constituir, que modelo de infância nós podemos contribuir pra que a criança seja? E aí me parece que Nadir é fascinante (eu arrepiei com a fala da Nadir aqui) no sentido de perceber que apesar de muita gente querer governar a cabeça da criança, seu comportamento, suas condutas, suas relações. O pai, a mãe em determinados momentos, dizendo o que deveria fazer... Ela até faz, porém, o ensinamento do professor está no coração, está na alma, está na razão da criança, na razão de existir dela. Olha que bacana! Pra criança é obvio que em defesa do seu pai, da sua família, ele vai dizer “seu ateu, comunista”, ele vai se contrariar. Na escola é o mesmo jeitinho, mas só que olhando pras nossas crianças, aí entra duas pessoas pra disputar a questão pra ser diretor de escola, as crianças, uma parte das crianças ficam com a gente, outra parte fica com um outro candidato e nós ficamos pê da vida com as nossas crianças. “Oh o Dimas tá mentindo”, “Oh Dimas...”. Tá falando assim “Isso é bobagem hein Dimas”. Então, vejam isso... Nós precisamos perceber como é que acontece no cotidiano essas relações de aprendizagem, como é que nós podemos nos construir e nos relacionar e intensificar nossas relações pedagógicas, de conhecimento, de intensificação do ideal de criança, de infância com as nossas crianças pra que elas potencializem a sua produção, o seu ser. Que ela possa ter um nível, uma capacidade de aprendizagem que emancipe a criança, que emancipe da família, que emancipe da religião, que emancipe... E aí que é bacana... Olha a beleza disso, olha a beleza do ato! Tem professor que diz assim “eu que não quero formar cobra pra me morder depois...”

(GRAVAÇÃO INTERROMPIDA)

Dimas: Paulo Freire dizia assim “eu quero é que exatamente 7 cobras pra me morder, pra eu pular, eu quero pular com as cobras me mordendo, eu quero trabalhar com pessoas que sejam melhores que eu, eu quero trabalhar com alunos que deem conta de melhorar aquilo que eu estou construindo, eu quero trabalhar com crianças que sejam cidadãos possíveis, de serem melhores que eu. Mas nós nos preservamos no direito de não trabalhar com crianças que sejam melhores que nós. Nós queremos que sejamos submissos a nós, obedientes a nós, que estejam compromissados com a docilidade do corpo e da alma”... E será que é isso efetivamente que nós precisamos construir? Será que é isso que eventualmente nós precisamos trabalhar no cotidiano da escola? Tem professor que é corajoso, contra tudo e contra todos. Ele foi notando devagar, mansamente trabalhando, ele foi duro com a criança. Olha o professor, olha a cultura do professor... Belíssima! Viu que fez besteira, viu que tinha uma chacoalhada na criança que a criança mijou até na sala de aula e ele voltou atrás, foi lá na casa da criança, buscar a criança, dar um abraço na criança e pedir perdão a criança. Olha que atitude belíssima do professor, olha que atitude bacana que o ser humano, que se presta a condição educativa e que se coloca na possibilidade de que eu também erro. Olha que beleza, olha que possibilidade que nós possamos compreender este tipo de atitude de uma maneira bastante significativa pra nós. Não tô dizendo que vamos copiar o professor, nada disso! Mas, apenas permitir que todos saibam que nós podemos errar, que nós podemos cometer equívocos, que nós podemos sim sair de uma linha, de uma certa processo de construção

daquilo que nós chamamos de princípios na nossa vida. Então, nós precisamos refletir e ele vai lá, busca e traz a criança para a convivência escolar e a criança passa a ter admiração pela criança, pelo professor e essa admiração que nós precisamos retomar novamente, esse carinho, essa solidariedade, essa fraternidade, essa capacidade de relacionar com um pouco mais de diálogo com as nossas crianças precisamos retomar. Nós professores homens, nós, principalmente nós professores homens, temos alguns obstáculos aí. Nós não podemos abraçar a criança, nós não podemos tomar a criança de qualquer forma por que previamente tão nos acusando de pedófilo. Nós professores sabemos disso! É difícil nós professores estabelecermos um abraço, darmos um abraço na criança, mas as mulheres, as professoras mulheres estão todas com condições de disponibilidade pra essa relação mais próxima, mais carinhosa, mais fraterna, mais solidária. Nós precisamos aprendermos, nós precisamos compreendermos e intensificar isso se não nós vamos botar culpa sempre. O governador finge que nos paga e nós fingimos que trabalhamos, mas nós não trabalhamos para o governador. Eu não dou um pingão do meu sangue, do meu trabalho para o governador. O meu trabalho é para a sociedade, para os meus alunos, eu trabalho para a sociedade que me paga, não para o governador. Vocês não trabalham para o diretor da escola, vocês não trabalham pro governador, trabalham pela sociedade, para as famílias, para as crianças que devemos obrigações. Nesse sentido, nesse aspecto eu quero trazer aqui um problema que é significativo. Nós estamos falando assim “ah, essa merda de escola ciclada, essa porcaria que é o problema”. O filme mostra muito bem que a possibilidade educativa está em nós, está na capacidade nossa, de profissionais, de governarmos o nosso modo de fazer o processo educativo das condições de processo educativo mais intenso. Nós colocamos a responsabilidade na escola ciclada, como se ela fosse a responsável “ah, agora não permite que eu reprove, não permita que eu pula, não permite que eu reprove, que eu coloque essa criança de castigo, não permite nada disso”. Nós colocamos a responsabilidade nela, mas a responsabilidade está em nós. Se convenceremos nossas crianças de que é possível estudar, é possível avançar, talvez, possamos melhorar a qualidade educativa. Se nós convenceremos as nossas crianças da necessidade de educar, da necessidade de participar, de ser cidadão, de comprometer-se com seu futuro, com seu presente e com a sua potencialidade daquilo que ele deseja, nós talvez possamos melhorar a educação. Nós não precisamos melhorar a educação porque Pedro Taques quer, nós precisamos melhorar a educação porque nossas crianças precisam, nossas crianças precisam, cada criança que nós conquistamos para o processo de construção da liberdade, eu chamo liberdade, não essa liberdade do liberalismo, mas a liberdade da emancipação da criança, da capacidade de fazer com que a criança tenha condições de ajudar, que a criança tenha condições de serem emancipada, livre para pensar, livre para refletir, livre pra fazer isso que Mari chama de forçar o pensamento a pensar. Se nós conseguirmos fazer isso, só isso, o conteúdo a criança vai aprendendo nós só vamos organizando, nós só vamos ajudando, nós só podemos ir ordenando o aspecto dessa relação, as relações entre eles, talvez nós possamos contribuir bastante. Então, o filme chama a atenção para a potencialidade humana do professor. Somos nós professores que devemos decidir que caminho nós queremos tomar. Obrigado!

Maritza: (...) Gente muito obrigada!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 19/06/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DO 6º ENCONTRO

Transcrição - 6º Encontro (24/05/2016)

Filme: *Pixote*

Maritza: Foi muito impactante gente? Muito diferente dos outros? Do que que nós tratamos no filme? Qual que é o tema? Vamos lá! Quem se habilita?

...

Maritza: Bom! Esse filme como eu falei pra vocês, no começo, foi produzido há mais de 30 anos. Acho que tem idade para além da idade de muitos de vocês aqui, né? Ele é de 81. Marília Pêra deu um show à parte no filme, né? Esplendorosa! É um filme que retrata uma época distinta do Brasil, onde a FEBEM era o local aonde as crianças iam encaminhadas pelas famílias, muitas vezes, com a possibilidade de mudança de vida. Essa era a promessa da FEBEM na época, até que as rebeliões aconteceram e até que tudo isso veio à tona e a realidade precisou ser mudada. Mas, *Pixote* era um menino de 11 anos, uma criança, né? E aí eu queria passar pra vocês, pra gente pensar. Nós ainda temos *Pixotes* hoje dentro das escolas? Alguém habilita?

(PROBLEMAS NO MICROFONE)

Maritza: Hoje a tecnologia tá com problema! Melhor falar sem microfone gente, só que a gente tem que gravar... Mas, mais do que falar sobre o filme ou falar sobre a realidade de vocês, vamos pensar um pouco no que o filme nos levou a pensar para além das imagens impactantes, para além das cenas, muitas vezes, proibidas. O que que o filme nos leva a pensar?

Professora Girassol: Eu fiquei, assim, muito mexida com o filme porque eu percebo que em nossas salas, na nossa escola, a gente tem muito desses alunos, desse tipo de infância do *Pixote* e, assim, incomoda quando você vê porque você se lembra de rostos, de gestos, de olhares e isso mexe muito e, assim, muito forte... E uma coisa que eu fico assim, que eu já estou vendo há muito tempo, desde os primeiros filmes em relação a infância, como cada filme mostrou essa infância. Conversando com o aluno em sala de aula eu percebo, assim, que a infância ela vai muito além da questão social. Até agora eu não consegui ver nenhum filme que a infância ela pode ser negada pelos adultos. Ela pode ser negada de uma certa forma de uma maneira social, mas faz parte da criança, ela viver essa infância. Não me interessa como as pessoas forneçam esse momento, permita esse momento, mas faz parte da criança, ela viver essa infância. Não me interessa como as pessoas forneçam esse momento, permita esse momento, mas ela consegue vivenciar a infância, ela consegue se descobrir nesse meio buscando uma forma de viver esse momento. Esse filme ele, assim, são cenas bem fortes, mas que ele consegue em alguns momentos se voltar para a sua infância, ter algum contato que seja mínimo, mas ele consegue independente de tudo que o cerca, de tudo que é levado a ele a deixar essa infância tão cedo.

João de Deus: Parece que quando era a infância dos outros o enrolamento parecia romântico, longe da gente. Aí quando a gente veio para o Brasil ficou todo mundo quieto!

Maritza: Na realidade esse filme a gente vem protelando desde o começo. Aí a gente falava lá no grupo “ah não! mas o filme brasileiro não pode ser tão impactante assim”, né? Justo essa infância que nós queremos trazer... Aí nós trouxemos os dois filmes indígenas pra quebrar um

pouco e dizer “nós temos outra infância também, que com certeza temos outras para além dessa apresentada por Pixote”.

Professor Antúrio: Boa noite! Cheguei um pouco atrasado, mas já marquei o Pixote. Eu tava percebendo a questão do linguajar. Eu não sei também se lá nos filmes americanos na hora da tradução não tem palavrões e eu na escola uma aluna e a gente percebe que tem demais. Os nossos alunos hoje chingam demais, palavrões, que vou te contar... E nesse caso foi uma menina, chingou a professora, depois foi pra mim e olha o que ela falou... Ai fiquei pensando... Eu falei pra ela “olha, se eu fosse baixar um livro que falar igualzinho o que cê tá falando ai, vai tomar não sei na onde, vai fazer isso e tal, eu também falaria”. E a gente percebe que os nossos alunos hoje, não sei nas outras, mas eu tô na minha escola lá preocupadíssimo com o palavreado dos alunos hoje. É muito forte mesmo! Eu não sei se é da rua, se é de casa, se é de família, sei lá... Só sei que o palavreado hoje é complicadíssimo.

Maritza: (...) Só continuar problematizando essa questão que você traz... O palavreado é algo subjetivo, mas e a prática? e a vida dessas crianças? Tem alguma relação? Você consegue enxergar alguma relação com o que acontece na escola?

Professor Antúrio: Sim! Nós chamamos a família, né? Chamamos a mãe e é incrível... Eu falo que quando a gente manda o bilhetinho é “reunião dos pais” ai só vai à mãe. E ai foi à mãe que foi conversar comigo, ai a gente vai conversando e falando. A gente percebe que é mesmo a família. É a família que é o berço! Nós falamos que a mãe e o pai educa e nós prosseguimos aqui na escola. Mas, a fala deles, o confronto, é um com o outro mesmo. Você percebe dentro da escola, um pega a borracha e fala “me daqui, me daqui viado!”, ai então qualquer coisinha “vai pau no cu”. Então, é isso que a gente ouve direto em sala de aula.

Professora Lilac: Eu não gosto muito de falar não, mas Rosilene me obrigou. Eu sou a professora Maria Martins, lá da Escola Criança Cidadã. Atualmente estou na coordenação. Estou nervosa! E, assim, referente ao filme, a nossa escola é uma escola premiada. Eu posso usar essa palavra em relação a esse tipo de aluno que chega pra fazer matrícula na escola e a gente não pode negar, né? Nós temos alunos ex-presidiário que já ficou no sócio educativo, ai por um ou dois anos, todos de menor, e que quando chega na sala de aula a gente imagina que ele veio com uma outra transformação, que isso é o que a gente pensa, que ele vai retornar para a escola, porém, eles chegam lá piores ainda. Então, o relato ai é exatamente o que tá no filme e eles mandam (vou usar o palavrão mesmo) vai toma no cú! Para o professor mesmo, para o aluno é pouco, é para o professor mesmo... E na última semana esse aluno nosso (tem 15 anos), ele é ex-presidiário, tá? E ele bateu no menino na frente de uma plateia de alunos e, inclusive, de um pessoal da UNEMAT que estava fazendo uma palestra sobre o impeachment, que era o projeto de uma professora. A gente ficou envergonhado com a situação! Isso é só um dos casos que a gente vivencia na escola e ele bateu no menino. O menino bom aluno não tinha feito nada, só porque passou pra frente dele, ele desceu a porrada no menino mesmo. Ai como eu tô na coordenação eu fiquei assim... Sabe? Falei Meu Deus! O que que nós vamos fazer agora com a situação desse menino e ele sabe que dependendo da situação o conselho tutelar, a delegacia de menor recolhe ele novamente, então, ele precisa estar na escola, precisa estar frequente se não pode acontecer de recolher. Ele falou pra mim “Professora não chama a polícia pelo amor de Deus porque eu não quero voltar! Eu apanhei, entendeu? Eu dormi no chão, eu passei fome, então, eu não quero, eu não quero voltar”, eu falei “então, muda as suas atitudes se não eu vou ter que chamar porque eu não vou permitir que você fique cometendo tais atos dentro da escola na frente de todos os alunos, como que nós vamos fazer?”. Ai fizemos reunião, reunimos o conselho da escola, chamamos a mãe desse menino. A gente

sabe que tem um problema social muito grande. Ele foi preso porque ele tava comercializando droga. Ele conta toda a história se você pergunta... Ele só tem 15 anos! Já é pai... Ai eu falei pra ele “Com quem que eu tenho que falar sobre você? Com sua mãe? Com seu pai?”, “Não tenho pai! Meu pai tá preso em Cuiabá”,

“E sua mãe?”, “aah minha mãe...” “Então vou falar com sua namorada”. A namorada dele tem 21 anos. Esse dia ele chegou tudo cheio de hematomas lá na escola porque a namorada dele tinha batido nele com cabo de vassoura. Ai eu falei pra ele “então eu já sei com quem que eu vou falar, vou chamar sua namorada porque ela vai dar jeito em você” e ele tentou pintar comigo eu falei “senta que eu não tenho medo de você, então, nós vamos conversar de adulto pra adulto porque você sabe muito bem o que é certo e o que é errado”... E ai nós conversamos, chamamos o diretor, o conselho deliberativo da escola, chamamos a mãe e convidamos ele a pegar a transferência da escola porque nós já estávamos no limite. Eu falei pra ele “eu vou te dar duas opções: ou você pega sua transferência tranquilamente, numa boa, escolhe uma escola em que você vai se adaptar melhor, já que você não gosta da nossa escola ou eu vou ter que chamar a polícia pra você. Nós já não tem outra opção mais porque o que você fez foi muito grave, dentre outras ocorrências que ele já tinha praticado dentro da escola” ai ele tudo bem. Chamou a mãe e a mãe passou e pegou a transferência. Pra outra escola pra onde ele foi, no primeiro dia ele já tinha 5 ocorrências, primeiro dia de aula. Então, o que nós vamos fazer perante toda essa situação? Se eu fosse contar todas as situações que a gente passa na escola, dentro do seio, do âmbito escolar mesmo, dentro da instituição. Não tem idade! Nós temos alunos do 2º ano que é incrível o tanto de palavrão, de palavras obscenas, desenhos obscenos e quando você vai conversar com essa criança a primeira coisa que ele relata é o problema social dele mesmo... ou ele vive só com a mãe ou ele vive só com o pai, ou o pai tá preso ou ele vive com a avó, vive na rua, chega sujo na escola e, muitas vezes, a gente tem que fazer um outro papel que não é o nosso papel enquanto escola, mas fazemos! Até porque a nossa escola, a Escola Criança Cidadã, é anexo a um posto de saúde. A gente leva eles no dentista, leva eles pra fazer curativo, dar banho neles, corta o cabelo, tira piolho, porque você vai deixar a criança na situação que tá não tem quem faz. A gente tem que, às vezes, fazer esse papel da família, que não é o nosso papel, mas a gente acaba fazendo. Acho que essa é a realidade da maioria das escolas, às vezes, a gente fica meio acanhado de falar, mas é isso! Infelizmente é isso que acontece dentro do seio da escola. Não tem idade! Às vezes você admira a idade da criança que tá com esse tipo de atitude e é isso que acontece. É lamentável! Não sei o que podemos mudar tudo isso, o que podemos fazer. Obrigada!

Maritza: Acho que mais cortante que o filme, foi o depoimento da Maria, né gente? Mais alguém? Aproveitando só a discussão dela, um tema que tá colocado, que tá na mídia agora depois que Dilma sofreu o golpe, eu tenho certeza que ele vai voltar com muita força na mídia, é a redução da maioridade penal. Então, de repente é uma oportunidade pra gente falar um pouco sobre isso. Alguém aqui pediu?

Professora Cravina: Vou falar um pouquinho! Então, quando o Gil falou o seguinte, ficou assustado com os palavrados, com os palavrões... Eu vou relatar um pouco do que eu vivi o ano passado com alguns alunos em sala. Era 5º ano e alunos que não lia e não escrevia e um muito mais muito rebelde, então, a palavra bonita que ele falava 7 horas da manhã quando ele dizia era um bom dia, ele dizia assim “vai para...”. Ai pronto! Eu não sabia se eu entrava, se eu saía. Eu ficava estarecida! E ai quando ele entrava, que eu chegava na porta e que olhava pra cara dele eu falava “Deus me ajuda, que parece que hoje não vai ser legal”. Estava, assim, estampado no rosto dele a violência, o ódio, a raiva e tudo mais... E lindo! O menino muito bonito fisicamente e eu já sabia desses tópicos dele porque ele já era da escola desde o 1º ano e ele passou por várias escolas. Umas tiveram uma oportunidade de chegar no gestor e falar assim

“eu não quero ele” e eu não pude. Eu tive que continuar porque é outro... eu não sou... vamos dizer, é outro processo, eu não sou efetiva, eu não tinha... não tava na condição, sem condição

de escolha. Foi um trabalho muito difícil e quando começou o Pixote, que eu já tentei assistir e eu não consegui e hoje em algumas cenas eu também não consegui ver porque é muito violento e é uma violência que retrata não só o nosso dia-a-dia como o nosso Brasil, nas grandes capitais e aqui em Cáceres, é só a gente andar um pouquinho a gente vê isso. São excluídos da sociedade, ele vai pra escola também a gente exclui porque a gente não dá conta e a gente fica tem horas assim que é difícil porque esse menino que eu lidei, eu não conseguia ter raiva dele, muito pelo contrário! Eu fiz de tudo, o impossível pra que ele pudesse pelo menos parar. Dentro de 4 meses eu senti que ele deu uma melhorada. Ele não abraçava, ele acabou me abraçando, mas foi difícil! Ele me chutou várias vezes, mas eu tratava ele como gente, no outro dia eu chegava “tudo bem? Vamos lá, vamos pra aula”, né? Tinha dia que ele fazia, tinha dia que não. Foi buscando dele algumas coisas no dia-a-dia e ele me contou a história. Ele sabe desenhar um revolver, mas falei “o que que isso?” ele “vou morrer igual ao meu avô, meu avô morreu assim professora”. Ele me contou “ele era pescador, tava lá dormindo, chegou um cara lá e pá pá pá”, fez assim... E eu já sabia dessa história, mas ele chegou a me contar. Ai a gente começou a ter uma relação melhor porque eu fui mais me aproximando dele e depois ele foi realmente... claro que não deixando as palavras que já eram do próprio meio dele, mas ele deu uma melhora muito boa e ele chegou a externar para algumas pessoas assim “eu gosto da professora Nadna”, ele chegou a falar. Eu não fiz muito, eu consegui fazer... Ele gostava de escrever Kauã (o nome dele era Kauã) “posso escrever seu nome completo?”, ele falou “não, não, eu não gosto, eu não vou escrever, é Kauã e chega”. Então, esse filme eu passei muitas vezes em sala, alguns momentos uma violência desse tipo.

Professor Goivo: Nessa luta nossa de professores a gente encontra muitos Pixotes. Há uns dois anos, no máximo três anos atrás, eu tinha um Pixote desse e depois de algum tempo ele acabou indo para a casa da criança. Sabe o que ele fazia a noite? Ele levantava da cama dele e ia molestar como a gente viu ali mas... No filme a gente viu vários Pixotes e ele que tinha mais essa relação de fazer essas coisas, mas ele foi pra casa da criança. Depois o conselho tutelar disse pra gente, ele levantava da cama dele tarde (10 horas) quando os outros estavam dormindo e ia tentar molestar os outros na outra cama. Ai fiquei com ele um tempo, ai não sei se foi sorte, eu tentava me aproximar um pouco, mas depois uma tia levou ele pra São Paulo e ai fiquei sabendo no final.

Professora Liatris: Boa noite! Eu só quero dizer aqui que Pixotes há muitos nas escolas e, infelizmente, os Pixotes são produtos do meio, né? E eles são vítimas. Eu trabalho na educação infantil e desde lá a gente já começa a ver. Essa semana mesmo uma mãe me procurou, falou assim “eu quero conversar com você”. Era uma menina, mas ela falou assim “é o seguinte eu não sei mais o que fazer com essa menina, de 4 anos de idade, a professora reclama o tempo todo dela, ela não para, ela mexe com todo mundo”. E ai dai a pouco ela começou a falar a vida dela. “Mas, você acha que ela é assim por quê?” “porque o meu marido bebe e eu brigo com o meu marido, o meu marido briga com meu filho e ele xinga”. E ai ela começou a contar toda a história... Ai o resultado, né? Como que aquela menina iria ai ela queria ir no psicólogo pra menina, eu falei, então, é pra família porque viver desse jeito... Ai ela falou assim “esses dias eu dei uma surra no meu marido pra ver se ele aprende”. E tudo isso a menina vivência. Então eu acho, assim, que a gente tá ai com essas crianças desse jeito e, às vezes, eu fico pensando o que fazer. Nós professores, principalmente, os professores com as crianças maiores, o que fazer? Ai como ela disse ali vai procurar a mãe, cadê a mãe? Vai procurar o pai, cadê o pai pra ajuda? Então, eu acho, assim, isso é uma realidade. Aquele filme naquela época e ainda hoje isso é muito real.

Dimas: Vamos lá... É um filme impactante sobre a nossa vida. Como é esse Pixote na nossa vida? Como é que vocês viram Pixote? Que tipo de Pixote é esse?

Professora Girassol: Boa noite! Acho que hoje nenhuma escola é diferente da outra, dos Pixotes que nós encontramos no nosso dia-a-dia. Mas, além dessa questão da agressividade, dos palavrões, tem a questão do uso de drogas hoje dentro das escolas, né? Nós estamos convivendo com isso diariamente. O filme ele tem 30 anos... Eu estou na educação há 18 anos na mesma escola há 10, acho que de uns cinco anos pra cá é que nós começamos a conviver com essas situações de droga dentro da escola, de alunos que a gente sabe que usa droga. Embora, a gente tenha buscado algumas soluções, mas o que a gente tem é o despreparo de todo e qualquer profissional da educação pra lidar com essas situações. Então, eu acho que é o que esta mais pesando no nosso dia-a-dia, por exemplo, lá na nossa escola o Projeto Educar, lá do sócio educativo, não funciona a partir da nossa escola, os alunos são matriculados na nossa escola, os alunos lá do sócio educativo. Então, hoje é assim, um dia os alunos estão na escola convivendo conosco, lá com a coordenação, com a direção, com os professores dentro da sala de aula e no outro dia ou no mesmo dia a noite, eles estão assaltando os nossos próprios professores, né? Alguns dias aconteceu isso lá com a professora na nossa escola e quem assaltou a professora de mão armada com revólver e tudo era um aluno nosso da escola. Então, assim... Ai o aluno foi para o sócio educativo, continuou sendo nosso aluno porque os alunos do sócio educativo são matriculados na nossa escola e ele já era nosso aluno da escola. Foi para o sócio educativo, continuou sendo... Dai uns dias foi solto ai a mãe pegou a transferência né? Porque é um aluno bastante conhecido. A maioria dos alunos lá eles estudam na escola desde pequeno e a gente fica imaginando assim “*de onde saiu isso na vida desse aluno?*” A gente sabe que ele tem uma família que acompanha, ele tem um pai, ele tem uma mãe e ai? Na vida desse aluno? O que que a gente não conseguiu fazer? Então, a gente percebe que cada vez mais, eu acho que a gente não tem mais, não tem preparo, não tem instrumentos pra lidar com situações novas que surgem diariamente no nosso dia-a-dia. Ao mesmo tempo que você tem um aluno você tem também um assaltante que mais tarde vai te roubar na rua, vai te colocar um revólver na sua cabeça, vai te levar um bem e no outro dia tá de volta na escola pra com você. Então, são situações bem diferenciadas que nós estamos vivendo e acredito que cada vez mais graves, né? E nós continuamos desarmados somente dando aula, somente lendo teoria, vendo filme, buscando... Sei lá, novos métodos, novos recursos, não sei... Pra aprender a lidar com as situações pra que a gente também não fique totalmente traumatizado, doentes, preocupados com as situações que nós vivemos diariamente.

Professora Frésia: Essa mesma experiência como professora e eu vejo, assim, como a família é importante na aprendizagem da criança. Eu dou aula pra educação infantil, na sala de 3 anos, e eu tenho um aluninho que no começo ele era, igual vamos dizer assim, igual a todos, brincava, brigava um pouquinho, mas era de vez em quando, mas com o passar do tempo ele começou a ficar violento e batia em todo mundo, não podia virar as costas que ele ia lá e batia no coleguinha. Ai tinha um momento que eu tinha que tirar ele da sala e pedir pra monitora ir lá

“não, leva ele um pouco lá pra fora pra passear”, porque era todo tempo ai chegamos de chamar pai, levar ele pra secretaria, mas a mãe dele é usuária de droga, o pai é um senhor idoso que no primeiro dia de aula eu pensei que era avô dele, mas era o pai dele, eu acho que deve ter uns sessenta e algumas coisas e ele tem uma irmãzinha pequena e um irmão mais velho. O irmão mais velho ele já tem... É muito agressivo! Ele até foi estudar nessa escola, mas ficou acho que uns dois, três dias, tiveram que transferir ele pra outra escola, porque ele... chegou uma época que ele chegou, ele começou a ir lá e bater na metade do pessoal da sala. Esse meu aluninho ele tem 3 anos e tem dia, assim, que ele chega já de tapa, ele não pode ver ninguém passando na frente dele que ele já começa a bater e todo dia eu chego na sala e pergunto assim “você almoçaram hoje?” ai ele falou assim “almocei! a mamãe pegou um frango, pegou uma faca, passou no pescoço do frango”. Na hora que eu vi eu falei “Meu Deus do céu eu não acredito”. Ai num momento de brincadeira ele falou assim “ai eu vou pegar”, ele tava brincando com o coleguinha e falou assim “eu vou matar você” e começou a brigar

com o coleguinha. Ai eu falei “não, leva ele um pouquinho lá pra fora”. Ai levamos ele lá pra fora, ele começou a bater na porta, bater na porta “eu vou pegar ela”. Falou que ele ia me pegar “eu vou pegar ela, eu vou matar ela, eu vou bater nela com pau”, e começou a falar assim, eu falei “Meu Deus do céu”. Uma criança de 3 anos falando uma coisa dessa, eu fico imaginando, assim, quando crescer. O pai sempre vai na escola, eu acho que, não chega em casa e conversa, parece que chega em casa e sabe? Bate, porque no outro dia tá pior e eu acho assim conversando com a diretora e com a coordenadora, que assim, o que ele precisa é de atenção e carinho porque ele fica perto de mim, ele ajuda, ele é carinhoso, ele é inteligente, mas, assim, se não tá dando atenção pra ele, ele já começa a ficar revoltado, já começa a bater. Esses dias, num dia desses e ele começou a gritar, a querer bater na monitora e ele ficou numa situação, assim, que não parecia uma criança de três anos. Ai eu tive que colocar ele pra sala e ele chorando, chorando e empurrando as coisas, empurrando os colegas. Já chegou pegando o cabelo do colega e socando a cabeça do colega na parede. Ai eu peguei e falei assim “Não precisa fazer isso!”. Peguei, acalmei ele, levei ele pra beber água, levei ele pra lavar o rosto e segurei ele no colo ai ele acalmou... E eu vejo, assim, como a família é um elemento, assim, muito importante na vida da criança porque se ele não tem carinho, atenção em casa, ele tenta buscar isso na escola e eu vejo, assim, se o professor não dá esse carinho pra ele, se ninguém dá esse carinho pra ele, com certeza não vai, vamos dizer assim, crescer uma criança, vai tipo, vamos dizer assim, que vai virar um, tipo um Pixote e é triste.

Professora Gérbera: Boa noite! Não resisti à colega falando, né? Que nós não sabemos tudo da família, só que com o... Tô vivendo uma situação muito difícil. As cenas do filme que eu assisti quando eles estavam simulando o assalto, gente eu vi minha história com o apontador e o lápis atira e mira no colega. Chamamos a família... A mãe foi, igual à professora fala, “aah o pai é isso, é aquilo, ai é a minha mãe, é a minha avó que faz isso, ai depois...”, “Então, mas, eu sou bem sincera, eu tô aqui pra fazer o meu trabalho, preciso da ajuda da família mas, então, eu ouvi uns relatos aqui” ela “ não, mas eu acompanho”. Gente eu não sei agora o que fazer então, porque é uma pessoa assim, é uma família que parece, assim, são evangélicos, então não é aquela pessoa abusiva, é aquela pessoa que busca, que acredita, mas até agora só tá me dando muito trabalho. Eles não gostam, crianças não tem bons modos todas as horas, disse “sai da frente que eu tô copiando”, ele virou e puxou e rasgou, a camisa do menino ficou rasgada, ai “Porque você fez isso?”. Tirei... é que a gente já sabe né? Tratar com amor só que tem horas, gente, é difícil porque eu fui e conversei “não pode fazer assim, tratar seu colega assim, não é só o seu colega”. É o que eu falo na sala, uma criança bem educada, ela quer ir em todo o lugar, é com os vizinhos, com os tios, com os avós, é na comunidade que você participa, porque se não você não vai ser querida. Eu sou bem clara “Você vai ser aceita pela sua mãe porque é sua mãe”, falo desse jeito. Então, não tem “ah não entendeu” e ele é muito inteligente, muito esperto... Sete anos, sete anos e é assim..... revólver nos colegas. Ah então! Chamei pra conversar “não pode isso, não pode ser assim, você é muito inteligente, você é capaz”. Sabe o que que ele disse? Falou pra mim que criança era assim “Eu sou assim desde 2 aninhos”. Quer dizer, você vai ter que me aguentar “Eu sou assim!”. Gente, então, eu vivo essa situação, não sei até que ponto vou conseguir porque, às vezes, da vontade da gente ignorar. A mãe já me disse “Pelo amor de Deus professora”. Eu fiquei até comovida com a fala “Não desiste do meu filho porque todas as escolas que ele passa ele é deixado”. Ai ontem que aconteceu um episódio lá..... passando mal, saímos rápido pra atender... Ele começou a brincar. A brincadeira dele é só violenta! Pegou um pedaço de telha e começou a jogar, ai as crianças “Para, para disso”, afastava e ele começou a pegar de monte, enchia a mão e jogava. Ai a coordenadora tava na escola (isso..... duas escolas). Ai foi me ajudou, tirou, mas é desse jeito. Então, a hora que eu vi a cena do filme ai falei..... que é assim que eu tô vivendo..... Entristecida, preocupada. Sem falar numa carta que ele deu... Eu trabalho já há alguns anos no município, trabalhei já no Estado com adolescentes, naqueles projetos, e a gente... que era série, era defasado, série-idade. Então eram adolescentes difíceis, aquela fase da transição muito complicada. Trabalhei, mas nunca foi

assim sabe? Este ano no 2º dia de aula, que ele começou depois dos colegas, ele escreveu uma carta. Tem a rotina todos os dias! Chego “Boa tarde” todo mundo boa tarde tudo, a gente ora, faz uma leitura, interpretação oral. Então ai ele levantou na hora da leitura pegou o papel e falou “Esse é pra você”. Pra dizer assim “Ah não gostou de mim”. Era 2º dia de aula dele, me jogou e eu abri a carta. Gente eu tremi “Vou te matar professora chata, vá pro diabo, vai pro inferno, vai dar o cú”. Gente eu trabalho há alguns anos já, passei por todas essas séries, o ano passado eu tive também no 5º ano..... professora ela sabe, professora, que era coordenadora da escola Ana Maria, então, sabe? São situações assim que a gente chega pra coordenadora agora em desespero porque..... tratar com amor. A professora teve lá o ano passado na minha sala, sala com 32 alunos frequentes, me ajudou muito! Mas, agora uma criança de 7 anos numa sala tranquila..... pensar o que que eu vou fazer. O menino me escreveu uma carta ai chamamos ele pra conversar. Ele é espertíssimo, inteligente... “Não pode fazer isso! A professora que mandou?”, “Não!”, “E porque você escreveu?”, “Meu primo que mandou!” E a diretora na hora “Não foi seu primo, seu primo não tava na escola, ai pede desculpas!”. Ai ele cabis baixo “Desculpa”. Ai ela falou “Não é assim! Olha no olho dela”. Olhou pra mim “Você me desculpa?”, Eu falei “Tudo bem! Desde que não aconteça mais isso”... Ai me deu a mão, “Tudo bem, vamos voltar”. Ai ele olhou pra mim, criança é assim “Você me desculpou?”, “Eu desculpei”, “Então me dá a carta que eu vou rasgar!”. Eu disse “Não! Porque vai que você esquece do nosso acordo?”... Ai voltamos pra sala de mãos dadas nós dois. Gente, muito complicado, não sei o que é que vou fazer!

Dimas: Vamos aprendendo juntos a resolver os problemas, ajudar a resolver os problemas, a problematizar essas coisas, não é? Vamos juntos, escrevendo uma nova história só percebendo assim... São 96,4% das crianças no Brasil não praticam nenhuma atividade ilícita, nenhuma ilegalidade, nenhum ato infracional! 96,4%... 3,6% quase quatro crianças dão mais trabalho que 96%. Impressionante os dados brasileiros e são essas questões que nós podemos conversar daqui a pouco.

Professora Íris: Boa noite! Quando você fala “juntos” é juntos mesmo, né? Tem coisas que fogem da nossa competência como professor, né? Ali no filme... Vamos partir para a sociabilidade de Pixote... É um menino que deu pra perceber, assim, a fase dele é 11 anos, né? Gente, pré-adolescente! Não tem discernimento. A sociabilidade dele, você comparando ele com outros adolescentes lá, já tinha um que já ia completar 18 anos e o contato que ele foi tendo, foi evoluindo. As portas do crime foi só abrindo pra ele. A gente percebeu no início ele meio ingênuo, depois ele foi ficando mais entendido da questão do crime e não podemos esquecer, escola, instituição, família é uma instituição, igreja é uma instituição. “Ah a gente não tem competência, então, vamos procurar ajuda, conselho tutelar, promotoria, que é também o papel deles, da sociedade”. Olha o que aconteceu com ele dentro lá de onde era pra ele, lá onde ele internava, né? Olha o que aconteceu com ele lá! Entendeu? E dai vai para escola e o que que nós vamos fazer? Vamos fazer nossa parte com certeza, mas tem coisas que foge da nossa competência, né? Teve um professor, um caso esses dias de aliciar o aluno..... acho que já até foi pego e ela simplesmente “Não, mas ele faz isso com todo mundo, assim, é normal!”. Ela não tem discernimento! Ela não tem idade, não tem maturidade pra poder entender o que estava acontecendo com ela e dai que entra todas as instituições e tal...

João de Deus: Eu quero só lembrar do... O nome do filme é Pixote e tem um subtítulo né? Que é “a lei do mais fraco”. Eu acho que eu queria puxar um pouco a partir dai, acompanhar um pouco esse raciocínio. A lei do mais fraco por quê? Porque é exatamente a grande parte da violência, coisas que nós vimos como violência, como maldade, como uma série de adjetivos, não era talvez mais do que as formas que essas crianças encontram para ficar vivo, ficar vivo diante da polícia, ficar vivo diante da opressão da família, ficar vivo diante da degradação moral que tá por ai, enfim... Eu acho que esse é o momento da gente começar, a gente tentar

compreender um pouco e ver para além daquele ato o que é que tá fazendo aquele ato acontecer, ou aquela reação. É muito mais uma reação, talvez, do que uma ação. Ela não é origem daquilo que ela tá fazendo, ela é parte do meio social e como parte ela é transpassada por uma série de fatores que leva aquele comportamento, aquele suportamento..... Vai aprendendo também o caminho, outras formas de ficar vivo... Eu penso que é um jeito pra gente pensar e ai queria lembrar que também o filme tem todo um clima pesado, violento e etc, mas também tem várias cenas em que o ser humano daquelas crianças aparecem, não é? Seja ela quando criancinha menor, seja um pouquinho maior, mas aparece! Por exemplo, a relação da Lilica com o menino, que foi assassinado lá dentro da FEBEM, aqueles momentos de paixão, aqueles momentos de brincadeiras..... simples, do lúdico, como aconteceram em alguns momentos, até mesmo aquela cena classe final do Pixote amamentando no seio da Marília, enfim, uma série de outros momentos ali que mostram a humanidade, que mostram um outro lado que fura um pouco esse clima pesado tenso do filme e ai eu penso que talvez a gente deva tentar perceber esses lados, esses mínimos escapes, esses mínimos momentos em que... *As crianças não são só violência pura, elas são também gente, são também humanidade, são também sentimentos, são também uma série de outras possibilidades.* Eu penso que ai, nós enquanto educadores, temos que conseguir fazer olhar, pra gente não só fazer uma... Igual eles fazem, diante dos..... **eles reagem, são violentos.....** dos atos deles, dos modos que eles agem. Se nós, enquanto educadores, não fizermos isso, nós vamos ficar perpetuando o processo de raiva, o processo de violência, o processo de conflito, enfim... Era só duas coisas pra gente poder pensar, também, numa situação de educadores diante de todos esses fatos que acontecem e que vieram a tona aqui nos relatos de vocês. Então, é mais uma provocação pra gente pensar, talvez, de um outro jeito, tentar encontrar formas de lidar com a situação, né?

Maritza: Já está passado da hora um pouquinho... Eu sabia que a gente ia passar um pouquinho hoje porque deu problema técnico no começo e porque o filme é longo, mas penso que João fez uma ótima análise agora do final pra gente começar a pensar a potência, também, para além desse estereótipo que vai sendo criado, que vai se constituindo pra essas crianças que tem um comportamento desviante. O Foucault que é o cara que a gente tem estudado (filósofo) disse que as instituições estão ai pra colocar as coisas e as pessoas nos seus devidos lugares. *Se a família não dá jeito, a escola dá, se a escola não dá jeito, a prisão dá, se a prisão não dá jeito o hospital ou o hospício tem que dar.* Olha que coisa interessante! Por quê? Porque nos temos o padrão a seguir. Esse é o padrão, é o padrão da normalidade e o que não é normal é considerado desviante, é considerado anormal e as outras instituições de captura, capturas de almas e ai quando eu vejo relatos de situações de crianças tão pequenas, de três anos, de quatro anos, de sete anos, a gente começa a pensar... Nós não estamos dando conta de cumprir essa nossa função de captura de almas, mas nós queremos que as crianças sejam de um jeito determinado, constituído, padronizado e será que a gente tá conseguindo se dar conta que essa realidade que tá lá fora, ela tá dentro da escola também? Não tem como a gente fugir disso do dentro e do fora. Assim como nós somos os mesmos fora e dentro da escola nós somos os mesmos aqui. Lá dentro da escola, as nossas crianças também trazem a carga cultural delas pra dentro da escola. Então, essa multiplicidade que frequenta a escola e que nós tentamos homogeneizar, porque essa é *a intenção da escola moderna, é tornar padrão aquilo que é difuso, que é complexo, que é mutante, que é diverso.* Então, muitas vezes, essa nossa rede de captura ou esse nosso projeto de objetivação das crianças não dá conta de atender e ai nós nos sentimos fracassados, né? A gente se sente impotente perante a essas realidades! Acho que o cineclubes tá servindo muito pra nós compartilharmos essas situações que não são de uma escola só, que não são de uma realidade só e que só vocês que sentem as dores e as delícias podem trazer pra gente discutir, problematizar. Nós sabíamos que esse filme seria doloroso por isso nós demoramos pra trazer. O próximo acho que vai ser menos! Vamos nos despedir que já está tarde... Esperamos que vocês voltem, que vocês tenham gostado da nossa sessão hoje. Gente eu queria só encerrar com a fala da colega, que

ela disse “nós temos um aluno que é também assaltante”. Olha que fala mais forte: “*nós temos um aluno que é também assaltante, mas que é também criança*”. Difícil! Gente obrigada! Boa noite...

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 28/06/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE VII – TRANSCRIÇÃO DO 7º ENCONTRO

Transcrição - 7º Encontro (18/08/2016)

Filme: *A vida é bela*

Professora Rosa: Boa noite! O que eu sinto ao assistir esse filme, o que eu senti, foi essa questão da esperança, do acreditar, dessa forma tão pura e ao mesmo tempo tão verdadeira e eu vejo isso muito... é muito forte na sala de aula quando o professor, ele acredita, quando ele se entrega não tem como dar errado e o que eu sinto após agora a greve é que nós temos que agir de forma bem diferente, de forma verdadeira, de forma honesta conosco e com os nossos alunos porque quando nós conseguimos passar essa imagem, passar esse jeito, essa verdade, o aluno sente essa verdade e realmente a aprendizagem acontece. Acontece à aprendizagem, acontece o respeito porque quando a gente acredita, o aluno acredita também.

Professora Girassol: Boa noite! O que eu vi no filme é que do pouco, ele faz o muito! Ele traz alegria onde há tristeza e eu acho que como nós, não só como educadores, mas no geral da nossa vida fazer as coisas ruins, tentar fazer com o pouco que a gente tem o muito, levando alegria porque não adianta a gente chegar e só reclamar. “Não tem isso pra mim fazer...”, “eu queria fazer um trabalho, não tem material, não tem...”. Vamos fazer com o que tem, vamos tentar né? Porque a gente luta... Como tá aí a greve que veio, a gente luta pra conseguir algo melhor, mas enquanto a gente não consegue vamos fazer como esse pai né? Que história linda! Ele não tinha nada, estava arrasado, ali preso praticamente sendo escravo e olha ali o que ele fez pro filho até na hora de morrer, né? Ele foi rindo, fazendo graça pro filho e é isso que a gente tem que fazer com a nossa vida, rir das coisas ruins e tentar fazer delas o melhor.

Professora Gérbera: Então, eu já tinha assistido o filme e, assim, é um filme muito interessante, muito lindo, profundo, né? E, assim, fazendo uma relação do filme com essa vida nossa na educação, a colega acabou de falar que a gente... ali o pai fez muito com pouco, né? Na verdade, ele transformou aquele ambiente, aquele espaço que era um lugar de tristeza, lugar de violência, num lugar fantástico pra aquela criança, né? E quando ela fala que o pai fez muito com pouco, os professores também! Nós professores também acabamos de uma certa forma fazendo muito com pouco que a gente tem, né? De recurso das escolas, né? Então o pouco que a gente tem em mãos não deixa de tirar o brilho de uma aula bem programada, bem preparada e que acaba fazendo significado na vida do aluno.

Professora Íris: Boa noite! Eu ainda não tinha assistido o filme, mas eu achei muito interessante, assim, o que o pai passou pro filho. A todo o momento, a todo tempo ele estava passando, assim, sempre o lado positivo para que o filho sentisse, olhasse, visse toda a vida diferente. Então, eu acho assim... trazendo pra nós, pra escola, eu acho que a gente também tem esse papel de estar mostrando esse lado bom para os nossos alunos. Apesar das dificuldades, dos problemas que eles passam em casa, a convivência que eles têm, a gente sabe que... né? Mas, a gente está passando por este lado também dos nossos alunos, inclusive, eu tô cuidando de uma sobrinha e os pais... o pai está trabalhando em Cuiabá, a mãe está resolvendo uns documentos pra que... Então, esse ano está sendo pra eles meio que turbulento. A minha sobrinha tem 8 anos e hoje ela me perguntou assim: “tia, porque que os meus pais não gostam de ir nas minhas apresentações que eu faço?”. Então, tipo assim, teve dia das mães, dia dos pais, eu falei: “mas, eles já foram!”. Aí eu tive que falar pra ela “não, é claro que... não é que seus pais não gostam, é porque eles não podem! Ele tá trabalhando, não pode

vir”... Então, sempre tá colocando... por que as crianças... eles percebem, mas na hora a gente tem que ajudar eles a superar essas dificuldades que eles passam na família.

Professora Astromélia: Boa noite! O que eu achei bastante interessante, que já foi falado por algumas colegas, que é... como eu posso dizer?... Como a criança é capaz de ver o mundo que a gente tá vivendo, mas ele cria na cabecinha dele uma coisa diferente. Igual o caso desse menino, ele tá em meio à guerra, em meio a tantas coisas ruins e mesmo assim com ajuda do pai dele ele conseguiu ver um mundo totalmente diferente na cabecinha dele e a gente percebe isso no dia-a-dia também, né? Às vezes a criança vive em um lar onde vive briga. Às vezes você percebe em sala de aula a criança trazer alguma coisa, por exemplo, de ruim e mesmo assim, lá na sala ele passa a ser uma criança... ele mostra ser uma criança gentil, que é o caso de um aluno que eu tenho. Ele tem..... tão bonitinho dele, eu fico prestando atenção ali... A reação que eu tive com esse filme... o tempo todo eu assistindo, eu tava lembrando dele. Eu chorei! Eu chorei porque parecia que eu tava vendo ele, sabe? Aquele mundinho diferente quando ele chega lá na sala e esses dias atrás ele ficou doente e não tavam querendo trazer ele na escola. Ele chorava que ele queria vir porque o mundo dele, de imaginação dele é lá na escola. Então, eu fico feliz... Eu gostei muito do filme!

Professora Gardênia: Eu acredito, assim, com o título “a vida é bela”... A vida só é bela quando nós podemos fazer parte dela, principalmente, quando se diz respeito à educação. Nós enquanto professores, nós temos que perceber no olhar da criança, nos gestos, nos atos dela. Porque nós só poderemos compartilhar disso, fazer com que a vida seja realmente bela quando nós temos um olhar diferente, um olhar diferente e no sentido de ajudar, não só ter aquele olhar e não agir. Com certeza a partir do momento que nós passarmos para a ação tudo se modifica. O pouco se torna muito!

Rodrigo: Boa noite! O filme representa alguns elementos bem interessantes que eu gostaria de colocar a par da... colocar em jogo, como um termo que eu gosto muito de usar, dá pra gente pensar em muitas coisas. De que maneira será que a gente tem pensado a vida? Eu gosto de pensar na vida como um jogo e no jogo como vida e é nesse sentido que o pai coloca ali a presença do jogo e faz com que esse menino seja totalmente arrebatado pelo espírito de jogo. Ele entra num momento de catarse, ele não consegue se dar conta da dura realidade que eles estão enfrentando. Nesse sentido, também omitir pra dizer de que se não fosse à arte ou o próprio jogo, né? Ai pareando com Huizinga nós teremos muita dificuldade em enfrentar as durezas da vida. O jogo ele traz algumas vantagens no sentido da gente conseguir ampliar a vida e também ele faz com que a vida seja ornamentada. Ele acrescenta beleza, ele acrescenta estética, ele acrescenta esperança, ele acrescenta intenção também! Porque a gente... Eu fiquei aqui... Eu não conhecia o filme, eu já ouvi falar, mas o desejo era de não... de a todo o momento aguardar o desenrolar do jogo. O que iria acontecer na cena seguinte? Qual seria a atitude do pai pra levar esse jogo adiante pra fazer com que eles ainda conseguissem permanecer jogando? Era um jogo de sobrevivência ali bem parecido com o que a gente enfrenta no nosso dia-a-dia. Não tem nada de diferente! Quando nós vimos os corpos jogados lá, todos os mortos, talvez as pessoas que não tenham conseguido jogar esse jogo de maneira mais criativa ou não tenha entendido o jogo da educação possa representar esses corpos ou, muitas vezes, quando a gente não consegue alcançar o mundo de fantasia que a criança também estabelece. Nós também podemos nos considerar como aquela multidão de corpos cinzas e com isso... isso nos ajuda a pensar. Nos ajuda a pensar que o quanto a criatividade pra sobreviver nesse jogo ela é importante e o quanto o trabalho também do jogo da imaginação ele é significativo. O jogo social que eu gosto de falar é o jogo que parte das imagens em ação da imaginação e ele acontece inevitavelmente o tempo todo, assim como

nós escolhemos as palavras, assim como nós podemos... tentamos fazer uma melhor apresentação de alguma coisa ou mesmo pra formar os clubes, as associações. Quando o pai dá uma olhadinha assim ó... ou olhava pra alguém que tava ali do lado, ele conseguia envolver certas pessoas naquele jogo, que era um jogo especialmente feito para aquela criança, pro filho dele. Quanto mais pessoas, quanto mais jogadores nós conseguimos pro nosso time, mais chances de sucesso nós teremos, basta que nós coloquemos as regras adequadas e essas pessoas aceitam ir, desde que elas entendam que o desenrolar... vai ser possível desenrolar promitivel. É isso!

Naiara: Boa noite! É só um questionamento... Então, pensar... enfim... Sobre que outras experiências, outras vivências atravessaram a infância desse menino, ou seja, para além do aprendizado escolar? Enfim, que é o que falamos que também é importante... Que outros aprendizados ele teve? Que outras vivências o constituíram? Experiências que talvez outras infâncias, outras crianças que não tiveram essa mesma vivência, essa mesma experiência, não viveu a mesma situação que ele viveu, não tiveram a oportunidade de aprender, de entender. Então, assim, tudo isso que ele viveu, de que maneira o afetou, de que maneira o atravessou mesmo, o constituiu?

Suely: Boa noite! Trabalhei um livro com relação a esse tipo de situação..... Com o Brasil, a gente não tem uma música no Brasil que termina com o final feliz. Então, saindo lá da Alemanha, vindo aqui pro nosso país..... essas privatizações a parte. Mas, retomando aqui das nossas músicas brasileiras, a gente tá certo, iludindo e ao mesmo tempo fazendo as crianças feliz... Desde as músicas de amamentações, a gente vai dar de mamar pra criança é só tragédia: “boi, boi, boi da cara preta”, “nana neném que a cuca vem pegar, papai foi na roça e...”. Ou cê dorme, ou cê não tem outra opção. Ai as outras músicas também as mais famosas também é só tragédia: “balança caixão”, “vivo, morto”... Não tem nenhuma música... “nós já pulamos na lata do lixo, joga 1, joga 2...”. Enquanto todo mundo não vai pro lixo, a brincadeira não acaba. A gente vive brincando, mas não brinca de viver! Então é um lado positivo e um lado complicado..... iludindo, iludindo iludindo. Há quem vive brincando, mas não brinca de viver... E ai como é que é aquela? Vai junto comigo: “Hoje é domingo, pé de cachimbo, cachimbo é de ouro, bate no touro, o touro é valente, bate na gente, a gente é fraco, cai no buraco, o buraco é fundo, acabou-se o mundo”. Então, é só tragédia..... É só tragédia “o cravo brigou com a Rosa, o cravo saiu ferido, a rosa despedaçada”. Então como é que a gente vai estar trabalhando...

Platéia: Mas, e cantando suavemente?

Suely: Mas, não muda a tragédia! Você pode começar pulando, mas no final... (risos). É uma melodia linda, todas as melodias perfeitas. Melodia fantástica a melodia da música, tô falando é a música! Tem aquela que fala: “Terezinha de Jesus de uma queda”... (risos). Tem aquela também que é a mais clássica assim que ainda que fala: “o anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinha era doce e se acabou”. Mas, a felicidade que a gente canta: “a canoa virou e tornou a virar, foi por causa de fulano que não soube remar...”

Platéia: (áudio ruim)

Suely: Igual a menina falou com a voz toda delicada: “fulano faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vá se embora”. A criança pega um pedacinho de pau: “se eu tivesse uma faquinha, uma faquinha de vintém eu darava uma facada no peitinho de meu bem”. E dai como a gente vai..... essa situação com a vida, que por um lado é

fantástico, que o sol nasce, os pássaros cantam, os e tomar o cuidado pra não viver num mundo de ilusão... Não ser trágico né? Fernando Pessoa, ele fala:

Há entre mim e o real um véu
A própria concepção impenetrável.
Não me concebo amando, combatendo,
Vivendo com os outros. Há, em mim,
Uma impossibilidade de existir
De que [abdiquei], vivendo.

Suely: Ninguém pode tirar o direito de ninguém de ser feliz. Ai o Gonzaguinha “Eu fico com a pureza da resposta das crianças, o que que é a vida? “É bonita e é bonita”...

Maritza: Assim... Muito legais as falas de vocês e o que o filme nos oportunizou pensar e a ideia é essa, pensar a partir do filme. Eu acho que já assisti umas 10 vezes esse filme, essa deve ter sido a 11ª e toda vez eu penso algo diferente nele, embora, seja um filme comercial. Não é hollywoodiano porque foi feito na Itália, mas é um filme com uma produção que tem um enredo muito próximo daquilo que nos faz rir, que nos faz chorar, que nos faz sentir. Então, é o que o Deleuze vai dizer: “é um filme repleto de clichês”, mas para além desses clichês o que que nos faz pensar? O que que quebra o clichê e faz a imagem aparecer? As imagens que nos torna outro, essa imagem que é capaz de nos capturar e nos modificar. Todas as vezes que eu assisti a esse filme cada uma, eu já disse, eu penso uma coisa diferente, mas algo que me captura no filme é pensar como que nós somos capazes de construir espaços próprios quando... Acho que Rodrigo foi muito próprio quando ele disse: “quando nós temos objetivos, quando nós sabemos o que nós queremos, quando nós temos intencionalidade”. Eu queria que esse momento aqui desse pra cada um e cada uma de vocês narrarem um pouco de experiências cotidianas que dissessem isso. Eu tenho certeza que cada um de nós aqui, tem uma experiência pra contar, uma experiência de professor-pai como esse pai que abriu esse espaço-tempo (essa é uma expressão do Jorge Larrosa, ele chama de cronotopos). Nós professores temos que criar espaços-tempos dentro do nosso cotidiano para além de toda a estrutura que nos aprisiona, né? A escola é uma estrutura de disciplinamento de corpos e almas e isso Foucault já disse, mas Kant já tinha dito e os autores do iluminismo foram peritos em traduzir a instituição escolar. Então, nós sabemos qual que é essa nossa função de disciplinar, de capturar almas, mas para além disso nós podemos, dentro da instituição, criar esse espaço-tempo, criar esse cronotopos pra fazer com que práticas de liberdade aconteçam pra constituir sujeitos para além desse sujeito que o pensamento hegemônico quer que seja constituído. Só que a gente só faz isso se nós criarmos um jogo Rodrigo, né? E aí a capacidade de criação ela é muito difícil. Pra criar um jogo eu tenho que ter parceiros que joguem o jogo, mas que acreditem nesse jogo. Nesse sentido, eu tenho que seduzir meus parceiros. Então, a prática da sedução em sala de aula, ela é fundamental! Eu tenho que fazer com que ele se encontre no jogo, com que ele se apaixone pelo jogo e aí eu estabeleço as regras jogando, né? Porquê? Porque nesse tipo de jogo, no jogo que acontece, que pode acontecer no cotidiano escolar, nesse jogo que requer criação é impossível a gente jogar com regras pré-estabelecidas, porque você não sabe no que vai dar, você não sabe o que que vai acontecer. Eu sei que eu tenho intencionalidade e a minha intencionalidade é constituir um tipo de sujeito essa é a minha função ali dentro da escola, mas estabelecer projetos que fujam a esse sujeito hegemônico que a sociedade quer que eu produza requer que eu tenha um propósito, um projeto e requer que eu tenha possibilidade de trazer essas pessoas pra dentro desse projeto. Então, criar esse espaço-tempo... Acho que eu já falei pra vocês de um autor que chama McLuhan que tem trabalhado conceito de escola como espaço de tempo livre.

Então, a escola como espaço de tempo livre ela passa a ser livre das instituições e livre da família, ou seja, quando é livre de instituição e livre da família requer que eu que tô dentro desse processo consiga criar algo que seja novo, que seja diferente, mas a criação é algo que não tá... Criar é um verbo, é uma ação, então, a criação... quem é que cria? Quem que estabelece essa relação de criação? Porque toda criação é uma arte, né? Quem que faz arte, além, das crianças arteiras? Os artistas, né? O Deleuze vai falar que nós procuramos, nós seres comuns, seres capturados por esse pensamento disciplinar, fugir do caos e quando nós fugimos do caos a gente passa a representar as coisas como elas devem ser, como elas foram pensadas. Os artistas ao contrário de nós eles entram dentro do caos e a entrada no caos é que permite que a criação aconteça. Então, fazendo essa relação com a nossa profissão, nós enquanto professores, então, entrar no caos é uma coisa muito difícil, mas tirar do caos algo como esse jogo apresentado aqui e foi o que aconteceu no filme. Tirar do caos uma possibilidade de vida para além da vida estruturada, né? Essa é a proposta nossa, essa é a proposta da educação que se pretenda criativa, criadora, de uma educação que se pretenda outra para além dessa educação que a gente tá pensando. Acho que é isso que me fez pensar... Dimas!

Dimas: Parece que a Mari provoca, né? Me parece muito interessante! Eu penso, assim, o filme sobre dois ângulos. Mas, primeiro vamos para o conceito de experiência. Conceito gramsciano que trata a vida do pensamento marxista, eles acreditam fielmente que a experiência é um conjunto de acontecimentos na nossa vida que nós vamos adquirindo, guardando na memória que nós vamos acumulando. O termo correto é esse, que nós vamos acumulando na memória do cérebro, dos segmentos do corpo, isso é a ideia de experiência dentro do pensamento gramsciano. Foucault tem uma diferença significativa do conceito de experiência. Pra Foucault e pra... Thompson também vai na mesma direção com algumas diferenças, mas a ideia é que nós... A experiência é a possibilidade, é a construção, é a constituição minha quando eu me modifico nas relações, quando eu me transformo. Eu não mudo nada, eu me transformo! Esse processo de transformação é a experiência. Olha que bacana! Um fala que nós vamos acumulando, outro fala que não. Nós não acumulamos coisa nenhuma, nós vamos transformando. É por isso que nós não somos mais os mesmos, em certa idade nós vamos mudando. Então, veja aí a importância do conceito de experiência, porque o filme é exatamente um pouco disso na minha visão. Vamos pegar o filme por dois ângulos. O pai... É possível outras interpretações, mas vamos pegar essas duas. O pai engana o filho o tempo inteiro. Coloca a criança no mundo da fantasia, de um idealismo que a realidade dele não existia..... poderia retomar por aí e não é isso que o pai quer, olha só! Não é isso... não quer enganar o filho, ele não quer enganar o filho, olha que lindo! Olha a diferença: ele quer salvar o filho, ele quer colocar o filho em condições de prosseguir na vida, ele quer colocar o filho na experiência da vida concreta das relações que acontecem na vida da criança. Olha que beleza! Então, muitas vezes, é por isso que nós precisamos pensar assim, antes de condenar alguém, antes de pensar alguém sobre determinada coisa. Que tal perguntar se era isso mesmo que você queria? Que tal perguntar se era isso mesmo que você desejava? Que tal... ao invés da gente contestar, ao invés da gente afirmar aquilo que nós estamos entendendo, perguntar as pessoas? “Poxa vida! Você estava fazendo isso por isso, por isso, por isso?”. Isso é muito importante na medida em que nós vamos pensar a infância e o currículo. Olha o currículo da vida da criança, o nazismo e o fascismo entregaram o currículo à criança de opressão, de chatice, de arremendar, de morte, de violência. O currículo do fascismo e do nazismo era de total opressão da criança. Será que os nossos currículos não são assim? Será que os currículos escolares, será que as disciplinas escolares o conjunto de pensamento produzido pelas disciplinas não é um processo de dominação das crianças? Vamos tentar entender... Como é que o fascismo faz aquilo com o seu povo? Como é que

nazismo incorpora e exercita esse modelo constantemente sobre o outro, o regime de opressão que vai cada vez mais domesticando as pessoas até a morte, que vai aos pouco matando as pessoas na sua possibilidade de vida? Então, é o currículo organizado porque quem quer produzir um determinado currículo, mas o pai se nega a fazer aquele currículo, o pai se nega... Interpreta o currículo por outra forma, retira a beleza onde há dor, retira a beleza onde há sangue, retira beleza onde há domesticação, retira a beleza onde há um processo de dominação intensa sobre a vida das pessoas. Como é que ele consegue isso? E aí o Rodrigo foi muito feliz, eu não vou entrar nessa discussão, mas é muito feliz. A trama dos acontecimentos permite que nós possamos pensar de que a vida é bela mesmo nos momentos mais sofridos. “Mas, Dimas o pai era muito sonhador, tava fazendo o filho sonhar, um idealismo fanático”... “não!”. A construção social da relação que o pai estabelece com o filho é exatamente pra amenizar as dores do filho, exatamente pra permitir que a criança refletisse sobre a vida de uma forma bela, de uma forma que pudesse contribuir, que pudesse sair, que pudesse escapar daquele labirinto. O labirinto cercado do nazismo não permitia a criança o processo de criatividade, mas olha o que que o pai fez, olha que criatividade linda! De produzir sempre na criança, a esperança de que ele conseguiria vencer o jogo, de que ele conseguiria vencer aquela realidade da vida deles. Olha a beleza! Será que nós não podemos fazer isso com nosso currículo? Será que nós não podemos pensar assim o nosso currículo? Tá bom esse currículo? “É ruim! A disciplina é ruim, o conteúdo é ruim”... Será que a gente não pode fazer com que aquilo que é ruim, ganhe vida no cotidiano das crianças? Eu conheço uma professora que vai trabalhar com as crianças e ela não fala em trabalho, em nenhum momento ela fala trabalho: “olha nós vamos trabalhar pra vocês aprenderem”, em nenhum momento! Ela fala assim: “vamos brincar a aprender escrever?”. Olha a palavra! Percebam a diferença nas palavras. Tem gente que fala assim: “não, vamos trabalhar! Agora parem tudo que nós vamos trabalhar” e a professora diz “não, vamos brincar com as palavras, vamos brincar com as letrinhas, vamos brincar de juntar as letrinhas, vamos brincar de aprender a ler e a escrever?”. Olha a diferença! Então, a prática curricular, a prática da construção curricular precisa passar por nós, precisa ser pensada por nós no cotidiano das relações e é isso que o pai faz o tempo todo na vida da criança, consertando currículo ruim. O pai consegue produzir condições de saídas, consegue produzir nas crianças aquilo que Deleuze chama de rizoma, né? Constituir-se de cima a baixo, permitir-se pensar o corpo, a relação com a vida, na relação com a vida. Então, nós precisamos pensar isso. Como é que o filme pode nos ajudar a pensar um pouco mais, a refletir um pouco mais, a problematizar um pouco mais as nossas práticas, o nosso cotidiano. É isso!

Professora.....: [...] E o menininho: “nós vencemos”... Então, o filme dependendo de como foi construído, essa criança poderia sair derrotada, traumatizada e ela “nós vencemos!”.

Maritza: É isso!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 15/09/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE VIII – TRANSCRIÇÃO DO 8º ENCONTRO

Transcrição - 8º Encontro (23/08/2016)

Filme: *Um mundo perfeito*

(ÁUDIO PELA METADE)

Professora Gérbera: [...] Levar pro mundo da imaginação, eu penso dessa forma..... Ele criou a estratégia, né? A criança... A gente faz isso em sala de aula no mundo da imaginação das crianças. Como que as crianças cansam do cotidiano da sala de aula ainda mais depois de uma greve e que não quer mais nada... Tava contando a minha experiência para a professora e esse ano eu tô em uma escola nova e essa greve, poucas aulas tudo, não fica muito esse contato com as crianças. Eu gosto muito de trabalhar com projeto e ai eu fiz um desafio pra eles. “Vamos trabalhar sobre a questão da cana de açúcar e vamos produzir, fazer uma maquete”. Ai veio à greve e tudo também esqueceram e dei uma cobrada. Hoje eles me apareceram com cada maquete, coisa mais linda! Fiquei até surpresa... e ai eu falei “vamos pra outro desafio: vocês vão explicar para os alunos da sala, depois outro desafio”. Ai eles falaram tudo né... “Vamos pra outra sala”, eles: “não”... Eu falei: “vamos” e tá... Ai como que eram quatro maquetes só, dentro da sala, foi o primeiro, foi o segundo e ai tive que rodar a escola toda pra apresentar..... aquela segurança que eles passaram e fizeram a ponte lá com as aulas que a gente discutia os textos. Então, eu acho assim, o que que a gente tem que instigar enquanto professor, né? Essa criatividade, romper esse medo dessa criança. No momento de uma arte, de um momento lúdico como que eles criam, como que eles tem esse desafio e apareceu uma maquete cada uma mais linda e a aula ficou maravilhosa e eles pedem “vamos fazer outra que dia?” E, às vezes, se a gente não leva ele para o mundo da imaginação, igual o filme passou. Eu acho que tudo vale, apesar de que dá um trabalho bastante isso ai e fazer tudo isso e a bagunça acontece, mas até a direção a gente fica preocupado, meu Deus do céu, a hora que você tira da sala, você faz isso e a sala fica desorganizada. Então, é isso... Obrigada.

Professora Camélia: Eu fiquei pensando a partir do filme enquanto educadora também da educação infantil... Esse ano é uma experiência nova e fiquei pensando, assistindo e pensando na reação da criança e da postura que nós adultos temos com a criança. Quantos “nãos” a gente fala para as crianças? Quantas coisas a gente diz que é errado, que não pode fazer? Não pode gritar, não pode bater, não pode pular, não pode correr, não pode fazer tanta coisa, não pode ir na roda gigante, não pode comer algodão doce por conta da religião, por conta da disciplina, por conta disso, por conta daquilo e a gente acaba podando a criança e todas as possibilidades que ela tem, que ela tem em si por natureza. Isso que me chamou a atenção!

Professora Hortênsia: Eu vendo o filme eu percebi, assim, duas formas de educar: a que a família passou pra ele através da religião e o que a vida estava ensinando pra ele tão novo e ele chegou... em um determinado momento que foi dito pra ele: você já tem idade pra decidir o que é certo e o que é errado e através da educação familiar que ele recebeu..... e ele não fez. Isso que eu percebi...

Professora Margarida: O que me chamou a atenção, assim, essa relação igual ela falou... Ele teve uma educação de fato, com uma família, com a mãe, o que ele podia, o que ele não podia, mas quando ele teve aquele relacionamento com a outra pessoa que pensava de outra maneira ele viu os dois lados e ai até no final, ele falou assim, “mas, a minha mãe é boa”, quer

dizer que apesar da minha mãe, ela não acredita, mas ela é boa, você também é bom. Ele viu os dois lados e ele conciliou isso aí, ele tinha já a idade pra ele decidir e ver o que ele realmente, assim, queria pra vida dele, o que ia decidir. Então eu acho, assim, que ele viu os dois lados, ele viu que tanto um, ele apesar das ações, das atitudes, ele era bom e a mãe dele também era boa.

Maritza: Alguém mais? É possível a gente trazer essa relação que aconteceu entre o menino e seu sequestrador pro cotidiano da sala de aula? É possível nós nos pensarmos, nós educadores como esses sequestradores que cria esse espaço e esse tempo outro para que a criança tenha outras experiências e tenha outros contatos com o mundo e com a vida?

Professora Gérbera: Sim! Eu vejo que... Porque dependendo da sala de aula, dependendo do professor, esse sequestrador do outro lado, dentro das salas, ele pode fazer com que esse aluno ele fique um pouco robotizado, ele fica só aceitando os comandos e com isso, desde a educação infantil até sabe Deus que período da vida que ele vai sendo tratado dessa forma. Ele não reage, ele vai perdendo a sua espontaneidade, vai perdendo a sua criticidade, vai perdendo a maneira que ele, enquanto criança, enquanto... Sem esse contato, ele criava, era espontâneo, agia de forma mais livre e dentro da sala de aula dependendo do sequestrador, no caso professor, pode sequestrar ou não a liberdade desse aluno. Aí vai depender de cada profissional e de como ele vê a educação.

Professora Íris: Só mais uma palavrinha... Em relação a sequestrar eu percebia, primeiro ano também na ed. Infantil, esse lado em relação a religião, principalmente, quando a gente vai ter que apresentar uma coisa e na sala de aula tem várias religiões, aí você tem que dar um jeito de conciliar pra poder conseguir fazer essas crianças todas apresentar, mas no final as crianças até ensaiam, chega no dia o pai não leva porque a religião não permite. Então, a gente até tenta, mas não é sempre que a gente consegue fazer esse sequestro não!

Professora Íxia: Só mais uma coisa... As crianças amam participar, tudo quanto é tipo de apresentação e por mais que a família fale e você conversa “mas professor eu posso só ensaiar aqui na sala?”, eu digo: “pode, só que você tem que ver se isso não vai te causar nenhum problema em casa... A professora não tem problema quanto a isso, não estou te proibindo só que você sabe o que é permitido e o que não é permitido na tua casa”.
(fala de vários professores ao mesmo tempo)

Maritza: Mais alguém?

Professor Genistra: O que eu tava analisando que as professoras tavam dizendo ali é assim... É que na verdade nós que trabalhamos com crianças também, eles copiam muito a gente. Querendo ou não nós nos tornamos um sequestrador da atitude deles, porque na verdade eu também trabalho com a quatro e eu sou muito criança dentro da sala, apesar já de ser 3º idade, e eles copiam. Tenho uns cinco alunos homens que na hora da gente fazer recreação eles copiam até o jeito de andar, eles copiam, então, querendo ou não a gente está sequestrando. Eles copiam... porque eu sou nordestino, eu não perdi o sotaque. Então, eles chegam na escola e falam assim: “é hoje a aula do professor Eraldo, é hoje que nós vamos falar assim: porrrta”. Então, quer dizer, se a gente entender por esse lado é uma forma também de estar sequestrando, mas eu tenho um medo até, muitas vezes, eu me polio pra ver o que eu vou dizer. Eu tenho medo de chegar em casa e eles “eu vi isso com o professor a mesma coisa”. O cidadão era o que ele era, mas o menino se apegou a ele, muitas vezes, ele vai querer fazer até aquilo que a gente está fazendo, mas se você for pensar de outro lado como

que nós vamos prender a atenção dos nossos alunos se lá em casa eles não tem o que eles gostariam de ter, no caso de um algodão doce, no caso de um pula-pula, no caso de uma roda gigante. Ai também nós enfrentamos uma outra etapa, nós estamos trabalhando com turma, com clientela que eles não tem o que deveriam ter e ai complica também a gente manter eles ali acorrentado, ou a falta... Eu tô dizendo isso né, mas muitos clientes nossos, muitos aluninhos nossos falta comida, e vai faltando... ai como você vai prender ele lá, e infelizmente pode ser visto isso e muitos dos nossos alunos até lá na frente, no ensino médio, sei lá, eles também podem se sentir assim “eu não tenho perspectiva de vida”. Infelizmente... Bom, eu vi por esse lado também, então... Obrigado!

Maritza: Alguém mais? Alguma coisinha que ficou por dizer? Então... é isso, é tudo isso que vocês falaram, o que não falaram e muito mais. O que que o filme nos leva a pensar? O filme nos leva a pensar um monte de coisas, mais assim... o que me levou a escolher esse filme... eu tava mostrando para os meninos que eu até fiz um texto antes sobre esse filme e relacionando esse filme a educação e há um artigo do professor Jorge Larrosa que ele diz que nós precisamos criar na educação, refúgios, refúgios do que? Refúgios da família e refúgios do estado. O que que significa isso? Criar refúgios significa criar dentro da escola na relação do professor com a criança, da professora com a criança, um espaço e um tempo que seja singular, que seja próprio e que permita a vida acontecer, né? A vida como ela é e não essa vida pensada, projetada, planejada, como algo que nós queremos que ela aconteça para a criança, como algo que nós idealizamos para a criança. No filme nada de ideal aconteceu, a situação que o menino foi colocado foi uma situação de risco constante, nós na nossa convivência com a criança vivemos em função do tempo futuro, o menino na relação com o sequestrador, viveu o tempo presente. Ele não tinha... ele estava sob a mira do revolver, eles tinham risco de vida. Então, nessa relação em que o futuro não está em jogo se vive o presente. Tem aquelas cenas que eles estavam dentro do carro e que o Bil fala pro Phelipe “o que que é passado, o que que é presente e o que é futuro, mas nós estamos aqui no tempo presente, nós vamos viver esse tempo e este”. Então, essa relação espaço temporal que o filme apresenta, nós vivenciamos todos os dias na escola, só que nós vivenciamos em função do tempo que tá fora de nós, que tá fora do nosso cotidiano porque nós queremos que nossos alunos apresentem resultados, pra que? Pra que no futuro ele seja, não pensando naquilo que ele é de fato, no que o constitui, nas suas relações e no espaço-tempo da sala de aula, no espaço-tempo da escola, no espaço-tempo daquela vida cotidiana que apresenta experiências que pode significar de modos múltiplos, mas que nós tendo pensado, projetado, planejado o que é de melhor pra criança fazemos com que seja de um único jeito, um único caminho sendo apresentado. Então, eu penso que o filme ele dá oportunidade pra gente pensar nesses outros espaços-tempos possíveis dentro do cotidiano da sala de aula, um espaço-tempo que possa fugir das amarras da família e das amarras do estado. No texto do Larrosa ele apresenta um quadro primeiro que é um desfile em que as crianças se apresentam, as crianças da escola se apresentam pro Rei Luiz XV da França e ai ele vai dizer “o que representa esse quadro? Representa a família entregando pro estado”. Você rompe com o cordão umbilical da criança com a mãe e nesse rompimento você cria outros laços. Quais que foram os laços que foram criados depois do rompimento do laço com a família? O laço com o Estado e qual que é a instituição que melhor estabelece esse laço com o estado? A escola. Então, a escola tá aqui e nós como legítimos representantes da escola, estamos aqui pra inserir esse sujeito criança nas normas, nas regras, nas leis do que o Estado requer de nós. Então o Estado já está pensado, já está estruturado, já tem agora, inclusive, uma base curricular nacional que vai fazer com que a gente faça de determinado jeito a nossa ação dentro da escola. Mas, nós não temos como fugir desse controle todo, nós professores, nós não temos como criar uma relação outra com as nossas crianças para além dessas amarras estatais e para além dessas amarras... E se a gente

pensar em cordão umbilical nós rompemos realmente com o cordão umbilical quando a criança sai do ventre da mãe, rompemos com o cordão e colocamos em outro, porque a gente entrega os nossos filhos pra escola, pra instituição, pro estado, pra fazer dele o que? Pra fazer dele aquilo que o estado pensa, aquilo que o estado imagina, aquilo que o estado requer, né? Então, nessa relação que o filme nos faz pensar que nós podemos fazer outra coisa com as crianças, né? Que elas podem tomar decisão, no momento que o Bil ou Billy, eu não me lembro o nome dele, fala pro Phelipe depois que ele veste a fantasia de Gasparzinho e ele vai sai do mercado, ele fala “você tem direito de escolha, você pode prosseguir comigo ou ficar ai e ser salvo pelo estado”. Qual que foi a opção do menino? Parece que a fantasia fez com que ele descobrisse aquilo que ele realmente queria, né? Assim como ele descobriu no começo do filme quem era o menino que tava pedindo doces ou travessuras. Então, parece que foi necessário uma máscara para que ele se visse como um sujeito de vontade, de desejo mesmo para além dos desejos que são produzidos pela instituição, pela família, pela escola.

Naine: Eu só quero falar da máscara que eles usam pra fazer essa identificação, a auto identificação do menino. Quem é o Gasparzinho, né? Se a gente parar pra pensar ele é um fantasma camarada, mas é uma criança solitária. A gente não sabe quem é o Gasparzinho, qual é a história do Gasparzinho. Então, essa assimilação do Gasparzinho tanto pelo bandido, quanto pelo menino traz uma representação da solidão deles dentro desse contexto.

Professorr Delfim: E outra coisa pra complementar é que o Gasparzinho também rompe com uma lógica, pq os fantasmas eles tem que ser ruins, tem que ser malvados e o Gasparzinho rompe com isso, pq ele é um fantasma camarada. Então, talvez seja também...

Professora Gloriosa: Ele não era do mal.

Professora Lilac: Ele não era do mal.

Naine: Ele tá sempre em busca de um amigo ou de uma companhia. Quando as pessoas se assustam com ele é porque ele tá rompendo coma aparição Fantasmagórica e no outro ponto de vista se a gente foge dessas personagens principais, que é o menino e o bandido, a gente tem o diálogo de adultos e que ao xerife e..... ai mostra o drama de como é ser adulto, como é ter uma profissão, como é assumir uma outra posição e no final quando eles batem no policial que mata eles, também revelam que tem uma sensibilidade para além do que eles estavam fazendo. Então, quando a professora fala dos centros que se estabelecem isso também é bastante perceptível, porque a gente vê que eles estabelecem entre eles um tempo que foge do que eles estavam preparados e do que eles estavam indo fazer, estabelece um diálogo e esse diálogo no dia-a-dia a gente acaba não tendo entre os colegas também porque tudo passa por cima da gente, né? E ai a gente não cria esse tempo do diálogo com o outro que está próximo e ai consequentemente para o aluno também não.

Kássia: Boa noite! Uma fala da professora Maritza em relação a esse pensar dentro da escola, que a gente só pensa na criança no futuro, no tempo futuro, e concomitando com as falas das meninas aqui sobre as apresentações. Eu sou professora de dança e o que movimenta meus estudos aqui no mestrado é justamente a dança na educação, como que a dança está sendo colocada ali dentro da escola e ai eu quero lembrar, lembrar não, na verdade, pensar a respeito desse só depois, só o resultado final dessa dança, que muitas vezes, a gente só espera esse resultado final, ou seja, a criança participou durante todo o processo, mas não foi apresentar, poxa não aprendeu nada, errado né? O certo é há o que se pensar nesse sentido porque mesmo que ela não apresente o produto final que é a apresentação, o processo, o que ela passou e

inclusive como expectadora de todo esse processo, faz todo um sentido na vida dela ou vai fazer. Então, não é só o fato de ela estar lá dançando junto também, existe o fato de ela estar assistindo aquilo. Esse processo de assistir também envolve esse mundo da dança, é o expectador, o dançarino, o coreógrafo, o ensaiador, o que dança espontaneamente, tudo isso envolve uma apresentação de dança, um processo de criação, um processo simples de manifestação do corpo, de expressão corporal. Então, é muito interessante isso, esse pensar sempre no futuro, a gente fica esperando muitas coisas, no depois, no depois e ai a gente esquece do processo e esse processo é importante. Então me fez pensar e me ajudou muito as falas de vocês, agradeço em relação a isso, porque ai me ajuda a pensar também em relação ao meu trabalho. É isso!

Maritza: Mais alguém? Gente já tá na hora, né? É longe aqui... Muito obrigada por vocês terem vindo mais uma vez. Foi muito legal o nosso encontro!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 13/10/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE IX – TRANSCRIÇÃO DO 9º ENCONTRO

Transcrição - 9º Encontro (06/09/2016)

Filme: *O pequeno Nicolau*

Professora Margarida: Boa noite a todos! Eu achei muito bacana ali que sempre o... aquele menininho loirinho levantava a mão, né? Que ele era o mais esperto, talvez, o mais inteligente e os outros acanhados, né? E quando trocou a professora e veio à substituta, isso mudou, né? A gente vê que faltou oportunidades, né? Tem uns que dá oportunidades e ela elogiou o menininho que sempre tava de castigo, nunca participava de nada, né? Ele se sentiu útil. Então, assim, eu acho que a gente tem que dar mais oportunidades aos alunos, principalmente, aqueles que a gente não acredita muito, que acha que não vai ter futuro e na verdade o que falta é oportunidade pra ele.

Maritza: E tem desses na escola?

Professora Íxia: Bastante! Muitos...

Maritza: Alguém se lembra de algum desses?

...

Maritza: Então vamos tentar problematizar o filme. Parece que aquilo que nós vimos nos filmes anteriores tá meio presente nesse filme também, principalmente, nos outros dois filmes. Pera ai só um pouquinho.

Professora Girassol: Uma das coisas que eu prestei atenção relacionada aos outros filmes que nós assistimos foi a separação ai, né? De feminino e masculino (gênero). Ai a gente vê uma classe só de meninos e teve um filme que era separado, aparecia as meninas, ai não apareceu meninas. Eu fiquei toda hora prestando atenção pra ver se eu conseguia ver uma classe do gênero feminino e não apareceu, né? Uma imagem, assim, só dos meninos, até por causa do personagem eu acho. Mas, assim, o filme é bem interessante! O que eu consegui, assim, ficar observando é a criança sendo criança ali, tanto na escola quanto em casa e aquela coisa que... a criança cria na cabeça dela uma fantasia, né? Você vê que o menino que deu toda aquela situação com medo de os pais deixarem ele por causa de outro filho e esse tipo de coisa acontece com as crianças, né? É o medo de ser rejeitado pelo pai ou quando vem uma criança ele acha que vai ficar sendo esquecido. Cria todo um comportamento diferenciado pra chamar a atenção. Então, assim, isso não foge do comportamento das nossas crianças e lá na escola eu fiquei observando quando muda de professora, as atitudes das crianças quando muda de professora, que o professor vem pra substituir, né? Eles mudam o comportamento também... Esse tipo de coisa a gente vê também nas nossas escolas, em sala de aula, eles criam um outro tipo de comportamento: “da não aceitação do outro” e quando ela tava falando da criança que tem um comportamento, o professor acaba rotulando, muitas vezes, o aluno “ah... esse é desse jeito, esse não faz nada, esse não desenvolve”... E essa questão de criar, dar a oportunidade ou criar metodologias pra atingir essa aluno pra realmente ver o que que ele consegue produzir e ali a gente percebe porque quando alguma coisa que muda você vê resultado, né? Então, é a metodologia a ser trabalhada, ela tem que estar atenta... não deu certo assim a gente tem que mudar pra ver se a gente alcança aqueles que a gente já rotulou, que não sabe, que não faz, que não consegue, que não produz. Na verdade, todos produzem só falta a gente conseguir atingir com a metodologia.

Professora Hortênsia: Boa noite! Em primeiro quando a professora falou assim se “tem muitos desses nas salas?”, tem vários, muitos! Mas, o que eu achei interessante foi à parte do castigo que foi dado a criança de escrever (eu não lembro a frase), 300 vezes a frase e a gente acostuma, assim, não só com o castigo, mas às vezes com a tarefa. A criança começa a fazer e de repente você vê tá todo mundo terminando..... sempre tem aquele que fica pra trás e o que que acontece? Não vai lá e faz, mas, você acaba passando a mão na cabeça. Ou você deixa a criança sem fazer a tarefa ou você põe a criança pra fazer depois. É isso que eu prestei atenção bastante no filme. Achei interessante!

Professora Rosa: Boa noite! Eu estava meio ausente e estava com saudades, mas enfim, voltei! Esse filme é muito interessante... Ele faz a gente repensar as nossas práticas no dia-a-dia, né? Por exemplo, com relação à afetividade. Se a professora tivesse sido grossa, vamos dizer assim, com o personagem principal, ele não teria aprendido e é o que a gente geralmente ouve no nosso meio, né? Que fulano não aprende, que fulano é burro. Imagina se ela fosse estúpida com ele? Ele não iria se lembrar que ele passeou no rio com a família. Então, ela fez ele lembrar desse fato na vida dele de uma forma carinhosa e aí essa forma carinhosa que ela tratou ele foi o que fez que ele se relembresse disso e tanto é que a sala inteira aplaudiu ele, né? E é o que a gente tem que fazer no cotidiano. Eu penso que a gente tem que ter afetividade, a gente tem que ter carinho, a gente tem que respeitar o momento da criança e aí eu me lembro da professora Izete, que ela dizia que cada criança é um ser único e singular e, às vezes, a gente não se atenta pra isso. A gente, às vezes, cansada, estressada no nosso cotidiano, a gente não quer saber a vida familiar dessa criança, como que ela chega na escola, como é que vive em casa e de que forma eles chegam pra gente... Relembrando a minha infância comentei com Fernanda que eu já fiz isso. Na escola São Luiz no período... me fizeram escrever 300 vezes “não devo bater em minhas colegas”. Eu era maravilhosa só que ninguém não me compreendia e naquele período tradicionalista... como o menininho chamou a professora de senhorita e ela mandou calar a boca. No momento eu me lembro, eu até hoje eu falo que eu encontro... uma vez eu encontrei uma professora de matemática da 4º série (que eu não vou citar nome) mas eu já encontrei ela na calçada do banco Bradesco e deu vontade de falar: “oi, tudo bem? Lembra de mim? Hoje eu também sou professora, só que eu não sou igual a senhora”, e eu tive vontade realmente de fazer isso, mas como eu tive ótimos profissionais na Pedagogia, eu tento... Aliás, eu não faço o que fizeram comigo. Igual uma coisa de “ah eu tenho que gritar e mandar calar a boca”. *Gritar não educa ninguém*, mas eu era terrível na minha infância. Coitada de Soraynha (risos). Obrigada!

Platéia: Eu gostei daquela vez, quando ele estava fazendo aquela..... estava lá tentando montar aquele caminhão, depois aquele filho saiu correndo porque eles fizeram um problema muito grave.

Maritza: O que você achou?

Platéia: Eu achei um pouquinho engraçada essa parte.
(salva de palmas)

Kássia: Boa noite! Na verdade eu queria perguntar algo pra nós (que eu me incluo nisso também) sobre a frase que iniciou o filme e que terminou o filme, que a professora escreve no quadro a frase “o que você quer ser quando crescer?”, né? E aí eu fico pensando assim... Parece que quando a gente faz uma pergunta dessa pra uma criança a gente esquece que a gente um dia já foi criança também e aí se a gente parasse pra lembrar de quando nós éramos

crianças se em algum momento da vida da gente, eu acho bem possível, quando alguém perguntou pra gente no passado: “o que você quer ser quando crescer?”. Alguém aqui poderia, assim, consegue se remeter a esse momento que viveu e o que pensou? Porque a resposta do garotinho eu acho que ela, muitas vezes, rompe com aquilo que a gente espera que a criança responda. A gente acha que ele vai responder uma profissão, que vai ser um profissional de alguma área e a criança simplesmente respondeu: “eu quero fazer as pessoas rirem”. Então, assim, o que a gente poderia pensar sobre essa frase? O que que nós quando fomos perguntados quando éramos crianças pensamos sobre isso? Como a gente recebia essa pergunta?

Professora Girassol: É uma reflexão bem interessante, mas eu fico pensando aqui... Olha o comportamento daquele pai com ele, o pai faz ele rir, né? Então, assim, é uma pergunta profunda que a gente espera uma resposta profunda, mas a resposta ela é simples: “quero fazer as pessoas rirem”... É porque o pai fazia ele rir, os filhos espelham no pai, nos pais, nos professores e teve um momento ali na sala de aula que as crianças não riam. Então, depende de como você..... do que você cobra delas, que elas respondem, então penso eu também que era uma referência do pai, né? O pai fazia ele rir, conseguia tirar um sorriso dele e aquilo acho que ficou, né? Era uma coisa interessante pra ele.

Maritza: Tem um texto do Silvio Gallo que se chama pedagogia do riso que é, assim, fundamental pra gente entender que *a pedagogia não precisa ser tão seria assim*. No começo do filme, me parece que os adultos não se deram conta do que tava passando na vidinha das crianças. Me parece que nem os professores, nem os pais e a criança quando vem pra escola... a gente já discuti isso e acho que é importante pensar de novo sobre isso, sobre o que que é o currículo dentro da escola. Agora que nós estamos com essa proposta vindo do Ministério da Educação (de base nacional comum) e que 80% do nosso currículo já vem constituído pra que a gente reproduza aqui em sala de aula. Acho que vale o questionamento de novo: o que que é o currículo se não esse fazer cotidiano que ultrapassa o que tá escrito, o que tá instituído, o que tá no documento, né? Por quê? Porque o currículo é tudo isso que a criança trás pra dentro da escola, o currículo é tudo aquilo que nós não conseguimos enxergar na vida da criança, é todo esse planejamento, é toda essa estratégia, é toda essa articulação, é toda essa artimanha que eles viveram dentro e fora da escola e que foi imperceptível aos olhos dos adultos. Alguém teria alguma coisa pra comentar sobre isso?

Professora Cravina: Eu vou falar só um pouquinho... Eu percebi, assim, na sala de aula e também fazendo uma reflexão da minha prática pedagógica e pensando: será que eu ainda tô reproduzindo algo que eu vi naquela professora? Que as crianças não tinham liberdade “sentam, levanta, não, fala, cala boca, né?”. Então, não tinha essa liberdade de expressão, só respondia, né? E hoje? Será que ainda existe essa estratégia, essa metodologia ainda? Professor-aluno? Só o professor que fala e só o aluno responde? Quando ela fala: agora você pode responder, agora é a sua vez de falar, né? Principalmente a substituta. O menino já foi respondendo e ela fala “não, não é você é aquele que tá lá no final”, e será que hoje (fiquei pensando), será que a gente continua reproduzindo esses comportamentos ainda? Enxergando a criança com aquela vontade de falar, de se expressar, o certo ou não, não sei, só aquela vontade de falar e eu achei interessante o filme! Como eu já cheguei já tinha começado, então, eu fiquei assim um pouco insegura de estar comentando, mas essa parte me chamou atenção.

Maritza: Sobre isso que Nadna colocou... Acho que vale pensar também para além da postura do professor, um professor tradicional que tá colocado ali muito bem acho que caricaturado no filme, né? Para, além disso, as crianças escapam, para além da postura do professor, ela tá

inventando mil possibilidades de fazer acontecer algo de diferente na vida dela. Então, a postura do professor é responsável única pelo desenvolvimento ou não da criança?

Professora Íxia: Boa noite! Eu também não estava no início do filme, é difícil eu chegar aqui no início é sempre dia de formação..... e, às vezes, eu passo em casa pra deixar a Então, assim, depois eu assisti pra falar, né? Ai tipo eu observei como você fez a pergunta, né? Se o professor é o único responsável... Eu vi, assim, aquelas crianças, elas aprendendo por elas mesmas, assim, que elas tinham um grupo e alguém ali... tinha o líder e eles faziam coisas assim né... eles imaginavam, eles criavam, eles estavam aprendendo ali, eles próprios e tinha um líder ali que liderava, que ministrava e de repente... todo mundo fazia porque tinha alguém, de repente não mudou de ideia foi o que eu percebi ali, de repente ele mudou de ideia, mas ele conseguiu. Eu senti, assim, agora eu posso ter um irmão que eu posso também tá ali ensinando. Então, eu achei interessante essa parte aí que a professora, a escola... tinha aquela monitora, tinha aquela maneira tradicional, mas eles envolviam ali uns com os outros e estavam aprendendo também.

Maritza: E essas estratégias? Eu queria que vocês exemplificassem, tentassem puxar pro nosso cotidiano. Como que acontece isso em nossas salas de aula? Existem realmente esses grupos de crianças que para além ou para quem de nossa postura, de nossa proposta, do currículo que a gente faz circular na escola e que nós acreditamos que seja o ideal, para além de tudo isso, os comportamentos que escapam na escola são perceptíveis por nós professores?

Professora Tulipa: Oi, boa noite! Bom... O que chamou a atenção também, você falando sobre a nossa realidade, vamos dizer o seguinte... Então, no filme ele retratou a França, né? Já uma cultura, uma política diferente da nossa. Voltando pro Brasil, voltando pra nossa realidade política, né? Nacional... O que que a gente tá enfrentando no sistema educacional? Muitas questões, muitos aspectos e nós eu acho, assim, que o professor ele tem que ser um pesquisador e buscar mais estratégias de sempre tá fazendo pra ver se a gente consegue fazer um bom trabalho e sem contar que contamos também vários aspectos social de cada um. O que me chamou a atenção também é o fato de nós termos, às vezes, a mania de maquiagem muito a situação. Então, aquela cena onde o senhor entrou na sala e que a professora, ela mediu e conduziu o aluno (o que sempre tira notas boas) pra estar respondendo, antecipou na frente dos outros. De certa forma eu acho que isso no cotidiano não deve ocorrer, então, a gente tem mania de quando vem visita na escola, a gente quer tentar, a gente quer colocar o melhor, o datashow melhor, o globo melhor, porque eu acho que nós temos que mostrar a realidade de como que é, porque a responsabilidade não é só do coordenador, assessor, professor, família, mas também o Estado. A gente tem que deixar claro isso e aí é o conjunto de tudo, né? Então, eu achei... tá sendo bem... lembrou bem, né?

Professora Centauréa: Boa noite! Essa frase que iniciou o filme e terminou: “O que você vai ser quando crescer?” me fez lembrar... Assim, eu não tenho experiência na sala de aula, só nos estágios, mas assim, participando da formação continuada, teve uma profissional, uma professora que teve essa experiência quando ela fez essa pergunta na sala de aula: “o que você vai ser quando crescer”, né? E aí as crianças, de um bairro aqui da nossa cidade mesmo, responderam assim... porque tem crianças de alguns pais afastados que não conhecem aqui o centro da nossa cidade, então, quando ela fez essa pergunta algumas crianças responderam assim, que queria ser pescador, outras crianças... cada um assim lá no meio onde eles viviam, de acordo com o ambiente onde eles viviam. Aí teve um menino que gritou bem alto lá pra ela e falou assim: fessora, ela falou assim (ela conta) “fessora eu quero ser traficante igual meu tio”. Aí ela ficou assustada, aí ela pensou “nossa, eu tenho que ver um meio diferente pra mim

trabalhar com essas crianças... o que que eu faço agora com essa situação?”. Ai ela pediu, assim, um ônibus, ela trouxe esses alunos aqui pro centro da cidade, ai ela levou eles pra conhecer museu, a câmera, levou eles na prefeitura. Então, assim... ai eles voltaram pro bairro deles. Lá na escola quando ela pediu pra eles escreverem uma redação com essa mesma pergunta ela fez novamente: “escreva um texto com o que vocês querem ser quando vocês crescer”. Ai as crianças já teve outras ideias, já teve alguns que queria ser prefeito, outros queriam ser vereadores, uns queriam ser artistas pra participar de filmes, professores, foi tudo diferente já. Então eu acho, assim, que as crianças... o meio onde elas vivem, né? Porque a ideia delas, o que elas vão querer ser quando elas crescer, são exemplos dos pais, até mesmo na escola.

Professora Líatris: Boa noite! O que eu achei mais interessante foi a falta de diálogo. O menino viveu todo aquele conflito porque ele simplesmente não chegou nos pais e conversou. Ele imaginou uma coisa e achou que aquilo ia acontecer e não era e na escola não tava sendo diferente, porque na escola também não tinha diálogo nenhum. Era igual a menina falou ali “senta, cala a boca, se alguém dar risada castigo severo”, né? Então, ainda existe muitos professores assim, aquela sala linda, maravilhosa, perfeita, todo mundo quietinho, silêncio total, absoluto. Muitos acham que assim é a melhor forma de se aprender, eu penso bem diferente.

Wallace: Eu tô aqui inquieto com uma situação! Embora seja bem caricato as presenças dos dois professores, das duas professoras, tanto a substitua quanto a titular, uma coisa que ficou bem evidente... Ai eu vou partir agora pro lado pedagógico, pra dentro da escola, isso que acontece muito porque eu enquanto professor também, a gente verifica isso e ai eu queria ver se só eu que percebi isso no filme, né? A situação da gente enquanto professor porque querendo ou não o que que aconteceu? A professora titular ela tinha uma visão das infâncias dentro da sala de aula, então, ela enxergava quem eram os melhores, quem eram aqueles mais sapecas e ela tinha os escolhidos dela. A substituta quando veio é outra realidade. Então, ai puxando pra nós profissionais, enquanto conselho de classe, enquanto reuniões que vamos tratar dos nossos alunos. Como que nós enxergamos os nossos alunos? E ai a gente pensa assim “eu não enxergo o meu aluno, o mesmo aluno igual à prof.^a, a colega, o colega” e ai tipo pra mim aquele não serve, aquele é ruim. A gente faz isso ou não? É só... é algo que só me inquieta ou não inquietou vocês também?

Professora Íris: Boa noite! Vamos relacionar com a fala do professor... Eu sinto que, assim, infelizmente no conselho de classe acaba que dizendo assim... acaba rotulando o aluno, a gente acaba não fugindo dessa situação. De uma certa forma, a maioria acaba dizendo “fulano não quer nada” e eu sempre fico ouvindo e fico me perguntando: “não quer nada como? Não quer nada o quê?”. Esse menino tem uma história, essa criança tem todo um histórico e, geralmente, seu histórico... horríveis, sabe? Abandono da família e, assim, a ficha é longa, é muito extensa, muito cheia de dores e infelizmente o professor no dia-a-dia ele tenta uma vez, tenta de outro jeito, não deu certo acabou: “não, não quer aprender” e fica assim. Passa um ano, o próximo ano, outro professor, ai fala “aquele lá não quer nada” e assim segue. Voltando ao filme a colega aqui já havia comentado, mas uma questão que eu senti foi, assim, uma sala sem sentido, uma sala sem significado, uma sala sem vida, tanto por parte dos alunos naquele espaço, quanto por parte do professor. O que eu consegui ver foi que, assim, estavam ali naquele espaço por estar, uma obrigação, momento de aula, todo mundo entra, passa um tempo, todo mundo pra casa. A porta ficava quase que entupida... um pouco parecido com as nossas salas também..... “amanhã é feriado!”, “aehh”... É uma situação bem parecida, não deixa de ser bem parecida e assim a vida do aluno não faz sentido

pra escola, não existe nenhuma ligação, não tem nada conectado ali. Simplesmente entra pra cumprir o horário e volta, retoma e o que você percebia? Que havia algo de diferente. Era um momento que os alunos encontravam entre si, momento que eles estavam só, eles pensavam, eles criavam. Tudo que era dito ficava naquele mundo lá da fantasia. Como a mente... como ela passeava e na sala de aula não existia passeio, não existia pensamentos, memórias, nada! Eu senti assim, é como se fosse um robô que entrou e depois saiu.

Maritza: Assim... Duas questões que a Sylvania colocou aqui que podem nos forçar a pensar um pouquinho mais, né? A primeira... são duas palavras deleuzianas que a gente tem tentado exercitar no nosso projeto. No final do mês eu vou ver se a gente consegue compilar as produções que nós já fizemos, a partir dos cineclubes, pra mandar pra vocês porque não tem sentido a gente vir aqui, fazer essa conversa, gravar e não dizer pra vocês o que que a gente tá pensando em cima disso tudo que tá sendo dito aqui, né? Porque nós estamos trabalhando aqui, mas estamos trabalhando lá também no nosso grupo, né? Então, cê traz duas palavras que a gente tem discutido lá e que tem movimentado nossos textos. A primeira é o encontro e a segunda é o pensamento. Pra Deleuze essa forma de entender o mundo através de significação e de representação, que ele vai chamar de clichê, que Nietzsche vai falar de introspecção de uma moral que nos diz o que deve ser dito, o que deve ser pensado, impede o pensamento de pensar, olha que coisa interessante, né? Então, quando que nós oportunizamos ao pensamento pensar dentro das atividades que nós fazemos em sala de aula? Quando que nós deixamos de ser representacionais? Quando que nós conseguimos fazer com que as crianças pensem? Ai você deu a resposta! Porque quando as crianças saem, quando elas se encontram, elas conseguem pensar, né? Então, o Deleuze tem esse outro conceito, que é o conceito do encontro, e ele diz exatamente isso, que quando dois corpos se encontram e quando esse encontro produz algo que seja distinto, esse algo movimenta dentro do nosso pensamento.

Professora Íris: E a liberdade do pensamento.

Maritza: Exatamente! Então, assim, o que que nós estamos fazendo nas nossas ações dentro da escola pra movimentar o pensamento, que as crianças conseguem fazer fora dela?

Professora Girassol: Como ela disse, as crianças quando se encontravam lá fora produziam, né? Porque dentro da sala de aula não tinha condições porque era tudo muito colorido na sala, né? Desde os uniformes, as paredes, era tudo muito lindo, colorido, chamava a atenção, né? (risos) Tudo cinza sem cor, o uniforme das crianças tudo formal, tinha que sentar bonitinho. Então, ai as crianças eram podadas e a professora por mais que ela era carinhosa, que aparentava ser muito carinhosa, querer ajudar as crianças, somente no caso daquele outro menininho, mas ela... ela não ajudava na verdade, né? Ela inibia bastante os outros e, assim, ela não dava oportunidade pra eles e tanto é que quando veio a substituta deu oportunidade pro outro menininho, ele se destacou um pouco, né? E os outros conseguiram responder e quanto a dizer da criança que é inquieta, aquela criança que não presta atenção, que não dá atenção em nada, todo mundo: “aah esse na minha aula também é assim” e vai passando de mão em mão... Eu assisti um filme indiano, era até como vocês passaram do Jamal, ele era uma criança assim... ele não conseguia prestar atenção, ele ficava olhando pra fora, ele não fazia nada, todas as tarefas a professora passava e ele não fazia até que veio um professor de artes e começou a prestar atenção nesse aluno, que esse aluno tava sempre de castigo porque ele era danado e esse professor de artes começou a prestar atenção nessa criança porque ele tinha sido assim também quando era criança, ele tinha tido esses problemas. Foi ai que ele descobriu que o menino tinha dislexia, como ele, e ai ele fez um campeonato e buscou o que

fosse o melhor do menino, que no caso era a arte, desenhar, ele era um grande artista e ai ele fez uma competição entre os alunos e professores e ai se descobriu que os professores não conseguiam desenhar e ele se superou, o menino conseguiu. Então, a gente tem que procurar nesses alunos hiperativos o que eles têm de melhor para a gente poder trabalhar isso com eles.

Professor Antúrio: Olha... Eu fiz ainda estudos sociais, não sou muito velho não, depois fiz complementações em geografia. Nós trabalhamos muito com tempo e espaço, né? Ai eu fico imaginando... Quando você falou que ano que foi o filme? Eu cheguei no meio...

Maritza: Acho que 59 (58-59).

Professor Antúrio: Exatamente e hoje nós estamos em 2016. Agora eu fico imaginando daqui 50, 60 anos, o que é que vamos estar falando de nossa sala de aula? “Nossa, aqueles professores tratavam os alunos daquele jeito” ou nós fazemos essa análise do passado e ai a professora tava dizendo... É assim mesmo gente, era a sociedade naquele momento. Quando a menininha... você passou o microfone pra ela, se ela queria falar, ela juntou o pescoço firme. Eu era assim! Eu tentava procurar, olhava aqueles..... que era o tal do CEOM, eu ficava olhando “pow, mas será que eu vou ser igual a esse guri ai que pula, que brinca, que xinga, que faz tudo e a gente era doido pra tocar na fanfarra do CEOM e não podia, porque só os que destacavam que tocava na banda e ai eu fui inventar de bater na mesa de..... de fanfarra e eu não vi seu Pedro que ia passando na quadra, ele me pegou e me pôs de castigo, eu falei “nunca mais vou fazer isso”. Então, a gente procurava um meio e essa era a brincadeira das crianças como hoje, né? Agora hoje como é isso? Como que você coloca umas crianças... Lá na escola Gabriel tem uma professora e se não falha a memória, a Eliane é 3º série, tem 32 alunos, 3º série. Eu entro na sala lá (eu sou coordenador, tô coordenador), eu olho aquela professora, eu não consigo entender uma professora com 32 alunos naquela fase corre, pula e ela fala, tal. Enquanto na escola particular tem um monitor que ajuda, é 2º ano. Olha gente é uma loucura e é isso que nós... Ai eu fico também me perguntando Maritza, com tanta informação que nós temos hoje, as tecnologias super avançadas e os índices de aprendizagem são baixos. Essa última que fizeram agora, que o governo mandou, gente... foi um arraso e ai a provinha Brasil, vamos ter agora outra, e ai a gente fica questionando e por ai vai. O que é que tá faltando? O que que precisa ser feito? Ai a professora dali falou do Estado, da intervenção... Olha nós estamos com nosso banheiro que fica uma questão simples e nós temos um monte de alunos especiais, o aluno tem que sair ali da unidade, da sala dele e ir lá no barracão pra ele ir no banheiro, nós temos o cadeirante, temos..... eu falo que tudo isso é educação, é muito complicado! Nós estamos precisando de uma sala de recursos, mas não temos. O dinheiro que veio pra fazer o banheiro, o governo agora falou que nós temos que devolver porque vai entrar a prioridade 2017. Essa sala de recursos nós estamos lutando e ai a outra professora que falou que a gente faz os conselhos de classe e ai fala “aquele menino não dá mais, não tem condições” e hoje... quando ela começou a falar eu me lembrei, hoje nós chamamos o pai... já ia falar o nome do guri aqui e olha esse guri..... e olha terrível, terrível, terrível. Eu já falei isso mais de dez vezes: “olha não dá mais” e o guri não tem mais jeito e hoje chamamos o pai dele. Ai ele me falou: “olha, pode chamar o conselho tutelar que eu quero que ele fique preso lá”. Ai nós ficamos: “mas e ai? Nós vamos deixar?”, Eu não sei! Sinceramente essa é a nossa realidade, é a nossa clientela. Ai eu fico olhando será que seria tão bom ver aqueles aluninhos lá... eu queria uma sala daquela! Tá tranquilo, quando alguém entra todo mundo levanta... Nessas andanças minha no sindicato, em Salto do Céu, o diretor chegou, me recebeu, o piso ainda era vermelhão, enceradinho cheio de Samambaia. Eu falei: “ninguém quebra a samambaia aqui?”, ele falou: “não” e a samambaia tão bonita que chegava a chegar no chão... Ai ele falou vamos ver uma sala... Ele bateu na porta, quando eu e ele

entramos na sala todo mundo levantou. Eu falei “não acredito!”... “Aqui em Rio Branco”. Foi muito bonito! Eu fiquei emocionado, sinceramente. Então gente eu não sei! Eu acho que tem que rever e rever muito muito muito, eu deixo isso só pra...

Maritza: Muito boa à reflexão, né gente? É isso que a gente precisa, pensar o nosso cotidiano e aí nós ficamos sentindo saudade da velha república porque a gente fica com uma sensação de falta, não é Gil? Parece que antes era melhor do que agora, parece que antes as crianças... se tivesse as provas Brasil da vida teriam melhor resultado do que hoje. Nos coloca numa situação de falta, que nos culpabiliza e nós vivemos com essa culpa, achando que nós não vamos dar conta... Eu tinha vontade de passar aqui um filme (que acho que não vai dar pra passar) que se chama *ao mestre com carinho*, vocês se lembram desse filme? É um filme completamente clichê, né? O que que significa isso? É um filme que traz o ideal de professor que resolve todos os problemas. Aí a gente quando vê aquele filme fala: “aah eu queria ser assim”, né? O que que significa isso? Pra mim, que não existe ideal de professor, sabe Gil? E que *não existe ideal de escola e que não existe ideal de criança*, né? Então, nós temos que problematizar nossa realidade sim e acho que é isso que a gente tá tentando fazer aqui no cineclubes, *problematizar as nossas questões a partir dessas questões que são vivenciadas em outros espaços e em outros tempos*, mas pra que? Pra nos forçar a pensar. Primeiro, o que que move a vida da criança? Então, me parece que o que falta a gente se dar conta é perceber o que que a criança deseja. Por quê? Porque é por desejo que nós nos movemos. Na educação nos vivemos a hege do amor a educação. O amor me parece que é algo que apazigua a alma, é algo que nos conforta, é algo que acalenta, a paixão é algo que nos move. Tem um livro também da Rosa Maria Bueno Fischer, que diz da *paixão de educar*, que é isso que faz eu me movimentar todos os dias. Quando eu me apaixono por alguém eu quero tá perto dela, eu me preparo pra seduzi-la todos os dias, né? Então, me parece que tá faltando um pouco, tanto nos alunos encontrarem esse filem da sedução como em nós também dentro da educação. O que que nos vamos fazer pra seduzir? E aí sem culpabilizar por que o que eu aprendi nos vinte e poucos anos que eu tenho me dedicado a Educação é que o professor não alcança todos do mesmo jeito, é que *não existe uma receita pra uma educação que seja efetivamente de qualidade* e que nós não vamos conseguir transformar a realidade. Isso pra mim é o mais difícil de entender Gil. Por quê? Porque como freireana que nós somos, nós todos da educação, a gente sempre acreditou que através da educação a gente ia transformar o mundo. Eu tô há vinte anos na educação e quando eu vejo meus alunos chegando em sala e falando o que fizeram, me apresentando planejamentos copiados e cópias, e cópias, e cópias e cópias, sem nenhuma criação, eu fico um tanto quanto despotencializada, mas um que me apresenta algo criativo eu falo: “puxa vida! que valeu a pena”, né? Então, a gente não consegue alcançar a todos do mesmo jeito, não tem professor... mas, um que consegue fazer a diferença já faz com que nós acreditemos que a nossa luta não é em vão. Então, essa sedução, essa paixão não vai acontecer com todos ao mesmo tempo, pode acontecer com um grupo... Essa questão que a Silvania colocou do encontro, da possibilidade do encontro que potencializa outras possibilidades, que potencializa a criação, é isso que a gente tem que tentar sempre, só que tentar isso é difícil, né? Tentar criar, tentar fugir dessa ordem que a gente tanto busca, essa ordem que foi apresentada aqui no filme. Por que que nós buscamos a ordem? Porque o caos é aquilo que nos coloca medo... Aí acho que já falei isso aqui, mas acho que vale a pena repetir. O Deleuze fala pra nós: “Quem que cria? O artista. O artista na hora de fazer uma obra de arte, ele entra no caos e ele consegue criar. Nós... não só nós professores, nós toda a ciência moderna faz o que? Tenta se afastar do caos e aí se afastando do caos cada vez mais nós procuramos a ordem, procuramos padronizar, procuramos enquadrar e não entendemos a realidade como ela é de fato porque a gente não entra nela. Então, essas questões precisam ser problematizadas e nós precisamos nos ver nessa situação de entrada em caos. Por quê? Porque

o caos pode ser produtivo, só que quando a gente tenta colocar ordem, nós vamos ficar sempre com essa sensação de falta. Então, assim, sem muita culpabilização, sem muita idealização do que seja aluno, do que seja professor, do que seja escola. Gil falou agora... da gente falando de acessibilidade, a criança não ter acesso pra ir no banheiro, é uma situação de calamidade pública. Então, tem um ideal de escola... agora nessa época de eleição a gente vai ver muito isso, que ideal de escola é esse que tá colocado? Se a gente não tem esse ideal, como que nós podemos fazer pra que essa escola que nós temos seja uma escola que possibilite a transformação de vidas singulares, não a transformação de uma sociedade toda que de repente a gente não consegue mais. Ok? Então... Alguém mais quer comentar isso?

Professora Dália: Boa noite! Dando continuidade ao que o professor disse, ai me fez relembrar a minha infância que é longa, mas eu vou fazer um pequeno resumo só pra deixar pra vocês como um exemplo. O que foi dito desde o início? “O que eu quero ser quando crescer?”. O professor ele faz a diferença na vida do aluno? Eu vou responder... Eu tive uma infância infeliz! A minha infância foi de rejeição e preconceito (em resumo). A minha experiência na escola... eu iniciei com uma professora bastante rígida e eu era como ele disse também, eu era uma criança bastante acanhada, eu não aprendia. Por quê? Eu tinha medo da professora, não só eu como os alunos. Ela ensinava e: “vocês entenderam?”, “não”, “quem não entendeu?”, “eu”, “vem aqui... você é burro ou você é isso e aquilo?”. Puxava cabelo, fazia tanta coisa. Eu não contava isso a ninguém eu guardava pra mim, até que um dia eu não sei por quê... já vim com essas problemáticas da minha casa, que eu já tinha esses problemas meu e trazido com o problema da professora eu sai de mim. Eu com apenas 9 anos de idade comecei a gritar, gritar, puxei minha roupa, eu avancei na professora, avancei nos alunos, foi aquela coisa assim que todo mundo assustou. “Mas, Marcia?”, “quem é Marcia?”, até então ninguém sabia. Aquela aluninha boba que os professores faziam o que queriam, que os alunos eu era vítima de bullying, né? Em resumo, então foi assim. A partir desse dia eu me tornei, digamos que como vocês disseram, rebelde. Eu não respeitava mais meus colegas e nem os professores, eu falava: “não, não aceito mais ninguém me maltratar eu vou me defender”. Ai eu tive uma outra professora, ai ela foi me percebendo, ela foi estudando, hoje eu entendo isso, na época não, isso foi uma humana voz o que aconteceu. Essa professora todo dia ela me observava, eu brigava, ela olhava, todo dia ela tinha tempo de ficar no recreio lá: “Marcia senta aqui”. Ela me abraçava “amor porque você é assim? Porque que você tá nervosa hoje?”. Isso ai, então, ela foi trabalhando... Ai um dia ela chegou até a mim, o que eu guardo até hoje, que ela disse pra mim assim: “você faz isso com o colega por quê?”, ai eu falei “isso, isso e aquilo, porque eles fazem isso comigo”, “mas, você gosta do que eles fazem com você?” eu falei “não”, e “por que que você tem que fazer se você já sentiu, se você sente isso com você?”. Então, em resumo, uma professora ela me fez, me revelar, me revoltar, a outra não, a outra construiu. Então eu acredito nisso! Um professor... Eu levo isso... o que que eu escolhi? Quando eu era criança? Sempre eu disse, eu falei assim: “eu quero, eu escolho a ser feliz, eu quero ter uma família, eu quero dar tudo aos meus filhos, aos meus familiares o que eu não tive”. Porque crianças assim elas tem duas opções, ou você cresce “não eu sou revoltada porque a vida me fez assim, porque eu cresci nessa rejeição...” [...] [...] ou você muda e fala “não, eu sei que isso é ruim, então, não quero ser assim. Então, as pessoas que aqui me conhecem como eu gosto de sempre tá falando isso, né professora? Conhece a minha família, então, eu faço o oposto. Eu sou recém formada, eu não tenho tanta experiência ainda em sala, mas o que eu carrego comigo seria isso, seria não, eu faço! O pouco tempo que eu tive nos Estágios e esse ano eu tive a oportunidade de somente substituir uma professora por três vezes, que foi... valeu muito a pena pra mim! É como vocês disseram, no estágio eu tive grandes experiências positivas e, principalmente, o que me deixa mais feliz é que nesses

estágios, eu deixei algo positivo, né professora? Ela sabe (risos), e também como substituta, como vocês disseram, a professora lá era uma professora... sabe o que eu achei legal? Que todos os alunos gostam dela, da professora efetiva. Ai eu cheguei lá “ah, mas que dia que a professora vem fulana?”, eu falei: “olha meus amores”... Crianças de alfabetização porque eu me identifiquei também, eu amo! alfabetização que é a idade que está iniciando e precisa ter tudo. Ai eles “ah, mas a professora tá...”. O que que eu fiz? Eu juntei a minha experiência pessoal e a minha experiência profissional, falei: “não eu tenho que fazer com que eles gostem também de mim, né? Eu vou passar pouco tempo, então, eu quero deixar algo aqui”. Em resumo dessa experiência minha lá: No último dia eu fiquei super emocionada que três aluninhos lá chorando, eu falei: “o que que foi meu amor?”. Eu sempre tratei eles com carinho, né? “ah eu não quero que a senhora vai embora, porque que a senhora vai? Eu também amo a senhora”... Então, moral da história, né? O que que eu fiz pra merecer isso? Então, eu como professora hoje, apesar da pouca experiência, então, é isso que eu quero. É como já disseram, existem sim, mas a partir do momento que eu souber, pelo menos não precisa ser, como a professora já disse (a Maritza), se eu souber fazer a diferença pra um aluno, como aquela professora fez pra mim, eu já me dou por satisfeita e a cada dia eu quero procurar alcançar mais esses alunos e fazer a diferença, que eu sempre disse isso, né Maritza? Que eu quero fazer a diferença e graças ao meu bom Deus a minha experiência como profissional eu tô conseguindo. É difícil? É... Como nós já dissemos, porque principalmente pra nós que estamos terminando, nós nos deparamos com... o que nós vemos lá teoricamente tudo é bonito, tudo é possível, mas quando a gente se depara com os problemas é difícil realmente, mas eu Marcia hoje professora, eu acredito que é difícil sim, mas não é impossível. Obrigada!

Maritza: Acho que dá pra terminar então... Terminamos com essa inspiração da Marcia de fazer... e tenho certeza que nós temos muitas experiências de diferenças que nós fizemos já na vida de algumas pessoas. Gente obrigada!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 19/09/2016

Por: Luana Nogueira

APÊNDICE X – TRANSCRIÇÃO DO 10º ENCONTRO

Transcrição - 10º Encontro (13/09/2016)

Filme: O jarro

Maritza: [...] *Yabaa...* Lembram-se, né? *A vida é bela, guerra dos botões, o mundo perfeito, o pequeno nicolau*, nove e hoje dez. Então nós apresentamos onze filmes em diferentes contextos. Ai, assim, eu queria que todos vocês falassem se fosse possível, falar um pouquinho sobre o que sentiram de todas essas apresentações que nós fizemos. Tentar contextualizar isso e tentar pensar se esse filme, se essa metodologia, se essa forma de pensar as infâncias e não a infância idealizada tem sido uma boa forma pra problematizar as nossas concepções, os nossos conceitos, as nossas verdades sobre infâncias, sobre o cotidiano da escola... Ai depois a gente vai pegar pra tentar fechar. Então, nesse sentido, é tentar fazer uma avaliação do que foi o cineclube, do que foram todos esses encontros, esses dez encontros que nós tivemos problematizando essas questões relativas a infância. Então, que a gente possa pensar especificamente a infância hoje, pode ser? Quem começa?

Professora Margarida: Boa noite! O que me chamou muita atenção é a forma como o professor conduzia todos esses problemas, porque sinceramente ali ele é um super-herói. Conseguir dar aula com tantas dificuldades sem ter um material didático e tudo isso e conseguir a atenção das crianças e o amor das crianças. Ali na hora que ele pedia pra que trouxessem os materiais pra poder arrumar o jarro, eles arrumaram, na verdade, um grande problema nas suas residências, né? Por que era algo que tinha muitas dificuldades pra conseguir e mesmo assim as crianças não se inibiram, né? Tiveram forças, conseguiram e levaram pra tentar arrumar o jarro e, infelizmente, já não deu certo, mas eles não desanimaram e isso a gente vê que é pela força do professor, né? Por que os pais, assim, a maioria desanimava muito e ai no final essa senhora que ajudou, deu apoio ao professor. Então, ele é um grande homem, grande professor... Ele conseguiu do nada fazer o tudo!

Professora Lilac: Boa noite! Não tive a oportunidade de assistir todos, mas cinco deles eu assisti. Então, pela minha percepção, nós podemos observar, fazer um paralelo das realidades dos filmes que foram passados, na qual eu não assisti, perante as nossas realidades, por exemplo, dentro desse contexto de hoje eu tenho, assim, uma experiência própria de vida, enquanto professora. Eu fui parar lá no Assentamento Laranjeira, na qual eu fui convidada para ser a gestora, 2005 fiquei lá..... até 9 anos na administração, gestão e pedagógico também. Então quando eu vi esse professor ali lutando por um ideal e uma necessidade única, que a gente sabe que os nossos candidatos hoje não tá muito longe disso, né? Eu trabalho hoje aqui na cidade de Cáceres em uma escola bastante carente, num bairro carente e a gente vive tentando coisas, mirabolando pra fazer acontecer umas coisas tão simples que seria tão simples de acontecer, perante tanto roubo dessa nação nossa que nós estamos vivendo nesse momento de agora. Isso chega a ser, assim, sei lá... Você pensa e repensa, fica assim, sabe? Desesperada porque você vê que existe dinheiro, você vê que existe possibilidades, mas parece que quem os representa não tem essa visão. Isso é muito preocupante! Então eu me lembro, eu me recordei, assim, que eu tenho aqui a professora Nadir, né Nadir? Que teve a honra também de passar por lá, né? Pela Laranjeira, foi primeira, antes de mim. Ai o que é que ocorre? Ela conhece a realidade lá, ela sabe perfeitamente como é que é. Então quando você chega em um lugar que você vê que precisa tanta coisa, mas tanta coisa mesmo... Ai aquele momento que eu vi o professor fazer uma coisa ali interessante... Você busca qualidade! As crianças eles quando se agradam com você, o professor de uma forma geral, ele

pensa assim: “eu não quero saber se na minha casa tem comida, eu quero contribuir”. Aquela outra parte me sensibilizou... É o que acontece no nosso dia-a-dia. A criança, muitas vezes, ele quer renovar, ele quer participar, aí o pai e a mãe, por uma questão de não poder ou estar com dificuldade, “não, não vai”. Então, quer dizer, para aquele pai, aquela mãe, muitas vezes, eles não perceberam aquela necessidade que o filho tem de estar de igual pra igual com as outras crianças e a criança percebe isso e quando ele não pode participar... como ali houve alguns impasses, assim, de não poder participar e teve aquele coitadinho que ficou tentando roubar o ovo da galinha enquanto botava (risos). Então foi bastante interessante! As nossas crianças fazem isso, eles fazem de tudo pra estar de igual pra igual com o coleguinha, independente da situação financeira eles querem ser iguais. Lá também não foi diferente, eu passei por essa realidade de convocar comunidade, de pedir, de fazer festinha, de correr atrás, compra isso, compra aquilo, até Deus cuidando das minhas poucas possibilidades enquanto professora, tirar do bolso para fazer acontecer. Agora olhando todas essas realidades que a gente tá falando aí, nós estamos falando de sexualidade, nós estamos falando de infância... nos filmes o que transpareceu pra mim é uma realidade, assim, que a criança independente de qualquer situação ele é criança, ele sonha, ele fantasia a vida. Então, assim, acho que o mínimo que a gente pode tentar fazer, procurando o máximo quando chegar é ter um ambiente agradável, professor que se preocupa, né? Por que aquele professor ali... coitado dele, né? O que ele passou? Passou vergonha, se arrancou duas vezes foi embora, muitas vezes, a gente chega de parar na vida e falar: “meu Deus, o que que eu tô fazendo? acho que vou largar tudo e vou dar um jeito”. Mas, sei lá... Eu, na minha concepção, eu gostei bastante! Creio que nós próximos tentarei participar mais vezes, por que soma. É uma proposta... da minha parte eu considerarei uma proposta legal. Porque? Porque a gente vem muito rotulado com a proposta de você vem pra um grupo de estudo, uma formação continuada, aí simplesmente entope de serviço, aí você forma grupos, né? Que aí você vai discutindo a situação. Aqui não... a gente vê, assiste e depois a gente coloca no grupão pra gente colocar, expressar as nossas ansiedades enquanto professores. Eu creio que é isso! Obrigada!

Professora Cravina: Boa noite a todos! Acho que deixei de assistir um filme só, né? Assisti todos eles e, assim, interessante. Só complementando a fala da professora realmente a questão do jarro me chamou muita à atenção e ali reportou a época da Laranjeira... A gente tinha um problema com a estrada muito grave! Eu lembro que quando eu fui gestora lá, também, eu coloquei toda a criançada pra buscar pedra no morro pra colocar na estrada, pra tampar os buracos, né? Então foi coordenador, gestor, criança, pai de aluno, todo mundo com essa preocupação pra poder ter o acesso das crianças porque, assim, escola de assentamento... A escola é o lugar deles, é o lugar na onde eles vão, é um lugar diferente pra sair da roça, pra sair da rotina deles. Então, assim, eles dão muito valor, dão mais valor do que na cidade. Quando eu vim pra cá trabalhar aqui, a gente percebe isso! Por mais que eles têm dificuldades de sair de casa quatro horas da manhã, seis horas da manhã pra pegar ônibus, mas eles dão muito valor, é sol e chuva eles estão lá e, assim, a preocupação deles era tão grande porque o ônibus parava quando chovia muito, não tinha acesso e, assim, era nesse impulso que a gente tava resolvendo, tomando algumas atitudes... “bora? bora”. Aquele um monte de criançada puxando carrinho de mão, buscando pedra e eu fiquei pensando na questão do jarro, né? Porque, assim, o jarro era... Eu fiquei pensando, é como se fosse um bebedouro da escola. Então, assim se não tivesse eles tinham que caminhar muito longe, a dificuldade e você vê que as crianças... as atitudes delas com relação a uma situação grave, mas parece que não tinham noção da gravidade, levava tudo na brincadeira, né? Então a infância... creio eu que todos os filmes que passou, independente da situação, a criança é criança, tem que ser criança, não tem que carregar ela de muitas responsabilidades. Uma vez eu lendo um livro sobre a questão da infância, questionava muito os pais de ficarem limitando a criança de brincar, de

subir, ai tinha uma frase que falava assim: “se ela não brincar agora, se ela não cair agora, se ela não subir agora, quando ela vai fazer isso?”. Então, assim, eu acho que, às vezes, os pais, professores, incubem muito a criança de uma responsabilidade, uma carga de responsabilidade que tira essa ingenuidade, essa fantasia da criança e todos os filmes mostrou isso. Independente da situação a criança tem que ser criança, tem que ser respeitada como criança e fazendo avaliação do projeto eu achei, assim, fantástico! Nunca tinha visto um projeto desse aqui ainda na UNEMAT... Inovável! Eu espero que ele ainda continue e que dê mais espaços pra outras pessoas estarem vindo participar porque a gente que veio participar, mas..... multiplicador lá na escola. Eu já venho fazendo isso, passando filmes, conversando com os professores e eu espero que o projeto continue. Eu achei muito bom, achei fantástico!

Kássia: Boa noite! A minha fala é muito rápida, que me fez lembrar um outro filme, na verdade não era bem um filme, era uma série infantil que estava passando em um canal e hoje o problema do filme foi o jarro, o problema com a água. Quem aqui nunca teve um problema com a água, na nossa cidade, dentro da escola, né? E essa série que eu estava assistindo por acaso também trazia a problemática do bebedouro da escola que tinha quebrado e que a coordenação e tal não queria consertar por que... ai as crianças... O episódio rolou em torno disso, das crianças procurando possibilidades de resolver o problema e tal e tinha um encanador, que esse encanador na verdade era ele que ia enviar um documento pra escola pra dizer se arrumava ou se comprava um novo. Por fim, quando uma criança lá perdeu a paciência de uma forma muito cômica, bem humorada, perdeu a paciência e pegou um machado e começou a quebrar o bebedouro, porque não conseguiu consertar aquele bebedouro de jeito nenhum. Ai chega o encanador com um papel e fala assim: “agora sim vocês vão ganhar um bebedouro novo porque a coordenação não conserta bebedouros, só depois que ele cai e tá estragado ai eles compram um novo”. Qualquer semelhança é mera coincidência! Então, o que me fez pensar trazendo esses três momentos: a nossa realidade, o filme de hoje e outras realidades? A potência que tem as imagens, o cinema, os filmes, que nos faz, muitas vezes, nos identificarmos com outras realidades, que nos faz pensarmos outras realidades que, às vezes, não foi pensada por nós, né? Então, é claro que isso é para além do que nós estamos estudando, tô falando no sentido mesmo ainda tirando... longe da teoria, digamos assim. Então a forma como a gente pode pensar essa possibilidade de estudarmos, de criarmos a partir do cinema, a partir dos filmes, como aquilo nos afeta? De que forma em alguns filmes que nós assistimos aqui, nós saímos pensando sobre isso? De que forma nos tocou, né? Para além da musiquinha de fundo que toca, mas a gente viu realidades bem diferentes aqui nos filmes e eu acho que isso provavelmente nos tornou outros também. Então é uma reflexão que eu fiz em casa, que eu lembrei dos cineclubes que a gente tava tendo e me fez pensar e tô compartilhando com vocês.

Maritza: Larrosa tem um texto que se chama o *enigma da infância*, nesse texto ele diz que nós, a medicina, a pedagogia, o direito, todas as áreas do conhecimento que pensam a psicologia, a filosofia, a sociologia, que pensam a sociedade, pensam também na infância. Nós adultos pensamos a infância, descrevemos a infância, concebemos a infância, traduzimos a infância, temos uma concepção do que seja mesmo a infância e daqui saem muitos conceitos de tudo isso que os discursos dizem sobre a infância. Foucault vai dizer que nossos discursos são resultados de muitas outras ordens discursivas que fizeram que a gente diga isso dessa forma e não de outra, né? Então todos esses discursos nos munem de argumentos pra gente dizer o que é infância e o Larrosa vai dizer nesse texto sobre o enigma da infância que por mais que a gente diga, nós não ouvimos as crianças efetivamente pra saber o que elas são de fato. Então esse movimento de estudar a infância de fora a partir do nosso olhar enquanto

adultos faz com que a criança se torne sempre um enigma pra nós. Por quê? Porque elas são distintas, porque elas são múltiplas, porque elas não são iguais, porque elas ainda não foram capturadas pela lógica hegemônica e disciplinar, porque elas ainda não somos nós e nós as olhamos com o nosso olhar e não a partir do olhar delas mesmas e, assim, isso tudo não sou eu que tô dizendo, é o Larrosa que diz lá no texto. Então, nesse sentido, a criança continua sendo um enigma e quando nós trazemos esses filmes todos que foram apresentados aqui com crianças em diferentes contextos, o que que nós queremos tentar problematizar se não essa infância, essa criança e esse enigma, né? Não tentar decifrar o enigma porque tem um monte de gente tentando decifrar, a psicologia, a sociologia, a medicina, o direito, todas as áreas estão tentando decifrar o enigma da infância e a proposta nossa é a gente entender a criança como enigma, né? O que que significa isso? Entender a criança como enigma é saber que nós temos propostas e a escola tem intencionalidades. Ela precisa pegar essa criança e colocar a criança no mundo que é diferente do mundo em que ela habita. Olha que coisa diferente, que coisa estranha para nós! Nós temos que tirar o animalzinho que habita dentro desse ser e constituí-la um outro ser, isso é o Kant que fala, né? A criança vai para a escola para se tornar disciplinada. Isso é de todo mal? Seria de todo mal? Claro que não! Se não nós não estaríamos aqui, se não nós não teríamos passado pelo curso de Pedagogia, não teríamos feito concurso, não estaríamos na escola. Então a disciplina é o que nos trouxe até aqui, nesse sentido, o processo de disciplinamento, que Kant fala e que todo processo pedagógico vem baseado nele, é um processo necessário de entrada nos signos. Então as crianças e nós exercemos essa função de pegar um ser e transformar esse ser em outro ser, mas as nossas escolhas é que vão decidir que tipo de sujeito é esse que nós estamos constituindo no cotidiano da escola. Então, se a gente entende a multiplicidade, a pluralidade, se a gente... acho que se dar conta de que para além desse sonho feliz de cidade, da infância, e qual que é esse sonho feliz de cidade? É de que a criança é esse ser que vive uma infância idealizada, é de que a criança pertence a uma etapa da vida, uma fase da vida que deve acontecer determinados comportamentos, posturas, de proteção, de cuidado, de brincadeira e nós vimos, por exemplo, em alguns filmes como Pixote que essa não é a realidade das crianças, aliás, que essa não é a realidade da maioria das crianças que nós vimos nos filmes. Então, a ideia é a gente pensar, problematizar e pensar se isso tá surtindo efeito em nós, que as nossas crianças não são isso que nós imaginamos que elas sejam, né? Penso que a gente vive isso de fato, né? Nós sabemos que elas não são, mas nós queremos que elas sejam. Então acho que nós temos uma dificuldade de entender esse universo infantil. Por quê? Por que nos fomos capturados por outro universo já e os propósitos da escola, os objetivos da escola precisam ser compartilhados para que nós possamos fazer com que a educação aconteça de uma outra maneira, né? Qual que foi o objetivo ali? Consertar o jarro. Qual que foi o objetivo da escola da Nadir? Arrumar a estrada. As crianças se envolveram Nadir? Todas. As crianças se envolveram? Todas. As crianças da escola da língua das mariposas se envolveram? Todas. Então, me parece e a gente tava começando a problematizar isso nos encontros passados e na nossa reunião lá no nosso grupo de pesquisa. A gente tenta pensar isso! Me parece que falta propósito, me parece que falta objetivo. Hoje a gente tava pensando, vamos montar uma escola e tentar fazer um experimento pra ver se ela funciona, né? Ou então, vamos assumir uma escola pra gente tentar criar objetivos e tentar colocar em prática esses objetivos e tentar fazer com que as crianças assumam esses objetivos como nós. Nós vimos em todos esses filmes propósitos claros, eu já falei pra você no refúgio, acho que semana passada a gente tava discutindo isso. Então, criar espaços e tempos pra que se tenham objetivos comuns, consertar estradas é um objetivo comum. Quais que podem ser outros objetivos comuns, né? Então, a ideia é exatamente essa! Todos os filmes trouxeram possibilidades de criação de espaço-tempo em que as crianças se envolvam com uma proposta, com um objetivo, com um projeto, mas ai assim... acho que cabe a gente pensar... Como que anda o nosso projeto? O nosso projeto tem sido um projeto

desenvolvido junto com as crianças a partir do que movimenta aquele cotidiano? A partir do interesse delas ou o nosso projeto tem sido feito a partir dos nossos interesses, dos nossos olhares, dos nossos propósitos disciplinadores, dos nossos propósitos adestradores e roubadores de alma, como diria Foucault? Então acho que os filmes trouxeram um pouco dessa problematização pra nós, pra gente entender, acho que entender não... pra gente problematizar mesmo o que que é essa infância, o que são essas crianças, essa foi a nossa intenção. [...] Nós ainda não pegamos aqueles formulários que nos passamos, há uns três cineclubes atrás, pra vocês responderem pra analisar dado nenhum. Ainda não temos esse perfil do que que é essa turma que participou nesse primeiro cineclube, mas assim eu queria pensar um pouco com vocês. Essa nossa experiência aqui contribuiu para a formação de vocês? É isso! Contribuiu pra gente pensar que o filme é uma potência educativa dentro da sala de aula, por exemplo? Tem como a gente pegar essa ferramenta, esse instrumento aqui e conhecer um pouco de história, de geografia, de matemática, de... fazer com que esses conhecimentos compartimentados sejam vistos de forma globalizada, de forma interdisciplinar pelas nossas crianças?

Professora Rosa: Boa noite! Já que a Maritza insiste vamos lá... No filme também não foi possível assistir, se eu não me engano, a uns três ou quatro vídeos por problemas de saúde; Eu conversei com as professoras no privado, mas sempre que eu pude estive presente. Hoje eu estou preocupada porque no próximo semestre eu não sei se vou continuar vindo, porque eu vou estar pra mais longe. Eu não tenho carro e nem moto ainda, ir de byke a noite é complicado! Mas, com relação a uma cena do filme que remeteu a minha infância, foi o momento que os meninos foram lá no riacho beber água e ai o menininho caiu e o outro foi acudir e ai eu achei tão bonito aquele momento que foi um gesto de companheirismo. É o que nós não temos mais hoje no cotidiano escolar e ai eu fiz essa análise que hoje não se tem companheirismo, não se tem afetividade. Hoje o que se ouve falar é bullying, é preconceito racial, é preconceito sexual e tudo mais que a gente tá acostumado a ver e remeteu a minha infância porque me lembrei do meu irmão. Como todos já sabem que Mônica era muito peralta quando criança e ai eu cortei o meu joelho esquerdo na casa da minha vizinha e ai eu fui tentar andar e ai eu fui chamar... e a gente tem esse costume de chamar de mano, de maninho e eu não conseguia andar e ele veio, ele me carregou e da casa da minha vizinha de infância a minha casa conta cinco casas e ai o meu tio me levou de bicicleta pro São Luiz costurar o joelho, que foram nove pontos e foi quarenta cruzeiros, imagina? Naquela época era difícil! Assim como as cenas que a família não tinha ovos para contribuir com a escola e eu me lembro que antigamente a gente levava pão com ovo e ia feliz, na sacola de arroz. Hoje as crianças levam o que? Skyni que eu sou contra, que Skiny não tem vitamina algum. Na minha concepção não mata a fome, porque tem crianças que vão com fome pra escola, essa também é a nossa realidade! Infelizmente... E ai com relação ao sistema educacional, lá o governo “vamos aguardar a verba da escola”. Eu estou lá no Natalino e ai houve uma reforma lá na escola que o pedreiro cobrou quase R\$ 1000,00 reais e a gestão falou assim: “o que que nós vamos fazer? Ai surgiu a ideia de levar os alunos pro cine, semana passada, e eu falei assim pra uma colega: “se eu tivesse dinheiro eu ia levar todos pra pagar pipoca pra eles”, mas infelizmente.... E ai foi arrecadado dinheiro pra pagar o pedreiro e ainda sobrou mais ou menos R\$ 150,00 reais e a coordenadora disse que não sabe o que fazer com os R\$ 150,00 reais, né? Vamos fazer um churrasquinho final do mês (risos). Então, essas coisas acontecem e a gente assiste filmes, vê essas cenas e não estão distantes da nossa realidade e com relação a cena da violência do carinho do professor e da violência com o pai, com o pai e com o filho... que ele tava enrolando, enrolando pra ir ajudar a escola e hoje nós vemos os nossos pais, infelizmente torno a dizer, que vão pra nossas escolas quando é chamado o conselho tutelar, pra brigar com um professor, não ficam do lado dos professores. Antes os professores

eram respeitados, hoje não! Eu já vi uma cena que o aluno jogou papel na professora e ai tem a ver no momento que quebra o jarro e o menino bravo, que acostumado a bater no burro do pai, né? Acaba batendo no jarro e jogou o copo e molhou o professor. Imagina se o professor batesse nele? Ele já ficou muito chateado de ter o chamado de indigno, que ele foi acusado de comer os ovos e hoje como é que é? Então a todo o momento ele transportou o que? A afetividade é o que eu penso que está faltando no meio de nós, em todos os setores, na escola, em casa, enquanto ele dava carinho, o pai foi batendo no menino. Aconteceu um episódio na escola que a menina colocou no face, que eu acho que todo mundo aqui passou por isso, de quando fazer aniversário a turma combinar pra jogar ovos, né? Eles ficam: “não, não, não joga, não joga”, mas por fim adoram ir sujo de ovo e de trigo e ai o que que aconteceu? A mãe foi lá na escola e falou pra gestão: “olha, toma alguma atitude porque se não eu vou processar a escola”. E ai a escola teve que tomar uma atitude porque se não ia ser processada com relação ao bullying. Eu particularmente, eu não vi nada de bullying! Bullyingé quando você não aceita, agora a partir do momento que você aceita, é uma brincadeira... E ai se não a mãe ia processar a escola e ai tomaram uma atitude de dar suspensão, para os que fizeram parte, de três dias e ai o que pensar com relação a isso? É uma situação muito complicada e ai eu sempre falo que acima de tudo a gente tem que compreender o outro, compreender a criança e como você disse Maritza, nós estamos com os olhos nessas palavras, mas nós estamos tampados os olhos e a gente não quer enxergar ou, às vezes, não pode enxergar a realidade das crianças, do que realmente as crianças precisam, necessitam e tudo mais... Chega de falar se não nós vamos até meia noite aqui... Obrigada!

Professora Íxia: Boa noite a todos! Eu acho que eu só fiquei sem assistir um filme, porque falaram que era só para os professores que estavam em sala de aula... Ai depois que eu comecei a participar, mas todos os filmes eles me fizeram voltar na minha infância. Eu gostei muito! Cada filme teve um pedacinho que eu pude me lembrar um pouquinho da minha infância. Eu acho que o cineclube ele contribuiu muito para os professores, principalmente, para mim que eu não estou em sala de aula, mas eu aprendi bastante. Consegui, assim, como se diz... eu aprendi bastante com as experiências que os professores que já estão na prática, aprendi bastante, adquiri bastante conhecimento e o cineclube ele trouxe pra mim que não estou em sala de aula, bastante aprendizado e também para os que estão na sala de aula também, né? Pra que eles possam estar melhorando.

Professor Antúrio: Boa noite! Enquanto vocês estavam falando, eu estava fazendo algumas anotações aqui da seguinte forma: será que nós temos propósito realmente com as crianças? Ai eu pensei em imaginar aqui também: será que os nossos projetos educacionais estão voltado para as crianças? Quando a gente chega, principalmente, em uma escola da prefeitura, que eu trabalho também, o programa vem quase pronto. Nós temos tempo de sentar com essa criança? Tempo! Eu estou dizendo tempo porque segundo a educação nós temos uma, duas semanas, para fazer o período sondagem. Será que em duas semanas dá pra gente descobrir qual é a dificuldade da criança, o que que ele tem, o que ele passa, como ele está, pra gente trabalhar em cima disso? A gente mesmo na avaliação, dar uma avaliação seja para um a quatro ou se tá abaixo do ensino médio, será que nós também temos a capacidade de voltar atrás e trazer aqueles que conseguiram... que não conseguiram acompanhar? Ai eu estou fazendo essa pergunta é que ambos os filmes deixou bem claro que nós educadores é que temos que entender eles. Eles vão para a escola com uma impressão talvez, com um cabo de vassoura atravessado na nuca, que não vai dar conta de passar na porta e ai nós é que devemos estar praticamente, assim, capacitado, olhando, observando, pra ver se tira... dos olhos vendados e os filmes eles deram essa visão pra que a gente possa estar analisando. Ai eu também vi hoje aqui: será que os nossos projetos estão voltados justamente pra isso?

Preocupados com... ou nós só ficamos preocupados com os conteúdos? É uma carga de conteúdo tão grande que nós temos que trabalhar que, muitas vezes, você não consegue terminar um conteúdo assim, com êxito, já estão pedindo outro, mais outro. Nem terminou o 3º bimestre, malemá terminou o 3º bimestre e eles já estão pedindo o IDEB. “Se vira”...É como se tivesse com as coisas prontas. Então, na verdade, parece que nós também estamos acostumando a fazer, desculpa a expressão, mas assim, empurra mais um dia aí: “graças a Deus mais um dia terminou”, mas independentemente disso eu pude analisar cada filme assistido assim. Eu cresci, eu aprendi, eu gostei e eu tentei pelo menos, eu tentei colocar alguma coisa em prática, nem tudo...

Maritza: Mais alguém? Não? Dimas seja bem vindo! Dimas estava trabalhando ainda gente, lá na UNEMAT. A gente nunca para de trabalhar nessa UNEMAT, né? Ou tá aqui ou tá lá, tá trabalhando, né Dimas? Hoje tinha apresentação de monografias lá e ele tinha orientandas e banca e teve que ficar por lá. Então gente... Então, nós vamos chegar ao final hoje do nosso cineclube com sentimento de alegria. Por quê? Pra nós o cineclube alcançou o objetivo. Foi a primeira experiência nossa, nós estamos aprendendo a trabalhar com cineclube, a gente nunca tinha trabalhado com isso antes. Já temos algumas produções... Hoje eu compartilhei no Facebook, nós fomos pra Recife na semana passada, resultado dessas nossas conversas aqui foram publicadas... Rodrigo publicou dois trabalhos (Rodrigo e Dimas), eu um, Eulene um, a não... mais a Eulene e Edilma estão fora. Então pelo menos três trabalhos resultados do cineclube já foram publicados em um evento internacional. Nós temos o outro que vai sair em um livro no próximo mês, então quatro, que é meu, do Dimas e João e mais alguns outros sendo produzidos. Dissertação da Naiara vai ser qualificada agora no dia 10 de outubro, vocês estejam convidados e a dissertação da Naiara é resultado. Olha que coisa interessante, é resultado de tudo isso que nós discutimos aqui! Então, assim, nós não estamos aqui pra dar receita de nada, absolutamente nada, não é essa nossa pretensão. A nossa pretensão é problematizar e problematizar a partir disso tudo que a gente tem pensado aqui. Esse material está completamente à disposição de todos e o que é que a gente quer fazer com o cineclube? Nós queremos levar vocês lá pra dentro também. Acho que essa foi à proposta inicial, né Dimas? No primeiro dia a gente falou sobre isso, nossos encontros lá na UNEMAT se movimentam pelo que é movimentado aqui. Então, a gente discute muito, a gente lê muito, a gente pesquisa bastante em cima disso tudo que tá sendo compartilhado aqui conosco, porque não teria razão de existir esse projeto se não tivesse vocês que habitam a escola, né? Ninguém melhor do que quem tá na escola, duzentos dias letivos, pra nos dizer o que é aquele cotidiano. Então nós só temos a agradecer imensamente! Dizer que é uma experiência e nós estamos fazendo dessa experiência algo que nos passa e algo que nos modifica em nosso cotidiano também, enquanto professores da UNEMAT (formadores de futuros professores), né? Então agradecer imensamente e dizer que nós vamos continuar com os cineclubes no próximo semestre. Vamos trazer outras temáticas, temáticas mais difíceis de serem abordadas, temáticas silenciadas tanto na esfera instituída, tanto nos documentos oficiais, principalmente, se tratando de gênero e sexualidade e se tratando de deficiências das mais diversas, porque nós temos um processo de inclusão, que dentro da inclusão, muitas vezes, excluem. Então, todas essas temáticas nós vamos tentar abordar, a questão do preconceito, preconceito racial, que nós vivenciamos cotidianamente na escola e que precisamos pensar, pensar coletivamente, pensar conjuntamente pra gente compartilhar as ideias e tentar produzir algo que seja diferente disso tudo que costumeiramente vem acontecendo, tá? Eu quero então... vou passar pro Dimas e pro pessoal, agradecer vocês e contar com vocês. Nós vamos continuar com o grupo no whatsapp para que nós continuemos no próximo semestre. Esta semana ainda, não vou falar amanhã Rodrigo por que eu falei hoje e aí quebrei a cara... não

vou falar amanhã então, mas essa semana ainda eu coloco no whatsapp pra vocês, pra gente entregar os certificados, ok? Obrigada!

Dimas: Boa noite! Eu tô morrendo de saudade de vir pra cá. Já são duas semanas que eu não consigo vir, pra aula lá marca uma atividade e eu não consigo governar essas coisas, eu tenho que cumprir infelizmente, mas é uma pena! Eu gostaria de estar aqui com vocês... O cineclube pra mim é uma forma educativa, sensacional e agradecer também Maritza pela coragem de nos chamar pra esse trabalho, pela coragem, pela vontade, que esse grupo ainda pequeno, recipiente, todos aprendizes construindo esse emaranhado, essa teia de possibilidades de formação. A formação não foi para vocês, foi para nós também, nossa formação. Eu saio daqui muito melhor do que quando entrei, de quando comecei no cineclube e digo com a maior tranquilidade, o aprendizado aqui significativo do cotidiano de vocês. Mas, a gente quer mais! A gente quer mais de vocês, a gente quer que vocês possam produzir. Não existe mais mestrado e doutorado se vocês não produzirem. Aproveitem! O material está disponível, as filmagens estão disponíveis lá, vocês podem passar o dia todo lá, sexta, sábado, domingo, dia santo, feriado, trabalhando lá como quiser, emprestem, peguem do coisa, passa na sua casa, é material que é possível vocês trabalharem. Nós, durante a greve... Eu produzi dois textos, Maritza dois textos, um para o livro e o outro, Rodrigo produziu dois textos, quem mais? Naiara está com uma dissertação linda, linda sobre cineclube. Vocês tem a oportunidade! Não existe mais entrada... Kássia vai para ANPED...

Maritza: Semiedu na UFMT...

Dimas: Na UFMT... Não existe mais mestrado se o aluno não mostra ao professor que ele tem capacidade de escrever e isso precisa vir do currículo deles e vocês também ganham pontos na hora da escolha da profissionalidade de vocês, na escolha de concursos, na escolha de disciplina. Vocês ganham ponto por texto publicado, publique junto com a gente. A gente está se colocando a disposição de vocês! Nós ficamos aguardando alguém que se manifestasse pra que a gente pudesse fazer trabalho agora pra Recife... Ninguém se manifesta! Eu fico triste... Ai eu fiz, eu e Rodrigo, rodrigo e eu, ai fizemos outro texto (eu, João de Deus e a Eva), mas eu queria que alguém de vocês se manifestassem e se disponha: “olha Dimas eu quero estar no grupo, eu quero produzir”. O tema do próximo cineclube é lindo, lindo, lindo pro cotidiano nosso, discutir diferença significa discutir nosso problema com a Educação Especial, significa discutir a questão do deficiente. Como é que o governo nos impõe uma condição sem nenhum processo de informação? Isso tá camuflado! Nós achamos que gostamos, que amamos os deficientes na escola, fazemos de conta que amamos os deficientes, mas o problema tá lá e a gente não reclama. Como é que fica isso? Como é que fica a questão da sexualidade, do gay, do homossexual, o masculino e o feminino? Como é que ficam essas coisas? Essas coisas ficam só no comentário do whatsapp. A gente não consegue discutir isso seriamente no ponto de vista educativo. Por que que a gente tem medo?

Maritza: Nem na universidade!

Dimas: Nem na universidade, bem lembrado! Aqui nós estamos em um grupo de profissionais. Vamos lidar com as coisas, com os temas, com as questões de forma profissional, vamos lidar com isso, vamos aprender a lidar. A gente vai deixar uma geração bem mais compreensiva, bem mais articulada pra pensar esses temas. A questão do negro, a questão do bugre. Tem gente que morre de vergonha de ser chamado de bugre! Eu morro de amores, pode me chamar a vontade. Olha a diferença! E tem gente que morre de vergonha. Se chamar ele de bugre, chora, briga, bate. Como é que fica nessas circunstâncias? Olha o tema,

olha como os filmes poderão reavivar questões importantíssimas na nossa vida, no cotidiano das relações pedagógicas, no cotidiano das relações educativas, no cotidiano das relações entre crianças, entre jovens, entre adolescentes, que marca na história da nossa educação. Então é um momento riquíssimo para todos nós, é um momento riquíssimo! “Ah tem gente que vem aqui só por causa do certificado!”. Que venha, mas venha! Tem gente que quer vir por formação? Que venha! Quer formação, quer estudar, quer aprender... Nós queremos mais, queremos que venha gente por certificado, que venha por formação e que venham, sobretudo, por umas coisas que vocês mesmo estão apontando aí: “por estabelecer mais qualidade no nosso trabalho”. Nosso de professores da universidade, que nós não estamos prontos ainda, vocês pensam que não, que professores da universidade tão pronto... tão nada! Nós aprendemos com vocês, vocês aprendem conosco e nós aprendemos com vocês e essa troca que é importante, é essa compreensão que é importante. Então vamos tocar o cineclube, nós vamos passar novamente nas escolas reafirmando o convite, aqueles que já estão no grupo já podem ir aos poucos reafirmando seu desejo de ficar, continuar. É óbvio que nós devemos priorizar isso, não sei ainda como definimos, mas devemos priorizar aqueles que já têm um processo de formação. Olha que vocês já conseguem sair na frente, então, é possível que a gente estabeleça novas relações bem fortíssimas do ponto de vista da qualidade, dos nossos trabalhos, das nossas ações pedagógicas. Queremos aprender com vocês, por favor, nos ajudem a aprender também!

FIM DA GRAVAÇÃO

Transcrição: 24/09/2016

Por: Luana Nogueira